

**Vivências do Quotidiano do Hospital Real de Todos-os-Santos (Lisboa):
os contextos do poço SE do claustro NE**

André Alexandre Bernardino Vicente Bargão

Dissertação de Mestrado em Arqueologia

Outubro de 2015

Declaro que esta Dissertação é o resultado da minha investigação pessoal e independente. O seu conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente mencionadas no texto, nas notas e na bibliografia.

O candidato,

Lisboa, de de

Declaro que esta Dissertação se encontra em condições de ser apreciado pelo júri a designar.

O orientador,

Lisboa, de de

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Arqueologia, realizada sob a orientação científica do Professor Doutor Rodrigo Banha da Silva, Professor Auxiliar Convidado do Departamento de História da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas e do Professor Doutor André Teixeira, Professor Auxiliar do Departamento de História da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

Àquele que navega...

AGRADECIMENTOS

Uma jornada, como a elaboração de uma dissertação de mestrado, não escassas vezes uma viagem solitária, não é exequível sem um conjunto de pessoas que nos acompanham desde o primeiro dia – ou mesmo antes – ou daqueles que surgem progressivamente e que deixam o seu marco e esforço, essenciais para levar este trabalho a bom porto.

A materialização de dois anos deve-se, de sobremaneira, aos meus orientadores científicos, Prof. Dr. Rodrigo Banha da Silva e Prof. Dr. André Teixeira: pelos ensinamentos, pela motivação, pela desmedida paciência, pelo constante incentivo e pelas oportunidades!

Agradeço, igualmente, ao CAL-Centro de Arqueologia de Lisboa pela cedência de espaço para o estudo do espólio arqueológico.

Presente e disponível para sugestões, esclarecer dúvidas e questões referentes ao presente tema, um muito obrigado a todos da equipa da linha de Arqueologia do CHAM-Centro de História d'Aquém e d'Além Mar. Assim, um obrigado ao Luís Gil pela preciosa ajuda e companheirismo; à Joana Torres pela aventura, experiência e aprendizagem além-mar; e à Elisabete Conceição pela impagável motivação!

Sendo um trabalho com materiais de Época Moderna, gostaria de expor um agradecimento ao Dr. António Marques e Dr.^a Ana Caessa pela primeira oportunidade em contactar com estas cronologias no segundo ano da licenciatura, determinante no meu percurso.

Ao José Pedro Henriques, pela disponibilidade e recetividade no esclarecimento de dúvidas de âmbito Oriental. À Sílvia Casimiro pela disponibilidade no que concerne ao espólio faunístico que, de outra forma, não estaria presente neste trabalho.

Um enorme obrigado à Sara Ferreira, mais que companheira nestes e noutros cenários; obrigado por tudo! Pela honestidade, pela confiança, pelas gargalhadas, pelas teorias e pela força nos momentos mais penosos. E pelas lutas e aventuras, que virão certamente, e que vamos travar! Ao Francisco Pereira pela motivação, confiança e por me fazer encarar os entraves de uma perspetiva diferente, bem como à Eliana Costa, obrigado! À Ilda Rodrigues, que embarcou nesta jornada comigo!

A todos do “-1”, pelos momentos de convívio, companheirismo, de desabafos e anseios. Até já!

Ao Peter, pela motivação e crença!

Juntamente com um grande obrigado por acreditarem, um pedidos de desculpas à minha mãe e irmã, pela quase total ausência nestes dois anos.

Vivências do Quotidiano do Hospital Real de Todos-os-Santos (Lisboa): os contextos do poço SE do claustro NE

André Alexandre Bernardino Vicente Bargão

RESUMO

PALAVRAS-CHAVE: Séculos XVI – XVIII; Praça da Figueira; Espaços Funcionais; Medicina; *Facies* Cerâmicos

As intervenções arqueológicas concretizadas entre 1999-2001 permitiram o reconhecimento de contextos referentes ao Hospital Real de Todos-os-Santos, nomeadamente o claustro NE, bem como uma estrutura hidráulica no seu perímetro interno.

A identificação do espólio cerâmico e vítreo aqui descartado permite, numa primeira fase, a aferição cronológica e tipológica destes e, conseqüentemente, do perfil funcional (utilitário, de cozinha e medicinal), numa tentativa de padronização do conjunto arte factuel no edifício hospitalar e na cidade de Lisboa. Num segundo estágio, pretende-se obter uma leitura concreta no que concerne ao período de utilização desta estrutura, indo de encontro às distintas áreas a vigorar no espaço claustal.

ABSTRACT

KEYWORDS: 16th-18th centuries; Praça da Figueira; Functional Profile; Medicine; Pottery *Facies*.

Archaeological interventions implemented between 1999 and 2001 allowed the recognition of contexts for the Hospital Real de Todos-os-Santos, in particular, the NE cloister and a hydraulic structure in its internal perimeter. In a first phase, the identification of ceramic and vitreous spoils discarded here allows its chronological and

typological measurement and, therefore, the functional profile of utility, cooking and medical aspects. In a second phase, we intend to obtain a real reading about the period of use of this structure, considering the different areas in the cloister.

ÍNDICE

1. NOTA INTRODUTÓRIA.....	1
2. OBJECTIVOS E METODOLOGIA.....	5
3. O SITIO ARQUEOLÓGICO.....	10
4. AS ESTRUTURAS DO CLAUSTRO NE.....	14
4.1. DEAMBULATÓRIOS.....	15
4.2. MUROS DE DELIMITAÇÃO.....	16
4.3.ÁREA COMPARTIMENTADA.....	18
4.4.INFRA-ESTRUTURAS DE SANEAMENTO.....	21
4.5.PONTOS DE ABASTECIMENTO E ESTRUTURAS HIDRAULICAS....	22
4.6.O POÇO SE.....	23
5. A ESTRATIGRAFIA ASSOCIADA AO POÇO SE.....	25
6. PROBLEMÁTICAS TERMINOLÓGICAS: UMA BREVE REFLEXÃO E FUNDAMENTAÇÃO.....	27
7. OS MATERIAIS ARQUEOLÓGICOS DO POÇO SE: CERÂMICAS E VIDROS.....	30
7.1. QUARTO MOMENTO.....	38
7.1.1. A Cerâmica Comum Fosca.....	38
7.1.2. A Cerâmica Fina.....	45
7.1.3. A Cerâmica Comum Vidrada.....	46
7.1.4. A Faiança Portuguesa.....	49
7.1.5. A Porcelana Chinesa.....	55
7.1.6. A Porcelana Japonesa.....	55
7.1.7. <i>Creamware</i>	56
7.1.8. O Vidro.....	57
7.1.9. Azulejos.....	59
7.2. SEGUNDO MOMENTO.....	59
7.2.1. A Cerâmica Comum Fosca.....	60
7.2.2. A Cerâmica Fina.....	72
7.2.3. A Cerâmica Comum Vidrada.....	81
7.2.4. A Cerâmica Modelada.....	85

7.2.5. A Cerâmica Pintada.....	89
7.2.6. A Cerâmica “Pedrada”.....	90
7.2.7. A Cerâmica Esmaltada.....	92
7.2.8. A Porcelana Chinesa.....	96
7.2.9. <i>Stoneware</i>	98
7.2.10. O Vidro.....	98
8. OS MATERIAIS ARQUEOLÓGICOS DO POÇO SE: OUTROS OBJECTOS.....	100
9. OS MATERIAIS ARQUEOLÓGICOS DO POÇO SE: FAUNAS.....	102
10. INTERPRETAÇÃO DOS DADOS.....	104
11. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	117
12. FONTES E BIBLIOGRAFIA.....	122
12.1. FONTES IMPRESSAS.....	122
12.2. BIBLIOGRAFIA.....	123
12.3. WEBGRAFIA.....	140
APENDICE A.....	142
APENDICE B.....	144
APENDICE C.....	148
APENDICE D.....	170
APENDICE E.....	173
APENDICE F.....	176
APENDICE G.....	225
APENDICE H.....	304
APENDICE I.....	309
APENDICE J.....	321

LISTA DE ABREVIATURAS

AAP – Associação dos Arqueólogos Portugueses

CAL – Centro de Arqueologia de Lisboa

CHAM – Centro de História d’Aquém e d’Além Mar

CML – Câmara Municipal de Lisboa

DGPC – Direção Geral do Património Cultural

ENP – Elementos Não Plásticos

EVE – *Estimated Vessels Equivalent*

HRTS – Hospital Real de Todos-os-Santos

IPA – Instituto Português de Arqueologia

ML – Metropolitano de Lisboa

MNI – Máximo Número de Indivíduos

NMI – Número Mínimo de Indivíduos

PDM – Plano Diretor Municipal

PF – Praça da Figueira

U.E. – Unidade Estratigráfica

1. NOTA INTRODUTÓRIA

Entre o período de ocupação islâmica e a primeira dinastia, a cidade medieval orbitava em torno da colina do castelo, a partir da qual se desenhava o traçado urbano de Lisboa, numa complicada rede de ruas estreitas e sinuosas (Silvestre, 1998, p.11), não dispensando a construção de uma nova muralha com vista a delimitar o espaço da urbe e acolher em segurança os seus habitantes. São as muralhas que refletem, para a Lisboa medieval, o aumento da área urbanizada, sendo disso exemplo a construção da defesa dionisina e fernandina, séculos XIII e XIV, respetivamente. Este panorama, relativamente constante e homogéneo, modificou-se na centúria seguinte, século XV, surgindo os primeiros bairros extramuros e, como consequência, o crescimento demográfico passou a registar-se de forma distinta. Esta nova dinâmica populacional é, também, explicada pela expansão da cidade para ocidente e em direção do Tejo, espaço verdadeiramente cosmopolita que espelha o ambiente típico do século XVI (Silva e Guinote, 1998, p.19)

Neste panorama, a zona baixa da cidade, ainda de traçado medieval que perdurou no tempo, densamente habitada, assistiu à possante afluência de mercados e embarcações que ancoravam na zona ribeirinha, dinamizando e estimulando a convergência de população à faixa fluvial. Deste modo, na transição dos séculos XV e XVI, este espaço assistiu à transferência de prestigiadas e nobres famílias que seguiam o exemplo de D. Manuel I. Esta súbita alteração de polos da cidade não terá sido ingénuo: sendo esta uma área estratégica e sensível da cidade o monarca compreendeu que esta necessitava de rigoroso e maior controlo, acentuando esta ação como demarcador do seu poder (*Idem*, p. 24).

Todavia, este vasto crescimento da cidade em direção à foz foi compensado por um abrandamento na expansão urbana noutras geografias, especialmente a Norte (Moita, 1994, p.141), onde prevaleceram espaços vazios intramuros.

A par da azáfama vivida na margem Norte do Tejo e da crescente concentração demográfica, conseqüente da profunda modificação física e simbólica deste espaço (França, 1980, p.19), a restante cidade deparou-se com o preenchimento dos espaços vazios e, paralelamente, na malha urbana com uma acentuada (re)construção de edifícios que cresciam em altura. Exemplo deste buliço foram as constantes intervenções e obras,

despontando exacerbadamente balcões, sacadas e de espaço tomado às ruas (Araújo, 1990, p.24).

Lisboa vivia, assim, uma inédita dinâmica cosmopolita: numa cidade em constante transformação, em ruas comprometidas com o avanço dos edifícios e dos respetivos passadiços, onde a circulação de meios de transporte de cargas estava verdadeiramente condicionada pelas bancas de cerâmicas e viveres, naturalmente nasceu a inquietude perante os despejos desenfreados de lixos e detritos. Surge, então, a preocupação em criar regulamentos e sanções que visavam contornar este problema (*Idem*, p.24).

Não somente a zona ribeirinha vivenciou este cenário de lançamento de resíduos, depositados em locais estratégicos em que a maré alta se encarregasse de os arrastar para o largo (Gonçalves, 1996, p.70). Uma porta¹ ou o fosso de muralhas ou qualquer outro local desocupado serviu de lixeira, numa prática que se tornou habitual (Pacheco, 2008, p.16). A elevada concentração populacional, fator potenciado pela criação de espaços de despejos extra e intramuros, auxiliada pelas parcas condições e preocupações de higiene e saneamento, fomentou uma inevitável intervenção régia com o intuito de combater este quadro potenciador de epidemias e doenças.

O combate desde cenário revelou-se árduo e complexo, sendo trocada correspondência entre o rei e a Câmara², ordenações à população com risco de coima³, campanhas de obras de canalização e de melhor fiscalização e medidas de restrição à entrada na cidade por via marítima⁴, com receio que com os mercadores chegassem pestes e epidemias.

¹ A 15 de Outubro de 1489, D. João II ordena: “Que se limpe o monturo da porta de Santo Antão, e se ponha fogo ao da porta da Alfofa” (Oliveira, 1882, p.587). Esta última situava-se na encosta Oeste do castelo, no topo das atuais Escadinhas de S. Cristóvão (Pacheco, 2008, p.14).

² A 6 de Janeiro de 1484, D. João II dirige-se à Câmara: “A grande sujidade das esterqueiras e monturos (...) mandou limpar todos os canos, monturos e esterqueiras de maneira a desaparecer toda a sujidade e rigorosamente se exigisse que unicamente se despejassem (...) em sítios apropriados.” (Carvalho, 1949, p.230).

³ A 22 de Janeiro de 1486, a Câmara dirige-se a D. João II: “Corregedor, Vereadores, Procurador e Procuradores dos misteres Nós vos enviamos muito saudar. (...) e entre as coisas, que nos neste (serviço) parecem, que se deve fazer, são: primeiramente que haja aí um cidadão, que tenha cargo de olhar pela cidade, que esteja limpa e que mande executar as penas nos que errarem (...) deve haver homens pelas freguesias que sejam obrigados a haver de limpar a dita cidade (...). Que se deve fazer por algumas ruas principais canos mui grandes e pelas outras ruas outros mais pequenos, que vão ter a eles e de cada casa cano que vá ter aos sobreditos (...). (Oliveira, 1882, p. 463).

⁴ A 5 de Setembro de 1492: “Porque nos parece que é uma coisa mui perigosa para a boa guarda dessa cidade (que) algumas naus, assim de nossos naturais, como estrangeiros, que vêm de lugares perigosos em que

Perante este quadro sanitário de difícil resolução, a assistência pública revelou-se precária, agravada pelo facto de os pequenos hospitais e albergarias, que existiam no fim de quatrocentos, não terem conseguido suprir as necessidades de um crescente número de pobres e doentes. Saliente-se o facto de estas unidades serem administradas arbitrariamente e por regulamentos desatualizados, inadaptáveis aos novos condicionalismos dos finais do século XV. Tornou-se, então, urgente a construção de um novo e grande hospital que conseguisse responder a este cenário e compensar o insucesso dos espaços de assistência dispersos pela cidade.

Uma das principais questões recaiu na localização da sua construção, sendo necessário um espaço com bom escoamento/acesso a águas freáticas, dotado de sistemas de canalização e, paralelamente, um local onde, apesar da função hospitalar e de assistência, o poder régio fosse espelhado. A área das hortas do convento de S. Domingos, fundado no século XIII, outrora terrenos de pertença régia (por isso facilmente reavidos pela coroa), junto a uma praça movimentada com comércio, na freguesia de Santa Justa, onde condes, duques e marqueses, e homens de nobres cargos, tinham residência (Rijo, 2012, p.73), aliás, aspeto que se viria a acentuar após a construção do Hospital Real e o enobrecimento do espaço. Todavia, tendo em consideração os conhecimentos medicinais da época, esta opção sugere-se pouco razoável considerando o carácter húmido e alagadiço dos terrenos, ambiente proporcionado pela confluência de vários cursos de água que iam desaguar ao Tejo.⁵

Um fator importante que se considerou recaiu na proximidade a um acesso da cidade, as portas de Santo-Antão, a Norte. As restantes entradas não se apresentaram viáveis considerando, numa primeira hipótese, a zona Oriental de Lisboa, onde a topografia revelava-se acidentada, motivo pelo qual a construção não se ponderou exequível; por outro lado, a área envolvente à porta de Santa Catarina encontrava-se já relativamente urbanizada, novamente a questão do relevo a impor-se. No que respeita à zona ribeirinha mostrar-se-ia num interessante binómio: centralização de edifícios e espaços imponentes, como o Paço da Ribeira, mas onde o cariz portuário invalidava o problema que se pretendia combater.

morrem de pestenença (...) nos parece que seria uma coisa muito boa (...) de se fazer um alpendre no topo duns pardieiros, que estão além um pouco de Santa Maria de Belém.” (Carvalho, 1949, p.230)

⁵ Este aspeto leva a considerar a transferência das instalações para “outro sítio mais são”, remontando ao século XVII. (Oliveira, 1882, p.235).

Então, em 1479, D. João II faz o pedido com o intuito de fundar um grande hospital em Lisboa e de nele concentrar os bens de cerca de quarenta e três instituições de assistência existentes em Lisboa e arredores, que o Papa Sisto IV autoriza, mediante a bula *ex debito solitudinis*, no mesmo ano (Leite, 1993, p.5). É de referir que em 1477 D. Afonso V abdicara do trono a favor de seu filho, D. João, contudo retomando de novo o poder régio em 1478, levando o seu reinado até 1481, ano de sua morte. Assim, e apesar de por vezes omissos nos estudos sobre a instituição, pode-se afirmar que a primeira ação com vista à construção do Hospital Real teve lugar ainda no fim do reinado de D. Afonso V, pela mão do “Príncipe Perfeito”.

Data de 15 de Maio de 1492 o início da construção do Hospital Real de Todos-os-Santos, efeméride vastamente descrita por cronistas de época ou posteriores, como Garcia de Resende ou Rui de Pina, que largamente revelaram apreço para com a iniciativa e imponente do novo edifício público de Lisboa. Cerca de dez anos após o lançamento da primeira pedra, o hospital registava os primeiros internamentos, juntamente com a nomeação do corpo pessoal principal, oferecendo as condições primárias de assistência, já com D. Manuel I no trono. Aliás, é com o “Venturoso” que, segundo as principais fontes e referências bibliográficas, as obras de edificação são concluídas em 1503, sendo atribuído ao Hospital Real o primeiro Regimento, onde são descritas as funções do corpo de trabalho e as áreas a vigorar no edifício, nomeadamente as três principais enfermarias e dependências específicas de tratamento (Moita, 1993, p.41).

Após o ato de evidente espelho de centralismo de poder, com o encerramento de inúmeras pequenas instituições, muitas sustentadas por conventos e mosteiros, e no rumo da nova arquitetura europeia, o Hospital Real de Todos-os-Santos foi erguido com inspiração claramente renascentista. Um pouco por toda a Europa, em cidades com problemas de saneamento iguais ou piores que Lisboa, os Hospitais assumem um papel de destaque no legado arquitetural de então: Florença, com um hospital do século XIII, mas modernizado em quatrocentos, o de Siena, Milão, ou Roma serão a inspiração para o de Lisboa. Partilhando a planta cruciforme destes dois últimos, o edifício de Lisboa será implantado seguindo normas idênticas (Leite, 1993, p.7). Particular destaque para a igreja, braço central da cruz grega, em que cada braço se localizava uma enfermaria, sendo dotadas de claustros fechados em todo o seu perímetro, onde longos corredores permitiam acessos a distintas

áreas, mas partilhando em comum o acesso à igreja. Aliás, foi este pragmatismo que um hospital renascentista exige que caracterizou todo o seu período de utilização.

Com o avançar dos séculos o Hospital Real de Todos-os-Santos assistiu a inúmeras estruturações internas, parte devido ao aumento de doentes e de necessitados de assistência, por vezes motivado por incidentes, incêndios, ou sismos. Certo é que o seu *terminus* não se concretizou aquando o grande terramoto de 1755: continuando em funcionamento, ainda que parcialmente destruído, contrariando inúmeras tendências de investigação do século XX, o edifício concretizou o seu encerramento apenas em 1773/75, transferindo-se então, para o Colégio de Santo Antão (Moita, 1993, p.37), atual Hospital de S. José. Não obstante as condições vantajosas de um novo edifício, o antigo não esteve previsto no plano final de reconstrução da cidade pós-1755, sendo dado como encerrado dezoito a vinte anos mais tarde.

2. OBJECTIVOS E METODOLOGIA

O estudo das evidências, objeto da presente dissertação, não é passível de adequada compreensão senão integrado no contexto mais alargado da análise histórico-arqueológica do Hospital Real de Todos-os-Santos.

Considerando as atuais questões metodológicas e conceptuais, pressupostos indispensáveis no estudo de realidades materiais, elegeu-se uma aproximação mais pragmática no que concerne aos objetivos aqui propostos: embora tenham sido valorizados os espaços e as estruturas, optou-se por incidir numa caracterização do “mundo objetual”, suas tendências evolutivas, períodos cronológicos de produção/utilização/descarte.

Todavia, esta meta apenas é concretizável considerando os dados da intervenção arqueológica da Praça da Figueira, 1999-2001, tendo sido efetuado um levantamento em planta dos remanescentes estruturais do edifício hospitalar. Neste sentido, a análise dos dados gráficos, com respetiva vectorização, permitiram estabelecer relações respeitantes a um importante tema a ser tratado nesta dissertação: os espaços funcionais. Seguindo os meios informáticos disponíveis, a sobreposição de segmentos e frações do levantamento gráfico, permitiram aferir distintos momentos do período de utilização/abandono do espaço,

numa tentativa, *à priori*, de obtenção de dados. Este pressuposto é viável quando cruzado com o espólio exumado neste espaço, ainda que confinado a uma estrutura hidráulica.

Como caminho para obter estes dados, tendo como alvo a transformação e interpretação de dados materiais em informação arqueológica e uma maior rentabilização de tempo (sem negligenciar o processo de trabalho), a abordagem foi inspirada na experiência de estudo de coleções lisboetas de Época Moderna, conjuntos significativos e amplos, como a investigação do espólio exumado no Convento de S. Francisco (Torres, 2012) ou no Mercado da Ribeira (Ferreira, 2015), com contrapartida nos estudos antes realizados para os contextos do Convento de Jesus, de Setúbal (Almeida, 2012), ou da Casa do Infante, no Porto (Real *et al*, 1995) (Teixeira, Dordio, 1998).

Assumindo esta fase de organização como um meio para atingir possíveis conclusões e interpretações culturais, ainda que confinadas a um espaço pequeno e específico, esta abordagem necessitou de adaptações às particularidades do espólio em questão.

Neste sentido, foram aplicadas as variáveis *classificação* e *tipificação*: a primeira evidencia (ainda que, neste caso em particular, de forma subjetiva) as características de produção, intercetando o uso e utilidade dos objetos. Num momento posterior, este conceito operador evolui e aproxima-se da *tipificação*, em que as propriedades formais surgem como papel determinante, a par dos atributos discriminatórios do “mundo objetual” em estudo (Vilaça, 1995) (Sebastian, 2015, p.45).

Assim, atentou-se ao agrupamento pré-definido aquando dos trabalhos arqueológicos, com base em unidades estratigráficas, tendo em vista a separação cronológica do acervo, auxiliando o processo de *classificação*, baseado em estudo de referência de Época Moderna (Botelho, 2012) (Gomes, Gomes, 1998). Esta individualização permitiu, então, com maior segurança, separar produções em grupos gerais, possibilitando esboçar distintos grupos de fabrico: cerâmica comum fosca, cerâmica fina, cerâmica modelada, cerâmica “pedrada”, cerâmica comum revestida a vidro de chumbo, cerâmica esmaltada, faiança portuguesa, porcelana chinesa e japonesa, *stoneware* e *creamware* – pontualmente, com o progressivo estudo destes materiais, foram identificadas produções particulares, como cerâmica regional portuguesa, da área alentejana, de Aveiro ou do Prado, ou no que concerne à cerâmica esmaltada a identificação de produções de Talavera ou Montelupo.

Ainda foi considerado o espólio vítreo e de construção, recaindo na observação sumária de azulejos.

Concluída esta primeira abordagem, e com a pretensão de aferir informações complementares, procedeu-se à análise das pastas e dos seus componentes em cada grupo geral supracitado. No que concerne à descrição da cor, recorreu-se ao *MunsellSoil Color Chart* (1975), obtendo uma leitura mais coesa e rigorosa.

Ainda que macroscopicamente, e sem possibilidades de recurso a análises arqueométricas, teve-se em conta os *elementos não plásticos*, sendo caracterizados formalmente e quantitativamente.

Consequentemente, foi necessária uma atenção mais cuidada no que concerne à divisão em cada grupo geral. Para a cerâmica comum fosca (produções da área de Lisboa, zona alentejana ou do Prado), cerâmica fina, cerâmica modelada, cerâmica “pedrada”, cerâmica esmaltada, faiança portuguesa (produções de Lisboa e do Juncal), porcelana (englobando a de origem chinesa e japonesa), cerâmicas esmaltadas particulares (produções de Talavera e Montelupo), *stoneware* e *creamware* foi atribuído individualmente grupos de pastas, I-XX. Para a cerâmica comum vidrada foi tido em conta a coloração do revestimento, sendo classificados de V1 a V8. Para o espólio vítreo manteve-se a lógica da coloração da matéria, Vid.1 a Vid.7. Para a porcelana, apesar de estar incluída num grupo individual de pastas, atentou-se à sua decoração, sendo dividida de P1 a P6. No que diz respeito à cerâmica de construção, tendo sido apenas identificados elementos de azulejo, a divisão foi concretizada pela sua temática decorativa, sendo desta forma separada em Az.1 e Az.2. Esta abordagem meramente de pragmatismo pessoal, gerou uma maior facilidade de correspondência de fragmentos e peças. Apesar desta distinção não ser, de todo, encarada como um dado absoluto, pretendeu-se ter em conta e manter esta repartição, “versatilizando” a análise e leitura do universo artefactual.

Paralelamente, a identificação e separação por revestimento, tratamento e distintas temáticas decorativas (quando presentes) auxiliou na individualização de alguns exemplares cerâmicos. Em determinados casos, a esta separação foi possível a atribuição de cronologias e/ou produções, sendo este elemento crono-estilístico de demais importância.

Em simultâneo ao levantamento decorativo das peças, acrescentaram-se os dados recolhidos através de um conjunto básico de medidas e valores, recaindo nas dimensões dos exemplares exumados (Apêndice A, Tabela.1).

Cruzando os conceitos de *classificação* e *tipificação*, optou-se por conceber a atribuição formal das referidas peças, a par da respetiva descrição. Assim, ficou possibilitado o estabelecimento de tipologias, recorrendo a elementos discriminatórios e, por conseguinte, a grupos funcionais, vitais para uma análise dos quotidianos. Atendendo à função primária das peças, foram concebidos onze grupos: de armazenamento, de ingestão de líquidos, de consumo de alimentos à mesa, de confeção, contentores de fogo, iluminação, objetos de higiene/sanitários, lúdicos, peças de medicina/hospitalares, de “artesanato” e, por fim, elementos de construção e mobiliário.

Para a efetivação do acima referido, a categorização dos objetos revelou-se complexa: retrospectivamente, na década de sessenta do passado século, a arqueologia moderna, e o respetivo “mundo objetual”, emergiu, conduzindo, ainda que timidamente, aos primeiros estudos. Contudo, devido ao considerável aumento de intervenções arqueológicas desde então, despontou um défice (em constante dilatação) entre o conjunto material de Época Moderna em depósito e as respetivas investigações. Isto é, comparativamente, as duas variáveis *material* e *estudo* encontram-se desequilibradas, em detrimento desta última. Neste seguimento, a categorização de objetos tornou-se pouco coerente: os tipos cerâmicos são classificados de forma distinta entre investigadores, ocorre uma escassez de cruzamento de dados, conduzindo ao não estabelecimento de nomenclatura formatada. Acrescente-se, ainda, que esta árdua tarefa é potencializada pela documentação histórica, etnográfica e regional que torna este ato de adjetivação artefactual pouco linear e coeso. Mas a este tema voltaremos mais adiante na dissertação.

Assim, para o presente estudo, optou-se pelo cruzamento de dados, de fontes arquivísticas, dicionários de época e estudos contemporâneos.

Independentemente do contexto arqueológico, qualquer acervo cerâmico ou vítreo é passível de análise quantitativa. Neste estudo em questão optou-se pelo cálculo do *Número Mínimo de Indivíduos* (Orton, 1980) (Arcelin, Tuffreau-Libre, 1998), amplamente aplicado em outras cronologias. Este método pressupõe uma prévia colagem de todos os fragmentos e, então, uma contagem por forma e porção. Neste caso, a contabilização recaiu não somente

na forma das peças mas, também, nas respetivas variantes, quando possível, desejando obter um maior rigor. Outros métodos poderiam ter sido incrementados, como o *Máximo Número de Indivíduos* que, em termos concretos, forneceria informação inflacionada para determinadas formas, classes e categorias cerâmicas (*Idem*), ou o mais trabalhoso cálculo do *EVE*, que exige uma peça completa a cem por cento, calculando o peso ou percentagem de fragmentos (Monforte, 2006). Em ambos os casos, afigura-se-nos que não representariam vantagem no que concerne à gestão de tempo para realizar este presente trabalho, ou que, e sobretudo, não proporcionariam mais fiáveis resultados.

Uma vez definidos os grupos gerais, e estabelecidos os grupos de pastas, colorações de matérias, etc, respetivas formas/variantes e funções, foi elaborado um quadro de termos e conceitos (aplicado a todo o conjunto material aqui em estudo, condicionado pela evolução formal nas cronologias aqui presentes) de forma a simplificar e tipificar, foi igualmente estabelecida uma correspondência lógica entre si através de dois algarismos e uma letra, associados, respetivamente, ao grupo de fabrico, à forma e à sua variante.

Tendo em conta, ainda, o conjunto artefactual, foram analisados objetos metálicos e em osso, completando o estudo ao acervo.

Apesar de abordagem superficial, foram refletidas a fauna mamalógica e malacológica, sendo-lhes atribuídas distinções por espécie (quando possível) e um registo de pesagem. A metodologia adotada no desenvolvimento desta análise preliminar recaiu nas bases de Reitz & Wing (1999).

Em contraste com a arqueologia de período romano, e no que concerne ao “mundo objetual”, que se encontra em avançado estágio de tipificação, a Época Moderna requer panorama semelhante. Desde modo, o presente trabalho pretendeu, modestamente, contribuir para o amadurecimento desta fase da arqueologia moderna portuguesa, em particular a de Lisboa, aproveitando os dois *fácies* cerâmicos e de centúrias distintas observados nos contextos específicos e bem definidos estratigraficamente do poço SE do Claustro NE do Hospital Real de Todos-os-Santos para o melhor conhecimento dos perfis materiais com aquelas cronologias.

Apesar do conjunto ser encarado como o cerne desta dissertação, a recolha e análise de bibliografia não foi negligenciada: foi executada a reflexão crítica de base bibliográfica

no que concerne à implementação local, e respetivas razões, do Hospital Real, bem como a sua permanência, dinâmicas internas e abandono. A tentativa de recolha referente aos seus quotidianos prendeu-se com a descodificação destas vivências espelhadas nos contextos e materiais arqueológicos associados que nos propusemos estudar.

Paralelamente a este cruzamento de informações pretendeu-se, então, esboçar possíveis áreas do edifício hospitalar de onde foram provenientes estes materiais, tendo-se procurado descortinar funções, vivências e quotidianos das pessoas que orbitavam nas áreas próximas ao poço SE do Claustro NE do edifício público.

3. O SÍTIO ARQUEOLÓGICO

Remonta a 10 de Dezembro de 1953 a primeira alusão às ruínas do Hospital Real de Todos-os-Santos, no século XX., resultante de uma intervenção de remodelação do espaço “Restaurante Irmãos Unidos”, localizado no quarteirão Oeste da Praça da Figueira. Este permitiu o reconhecimento de uma parte bem conservada do lanço Norte da escadaria da Igreja (Moita, 1993, p.42, 43), um momento precursor dos estudos arqueológicos sobre Época Moderna em Lisboa (Leite, 2012, p.28).

Posteriormente, na sequência da segunda fase da construção do metropolitano de Lisboa, entre 22 de Agosto e 24 de Setembro de 1960, Irisalva Moita efetuou a escavação de uma área considerável dos remanescentes do Hospital Real, bem como a parte confinante de dependências do antigo Convento de São Domingos e a Ermida de Nossa Senhora do Amparo (Moita, 1993, p.21) (Apêndice B, Figs.1 e 2).

O espaço então intervencionado no seguimento das obras, que foram interrompidas para o efeito, ocupava todo o quadrante SO da Praça da Figueira, indo além da zona por onde passaria o túnel do metropolitano, com prolongamento a Este. Considerando qualitativa e quantitativamente os achados, rapidamente os trabalhos da olisipógrafa ganharam proporções nunca antes vistas, com quase uma centena de trabalhadores não especializados durante vinte e quatro horas, ao longo de todo o período, em constante labor no terreno (Moita, 1993, p.21).

Quase todo o quadrante NO da praça foi exumado, apesar de nesta vasta área não ter sido alcançada a zona da igreja, senão a sua frontaria e embasamento Norte. Por conseguinte, foram identificadas as ruínas da mencionada ermida, que intermediava os espaços do Hospital e dominicano, e parte importante das dependências do edifício público. Ainda no âmbito hospitalar, junto ao ângulo NE da área escavada foi registado um conjunto de compartimentos sem função identificada e um importante troço do cano real de São Domingos⁶ que atravessaria o edifício público em direção à Rua da Betesga/Travessa da Palha.

Com o alargamento do espaço objeto de estudo por Moita, o quadrante NO foi alvo de redobrada atenção: foi identificado ali o respetivo claustro e parte considerável do piso térreo situado sob a enfermaria de Santa Clara⁷. Acrescente-se, ainda, o registo de estruturas referentes a um compartimento retangular que formava o corpo do claustro, fechando-o a Norte e que, pela má qualidade dos materiais de construção, sugeriu uma cronologia mais recente para a sua reconstrução. No interior da fachada atual da praça D. Pedro IV, foi detetado um troço das ruínas correspondentes ao piso térreo do corpo que formava a fachada Oeste do edifício, entre a Ermida de Nossa Senhora do Amparo e a igreja (Moita, 1993, p.21).

Neste espaço foram, igualmente, detetadas pequenas bases de pedra com perfuração central, dispostas em retângulo, podendo tratar-se de bases onde encaixariam os suportes de um estrado, também retangular, podendo ser denominado por mesa, banco ou “marquesa” sobre a qual os doentes seriam observados pelo corpo hospitalar (Moita, 1993, p.43).

Nas imediações, nomeadamente na atual rua D. Antão Vaz de Almeida, foram registadas bases de cantaria de três pilares de arcada do hospital, *in situ* e sequencialmente que, juntamente com o segmento de arco identificado no interior da “Camisaria Topless” permite uma hipotética reconstrução da antiga fachada de vinte e cinco arcos e o respetivo corredor de passagem, vestígios já antes mencionados por Júlio de Castilho em 1939.

⁶ Este sector do cano real infletia para Sul, em direção à Travessa da Palha, indo ter ao caneiro principal. Era forrado a silharia e tinta. Atingia, do chão, ao fecho da abóbada uma altura de 2,20 m, e uma largura que variava entre 1,40 m e 1,50 m (Moita, 1964, p.83).

⁷ Piso térreo da enfermaria de Santa Clara: retângulo alongado, cujas ruínas, pontualmente, atingiam 1 m de altura, preservando soleiras e ombreiras de portas. Permitindo a ligação dos claustros SO e NO, uma calçada de seixos (Moita, 1993, p.21).

Apesar dos importantes contributos resultantes dos trabalhos de Irisalva Moita no Hospital Real de Todos-os-Santos e nas estruturas confinantes, eles encerraram limitações metodológicas e de registo de escavação, assinalando-se hoje lacunas evidentes no que se refere aos dados estratigráficos e mapeamento dos achados não estruturais. Da intervenção resultou no essencial a chamada de atenção para a importância para a prática arqueológica em meio urbano dado o alto potencial revelado, no caso em Lisboa, a primeira experiência de abordagem arqueológica de elementos datados da Época Moderna, e o enriquecimento das coleções municipais com um vasto e rico acervo de objetos dos séculos XV-XVIII de alto valor museológico. Estes aspetos têm que ser enquadrados no tempo, e por isso devidamente valorizados, a despeito das óbvias perdas das leituras das dinâmicas ocupacionais e espaciais contextuais que se verificaram (Silva, 2005, p.8).

Ainda no âmbito de peritagem, em 1961, Moita prosseguiu com a instalação da rede do metropolitano naquela área (Silva, 2005, p.370) (Apêndice B, Fig.3). e, em 1971, a arquelógrafa recolheu vestígios epigráficos e elementos arquitetónicos do Hospital Real aparecidos nos trabalhos de colocação da estátua equestre de D. João I, e respetivo embasamento, no seu original local, isto é, ao centro da praça (Silva, 2005, p.388).

A mais recente acção arqueológica, de cariz preventivo na Praça da Figueira, ocorreu entre 1999 e 2001 (sob o programa jurídico de gestão do Plano Diretor Municipal de 1994⁸) na sequência de um projeto de reabilitação e requalificação deste espaço e seu entorno, da autoria do Prof. Arq. Daciano Costa. Este estava abrangido e enquadrava-se no programa camarário de 1990 que visava responder à carência de estacionamento na cidade, prevendo a construção deste tipo de parque automóvel subterrâneo, um dos quais a ser construído no subsolo deste espaço público. Paralelamente, o projeto da praça previa a instalação de um espaço comercial conectado ao estacionamento e à rede metropolitana aqui existente, previsto para o quarteirão poente confinante com o Rossio (Silva, 2005, p.14) (Apêndice B, Figs. 4 a 7).

⁸ Estrutura do Regulamento do PDM de 1994, Alterações e Suspensões do Plano Diretor Municipal de Lisboa – Câmara Municipal de Lisboa. Disponível em <http://www.cm-lisboa.pt/viver/urbanismo/planeamento-urbano/plano-diretor-municipal/enquadramento-do-pdm/regulamento-do-pdm> (Consultado em Setembro de 2015).

Em sequência da ligação camarária a este projeto, aos trabalhos realizados décadas antes neste espaço urbano e aos consequentes estudos, seria expectável a coordenação arqueológica e científica pelo Museu da Cidade.

Tendo a edificação do estacionamento sido concessionada a privados, na elaboração do projeto inicial de arquitetura e especialidades não se verificou a participação de arqueólogo. A entrada destes especialistas ocorreu somente em 1996, dois anos após as primeiras propostas, e nem sempre de forma sistemática. Ulteriormente, já em 1999, chegou-se a um acordo entre a Câmara Municipal de Lisboa e o extinto IPA, sendo imposta a peritagem de arqueólogos no terreno e, em contrapartida, dando-se a primazia ao património científico sobre o cultural, aplicando-se o princípio de “preservação pelo registo”, que posteriormente tomaria a forma de lei (Lei de Bases do Património Cultural, Dec.Lei 107/2001) (Silva, 2005, p.14).

Todavia, a intervenção de arqueólogos no campo não foi concretizada atempadamente, e como acontece em inúmeros casos em Lisboa, os trabalhos começaram sem a presença de arqueólogos no terreno, e uma faixa de cerca de 1,5 m de largura por outro tanto em profundidade, destinada aos muros-guia da contenção periférica, foi quase totalmente instalada sem trabalho pericial (*Idem*).

Por conseguinte, a intervenção arqueológica foi realizada com base em três fases distintas. A primeira diz respeito à peritagem das sondagens geotécnicas, no primeiro semestre de 1999⁹; posteriormente, concretizou-se o acompanhamento da instalação da estrutura definitiva de contenção, entre Setembro e Dezembro de 1999; por fim, executou-se a escavação arqueológica da área a afetar, até 11 de Março de 2001. Esta última foi concebida em função dos três principais horizontes cronológicos conhecidos até então e resultantes das intervenções da década de 1960: a ocupação de Época Moderna, com o Hospital Real de Todos-os-Santos; as ocupações baixo medievais e islâmicas eventuais; os níveis de Época Romana (Silva, 2005, p.15).

Com vista a concretização dos trabalhos arqueológicos, adotou-se uma metodologia mista de escavação, em que se privilegiou a *open area* de Barker-Harris, mas, igualmente, adaptando a teoria à realidade do terreno, o registo vertical das unidades estratigráficas. A

⁹ Informações e dados cedidos, para a presente dissertação, pelo Professor Doutor Rodrigo Banha da Silva, responsável científico da intervenção arqueológica.

área a intervir foi definida com os limites da obra, sendo utilizada uma malha quadriculada de 5 x 5 m (*Idem*).

Sucintamente, o principal objetivo era disponibilizar para apreciação científica e patrimonial os dados adquiridos referentes aos distintos horizontes cronológicos em simultâneo, tentando descortinar a contínua ocupação/diacronia do espaço, sendo apenas possível com o longo momento correspondente ao Hospital Real de Todos-os-Santos (Silva, 2005, p.2015).

4. AS ESTRUTURAS DO CLAUSTRO NE

A par da iconografia e cartografia de época, as intervenções arqueológicas em Lisboa permitem o reconhecimento da cidade antiga, “fossilizada” na morfologia atual, subtilmente visível no edificado ou aquando da sobreposição de plantas antigas aos levantamentos urbanos atuais. Deste modo, o espaço contemporâneo pode ser compreendido enquanto “memória física” do lugar, não desaparecido, mas transformado, corroborando Lisboa enquanto sítio arqueológico em si mesmo. A cidade quinhentista, e até meados do terceiro quartel do século XVIII, permanece gravada no traçado atual, de que é exemplo o Hospital Real de Todos-os-Santos, espaço hoje ocupado pela Praça da Figueira, ultrapassando a Sul e a Oeste as suas delimitações originárias (Moita, 1994, p.118) (Apêndice C, Fig.8).

Esta fossilização do traçado urbano é corroborada e valorizada pelos resultados alcançados pelos trabalhos arqueológicos da década de 1960, quando se obteve uma perceção mais rigorosa da área destinada ao hospital: a par da edificação de dependências deste edifício público, foi exumado o claustro NO, que delimita o ângulo da praça atual. Posteriormente, na intervenção de 1999-2001, foi detetado o remanescente dos três outros claustros, cada um fechando o perímetro do espaço público da atualidade. É sobre um destes ambientes claustrais, o NE, que incide o presente estudo.

As escavações arqueológicas na Praça da Figueira detetaram dinâmicas estratigráficas de Época Contemporânea na área identificada como outrora correspondente ao claustro NE, que afetaram profundamente os restos estruturais modernos: feixes de cabos elétricos de média e alta tensão, infraestruturas de saneamento, ou um troço extenso de um

dos coletores de esgoto dito pombalinos, datado do reinado de D. Maria I, obliteraram vestígios de pavimentações, ou sequências estratigráficas que se presume terem subsistido após o abandono da construção hospitalar.

Na observação do remanescente do espaço aberto do claustro do edifício assistencial, isto é, da zona de pátio, foi possível aferir as dimensões, apresentando aproximadamente 18 m de largura por 14 m de comprimento. Perfazendo deste modo uma área de 252 m², orientado a 17° NO, alinhamento interior das estruturas do Hospital Real que é partilhado com a reconstrução pombalina da cidade pós-1755. Os registos gráficos permitiram, também, determinar o espaço que seria ocupado pela zona de circulação, ainda que não tenha sido identificada total extensão destes, podendo avançar-se com valores na ordem dos 24 m de largura por 20 m de comprimento, conduzindo ao valor de 480 m² para o total da área ocupada pelo claustro. A altimetria geral registada neste espaço para as pavimentações da área aberta e dos deambulatórios, com dependências respetivas, recai entre os 8,99 m e os 9,20 m de cota absoluta (Apêndice C, Figura 9).

Neste seguimento, foram aferidas quatro grandes zonas, ou áreas de função primária:

4.1. Deambulatórios:

Destas áreas de circulação apenas prevaleceram no registo arqueológico frações muito afetadas do lado Oeste, apresentando-se os lados Este e uma porção da Sul melhor conservados, sob a forma de “L” espelhado, sendo esta parcela aquela que dados mais fiáveis proporcionou (Apêndice C, Figura 10).

O deambulatório Este apresenta-se de forma regular, com 3 m de largura em toda a sua extensão, e 9 m de comprimento subsistente. O piso era composto, na sua quase totalidade, por elementos pétreos não facetados de composição calcária, sendo visível, pontualmente, a presença de basaltos e cerâmica de construção, esta colocada nos interstícios deixados pelos elementos pétreos (Apêndice C, Figura 11). De formas regulares, as pedras que compunham este empedrado possuíam entre os 3 cm e 25 cm de comprimento máximo (Apêndice C, Figura 12). Demarcava-o um alinhamento longitudinal, feito com indivíduos de maior dimensão, entre 20 cm a 24 cm. Sugere-se, nesta análise, que seria a partir deste eixo que seria organizado, em pedras de menor dimensão, o preenchimento desta

calçada/empedrado, podendo significar tratar-se tão-somente de uma técnica construtiva e não de qualquer outra funcionalidade, de drenagem por exemplo (Apêndice C, Figura 13).

Contrastando com esta, a zona de circulação meridional, apesar de se apresentar com valores relativamente próximos, cerca de 3,20 m de largura máxima e 9,5 m de comprimento conservado, exhibe uma malha mais irregular, essencialmente composta por pedra calcária. Todavia, e com maior expressão, expõe porções de morfologia irregular compostas exclusivamente por basalto, quartzito e fragmentos cerâmicos: esta multiplicidade de elementos empregues poderá corresponder a pontuais momentos de reparação do piso, com recurso a materiais disponíveis no momento.

É de referir que nos deambulatórios com vestígios de piso, a cota de circulação encontra-se entre os 9,14 m e 9,20 m, demonstrando considerável homogeneidade altimétrica.

4.2. Muros de delimitação do Claustro NE:

No que concerne aos deambulatórios, estes estariam originalmente demarcados da área aberta por um embasamento potente, capeado a lajes espessas de cantaria, executadas em calcário cristalino, branco. Bem afeiçoadas, perfariam os limites da zona de circulação com o pátio, separando os espaços através de um murete chão, sobre o qual assentavam os saiméis ou bases que apoiavam as colunas oitavadas que suportavam a arcaria do claustro (Apêndice C, Figuras 14 a 17).

Na delimitação a Sul foram detetadas *in situ* onze lajes, com cerca de 50 cm de largura por 60/65 cm de comprimento, sendo a configuração por vezes pouco regular nas arestas, mas com juntas solidárias e argamassadas. Nas zonas onde se observaram falhas era visível a “cama” destes elementos.

Foi igualmente reconhecida nesta sequência Sul dos capeamentos a zona de implantação de uma base assente sobre duas lajes, formando um quadrilátero de argamassa aderente com 54 cm x 55 cm. Desgraçadamente não se preservou elemento similar anexo que permitisse com rigor definir o intercolúnio, e apenas no capeamento do muro Este surgiram vestígios de uma outra zona de assentamento também, eventualmente, quadrangular, de que se preservou somente a largura, de 52 cm.

Prosseguindo com a análise do claustro, este era também limitado pelo seu lado exterior por um embasamento robusto, com 66/70 cm de largura. Este não era provido de laje de capeamento, sendo de supor que a superestrutura fosse edificada em alvenaria de argamassa, de que se identificaram restos mal conservados com 54 cm a 60 cm de espessura.

Assomaram nesta área de vão, onde se reconheceram as cantarias de soleira de porta: as duas consideravelmente mais completas situavam-se na zona de confluência do deambulatório meridional com o oriental, apresentando-se apenas parcialmente uma a ocidente destas, e outra já no limite oriental.

A que se apresenta mais completa (doravante denominada como “soleira n.º3”) é composta por três lajes conformando 1,45 m de extensão máxima e 0,55 m de largura. Apesar destes dados, a distância aferida para a(s) porta(s) é exatamente 1 m. É de destacar que a presença de duas cavidades para gonzo, opostas, denuncia ter aqui operado dupla portada, abrindo para o interior do compartimento. É possível, também, determinar que estas portas abririam até um ângulo máximo de 100°, podendo colocar-se a hipótese de serem dotadas de tranca metálica. Esta soleira de porta, em particular, apresenta marcas de desgaste, quer no patim interior (onde se localizariam os gonzos), quer no lado voltado ao deambulatório, por onde se acedia ao espaço (Apêndice C, Figura 18).

Distante 4,75 m a Oeste da anterior, a soleira n.º2 é composta por duas lajes (estando ausente o elemento central) que permite determinar as suas dimensões, de 1,36 m de extensão máxima conservada e 0,64 m de largura; o vão da porta seria de 0,98 m. Em contraste com a anterior, a soleira mostra apenas a implantação de um gonzo, à direita, que permitiria o funcionamento da mesma num ângulo de 100° para o interior do compartimento. Outros constituintes diferenciadores desta em relação à soleira n.º3 recaem na ausência de marcas de desgaste e na existência de tijoleiras na zona intermédia, entre os dois elementos arquitetónicos em cantariam que a compõem.

Por fim, o último indicador a que faremos referência, a soleira n.º1, dista apenas 0,42 m da anterior (soleira n.º2), medidos a partir das extremidades embebidas em argamassas, aspeto relevante por o muro de alvenaria que separava os dois compartimentos respetivos possuir largura de 0,57 m.

Restando apenas um único indivíduo pétreo conservado, a descontinuidade deste em plano não permite aferir as dimensões totais originais da soleira. Consequentemente, as suas grandezas, parciais, são de 0,50 m de comprimento conservado por 0,52 m de largura. No elemento pétreo remanescente da soleira, subsiste uma cavidade para gonzo, colocada do lado esquerdo, deste modo contrastando com a soleira próxima, a n.º2. Á semelhança desta, mostra igualmente tijoleiras no que seria a área entre as duas cantarias de base do vão. É possível determinar que o ângulo de abertura da porta seria como o das anteriores, até um máximo de 100°.

Este conjunto de observações permite colocar a hipótese provável da existência de uma modelação arquitetónica na colocação de portas para o piso térreo deste claustro, com portada dupla nos compartimentos de canto e portada simples nas restantes dependências, aspetos a trabalhar no futuro e noutra âmbito.

No que concerne aos dados altimétricos, as soleiras apresentam os patins da porta entre os 9,19 m e os 9,21 m.

No deambulatório Este, o único vestígio deste teor encontra-se apenas parcialmente conservado, não sendo suficiente para tecer conclusões métricas. Não obstante esta evidência, assumem-se as dimensões preservadas, de 0,68 m de comprimento por 0,55 m de largura, sendo dotada de roço da porta cerca de seis centímetros de largura por 32 cm de comprimento remanescente. É possível, ainda, verificar a existência do gonzo, e a abertura de 90° para o interior. O degrau da soleira, para além de ostentar uma marca de canteiro em cruz de ângulos retos, encontra-se a uma cota semelhante à do deambulatório, o que traduz a necessidade de descer ao nível do patim para aceder ao piso respetivo do compartimento – o mesmo não se verificando com os acessos do sector Sul em que, para transitar da zona de circulação para a zona compartimentada teria que se subir um degrau e, daqui, descer para se encontrar à cota de piso de cada compartimento (Apêndice C, Figura 19).

Assim, é possível sugerir que, apesar da fisionomia arquitetónica similar que certamente apresentariam as paredes Sul e Este do Claustro, possuindo-se escassos elementos disponíveis para este último, as zonas de circulação operariam de forma ligeiramente distinta na sua relação altimétrica com os compartimentos confinantes respetivos, o que se poderia explicar através das funcionalidades específicas detidas por cada zona do complexo hospitalar.

4.3. Área compartimentada:

Debruçando-nos sobre os dados recolhidos aquando da intervenção arqueológica, é possível, numa fase preliminar do estudo, observar a presença de áreas compartimentadas, sustentadas pela existência de muros e de três acessos (referidos anteriormente) que, individualmente, davam passagem a estes espaços internos do edifício.

A leitura espacial é suportada pela evidência de dois alicerces de estruturas verticais, tendo o primeiro cerca de 0,60 m de largura e 1,80 m de comprimento máximo conservado. Este encontra-se localizado entre as soleiras n.º1 e n.º2. No que diz respeito ao segundo alicerce, que detém aproximadamente 0,50 m de largura e 2,40 m de comprimento, localiza-se entre as soleiras n.º2 e n.º3 (Apêndice C, Figuras 20 e 22).

Desde modo, os compartimentos foram neste trabalho designados por conveniência do discurso como *A*, *B* e *C*, nomeados de Oeste para Este.

O compartimento *A* – aquele que se relaciona com a soleira n.º1 – ostenta vestígios parcos do piso, tendo mostrado unicamente duas zonas preservadas à cota 9,18 m e, por consequência, 1 cm abaixo do patim da porta. É possível relacionar este piso com o nivelamento do interior do espaço para o assentamento do pavimento atrás mencionado, uma aguada esbranquiçada situada à cota 9,09 m, sobre a qual, por seu turno, se assentou um nível de argamassa alaranjada com cerca de 5 cm. (Apêndice C, Figuras 23 a 26).

Contudo, este espaço é o que mais interrogações levanta no que diz respeito às suas dimensões, considerando que é o que se encontra com maior perturbação resultante das intervenções urbanísticas das décadas de 1960 e 1970.

O segundo alicerce permite deduzir novos aspetos de leitura da modelação deste espaço, nomeadamente em relação ao compartimento *B*. Um dos dados que é possível obter nesta dependência são algumas dimensões – que, infelizmente, não permitem determinar a área total da divisão – de 3,60 m de comprimento por 4,10 m de largura pelo menos. O interior foi edificado de forma similar, com um outro piso em tijoleira sem padrão regular e bem definido, podendo este apresentar-se em forma de “espinha”, em conjuntos de dois tijolos, encontrados às cotas de 8,99 m e 9,03 m.

Por último, o compartimento *C* é o mais incompleto do conjunto: a sua existência é denunciada pelo respetivo acesso (soleira n.º3), tendo desaparecido o pavimento.

Deste modo, é possível avançar com a proposta de, originalmente, existir aqui, a Sul do Claustro NE, pelo menos três dependências, com respetivos acessos: o compartimento *A* com acesso pela soleira n.º1, delimitado a Este por um dos muros supracitados, cuja área não é passível de determinar; o compartimento *B*, em relação direta com a soleira n.º2, estando delimitado a Este e Oeste por dois muros em análise, sendo aquele que se apresenta em melhor estado de conservação; por fim, o compartimento *C*, cujo acesso seria realizado pelo vão a que corresponde a soleira n.º3, encontrando-se, apenas, delimitado a Oeste (Apêndice C, Figuras 23 e 24).

A coesão altimétrica sugere a provável contemporaneidade dos espaços internos com a área de deambulatório. Infelizmente, estes alicerces de estrutura vertical, descontinuados no terreno, não permitem obter conclusões no que concerne à área destas divisões.

Um aspeto novo a destacar recai na evidente violação dos espaços compartimentados e parte Sul da área de circulação do claustro por duas estruturas que se lhes sobrepõem. Aqui, interpretamos como sendo o embasamento/alicerce de dois espessos muros, possivelmente ali erguidos no fim do período de utilização do Hospital Real, ou, até já após a sua desativação.

O primeiro elemento murário, doravante denominado por alicerce Oeste, tem cerca de 7,50 m de comprimento conservado, uma largura entre 1,30 m e 1,50 m, registando-se à altimetria de 9,06 m e 9,30 m no ponto mais conservado em altura. É composto por elementos pétreos de média e grande dimensão, entre as quais cantarias arquitetónicas em calcário (soleiras, ombreiras, aduelas de aros, ...), com um ligante pouco homogéneo de argamassa com alta percentagem de argila, com uma coloração amarelada escura, pobre em cal. As suas faces e alinhamentos apresentavam-se muito irregulares (Apêndice C, Figura 27).

Esta fundação viola de maneira evidente o compartimento *B*, cortando a estratigrafia e os diferentes níveis de construção do pavimento em tijoleira, sobrepondo-se ao remanescente do muro de separação entre o deambulatório e o espaço interior. Ademais,

corta, de igual forma, o empedrado que constituía o piso de circulação do deambulatório, interrompendo, claramente, a sua função de passagem e circulação.

O panorama é em todo semelhante no que diz respeito ao seu congénere Este: relativamente melhor conservado em comprimento, ostentando 7,60 m preservados, com cerca de 1,50 m de espessura. Em matéria de altura conservada, os valores encontram-se próximos dos do alicerce Oeste, sendo de 9,15/9,18 m. Um outro aspeto em comum em ambos os alicerces em análise recai na técnica construtiva, pois a sua composição assume-se de carácter rude, grosseiro, um aglomerado de blocos de dimensões muito variadas, aparentemente sem qualquer encadeamento congruente.

Ainda debruçando-nos sobre o alicerce Este, ele revela, de forma clara, a perturbação na morfologia do espaço. Distado cerca de 2,20 m do alicerce Oeste, viola de forma perceptível o compartimento C, sobrepondo-se a parte da respetiva soleira (n.º3). Este cenário corrobora uma óbvia anulação dos espaços do claustro e suas funcionalidades até ao alinhamento de lajes que definia a área de pátio.

Este panorama ganha força ao observar-se o jogo altimétrico que aqui ocorre. De facto subsistiu no registo arqueológico uma outra estrutura murária, aparentemente destruída da morfologia deste espaço e da respetiva construção.

Orientado a NE-SO, ao contrário de todos os restantes mencionados, apresentava 2,25 m de comprimento preservado por 0,72 m de largura máxima e mostrava um paramento relativamente coeso e uniforme, composto por blocos pétreos a rondar os 0,70 m de comprimento por 0,30 m de largura, de novo elementos arquitetónicos reaproveitados unidos a partir de um ligante fraco, idêntico ao dos alicerces Oeste e Este acima aludidos. Altimetricamente, registou-se entre os 9,17 m e 9,24 m. Na observação desta estrutura verifica-se a descontinuidade em plano, o que não permite perceber o seu fim para Oeste (Apêndice C, Figura 28).

4.4. Infraestruturas de saneamento:

Aquando da intervenção arqueológica de 1999-2000 foi identificado um dos principais saneamentos de Lisboa, construído no reinado de D. Maria I, igualmente designado por Cano da Rua da Prata. Esta estrutura de saneamento que não se relaciona com o uso do

Hospital Real, mas sim servindo a vertente Oriental da cidade, perturbou severamente a configuração do Claustro NE, atravessando-o integralmente no sentido NE-SO, tendo, na sua generalidade, cerca de 5 m de largura. Inequívoca é a sua não relação com o claustro, dado que a implementação do caneiro arrasou por completo a cota de circulação do pátio e do deambulatório e, conseqüentemente, a zona compartimentada do ângulo SO do espaço claustral.

4.5. Pontos de abastecimento e estruturas hidráulicas claustrais do HRTS

Do que foi possível aferir dos trabalhos arqueológicos, quer dos da década de 1960, quer dos anos 1999-2001, pelo menos três dos quatro claustros do Hospital Real estavam dotados de pontos de abastecimento de água. Por norma, estes espaços teriam, no pátio, apenas uma única estrutura hidráulica, sendo a exceção o Claustro NE, que tinha dois poços nos ângulos NO e SE.

No claustro SO o poço apresentava-se circular, colocado na zona mesial do pátio mas descaído para Norte, construído em silharia de calcário branco fino, dispostas em fiadas regulares, tendo sido entulhado numa data provável de finais do século XVII a inícios do século XVIII, segundo os dados aferidos por Paulo Botelho (2002).

No claustro NO o poço, de igual modo colocado na zona central do pátio, era de secção quadrangular, de cantaria calcária e calcarenítica, irregular, com um coroamento em aparelho de tijoleira com ligante de argamassa rica em cal. A estrutura foi exumada em 1960 por Irisalva Moita (1960), e reescavada em 1999-2000, não sendo hoje possível adscrever ao poço os materiais encontrados pela antiga conservadora do Museu da Cidade.

No claustro SE, só parcialmente escavado em 1999-2001, e muito afetado por intervenções nos séculos XIX e XX, não foi identificada qualquer estrutura hidráulica.

No claustro NE, o poço do ângulo NO foi desgraçadamente violado na primeira metade do século XX por construções subterrâneas do Mercado da Praça da Figueira, tendo-se observado durante a intervenção arqueológica a subsistência de somente três dos lados, dois dos quais muito incompletos, e um enchimento com materiais datados da Época Contemporânea.

4.6. O Poço SE

No que ao poço SE do claustro NE diz respeito, este apresentava-se com uma secção quadrilátera de cerca de 0,90 m x 1,11 m. Tendo em consideração a cota registada no deambulatório é possível determinar que alcança 3,73 m de profundidade máxima, o que reflete a altura considerável atingida pelo nível freático em Época Moderna.

No plano do aparelho construtivo, o interior apresentava-se paramentado a laje quadrilátera em calcário de grão fino, com a face bojardada e as arestas em ângulo, ambas apenas desbastadas, com juntas muito solidárias. Com larguras entre os 0,46 m e 0,66 m, as lajes possuíam 14 cm de espessura máxima, dispostas em nove fiadas regulares subsistentes de 0,50 m de altura, assentes sobre argamassa com uma aguada de 0,37 m de altura.

O ligante das cantarias era uma argamassa esbranquiçada, muito rica em cal, com elementos calcários de média e pequena dimensão, informes, a mesma que conformava o interior, coroamento e a face externa da estrutura.

Atendendo às dimensões citadas, fundamentando com lajes *in situ* à cota de circulação e com a conformidade dimensional dos blocos, os dois paramentos de comprimento máximo (cerca de 1,11 m) seriam compostos por dois elementos pétreos – de 0,46 m ou 0,66 m de largura, alternados. Este encadeamento lógico de blocos retangulares, num jogo de sobreposição, de padrão intercalado, conferiria maior robustez à construção. (Apêndice C, Figuras 29 a 33).

Um outro apontamento a atentar no âmbito da técnica de construção, neste caso, em particular, de uma estrutura hidráulica em negativo, remete-nos para a sua escavação, considerando numa primeira fase uma área superior à estritamente exigida.

Após atingida a profundidade necessária, poderá ter-se colocado uma estrutura em madeira na base (não reconhecida nos trabalhos arqueológicos), depois dando-se início à construção vertical do paramento e, paralelamente, no lado exterior do pano, o espaço vago originário da escavação – entre o muro e a vertente – seria preenchido por “terras” dispostas em camadas sucessivas que serviriam de “andaime”. Ou seja, seria o extradorso que ampararia a superfície externa do poço até finda a sua construção. Os contextos exumados

não revelaram, porém, qualquer material datante que contribuísse para melhor esclarecer a data de construção.

A observação dos registos gráficos permite refletir sobre a composição e disposição da “boca” da estrutura.

Os dados anteriormente referidos foram calculados e tecidos tendo sempre como referência o alinhamento de silhares que se encontram precisamente à mesma cota da área de circulação do claustro. Contudo, no registo arqueológico prevaleceram mais dois elementos pétreos de uma fiada superior, de composição e dimensões em tudo semelhantes às do restante. Temos, agora, um novo elemento com que podemos tecer algumas apreciações: apesar de um destes elementos arquitetónicos se encontrar desarticulado, o sobranço sugere que o poço, neste caso a “boca” da estrutura, teria, pelo menos, mais duas fiadas acima do nível de circulação o que, a ser verdade, permite supor-se o nível original da referida boca à cota de 10,17 m, pelo menos, encerrando cerca de 1 m de altura.

A segunda hipótese interpretativa é avançada pela altimetria da parte estrutural em alvenaria de argamassa que envolvia o poço, situada entre os 9,34 m e 9,82 m, e em aparente conexão com uma laje de muro Norte do deambulatório Sul.

Este aspeto pode, ou não, evidenciar a existência de uma plataforma sobre-elevada neste canto do claustro, sendo o seu acesso concretizado por uma sucessão de degraus a partir da zona de pátio. É de realçar, de novo, que para estas extrapolações de reconstituição, não existe qualquer dado arqueológico que a permita resolver de forma categórica.

Como referido inicialmente, os quatro claustros do Hospital Real usufruíam de acesso a água através de estruturas hidráulicas em cada um dos pátios. No que concerne ao Claustro NE, e ao poço SE, este não possuía seguramente nora, como acontecia num poço medieval localizado nas traseiras do edifício hospitalar e que viu o seu uso prolongado até aos finais do século XVI, pelo mais.

Como tal, a solução para a recolha da água passaria pela utilização provável de um sistema de corda. A captação poderia ser feita deixando tão-somente desde um contentor suspenso numa corda, manualmente, solução cuja simplicidade se nos afigura problemática de um ponto de vista funcional e desconforme ao edifício público em causa.

Terá sido mais provável a existência de uma estrutura metálica colocada acima da boca do poço, dotada de um sistema de roldana, de que não sobraram vestígios dos seus elementos. Contudo, com esta estrutura metálica se poderá relacionar a construção argamassada espessa que envolve o poço.

5. A ESTRATIGRAFIA ASSOCIADA DO POÇO SE

A técnica construtiva do poço, que revelou um pano/paramento bastante regular e homogêneo, onde as marcas de canteiro estão ausentes, aponta para um momento de construção inequivocamente posterior às primeiras campanhas de edificação do espaço, decorridas durante os reinados de D. João II (após 1482) e D. Manuel I (comumente ditas terminadas em cerca de 1504) (Leite, 1993, p.5).

Não sendo possível atribuir uma data concreta ao momento de construção da dita estrutura, mesmo considerando o “mundo objetual” associado, foram passíveis de reconhecimento três horizontes distintos e com dinâmicas internas próprias, compostos na sua totalidade pelas unidades estratigráficas [1113], [1115], [1167], [1111], [1186], [1194] e [1112].

A intervenção foi desenvolvida segundo os princípios *open área*, considerando unidades estratigráficas, mas foi necessariamente adaptada às especificidades do sítio e da equipa. Foi adotada a opção de implantação de quadrículas de referenciação espacial, correspondendo a área de estudo à Q4/5 (Apêndice D, Figura 34).

O registo foi executado durante o processo de escavação, em U.E.’s, sendo numeradas, descritas e alvo de uma primeira leitura funcional e diacrónica enquanto eram exumadas, procedendo-se posteriormente à sua organização cronológica, mediante “Matriz de Harris”. As unidades são compostas por estruturas, um interface e sedimentos e/ou argilas, refletindo os processos antrópicos do local e os momentos de acumulação e/ou deposição de sedimentos e detritos, concretizado com ritmos variáveis, ora rápidos, ora lentos (Apêndice D, Figura 35).

O primeiro momento reconhecido é o poço, ou seja, a construção em alvenaria paramentada internamente a silharia, U.E. [1112], após o que se regista um progressivo preenchimento do mesmo.

O segundo horizonte equivale à U.E. [1194], formação heterogénea revelada na parte mais profunda do poço e interpretada como o resultado de descartes e acumulações da intensa utilização da estrutura, sendo a U.E. composta por sedimento heterogéneo, arenoso, com inclusões de pedra de pequena, média e grande dimensão, a par de tijolo, telha, cerâmica comum fosca e vidrada e, também, de ossos, metal e argamassa. Possuía nódulos lodosos acinzentados.

Sobrepondo-se à U.E. [1194] foi identificada a [1186], a mais potente da sequência, caracterizada pela homogeneidade na composição, apresentando-se como de coloração castanha amarelada, arenosa, solta, com escassas inclusões de cerâmica de construção, pedra de pequena e média dimensão. Preenchia a quase totalidade do remanescente da “estrutura negativa”.

Neste processo de deposição regista-se o interface U.E. [1111]. Esta unidade sobrepunha-se à afetação da parte superior da alvenaria do poço, extravasando o seu interior. Antecedia a U.E. [1167], esta última de sedimento heterogéneo, de coloração amarelada acastanhada, arenosa, solta, com inclusões de cerâmica comum, vidro, ossos, pedra de pequena e média dimensão, cerâmica de construção e argamassa.

Sobrepondo-se à U.E. [1167], a U.E. [1115] revelou-se heterogénea, de coloração castanha escura, arenosa, pouco compacta, com inclusões de nódulos de argamassa, arenitos, cerâmica comum e de construção.

Por fim, preenchendo parte da boca da estrutura e abrangendo considerável parte da área circundante, a U.E. [1113] era composta por um sedimento igualmente heterogéneo, de coloração amarela a castanha escura, arenoso, solto, com inclusões de cerâmica comum (abundante), faiança, ossos, carvão, nódulos de argamassa, cerâmica de construção, arenito, concha, vidro e azulejo.

Por motivos condicionados pela obra/intervenção arqueológica, foi ainda considerada uma recolha com a indicação estratigráfica [1113/1115], equivalendo a materiais coletados sem correto controlo estratigráfico em ambas as U.E.'s, na área do poço.

Atendendo ao princípio de sobreposição estratigráfica (Harris, 1997), a estrutura foi diacronicamente preenchida por estes ambientes, mostrando uma correlação simples e

sequencial de posteridade à sua edificação. Considerando que a matriz, *per si*, não estabelece um ordenamento epocal, histórico, por ora mantem-se, apenas, uma distinção faseada por momentos.

Neste pressuposto, o desenvolvimento do estudo dos materiais associados em estratigrafia permitiu a diferenciação de três momentos correlacionados com a estrutura hidráulica hospitalar.

6. PROBLEMÁTICAS TERMINOLÓGICAS: UMA BREVE REFLEXÃO E FUNDAMENTAÇÃO

Neste estudo pretendeu-se, desde a primeira fase de trabalho, atribuir terminologia que correspondesse ao léxico português utilizado em Época Moderna, mantendo-se o mais próximo possível da realidade de então. Contudo, este exercício não se revelou de fácil praticabilidade.

Uma hipótese para melhor aferir terminologia de peças vernaculares poderia passar pelo uso de nomenclatura em uso na época, integrando dicionários da língua portuguesa. Perseguindo este pressuposto, uma hipótese a considerar teria sido o labor de R. Bluteau (1638-1737) nas duas últimas décadas do século XVII, que elaborou a obra *Vocabulario Portuguez & Latino* (Bluteau, 1728).

Para além de dicionários, a documentação arquivística e bibliográfica antiga auxilia na nomenclatura de objectos cerâmicos, destacando-se, por exemplo, os regimentos oleiros, como o de Lisboa, de 1572 (actualizado em 1797) ou o de Coimbra, datado de 1573, ou o inventário dos bens de D. Teodósio I, de 1563¹⁰, que compreendia o recheio do palácio de Vila Viçosa. O *Livro de Cozinha da Infanta D. Maria* (1538-1577), que menciona cada utensílio empregue nas receitas, representa, de igual modo, uma abordagem interessante ao mundo objectual, vivências e quotidianos de uma cozinha do século XVI (Dordio, 1996, p.94).

¹⁰ Comunicação oral “Com o lume aceso: A cozinha de uma casa ducal no Portugal de quinhentos”, André Teixeira e Joana Torres, CHAM-FCSH/UNL-UAç, no âmbito do Congresso Reconstruindo a Vida no Paço. Realizado a 22-23 de Outubro, 2012, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa e no Museu Nacional do Azulejo.

Não obstante os inventários orfanológicos, o levantamento de termos de época pode igualmente passar por outra documentação arquivística, casos de posturas, taxas, ou textos de jurisprudência (Fernandes, 2012, p.5).

Contudo, apesar das evidentes vantagens na aplicação deste tipo de opção metodológica na nomenclatura da cerâmica de Época Moderna, ela encerra uma forte limitação que constitui a possibilidade da variabilidade no uso regional e etnográfico dos objetos e do léxico a eles aplicado (*Idem*, p.13).

Uma outra dificuldade nesta ótica recai nas múltiplas designações que uma mesma peça pode encerrar, agora não tanto derivada dos fatores regionais coevos de língua e quotidiano, mas mais, e em simultâneo, com a utilização de terminologia contemporânea, cujo significado e função podem não corresponder aos detidos no passado.

O caminho traçado neste trabalho, assumidamente insatisfatório neste particular, traduz o paradoxo que compõe as problemáticas em torno da nomenclatura a empregar nos estudos de cerâmica moderna portuguesa: tendo-se procurado respeitar o léxico coevo, para certas morfologias aplicaram-se termos contemporâneos com finalidades discriminatória. Afinal, uma solução nada original, e que tem paralelo noutra investigação atual (Almeida, 2012) (Torres, 2011).

É notória a utilidade do domínio antropológico no que concerne aos estudos das cerâmicas, que traduzem um conjunto de atos e vivências de quem os elabora e utiliza. Resultante das sucessivas tentativas de estabelecer tipologias e respetiva nomenclatura praticável, difundidas nas últimas décadas em Portugal, o principal foco de estudos debruçou-se meramente na descrição física dos objetos, ignorando a vertente antropológica que as mesmas podiam revelar.

Esta modalidade de estudo antropológico deveria começar-se com o primeiro momento da conceção de um determinado objeto. Neste pressuposto, o processo inicia-se com o encadeamento de ações mentais e de gestos técnicos que pretendem gerar fisicamente um projeto pré-existente, um conceito/conceção do que se pretende obter. Este procedimento necessita obrigatoriamente de ser despoletado pela recolha da matéria-prima, terminando na conclusão da peça (Balfet, 1983). Esta conceção pode ser corroborada e complementada: abarca uma serie de operações pré-estabelecidas mentalmente, cujo ato de escolha e de

decisões durante o momento de transformação torna este processo numa ação não necessariamente linear. Esta modificação, alteração de ideias aquando a realização de uma determinada peça, prende-se com dois aspetos a reter, pelo menos: a introdução de um novo conhecimento técnico, ou mesmo funcional, ou de uma nova necessidade a ser colmatada. (Lemonnier, 1992), estando ambos intimamente relacionados (ação-reação). Assim, é de atentar que a tradição oleira, nem sempre estática, pressupõe um grupo de elementos ou técnicas com distinta persistência temporal, ideia que se complexifica com questões geográficas e espaciais (Chmys, 1976).

A problemática da definição de tipologias amplifica-se quando se torna necessária a aferição de variantes das formas cerâmicas. Ato eminentemente classificatório, esta discriminação justifica-se quando existe um significado conectado com determinados atributos, significado esse que pode não ser tangível no momento de estudo.

Noutro sentido, esta ausência aparente de significado pode, também, ser justificada pela existência de maneirismos de olarias específicas. O problema coloca-se em especial em grandes centros urbanos, pois existe aí uma mais elevada quantidade de locais de produção: veja-se o caso de Lisboa que, em 1551 registava 206 oleiros (Oliveira, 1987, p. 133) e que contava, em 1620, 101 fornos de cozer cerâmica (Oliveira, 1991, p. 23); será expectável aqui a existência de tendências distintas de artífices para artífices, de olarias para olarias, em paralelo, e em simultâneo, com uma propensão para uma certa formatação formal. Acrescente-se ainda a estas, as distintas longevidades de cada oficina, com durações de funcionamento variáveis e que, certamente, fomentariam a criação de tendências estéticas com distintos ritmos dentro de um mesmo mundo objetual cerâmico.

Este panorama torna-se mais intrincado quando nos debruçamos na questão da mobilidade dos oleiros, que não são estáticos, existindo nas fontes históricas registos de artífices a chegarem a uma determinada cidade provenientes de outro ponto do país ou de fora dele. Este fator induz e comprova a importação e introdução de outras técnicas e métodos de confeção, que ganham nova dinâmica com o chegar de novos hábitos e experiências do quotidiano que obrigam a uma nova criação (ou reformulação) da esfera oleira.

Uma outra tarefa que subjaz à aferição de variantes é a metrologia, cujos estudos escasseiam e são por demais importantes para o conhecimento dos acervos cerâmicos e dos

contornos mentais de oleiros e consumidores. Porém, a abordagem desta matéria é pertinente quando a coleção disponibiliza peças completas e/ou quando a amostragem é quantitativamente significativa, podendo-se a partir dela obter valores de proporção, padrões de dimensionamento ou de volume, o que para o presente conjunto em estudo seria viável somente para uma pequena fração da coleção. Por esta razão, se trata de aspeto a abordar num futuro que se quer próximo, e com recurso a outras amostragens coevas que ampliem a amostra.

A padronização metrológica promovida a partir do reinado de D. Manuel I, iniciada pelo seu antecessor em cujo reinado todavia nunca vigorou (Dias, 2002), permitiu a unificação de valores e medidas, numa primeira fase em Lisboa, e só depois em todo o país. Uma das características deste esforço normativo foi o de, apesar da existência de uma padronização de pesos e medidas, existirem múltiplas unidades padrão em função dos diferentes produtos a que se destinavam. Este aspeto gera, na atualidade, uma difícil leitura arqueológica, dada a multifuncionalidade de muitos dos objetos. Assim, a criação de variantes neste trabalho foi concretizada tendo em conta atributos intrínsecos do tipo de peça, como a forma e a técnica, e elementos extrínsecos, sendo estes obtidos através da determinação de perfis funcionais e cronologias, sendo relevante realçar aqui que em determinadas morfologias o desenho perdura mais do que noutras.

O estabelecimento de variantes justifica-se porque pretende proporcionar pistas, mesmo que somente potenciais, para o estabelecimento de mais finas datações de materiais que conservaram a sua morfologia genérica ao longo de lapsos de tempo mais dilatados. A variabilidade em alguns dos seus atributos mais “discretos” poderá encerrar significado cronológico, e este poderá ser – e vir a ser – aferido nos estudos comparativos com outros conjuntos coevos.

7. OS MATERIAIS ARQUEOLÓGICOS DO POÇO SE: CERÂMICAS E VIDROS

Face ao acervo coletado, especificamente no que se refere às categorias cerâmicas e vítreas, foi estabelecida uma distinção por grupos, cujas denominações específicas se apresentam de seguida.

Complementarmente, um dos métodos de organização do acervo exumado, após a divisão em grupos gerais, recaiu na descrição em grupos de fabrico baseada na composição das pastas, obtida somente através da observação macroscópica concretizada com lupa de ampliação a 20x. Consequentemente, esta divisão, aparentemente linear, revelou-se ligeiramente mais complexa, pois para cada grupo geral se procedeu à respetiva subdivisão em grupos de fabrico, não sendo praticável a mesma repartição para todos eles.

- Cerâmica comum fosca: tendo-se considerado aqui toda a cerâmica não decorada, sem especial cuidado no acabamento, decoração ou revestimento. Por norma de tonalidade avermelhada, surgem, pontualmente, peças de aspeto negro, diferenciando os distintos ambientes de cozedura e implicando, por hipótese, diferentes locais de produção.

Como se explicou antes, obteve-se para o grupo de cerâmica comum fosca a divisão em 7 “fabricos” distintos:

I – Pasta de coloração alaranjada (referência Hue 7.5 YR 6/8 Orange), compacta, com elementos não plásticos de pequeno calibre de composição calcária e micácea, raramente com fragmentos pétreos de média dimensão. Textura esponjosa, compacta e depurada.

II – Pasta de coloração alaranjada/amarelada (Hue 5 YR 7/4 Dull Orange), compacta com elementos não plásticos de reduzido calibre, constituídos por micas e fragmentos de teor calcário.

III – Pasta de tonalidade avermelhada (Hue 5 YR 5/6 Bright Reddish), de descrição e composição semelhante às anteriores.

IV – Pasta de pigmentação avermelhada/acastanhada (Hue 7.5 YR 6/3 Dull Brown), em micas, calcário e, ainda ocasionalmente, com presença de feldspato, de reduzida dimensão e escassa frequência.

V – Pasta de tom claro laranja/amarelado (Hue 7.5 YR 8/4 Light Yellow), compacta, homogénea, apresentando frequentes elementos não plásticos de natureza calcária e micas.

VI – Pasta em tudo semelhante à anterior, ligeiramente mais clara, quase de tonalidade branca (Hue 10 YR 8/3 Light Yellow), pouco compacta, com calcários e micas na composição dos elementos não plásticos.

VII – Pasta cinzenta escura (Hue 5 YR 1.7/1 Black) resultante da cozedura redutora, compacta, homogénea, quase “sintética” com elementos não plásticos micáceos e pontuais, bem distribuídos.

Esta divisão sugere a região de Lisboa enquanto principal centro oleiro das peças cerâmicas aqui em estudo (I-V) em que o VI se diferencia ligeiramente na composição da

pasta, podendo insinuar uma produção mais específica geograficamente dentro da cidade, porventura as olarias dos bairros ocidentais.

Diferenciando-se dos grupos anteriores de produção regional de Lisboa, o grupo VII destaca-se pelo seu contraste descritivo e de composição, sugerindo uma produção exógena, possivelmente do Norte do país, com eventual origem no Prado. Este tipo de produção terá atingido o seu apogeu entre os séculos de XVII e XVIII (Fernandes, 2012, p.897) em vigor nas oficinas do extinto concelho do Prado, que abrangia várias aldeias dos actuais concelhos de Barcelos, Vila Verde e Braga. Estas peças inspiravam-se nos trabalhos de ourivesaria, prata (*Idem*, p.907). É de referir que esta produção oleira registava-se nos documentos de aforamento das sisas do século XVII, sugerindo o Prado como a única produção regional de louça vidrada (Real *et al*, 1995, p.179) (Fontes *et al*, 1998, p.355).

- Cerâmica fina: nela se incluiu toda a cerâmica de dimensões reduzidas e maior preocupação nos acabamentos, não sendo estes os únicos critérios para a classificação como tal. Tal como o grupo anterior, geralmente ostenta “tons quentes”, por exemplo, na dos vermelhos e laranjas mais vivos. A inerente fragilidade destas peças implicou, decerto, um seu manuseamento mais cuidado, e isso justifica também alguma especificidade no seu estudo.

As características macroscópicas de pastas e fabricos das cerâmicas finas apresentam-se como os das cerâmicas comuns foscas (supra): mantém-se, portanto, os grupos de I a V como descritos.

Acresce a estes o fabrico de cerâmica fina VIII, com pastas de coloração castanha clara (Hue 5 YR 7/4 Dull Orange) que se destacam pela presença abundante de fragmentos pétreos de média dimensão, quartzos, intercalados com escassos registos micáceos. Esta produção, possivelmente exógena, enquadra-se com probabilidade nas produções regionais alentejanas.

- Cerâmica modelada: dadas as suas características técnicas, e como é usual nos estudos de cerâmica moderna (Ramalho, Folgado, 1997), foi adotada a opção de apartar esta da restante cerâmica fina, tendo-se nela englobando exemplares dotados de funções próprias e encerrando tradições oleiras particulares. A fineza e pureza das pastas possibilitam a elaboração de pequenas peças de paredes finas, em que os engobes se destacam pela cor intensa e com profusa decoração inspirada, possivelmente, no vidro, ourivesaria, escultura, azulejaria, valendo-lhe a designação de *terra sigilata* moderna (Trindade, 2012, p.106). Por vezes ostentam vestígios traceológicos de uso que não se observam noutras classes (Bargão, Ferreira, 2013, p.1053).

As pastas das cerâmicas modeladas partilham com as cerâmicas comuns foscas e as cerâmicas finas os grupos I a V de fabrico.

- Cerâmica “pedrada”: seguindo o mesmo princípio adotado para o item anterior, individualizou-se a cerâmica “pedrada” da restante cerâmica fina, tendo em consideração os seus atributos técnicos, formais e decorativos peculiares, sendo caracterizada pelas distintas temáticas ornamentais elaboradas com pequenos fragmentos pétreos na peça durante o processo de cozedura.

Neste grupo, as características das pastas inserem-se nos grupos I a V já definidos.

- Cerâmica pintada: de novo, e embora também passível de ser incluída na “família” das cerâmicas finas, isolou-se aquela que contém decoração pintada, encarando esta técnica de adorno distinta dos dois grupos anteriores, a par da sua possível função singular.

As pastas dos exemplares limitam-se aos grupos I e IV de fabrico que vimos enunciado.

- Cerâmica comum vidrada: nele se englobaram todas as peças que continham este revestimento, independentemente das particularidades da pasta ou da cor do vidrado.

A partir, genericamente, do fim do século XV e primeiro quartel do século XVI, assistiu-se a uma lenta mas progressiva expansão desta produção, generalizando-se nas formas de confeção de alimentos, atingindo o seu auge em quinhentos (Osório, Silva, 1998, p.290). Este aumento funcional recaiu nas vantagens adquiridas com o revestimento vidrado, como a impermeabilidade e uma mais facilitada limpeza.

Respeitante a esta cerâmica revestida a vidrado de chumbo, a divisão em grupos de fabrico foi concretizada tendo em atenção as particularidades destas peças. Numa primeira fase de análise, conclui-se que as pastas são em tudo semelhantes às da cerâmica comum fosca, existindo, porém, exceções a destacar, nomeadamente num conjunto de peças de pastas distintas, possivelmente de produções exógenas a Lisboa e ao país que coincidem com padrões de revestimento específicos. Deste modo, e no grupo de cerâmica vidrada em particular, elegeu-se a divisão por padrões/cores dos revestimentos vidrados.

V1 – Vidrado castanho-escuro.

V2 – Vidrado castanho melado.

V3 – Vidrado castanho/amarelo melado.

V4 – Vidrado amarelo.

V5 – Verde-escuro.

V6 – Verde-claro.

V7 – Verde com “reflexo metálico”.

V8 – Vidrado de cores múltiplas.

Os grupos V1 a V6 correspondem a peças de pasta semelhante às do grupo III da cerâmica comum fosca, sugerindo uma origem regional de Lisboa.

Porém, em termos de produção, o grupo V7 apresenta uma pasta mais compacta, com rara presença de elementos não plásticos, mas de tonalidade amarela/clara semelhante ao grupo IX da cerâmica esmaltada a referir seguidamente. Apesar de coloração semelhante, a composição do cerne destas peças vidradas sugere Sul de Espanha, possivelmente Sevilha e arredores, como centro produtor.

No que concerne ao conjunto V8, registre-se a presença pontual, mas ainda assim preponderante, de peças revestidas com vidrado múltiplo, isto é, em que se observa uma determinada cor na superfície exterior e um outro tom no interior do objecto. Ainda ocorre a existência de vidrados, na superfície exterior, com múltiplas tonalidades, indo do amarelo castanho, passando pelo verde. Estas últimas peças destacam-se pela pasta bastante compacta, homogénea, praticamente sem elementos não plásticos visíveis, que, em simultâneo com o revestimento, indicam uma produção exterior ao nosso território, remetendo para as olarias dos Países Baixos.

Transversal a todos os grupos de vidrados é a, em determinadas peças, a não totalidade do revestimento do objecto, sendo visível o engobe esbranquiçado que cobre a peça, preparando-a para a cobertura vítrea.

- Cerâmica esmaltada: sob esta designação se inclui toda aquela que continha este tipo de revestimento, por norma branco, assiduamente com decoração simples em tom de azul. Apesar de se verificar uma tendência na investigação mais recente por adotar outras denominações, substituindo nomenclaturas antes usadas como as de loiça malegueira (Gomes, Gomes, 1993) e substituindo-as por faiança, e não pretendendo engrossar aqui o debate em torno da problematização da terminologia para este grupo de produtos oleiros, decidimos seguir as reflexões a esse propósito avançadas mais recentemente por Paulo Dórdio (1998), importando neste grupo indagar os distintos locais de produção. Assim, a cerâmica esmaltada foi igualmente alvo de subdivisão em grupos de fabrico.

IX – Pasta amarela clara (Hue 5 YR 8/4 Pale Yellow), compacta, homogénea, pouco porosa em que os elementos não plásticos são escassos e de reduzidas dimensões.

X – Pasta de composição semelhante à anterior, diferindo na tonalidade, mais rosada (Hue 5 YR 8/4 Pale Orange). Diferindo a coloração das pastas, uma dúvida que se coloca recai em dois centros produtores distintos do Sul de Espanha ou no reflexo, apenas, de cozeduras distintas.

XI – Pasta de composição claramente distinta, mais compacta, muito bem depurada e muito homogénea, pouco porosa, de coloração bege (Hue 5 Y 8/4 Pale Yellow), em tudo idêntica à de exemplares oriundos de centros produtores italianos.

XIV – Pasta amarela clara (Hue 5 YR 8/4 Pale Yellow), compacta, homogénea, pouco porosa, com elementos não plásticos de composição semelhante ao grupo IX. Todavia, devido a esta singular produção, *Blue On Blue*, decidiu-se individualizar num grupo de fabrico concreto devido, igualmente, à acentuada discussão em torno dos centros de produção, ora italianos, ora do sul espanhol ou, até mesmo, da área de Lisboa.

XV – Pasta de tonalidade amarela clara (Hue 5 YR 8/4 Pale Yellow), menos compacta que as anteriores, homogénea, ligeiramente mais porosa, com poucos elementos não plásticos. Este grupo sugere produções cerâmicas esmaltadas de Talavera. Parece aceitável fixar 1520-1540 como o início da produção destas peças, de inspiração em outros centros produtores, nomeadamente italianos, destacando 1541-1561 para o primeiro auge oleiro deste trabalho oleiro. Pode ostentar decoração baseada em têxteis, denominada como *Punteada Azul* (Hernando, 1999, p.330)

XVI - Pasta em tons de amarelo claro (Hue 5 YR 8/4 Pale Yellow), bastante compacta, homogénea, pouco porosa, e com escassos elementos não plásticos de pequena dimensão. Sugere-se para os exemplares cerâmicos deste grupo a produção de Montelupo, Itália, integrados em cronologias de produção da segunda metade do século XVI (Heredia, Miró, 2009, p.2).

XVII – Pasta de coloração e composição idêntica ao grupo IX, todavia individualizada atendendo à peculiar tradição, do Sul de Espanha, em termos de decoração e significado. Vulgarmente denominada por *Mudejar*, esta cerâmica esmaltada constitui-se de distintas terminologias fundamentadas pelas temáticas decorativas: *Isabela Polychrome* (Goggin, 1968, pp.126-134) e/ou *Azul y murada* (Gutiérrez, 2000, p.23).

Aliás, no que concerne às temáticas decorativas, considera-se por demais importante destacar algumas terminologias aplicadas em estudos deste tema. As peças de mesa, de esmalte esbranquiçado e sem qualquer elemento decorativo são apontadas como originárias da região de Sevilha, classificada por John Goggin por *Columbia Plain* (Goggin, 1968, p.117-119), *Plain White* ou *Blanca Lisa* por Pilar Munoz e Rosario Cambra (Munoz, Cambra, 1999, pp.160-161). Para aqueles objetos vernaculares que exibem uma linha, pelo menos, concêntrica a azul cobalto são referidas por Katherleen Deagan por *Linear Blue* ou *Yayal blue on white* (Deagan, 1987, pp.58-59)

- Faiança portuguesa: pasta essencialmente calcária, revestida por óxido de chumbo, decorado ou não a pintura a azul-cobalto ou a manganês/vinhoso, não assume as características técnicas dos grupos mencionado anteriormente. Novamente, importou aqui a distinção, sempre que possível, dos distintos centros produtores.

XII – Pasta de tons amarelados/bege (Hue 5 YR 8/4 Pale Yellow), pouco compacta, com tendência a desintegrar-se, muito porosa, sendo classificada como de origem lisboeta.

XIII – Pasta igualmente de tons amarelados (Hue 5 YR 8/4 Pale Yellow), diferenciando-se por ser ligeiramente mais compacta e menos porosa que a anterior, sugerindo as produções do Juncal.

- Porcelana: reúne toda a elaboração oriental (China e Japão) feita em pasta vitrificada, de cozedura a altas temperaturas, possibilitando, conforme a temática decorativa distinguir possíveis locais de origem. O grupo apresenta pastas praticamente indistinguíveis macroscopicamente, a que atribuímos o número XVIII. Por estas razões, as porcelanas foram divididas considerando as temáticas decorativas patentes, que remetem para diferentes centros de produção e/ou reinados, onde foram considerados seis grupos decorativos, sendo que cinco deles remetemos à China, e um último de produção possivelmente japonesa.

P1 – Temática composta por sucessões de linhas e traços geométricos e fitomórficos simples a azul, incluindo um carácter, “Jade” inserido em cartela, associados à Dinastia Ming, concretamente ao reinado do Imperador Zhengde (1506-1520) (Henriques, 2012, p.920).

P2 – Motivos vegetalistas e florais, em ambas as faces, em tons de azul remetidos à Dinastia Ming, mais precisamente ao reinado de Wanli (1563-1620) (Silva *et al*, 2012, p. 76).

P3 – Ornamentação elaborada em duas linhas concêntricas em azul claro, e marca com caracteres chineses de leitura impossibilitada a tempo do presente estudo.

P4 – Presença de elementos vegetalistas e florais a azul-escuro, sendo temática típica da dinastia Ming, nos fornos de Zhangzhou, Swatow, na da província de Cantão, China, na transição dos séculos XVI/XVII (Henriques, 2012, p.924).

P5 - Elementos fitomórficos e vegetalistas estilizados, em azul, comum em reinado de Wanli (1573-1619) (Torres, 2011, p.81).

P6 – Temática composta por linhas concêntricas a vermelho sendo que, sobre estas, persiste um motivo, preenchido a dourado, não identificado. Todavia sugerimos os fornos de Arita, Japão, em labor na segunda metade do século XVII e primeira metade do século XVIII para esta produção (Seyock, 2006, p.131)

- Stoneware: Foram identificados fragmentos de produções exógenas em vidro de sal, revelando uma pasta de cor cinzenta clara (Hue 7.5 Y 6/1 Gray), bastante compacta,

muito homogénea, pouco porosa, com escassos elementos não plásticos de reduzida dimensão compostos por quartzito leitoso. Este tipo de produção foi desenvolvida pela primeira vez no fim do século XIII com a técnica do vidro de sal a ser introduzida posteriormente, sendo as formas lisas dos séculos XIV e XV bastante difundidas nos Países Baixos, nas províncias de Flandres, Holanda e Brabante (Gaimster, 1997), aceitando-se, mais tarde, a ideia de Colonia enquanto centro produtor (Klinge, 1996). Nas centúrias seguintes, XVI e XVII, as reconhecidas canecas, jarros e *Bellarminas*, ganharam importante destaque no comércio e nos quotidianos europeus. Daí a individualização em grupo de fabrico XIX.

- *Creamware*: pasta de coloração bege (Hue 10 YR 8/3 Light Yellow), muito compacta e homogénea, relativamente mais porosa que o grupo anterior, com escassos elementos não plásticos de reduzida dimensão, possivelmente sílex, mas de difícil perceção. Possível centro produtor Staffordshire, Inglaterra, com produção compreendida entre 1760 e 1770 (Dabal, 2013, p.331). Justifica-se, assim, a criação do grupo XX.

No que concerne ao espólio vítreo, a divisão foi concretizada apenas, e somente, pela coloração dos exemplares, visto que devido à elevada fragmentação das peças não foi possível atribuir centros de fabrico. Contudo, este dado é aferido para escassos exemplares que se apresentam completos, o que facilita a correspondência com paralelos e peças bem datadas. Desconsiderando os processos de irisão e abrasão, apresenta-se:

Vid.1 – Translúcido/Verde; Vid.2 – Translúcido/Cinzento; Vid.3 – Baço/Branco; Vid.4 – Incolor; Vid.5 – Verde/Azul; Vid.6 – Castanho; Vid.7 – Preto.

Abordando a totalidade do conjunto artefactual exumado, em associação com a estrutura hidráulica, totalizando 8 524 fragmentos (após colagem, representando o *Máximo Número de Indivíduos - MNI*), este reparte-se em 69,60% (5 930 fragmentos) de cerâmica comum fosca; 10,82% (926 fragmentos) de cerâmica fina; 6,6 % (584 fragmentos) de cerâmica comum vidrada; 2,07 % (177 fragmentos) de faiança portuguesa; 1,88 % (161 fragmentos) de cerâmica esmaltada; 1,80 % (152 fragmentos) de cerâmica modelada; 0,15% (13 fragmentos) de porcelana; 0,05% (5 fragmentos) e 0,02% (2 fragmentos) de cerâmica “pedrada” e cerâmica pintada, respetivamente, 0,02% (2 fragmentos) de *stoneware* e 0,01% (1 fragmento) de *creamware*. No que concerne a materiais de construção, registam-se somente azulejos, totalizando 0,76% (65 fragmentos) do conjunto (Apêndice E).

O grupo vítreo surge no registo arqueológico com 5,93% (506 fragmentos) do espólio exumado.

7.1. Quarto Momento

O quarto momento é caracterizado funcionalmente por equivaler ao abandono e desativação da estrutura hidráulica. O conjunto artefactual associado é vasto, composto por uma rica panóplia de diversas categorias de materiais: cerâmica comum/fosca (com 3 903 fragmentos, representando 75,91% do total da amostragem - MNI), cerâmica fina (30 fragmentos = 0,6%), cerâmica comum vidrada (488 fragmentos = 9,5%), faiança portuguesa (177 fragmentos = 3,45%), cerâmica modelada (2 fragmentos, de carácter residual, expressando 0,03%), cerâmica esmaltada e *creamware* (ambos presentes através de 1 fragmento somente = 0,01%), porcelana (2 fragmentos = 0,03%), vidro (com consideráveis 472 fragmentos = 9,2%) e, por fim, no âmbito da cerâmica de construção, exemplares de azulejo (65 fragmentos = 1,26%) (Apêndice F, Gráficos 3 e 4, Tabelas 4 e 5).

Considerando os princípios do cálculo estatístico do *NMI*, foram contabilizados 516 indivíduos, repartidos pelos distintos grupos gerais e respetivas variantes, integrados em conjuntos de função primária:

7.1.1. A cerâmica comum/fosca:

No âmbito das produções mais comumente presentes nos contextos arqueológicos de Época Moderna, encontram-se patentes os objetos com função de armazenamento, sendo três as formas básicas reconhecidas no presente horizonte.

A primeira, o *cântaro*, equivale a peças altas, de colo igualmente alto, de corpo com perfil hemisférico. Neste caso em particular, a primeira variante identificada, A, caracteriza-se por possuir bordo de lábio vertical, com secção trapezoidal, de 7,4 cm de diâmetro, assente em parede de perfil convexo, o mesmo se verificando no arranque de asa, em fita vertical (Apêndice F-I, PF00.Q4/5[1115]-0311). Foram contabilizados 18 *NMI* para a variante A de *cântaro*.

No que diz respeito à variante *B*, registada através de um único indivíduo completo, é possível aferir 32,4 cm de altura, assinalando-se-lhe o bordo exvertido, de secção semicircular, com diâmetro de 5,5 cm, ajustado num colo alto e estreito. O fundo, raso, detém 8,5 cm de diâmetro (Apêndice F-I, PF00.Q4/5[1113]-0393). Minoritária nesta morfologia, deverá atentar-se que a variante *B* equivale a 1 *NMI* dos 19 *NMI* classificados como *cântaro*.

A *talha*, como o anterior associado ao armazenamento de líquidos, mostra-se de perfil hemisférico, sendo uma peça de grande dimensão. No caso verifica-se que o bordo é exvertido, boleado ou espessado, de secção triangular ou semi-circular, podendo ostentar, ou não, decoração em cordão digitado em todo o seu diâmetro. Esta porção apresenta diâmetro variável, entre 21 cm e 38 cm (Apêndice F-I, PF00.Q4/5[1113]-0398). Não se verificando distinção de variantes, foram totalizados 7 *NMI* desta morfologia de contentor.

Ainda também passível de ser enquadrada no mesmo âmbito funcional, o *pote* destacou-se de forma apreciável na sua variabilidade formal e expressão quantitativa. Neste conjunto, as peças revelam-se de corpo hemisférico, bordo ligeiramente “estrangulado”, e apenas uma asa, espessada, com origem no bordo e terminando a meio do colo. Por norma de fundo raso e nunca convexo, este aspeto constitui o principal elemento discriminatório para com as *panelas*, que partilham o mesmo perfil do corpo.

Das 7 variantes elaboradas para esta morfologia, algumas são passíveis de subdivisão, nomeadamente na *A*. Assim, na *A1*, recorrendo aos exemplares de perfil completo ou peças íntegras, registam-se valores entre 13 cm e 14,5 cm de altura, sempre com bordo exvertido, boleado, de secção semi-circular, com diâmetro entre 9,4 cm e 12 cm. O fundo, raso, mostra valores que oscilam entre os 6 cm e 7,4 cm (Apêndice F-I, PF00.Q4/5[1167]-0435). É de referir que foram registados 26 *NMI* desta variante de *pote*.

Com dimensões ligeiramente mais amplas no que concerne à altura das peças, entre 11,9 cm e 14,3 cm, a variante *A2* mostra bordo exvertido, boleado, secção semicircular ou triangular, com diâmetros máximos entre 9 cm e 13 cm. O fundo, raso, partilha o diâmetro mínimo com a variante *A1*, de 6 cm, mas atinge 11 cm de máximo (Apêndice F-I, PF00.Q4/5[1115]-0293). São 17 os indivíduos registados nesta variante.

Relativamente à subdivisão *A3*, nela a altura dos vasos é idêntica à *A1*, entre 13 cm e 14,5 cm. Todavia, foi optado por elaborar esta distinção considerando o bordo de

orientação exvertida, boleada, semicircular ou trapezoidal. Relativamente ao diâmetro do bordo, este enquadra-se em intervalos de 9 cm a 16 cm. O fundo, de novo raso, regista uma largura máxima mais restrita que as anteriores, entre 7 cm a 8 cm (Apêndice F-I, PF00.Q4/5[1115]-0345). Particularizam-se os 26 *NMI*, valor idêntico ao verificado em *AI*.

Inerente à última subdivisão da forma de *pote*, *A4*, este apresenta-se com 13,5 cm de altura. É de atentar que estas peças apresentam bordo ligeiramente invertido, mas mantendo a morfologia boleada e a secção semicircular, com diâmetros entre 9 cm e 10 cm. O fundo, idêntico aos anteriores, assinala 6 cm (Apêndice F-I, PF00.Q4/5[1115]-0297). Regista um valor mais diminuto, de 6 *NMI*.

A variante *B* de *pote* associa-se a peças que apresentam 13 cm de altura, bordo exvertido, boleado, por vezes espessado, de secção semicircular, com diâmetros de 9 cm. Como elemento diferenciador da variante anterior, esta revela um maior “estrangulamento” junto ao bordo. Com 6,4 cm de diâmetro, mantém a morfologia da descrição supracitada, partilhando, igualmente a implementação da asa (Apêndice F-I, PF00.Q4/5[1115]-0315). Esta variante está presente através de escassos 4 *NMI*.

Concernente às peças que classificámos como variante *D*, estas destacam-se das restantes pelas suas reduzidas dimensões, fundamentando-se a discriminação em pequenos, mas distintos, aspetos: não nos limitamos a considerar a altura mas, igualmente, a asa, vertical, de arranque no lábio até meio da peça mas, por vezes, atingindo uma altura superior à do bordo, em forma de “orelha”. A totalidade dos 22 *NMI* contabilizados, encontram-se, ainda que não equitativamente, distribuídos pelas variáveis a apresentar.

Em referência a *DI*, esta apresenta-se com altura mínima de 8,5 cm e 9,8 cm de máxima, exibindo bordo exvertido, boleado, de secção semicircular, com diâmetro homogéneo entre os 5,5 cm e os 5,7 cm (Apêndice F-I, PF00.Q4/5[1115]-0326). Trata-se do valor mais alto registado dentro da variante *D*, com 12 *NMI*.

No que concerne a *D2*, esta é idêntica a *DI* na altura, em torno dos 8,5 cm, e na morfologia de bordo, entre 6 cm e 8,6 cm, bem como no diâmetro do fundo, 5,5 cm, mas raso. *D2* difere da anterior por ostentar um acentuado “estrangulamento” junto ao fundo, formando o que se assemelha a uma aba espessada (Apêndice F-I, PF00.Q4/5[1115]-0328). Contrastando com a anterior, esta regista apenas 1 *NMI*.

Por fim, a *D3* detém bordo com as características acima referidas, com diâmetro em torno de 5,9 cm mas que, contudo, se distingue pelo colo baixo, pouco pronunciado (Apêndice F-I, PF00.Q4/5[1115]-0329). Ainda que em números inferiores aos da variante *D1*, regista 9 *NMI*.

Devido à elevada fragmentação, a variante *E* individualiza-se atendendo as características do bordo e arranque do colo. Apresenta-se de corpo hemisférico, ligeiramente “achatado”, bordo alto, vertical, de secção semicircular, com 7 cm de diâmetro, afastando-se do perfil morfológico dos objetos referidos antes (Apêndice F-I, PF00.Q4/5[1115]-0331). Está representado por um só *NMI*.

A variante *F* partilha, parcialmente, a morfologia do bordo anterior, vertical, ligeiramente exvertido e de secção trapezoidal, com 4,7 cm de diâmetro. Particulariza-a o seu corpo menos “achatado” que o anterior (Apêndice F-I, PF00.Q4/5[1115]-0332). Está presente por apenas 2 *NMI*.

A variável *G* individualiza-se pelo ligeiro “estrangulamento” do colo junto ao bordo, que é reto, horizontal, de secção semicircular ou trapezoidal, com 14 cm de diâmetro (Apêndice F-I, PF00.Q4/5[1115]-0333), registando-se apenas 1 *NMI*.

Por sua vez, a *H* foi considerada tendo em conta a sua forma fechada, o bordo exvertido, secção idêntica à de *G*, partilhando o diâmetro mínimo da mesma, atingindo 17 cm de máximo (Apêndice F-I, PF00.Q4/5[1115]-0335). Contam-se 5 *NMI* para esta variável.

Por fim, *I* não difere de sobremaneira das referidas até agora: de bordo exvertido, secção trapezoidal, com 14 cm de diâmetro, e colo que abre progressivamente. Destaca-se nela a decoração composta por duas linhas incisas, ondulantes, no colo (Apêndice F-I, PF00.Q4/5[1115]-0336). À semelhança da *G*, detém meramente 1 *NMI*.

Para esta forma, *pote*, destinada a fins de armazenamento de líquidos, foram identificados e atribuídos variantes a 111 *NMI*. Todavia, apesar de não ser possível apurar premissas formais que revelem elementos suficientes para atribuir variantes, as que subsistem possibilitam atribuir, com certezas, a este grupo formal. Assim, do total dos 205 *NMI* atribuídos a esta tipologia, 94 não foram passíveis de atribuição variável.

Partindo para funções distintas, as peças com vista a ingestão de líquidos e uso à mesa, estão presentes neste estudo através de duas formas identificadas:

Para a *garrafa*, ostentando forma hemisférica e colo estreito, com apenas uma asa, vertical e que nasce no bordo até meio da peça, foram reconhecidas três variantes.

A, revela-se com a sua morfologia de corpo hemisférico, terminando em colo alto, estreito, e pela sua altura coesa, entre 20,7 cm e 21,7 cm, de bordo vertical, espessado, de secção semicircular ou trapezoidal, com diâmetro a variar entre os 5,7 cm a 7 cm. O fundo, de 9 cm de diâmetro, apresenta-se raso (Apêndice F-I, PF00.Q4/5[1113]-0388). Registam-se 25 *NMI* com as características acima citadas.

B, de bordo similar à anterior, mas ligeiramente exvertido, secção trapezoidal, carenado, conta com diâmetro entre 4,6 cm e 7 cm. O fundo, igualmente idêntico em termos morfológicos ao anterior, regista-se com diâmetro variável, entre 7,9 cm e 8,5 cm (Apêndice F-I, PF00.Q4/5[1113]-0389). De *B* contam-se 19 *NMI*.

Por fim, a variante *C*, exvertido e semicircular na sua secção, com valores próximos, de 6 cm a 7 cm no que respeita ao diâmetro do bordo, destaca-se pelo seu colo mais alto e temática decorativa composta por linhas incisas, ondulantes (Apêndice F-I, PF00.Q4/5[1113]-0403). Representando o valor mais reduzido no que concerne ao *NMI*, esta variável detém apenas 8.

De todos os *NMI* identificados com a presente forma, 109, a 57 destes não foi possível atribuir variante, dado a reduzida porção de elemento vascular passível de caracterizar.

Ainda com o intuito de ser empregue à mesa, de utilização individual, o *púcaro*, peça hemisférica encimada por um colo alto, cilíndrico, devido à limitada porção sobrança desta peça, foi-nos possível identificar o fundo, em “bolacha”, com 4 cm de diâmetro (Apêndice F-I, PF00.Q4/5[1113]-0400). Para esta forma de uso pessoal, foram reconhecidos apenas, e somente, 2 *NMI*.

O grupo focado na confeção de alimentos, ou auxílio a tal, contempla três formas, sendo a primeira a *caçoila*, com três variantes. Comum a todas as variáveis é a sua forma geralmente aberta, baixa e de perfil troncocónico.

A variável *A* destaca-se por ser aquela que detém maior altura, cerca de 8,4 cm. De bordo espessado, semicircular na sua secção, revela diâmetro inconstante, podendo enquadrar-se entre os 20 cm e 28 cm. Com diâmetro consideravelmente mais reduzido, com 10 cm, o fundo considera-se convexo (Apêndice F-I, PF00.Q4/5[1115]-0298). Sendo apanágio desta tipologia de peças, de confeção, exumadas neste contexto, denote-se a presença de duas asas triangulares, sub-horizontais, opostas e com origem no bordo. Para este elemento tipologicamente discriminado contam-se 5 *NMI*.

A variante *B* desenha-se com bordo exvertido, secção trapezoidal, com 20 cm de diâmetro. No que concerne às asas, estas partilham a mesma morfologia das acima mencionadas, destacando-se as suas dimensões mais reduzidas (Apêndice F-I, PF00.Q4/5[1115]-0338).

Por fim, a variante *C* apresenta-se com 6,2 cm de altura, bordo exvertido e em bisel, com 33 cm de diâmetro. Tal como a variante *A*, partilha a mesma morfologia, convexa do fundo, sendo ligeiramente maior, com 14,5 cm de diâmetro. Partilha, ainda, o mesmo traçado de asas (Apêndice F-I, PF00.Q4/5[1115]-0339). Nesta variante, tal como na anterior, *B*, apuraram-se 1 *NMI*.

Assim, para a forma *caçoila*, totalizam-se 9 *NMI*, sendo que 7 deles têm atribuição discriminatória. Porém, este exercício não surtiu conclusões quando a 2 *NMI*.

A aplicabilidade da tarefa de distinção de elementos particulares, foi relativamente fácil no que diz respeito às *panelas*, sendo apenas considerada uma variante. Estas peças, de corpo hemisférico, apresentam 15,7 cm de altura, bordo exvertido, lábio triangular, com 12 cm de diâmetro. O fundo, importante elemento distintivo entre esta forma e os potes, é convexo e com 12 cm de diâmetro. Podendo possuir duas asas, ou apenas uma, estas são em fita horizontal, com ligeiro enrolamento, implantadas a meio do colo (Apêndice F-I, PF00.Q4/5[1113]-0402). Foram contabilizados 16 *NMI*.

Respeitante à *bacia*, apesar da sua múltipla função, por não conter qualquer tipo de revestimento vidrado, sugerimos o carácter de confeção de alimentos, mais concretamente de auxílio no processo com lugar na cozinha. Forma aberta, baixa, detém bordo exvertido, biselado, triangular, ou em aba de secção semicircular, com diâmetro situado em valores que

oscilam entre 28 cm e 38 cm (Apêndice F-I, PF00.Q4/5[1113]-0405). Foram reconhecidos 5 *NMI* que seguem o perfil em acima referido.

A última forma integrada no grupo da cerâmica comum/fosca, enquadra-se no conjunto dos contentores de fogo, tendo sido discrimináveis duas variantes de *fogareiro*.

A primeira, *A*, não sendo possível aferir a sua altura, menciona-se pela morfologia boleada do bordo, de secção semicircular, com 16,5 cm de diâmetro. Esta peça de forma geral troncocónica exhibe duas caneluras concêntricas junto ao bordo, proeminentes e de secção triangular. No que diz respeito à asa, esta caracteriza-se pela sua verticalidade, arrancando do bordo (Apêndice F-I, PF00.Q4/5[1115]-0317), elemento que partilha com a variante seguinte.

Assim, de perfil aberto e troncocónico, a variante *B*, com 28 cm de altura, possui bordo introvertido, espessado, de secção semicircular, com 28 cm de diâmetro. Na superfície interna da peça merece destaque o arranque de “grelha”, a meio da mesma. O fundo, raso, apresenta 17 cm a 19 cm de diâmetro (Apêndice F-I, PF00.Q4/5[1115]-0340). Assim, tal como na *bacia*, para o *fogareiro* foram identificados 5 *NMI*, distribuídos de igual forma por ambas as variantes, sendo que um deles se encontra por determinar.

Em suma, atendendo ao considerável número de indivíduos em cerâmica comum/fosca, a pesquisa de paralelos formais apresentou cronologias variadas, mas de inegável utilidade, em parte justificada pela escassez de publicações deste teor ceramológico.

No que concerne aos *potes* anteriormente descritos, particularmente a variante *A*, foram exumados vasos semelhantes em contextos formados por depósitos pós-terramoto de 1755 na Rua de São Pedro Mártir, em Lisboa (Trindade, Diogo, 1998, p.349), bem como num poço seiscentista desativado no século XVIII, em Alcântara, Lisboa (Batalha, Cardoso, 2013, p.134), tendo sido detetada aqui uma peça idêntica ao *pote*, variante *D* (*Idem*), bem como num contexto habitacional de meados de setecentos e abandonado após o grande sismo, localizado numa encosta próxima da atual praça do Martim Moniz, Lisboa (Casimiro, 2011, p.707). Neste mesmo local foi recolhido um paralelo exato para a variante *F* de *pote* (*Idem*, p.710). Nos arredores da cidade, foram exumados objetos idênticos em estratigrafia datada do século XVIII, na Casa da Câmara de Alverca do Ribatejo (Pimenta, Mendes, 2007,

p.183). Em contextos do início do século XIX, registaram-se exemplares no Poço dos Paços do Concelho de Torres Vedras (Luna, Cardoso, 2006, p.111).

Atendendo ainda às peças de teor de armazenamento, mais concretamente a *talha*, foram exumadas peças semelhantes em contexto de entulhamento posterior a 1725 ou mesmo 1750, na ala Este do Mercado da Ribeira, de Lisboa (Ferreira, 2015, p.77).

Nos objetos destinados a confeccionar alimentos, constatou-se a presença a painéis morfológicamente idênticas nos contextos já mencionados de Alcântara (Batalha, Cardoso, 2013, p.135) e da Rua de São Pedro Mártir (Trindade, Diogo, 1998, p.349).

Por fim, para o *fogareiro* da variante *B* foi publicado um contexto compreendido entre o séc. XVI e XVIII, no Pátio Linheiro, Largo dos Trigueiros, na vertente Oeste da encosta da Mouraria de Lisboa (Bargão, Ferreira, 2013, p.1050).

7.1.2. A cerâmica fina:

Considerando estas peças de mais cuidado manuseamento e uso, igualmente frequentes em quotidianos de Época Moderna, para este contexto apenas foi identificada uma morfologia. Apesar de não ser concebida com vista a depositar ou conservar víveres, aliado ao facto de não ser amplamente manuseada num quadro de armazenamento, o *testo* está estreitamente relacionado com esta função.

Deste modo, esta peça aberta, de perfil troncocónico, semelhante ao prato, mas do qual se distingue pela presença de asa em botão e, simultaneamente, por conter fundo raso e não anelar, bem como bordo geralmente espessado e não pendente ou biselado como os *prato/tampa*, detém duas variantes principais, sendo que a primeira, *A*, se subdivide noutras morfologias discriminadas.

A sub-variante *A1* apresenta-se com altura inserida em valores de 2 a 2,5 cm. De bordo espessado, aba horizontal e secção semicircular, tem 13 cm de diâmetro. O fundo, como referido anteriormente, é raso, com diâmetro a oscilar entre os 4 cm e os 6 cm (Apêndice F-II, PF00.Q4/5[1115]-0350). Foram totalizados 3 *NMI* que correspondiam a esta categorização.

No que concerne a *A2*, mostra-se mais baixa, com apenas 1,2 cm de altura, bordo em tudo semelhante à descrição anterior, com 6 cm a 6,8 cm de diâmetro. O fundo é idêntico ao anterior, com 3 cm a 3,2 cm de diâmetro (Apêndice F-II, PF00.Q4/5[1167]-0440). Seguindo o modelo da *A1*, mas proporcionalmente mais reduzida, a *A2* conta com 8 *NMI*.

Na observação da variante *B*, nota-se, em termos dimensionais, claras semelhanças com a *A2*, partilhando o valor de 1,2 cm de altura, a morfologia do bordo, embora com um diâmetro ligeiramente maior, de 7 cm, e o fundo raso, com 3 cm. Contudo, a principal característica que nos permite individualizar esta variante recai na existência de uma canelura concêntrica, se secção semicircular, na superfície externa da peça e junto ao fundo (Apêndice F-II, PF00.Q4/5[1115]-0352). É de mencionar, ainda, a existência de asa em botão, no centro da superfície interna, sendo um aspeto transversal a todas as variáveis. Assim, foi permitido contar 3 *NMI* que, juntando com os respeitantes às variantes anteriores, e acrescentando 1 *NMI* de difícil atribuição discriminatória, totalizam 15 *NMI* de *testo*.

7.1.3. A cerâmica comum vidrada:

Não tendo sido identificadas peças com intuito de armazenamento neste grupo geral de cerâmica comum com vidrado de chumbo, inicia-se a descrição sumária com aquelas destinadas à ingestão de líquidos, nomeadamente a *caneca*. Esta peça, ligeiramente aberta, tem 8,4 cm de altura, bordo vertical, de 15 cm de diâmetro, e secção semicircular. O fundo morfologicamente é de tendência anelar, com 6,1 cm de diâmetro. É de destacar a presença de duas asas de “orelha”, verticais, compactas, opostas e implantadas a meio da peça. Está revestida a vidrado amarelado, com escorrimentos verde e castanho (Apêndice F-III, PF00.Q4/5[1113]-0422). Devido a estas particularidades, que rareiam neste contexto, foi identificado somente 1 *NMI*.

A forma de *jarro* está contemplada neste grupo funcional. Ostentando 20,7 cm de altura, de forma ligeiramente hemisférica e com colo alto, exhibe bordo exvertido mas modelado com vista a possuir bico vertedor. O lábio é de morfologia boleada, secção semicircular, com 10,5 cm de diâmetro. O fundo desenha-se ligeiramente convexo, com 10,5 cm de diâmetro. Por fim, ostenta uma asa em fita, vertical, robusta, que parte de meio do colo (Apêndice F-III, PF00.Q4/5[1113]-0421). Tal como a forma de *caneca*, regista unicamente 1 *NMI*, no caso revestido a um espesso vidrado verde-escuro, pontualmente com tons de amarelo e castanho.

Com vista à confeção alimentar, foram identificadas duas formas principais.

A primeira, *panela*, foi elaborada com 14,7 cm de altura, com bordo exvertido, boleado, semicircular e com 9,5 cm de diâmetro. O fundo côncavo (sendo este o único exemplar de *panela* exumado, na totalidade da estrutura hidráulica, a deter esta morfologia de fundo) detém 7 cm de diâmetro. Respeitante às asas, registam-se duas opostas, a meio do colo, horizontais e em fita (Apêndice F-III, PF00.Q4/5[1113]-0420). Foram reconhecidos 3 *NMI* que constituem a única variante de *panela*. Quer esta forma, quer a *caneca* e o *jarro* (ainda que em grupo funcional distinto) acima mencionados, são integrados no grupo de vidro V8, sendo que a *panela* encontra-se parcialmente revestida, sendo visível parte da parede desprovida de vidro.

No que concerne à *bacia*, de apoio à confeção de alimentos, atendendo à sua definição básica são formas abertas, troncocónicas, mas com alguns elementos distintos que merecem ser refletidos.

A variante A apresenta-se com 15,2 cm de altura, bordo de orientação exvertida, de morfologia boleada e semicircular na sua secção que, com 48 cm de diâmetro, contrasta com os 22 cm do fundo raso (Apêndice F-III, PF00.Q4/5[1113]-0411). Esta variante encontra-se presente, apenas, no grupo de vidro V2, contando com 1 *NMI*.

A variante B, ligeiramente mais baixa que a anterior, com 14,5 cm a 16 cm de altura, apresenta bordo igualmente exvertido, mas em aba de secção triangular, de diâmetro mutável nos seus valores, de 46 cm a 48 cm. O fundo, raso, tem 20 cm de diâmetro (Apêndice F-III, PF00.Q4/5[1113]-0413). Esta variante está presente no grupo de vidros VI mas, com mais expressão no grupo V2, tendo sido identificados 4 *NMI*.

Por fim, a variante C, morfologicamente mais hemisférica que as anteriores, tem 9 cm de altura, bordo exvertido, espessado e com perfil semicircular, com 23,5 cm de diâmetro, expressivos e que contrastam com os 9 cm do fundo, raso (Apêndice F-III, PF00.Q4/5[1113]-0419). Igualmente inserido no grupo de vidro V8, foi reconhecido unicamente 1 *NMI* que, somado aos anteriores mencionados e a 2 *NMI* que não foram passíveis de atribuição de variante, totalizam 8 *NMI* da forma *bacia*.

Entrando no âmbito do consumo alimentar, registou-se apenas uma forma, de *prato*, caracterizada pela sua estrutura aberta, baixa, perfil troncocónico, de bordo exvertido, boleado e de secção trapezoidal, com diâmetros a oscilar entre os 20 cm e os 29 cm (Apêndice F-III, PF00.Q4/5[1115]-0354). Esta forma encontra-se com maior representatividade no grupo de vidro V2 e, com menor frequência, em VI. Assim, foram contabilizados 4 *NMI* para esta forma, pertencentes a uma única variante.

Por fim, o grupo funcional dos objetos de higiene/sanitários dispõe exclusivamente da forma de *bispote*, na qual foram identificadas três principais variantes. A variante A equivale a um bispote alto, praticamente vertical, cilíndrico, sendo igualmente comum às suas sub-variantes as duas asas em fita verticais, curtas, que arrancam imediatamente abaixo do bordo, sendo, contudo, na morfologia deste que recai o principal elemento de separação. Deste modo, a sub-variante A1 compreende alturas entre os 32,2 cm e os 35 cm, sendo encimada por bordo exvertido, em aba horizontal, de secção semicircular, com diâmetros entre 20 cm e 24 cm. Segue-se uma canelura concêntrica imediatamente abaixo do lábio. No que concerne ao fundo, este apresenta-se raso, com dimensão entre 16,8 cm e 18 cm (Apêndice F-III, PF00.Q4/5[1115]-0355). Encontrando-se nos grupos de vidro V2 e V5, foi possível reconhecer 6 *NMI*.

A sub-variante A2 detém peças com altura mais homogênea, com cerca de 34,7 cm. O bordo é semelhante ao anteriormente descrito no que concerne à sua morfologia, destacando-se o apontamento da aba ligeiramente pendente e de secção triangular, com 24 cm de diâmetro. O fundo partilha, igualmente, a morfologia e o diâmetro máximo da A1 (Apêndice F-III, PF00.Q4/5[1113]-0417). Nesta sequência, estas peças foram registadas apenas no grupo de vidro V5, tendo-se concluído pela presença de 3 *NMI*.

Respeitante a A3, os *bispotes* aqui incluídos encontram semelhanças pontuais com as duas anteriormente referidas. Com 34 cm de altura, bordo exvertido, em aba horizontal e de secção semi-circular, todavia não tem a canelura presente nos exemplares A1, e o seu diâmetro acerca-se dos 26 cm. O fundo, raso, apresenta dimensão idêntica aos indivíduos incluídos em A1 e A2, com 18 cm (Apêndice F-III, PF00.Q4/5[1113]-0410). Estes vasos encontram-se no grupo de revestimento de chumbo V2, com apenas 1 *NMI* identificado.

Alterando por completo a tipologia de bispote, a variante B afasta-se da anterior mencionada. Trata-se de uma peça hemisférica, com colo alto e oblíquo, perfazendo 25,8 cm

de altura, bordo de orientação exvertida, morfologia boleada e semicircular no perfil, marcando 18 cm a 21,5 cm de diâmetro. Ainda em termos de dimensões, o fundo raso apresenta 15,2 cm. Contrariando a tendência até agora descrita, esta forma de *bispote* tem asa em fita vertical, robusta, que arranca no bordo e termina a meio da peça (Apêndice F-III, PF00.Q4/5[1115]-356). Esta descrição vai de encontro a exemplares detetados nos grupos de vidro V2 e V3, nos quais se calcularam 4 *NMI*.

Concluindo a descrição de variantes de *bispote*, a *C* demarca-se pela sua forma hemisférica, baixa, com colo subtil, totalizando 14,2 cm de altura. O bordo apresenta-se exvertido, boleado, de perfil semicircular e com 17 cm de diâmetro. O fundo, raso, apresenta-se com 15,5 cm (Apêndice F-III, PF00.Q4/5[1113]-418). Esta peça foi registada no grupo V8 de vidrados, em que se reconheceram 2 *NMI*. Estes últimos, a juntar com os anteriores descritos e 14 *NMI*, aos quais não foi possível atribuir variante, totalizam 30 *NMI* de *bispotes*.

Esta categoria ceramológica encontra paralelos formais, no que concerne à forma de *bispote*, variante *A*, no contexto de entulhamento posterior ao primeiro quartel ou na segunda metade do século XVIII, na ala Este do Mercado da Ribeira de Lisboa (Ferreira, 2015, p.77). Esta cronologia é refinada pela presença no contexto estratigráfico formado após 1755, no Beco das Barrelas, em Alfama (Oliveira, 2012, p.131). No que diz respeito aos objectos de vidro de coloração múltipla (grupo de vidro V8), foram exumados exemplares semelhantes em estratigrafia datada do século XVIII, na Casa da Câmara de Alverca do Ribatejo (Pimenta, Mendes, 2007, p.184).

No que diz respeito à variante *C* de *bispote*, foi exumado um exemplar similar no Poço dos Paços do Concelho de Torres Vedras, em ambiente de transição dos séculos XVIII-XIX, descrito enquanto produção da região de Aveiro (Luna, Cardoso, 2006, p.110).

7.1.4. A faiança portuguesa:

Mantendo a divisão em grupos funcionais em vigor, para a faiança portuguesa, no âmbito dos objetos de armazenamento, foi unicamente identificada uma forma. De corpo de tendência campaniforme, a *tampa* regista-se neste contexto, com uma altura máxima de 8,3 cm, atentando-se ao bordo estribado e “estrangulado”, de 13,2 cm de diâmetro, formando uma aba horizontal destacada, sendo a peça encimada por uma asa/pega em botão (Apêndice F-IV, PF00.Q4/5[1115]-0375 e PF00.Q4/5[1115]-0378). Os 2 *NMI* reconhecidos

apresentam temática decorativa composta por motivos fitomórficos a azul-cobalto, sucessão de “contas” no corpo da peça e, na asa/pega, espiral em tons de azul ou manganês. Considerando a composição e coloração das pastas, remetemos estas peças para o grupo *XII*.

No consumo de líquidos, o *púcaro* volta a estar presente, no que designámos por variante *A*: peça fechada, de corpo hemisférico encimado por colo alto, com bordo vertical de secção semicircular, assinala um com diâmetro variável, dos 8 cm aos 16 cm. No que respeita ao fundo, apresenta-se de morfologia anelar e diâmetro entre 5,3 cm e 6 cm. A profusa decoração varia entre motivos fitomórficos e geométricos simples, bem como inspiração vegetalista estilizada, visível no motivo “pétalas de malmequer”, em azul-cobalto (Apêndice F-IV, PF00.Q4/5[1115]-0366, PF00.Q4/5[1115]-0367 e PF00.Q4/5[1115]-0371). Dos 13 *NMI* reconhecidos, 3 não se encontram passíveis de atribuição de variante. Todavia, o total destes encontra-se no grupo de pastas *XII*.

A par dos objetos de ingestão de líquidos, os que se destinam ao consumo de alimentos sólidos ou liquefeitos foram igualmente exumados, sendo este último grupo composto por três formas.

A primeira recai no *prato*, de corpo aberto e de tendência troncocónica. A variante *A* reflecte um conjunto de peças que apresentam uma altura coerente e constante entre si, com 3,5 cm. O bordo mostra-se exvertido, em aba sub-horizontal, de secção semicircular, com 22 cm de diâmetro. No que concerne ao fundo, baixo, de morfologia anelar, mostra 13 cm de diâmetro. Na decoração, destaque para a representação da “Cruz de Malta” em azul-cobalto na superfície interna da aba (Apêndice F-IV, PF00.Q4/5[1115]-0357). Analogamente, predominam as temáticas de “contas” a azul-cobalto, contornadas a manganês (Apêndice F-IV, PF00.Q4/5[1113/1115]-0460). Assim, foram contabilizados 5 *NMI* para esta variante, integrada no grupo *XII* de pastas.

As peças integradas na variante *B* têm 3,9 cm de altura, bem como bordo de orientação exvertida, em aba de secção semicircular, com diâmetro integrável entre 20 cm e 24 cm. Com 13 cm apresenta-se o fundo, de morfologia rasa. A ornamentação nestas peças, à semelhança dos *púcaros*, recai nos traços fitomórficos e geométricos simples, bem como o motivo “espiga” em azul-cobalto que, quando verificado, incide na superfície interna do fundo (Apêndice F-IV, PF00.Q4/5[1115]-0358). Por estes motivos, justifica-se a

contabilização de 8 *NMI*, integrados no mesmo grupo de pastas das peças anteriormente descritas.

Por fim, no que concerne ao consumo alimentar, o *prato* de variante *C* permite aferir 15 cm de altura, bordo exvertido, boleado e em aba, de 21 cm de diâmetro. Por sua vez, o fundo revela-se anelar, baixo, com 10,5 cm diâmetros. Integram a temática decorativa composta por elementos fitomórficos e geométricos simples a azul-cobalto, bem como “espiga” (Apêndice F-IV, PF00.Q4/5[1115]-0359). Este tipo de prato, alto, foi reconhecido em 4 *NMI*, incluídos no grupo *XII* de pastas.

Pela incidência deste conjunto supracitado, para os pratos em faiança portuguesa contabilizam-se 24 *NMI*, 17 deles bem caracterizados, e 7 *NMI* considerados indeterminados no que concerne ao conjunto de variantes.

Para a *tigela*, identificaram-se duas variantes. A primeira, *A*, com inspiração troncocônica, detém 5 cm de altura, bordo vertical, semicircular, com 10 cm a 15,9 cm de diâmetro, bem como os 10 cm de igual natureza do fundo anelar baixo. Os motivos “fitomórficos” e “geométricos” simples presenteiam estas peças em azul-cobalto, bem como “espiral” na superfície interna do fundo (Apêndice F-IV, PF00.Q4/5[1115]-0361). Foram reconhecidos 5 *NMI* para esta variante, presente no grupo *XII* de pastas.

No respeitante à variante *B* de *tigela*, esta ressalta de imediato pela sua forma hemisférica, com 6,1 cm de altura, bordo vertical, de secção semicircular, com 15 cm de diâmetro e 5,1 cm de igual natureza para o fundo anelar. No âmbito ornamental, motivo “vegetalista” estilizado a azul cobalto (Apêndice F-IV, PF00.Q4/5[1115]-0362). Para a variante *B*, desfrutando desta temática decorativa, foi reconhecido apenas 1 *NMI*, incluído no grupo *XII* de pastas. Todavia, ainda que com morfologia de corpo idêntica, registre-se a presença de peças com gramática distinta, com traços finos, concebendo motivos vegetalistas estilizados em óxido de manganês ladeando o bordo na superfície externa (Apêndice F-IV, PF00.Q4/5[1115]-0376 e PF00.Q4/5[1115]-0377). Paralelamente, a pasta de composição e coloração ligeiramente distinta que remete este tipo de peças para o grupo *XIII* de fabrico, corroborada pela temática decorativa peculiar. Para esta variação foi igualmente reconhecido 1 *NMI*.

Neste seguimento, totalizam-se 8 *NMI*, sendo que 7 estão bem patentes na divisão por variantes e 1 *NMI*, devido à sua fragmentação, ficou por esclarecer.

De morfologia simples, mas com importante significado no quotidiano de Época Moderna, a *covilhete* encontrou-se entre o espólio do edifício hospitalar exumado. Com altura que varia entre 3 cm e 3,5 cm, forma ligeiramente troncocónica e aberta. O bordo, de orientação vertical, mas subtilmente exvertido, apresenta-se com 15,2 e 16 cm diâmetros, encimando um fundo anelar baixo de 11,7 cm a 12,4 cm de diâmetro (Apêndice F-IV, PF00.Q4/5[1115]-0363). Foram reconhecidos 9 *NMI* integrados no grupo *XII* de pastas.

Concluindo o grupo da faiança portuguesa, contrastando com a *bacia* anteriormente referida com carácter de apoio à confeção de alimentos, neste caso em particular, esta revela um maior cuidado e atenção no seu manuseamento, uma finalidade mais especializada, sendo muito viável a sua conexão à prestação de cuidados de higiene. Assim, para esta função, a *bacia*, de forma aberta e troncocónica, surge com 8,1 cm de altura, encimada por bordo exvertido, boleado e semicircular na sua secção, com 31,8 cm de diâmetro. O fundo de morfologia anelar, baixo, apresenta 19,4 cm. Pode ocorrer, na superfície interna da grafia “CARI.de” (Caridade) em manganês (Apêndice F-IV, PF00.Q4/5[1115]-0379). Para esta morfologia de bacia foram identificados 2 *NMI* integrados no grupo *XII* de pastas.

A cronologia para as tampas é sugerida pelos paralelos detetados num ambiente da segunda metade do século XVII e início do século XVIII, no Palácio Mesquitela, Lisboa (Simão, 2010, p.88) e ainda, se bem que com cronologias mais extensas, no Convento de S. Francisco, Lisboa (Torres, 2011, p.430). Considerando sítios arqueológicos externos à capital portuguesa, peças semelhantes, na forma e na decoração, foram detetadas na transição de seiscentos para setecentos, no Convento de Santana, de Leiria (Trindade, 2012, pp.207-208). Objeto semelhante foi exumado por Irisalva Moita na intervenção de 1960 no Hospital Real de Todos-os-Santos, sendo interpretada como provável encomenda com vista o serviço das enfermarias, realizada em 1763, ano, a partir do qual, apesar das obras de reconstrução após terramoto de 1755, o edifício hospitalar voltou a laborar no mesmo local. No que concerne à temática decorativa, sugere-se que se tratou de uma tendência corrente que, possivelmente impulsionada pelo volume e urgência de encomendas que se seguiram ao sismo de setecentos, e que deste modo ganharam boa aceitação (Mangucci, 2007, p.2). Estas peças são formalmente idênticas a exemplares exumados em S. João de Tarouca (Castro, Sebastian, 2008, p.330).

Respeitante ao prato com a temática decorativa “Cruz de Malta”, variante A, foram exumados paralelos formais e ornamentais no Convento de Jesus, Setúbal, em funcionamento entre o século XVI e XIX (Almeida, 2012, p.47); todavia, estas peças exibem contorno a vinhoso/manganês, o mesmo não se verificando no exemplar de contexto hospitalar. Este elemento decorativo, de índole iconográfica cristã, com forte componente simbólica, está por norma inserido numa comunidade religiosa e exclusivamente utilizada em áreas de reservas centrais da peça, não invalidando o seu registo enquanto motivo isolado (Formigo, 2014, p.70). Em contextos além-mar, as tigelas decoradas com geométricos simples e espirais em azul-cobalto, destaca-se o contexto de ocupação portuguesa iniciada após 1680 em Sacramento, Uruguai (Fusco-Zambetogliris, 2003, p.57)

No âmbito da ingestão de alimentos à mesa, as tigelas, e atendendo às suas temáticas decorativas, detetaram-se objetos idênticos no Convento de S. Francisco, de Lisboa, sendo apontada a baliza 1635-1660 como período de produção para as temáticas de geométricos e fitomórficos simples, (Torres, 2011, p.402), bem como o esboço “espiga” (*Idem*, p.370). Este motivo ornamental encontra paralelos numa habitação de meados do século XVII, abandonada em 1755 (Casimiro, 2011, p.705). Ainda em geografias de Lisboa, os motivos geométricos e “espiga” foram reconhecidos em ambientes da segunda metade de seiscentos, no Largo do Terreiro do Trigo (Gonzalez, 2012, p.92), bem como no Largo Vitorino Damásio, Santos-o-Velho, de cronologias próximas (Santos, 2006, p.394). Ainda referente à temática “espiga”, o contexto de descarte, no primeiro quartel do século XVIII, de produção da Rua de Buenos Aires, Lisboa (Batalha *et al*, 2012, p.961).

Interessante é o facto de constarem em contextos arqueológicos modernos as covilhetes esmaltadas a branco ou com a temática “contas”, destacando-se o momento estratigráfico de transição de seiscentos para setecentos, no Beco das Barrelas, Alfama (Oliveira, 2012, p.93), ou o contexto do poço desativado no século XVIII no Vale de Alcântara (Batalha, Cardoso, 2013, p.119). Esta expansão formal e decorativa adensa-se, igualmente, em cidades do torno de Lisboa. Em momentos interpretados como após-1755 na Rua Álvaro Castelões, Setúbal (Duarte *et al*, 2014, p.357), ou em cronologias idênticas atestadas no Convento de Nossa Senhora das Neves, na Serra de Montejunto, Cadaval (Cardoso, 2009, p.53).

A temática de “contas”, de forma isolada ou associada a covilhetes, considerando igualmente as esmaltadas a estanífero branco apenas, surge, simultaneamente, com a

temática “faixas barrocas”, em momento de entulhamento posterior a 1725 ou mesmo 1750, na ala Este do Mercado da Ribeira (Ferreira, 2015, p.77). Aliás, este novo motivo decorativo foi detetado no Convento de S. Francisco, de Lisboa (Torres, 2011, p.429) ou na foz do Sado, em espaço conventual semelhante em Setúbal (Almeida, 2012, p.142).

Todavia, as cronologias de início de produção dos elementos decorativos acima referidos não é coerente nos atuais estudos.

As “faixas barrocas”, de inspiração em arrolamento ou grinaldas de folhas de acanto, de inspiração europeia, são referidas pela primeira vez por José de Queirós (1907, p.60) sendo apontado, segundo Mariana Almeida, o início de produção entre 1637-1700, com base nos contextos arqueológicos do Convento de Jesus (Almeida, 2012, p.142). Comparando com outros estudos igualmente indispensáveis ao estudo da faiança portuguesa e, segundo a análise crono-estilística, e respetivas datações avançadas por Tânia Casimiro, têm impulso na compulsão entre 1660 e 1750 (Casimiro, 2013, p.362). Datações ligeiramente distintas, mas perfeitamente enquadráveis, com base em documentação e ambiente arqueológico com refinada datação, Joana Torres sugere o período de 1700 a 1760 para a confeção desta temática decorativa (Torres, 2011, p.429).

No que concerne aos motivos fitomórficos e geométricos simples, com “espigas”, Tânia Casimiro sugere o auge produtivo entre 1660 e 1740 (Casimiro, 2013, p.365), sendo corroborado pelo conjunto de faiança exumado no centro urbano de Silves, datado da segunda metade do século XVII (Estrela *et al*, 2008, p.232). Com cronologia ligeiramente posterior, a temática “contas” surge com maior incidência nas porcelanas orientais de meados de seiscentos, motivo pelo qual é plausível a inspiração indireta de oleiros portugueses (Casimiro, 2012, p.362), datação semelhante é apontada por João Gomes, propondo o século XVIII para o apogeu desta produção (Gomes, 2011, p.126).

Com o surgimento de contextos fabris em 1766, o consumo de faiança portuguesa persiste no quotidiano de Época Moderna. Considerável percentagem das peças torna-se totalmente branca, dominando os pequenos pratos e covilhetes. Paralelamente, desponta a grande quantidade de peças com a designação de conventos, que as encomendavam, comumente designadas por louça conventual (Casimiro, 2013, p.364). Simultaneamente, é sugerido que as peças decoradas somente com decoração simples em manganês/vinhoso e/ou com grafias, foi tendência em vigor entre 1690 e 1770 (*Idem*, p.365).

Todavia, não só de produções de Lisboa o presente conjunto é composto (grupo de pastas XII): detetou-se um escasso conjunto de fragmentos distintos, quer pela pasta de composição mais compacta e pouco porosa, bem como esmalte estanífero mais espesso, consolidado sob o qual constam temáticas decorativas de inspiração vegetalista e/ou barroca desenhada a manganês/vinhoso escuro. Com base na análise macroscópica da pasta, associando o estudo da decoração, remetemos estas produções para a Real Fabrica do Juncal, Porto de Mós, fundada em 1770 (Vigário, 2015, p.1), com paralelos presentes em contextos estratigráficos de Lisboa, nomeadamente no Largo Vitorino Damásio, Santos-o-Velho (Santos, 2006, p.394).

Todavia, a análise deste conjunto é ampliada quando comparado, não com contextos vários de Lisboa e arredores ou, inclusive, além-mar, mas registando paralelos a todas as peças descritas em contexto do Hospital Real de Todos-os-Santos, exumados por Irisalva Moita em 1960 (Moita, 1964, pp.27-55).

7.1.5. A porcelana chinesa:

Debruçando-nos nas produções asiáticas, da China, foi reconhecido somente um fragmento de *prato*, sendo inserido no grupo funcional de consumo de alimentos. Esta peça, de corpo aberto, de morfologia troncocónica, de aba sub-horizontal, não é passível de aferição métrica, motivo justificado por ser uma porção de parede. Todavia, apesar da sua reduzida dimensão, é notória a temática decorativa elaborada por elementos fitomórficos e vegetalistas, em azul, na superfície interna, bem como três linhas concêntricas na aba, contendo entre estas motivos vegetalistas estilizados, em tons idênticos, na superfície externa (Apêndice F-V, PF00.Q4/5[1115]-0380). Deste modo, sendo o único exemplar de porcelana chinesa, foi considerado 1 *NMI*, integrado no grupo *XVIII* de produções, e *P5* no que concerne à temática decorativa de porcelana.

Este exemplar encontra paralelo formal inserido em contexto seiscentista no Convento de S. Francisco, em Lisboa, sendo-lhe atribuída produção no reinado de Wanli, 1573-1619 (Torres, 2011, p.81).

7.1.6. A porcelana japonesa:

No ambiente das produções asiáticas, neste caso, possivelmente do Japão, foi identificado, igualmente, um fragmento de forma indeterminada que, pela sua exclusividade quantitativa e qualitativa no contexto em estudo, justifica atenção redobrada. Apesar de difícil atribuição formal e, conseqüentemente, funcional, é-nos possível descrever sumariamente a sua componente decorativa. Esta, na face interna é composta por três linhas concêntricas a vermelho sendo que, sobre estas, persiste um motivo, preenchido a dourado, não identificado. Na face externa do fragmento, observa-se motivo vegetalista em vermelho e dourado (Apêndice F-V, PF00.Q4/5[1113]-0424). Deste modo, a porção remanescente é inserida no grupo XVIII de fabrico asiático mas a temática decorativa, remete-nos para P6.

Infelizmente, devido à reduzida dimensão do fragmento remanescente, os seus atributos de produção e decoração encontram-se dificultados.

Porém, assumindo a sua origem nipónica, a primeira sugestão recai nos fornos de Arita, em labor na segunda metade do século XVII e primeira metade do século XVIII. Esta cidade foi o centro da produção de porcelana no Japão na centúria de seiscentos que, por motivos vários, enfraqueceu a sua produção após o colapso da dinastia Ming (*posde* 1644), na China. Ainda assim, timidamente manteve a exportação de “cerâmica de Arita”, posteriormente denominada de “cerâmica de Imari” pelo porto homónimo de onde partia a carga com vista o comércio europeu (Seyock, 2006, p.131). Assumindo como verídica esta produção de Arita, é de atentar que no Palácio dos Condes de Penafiel, em Lisboa, foram exumados objetos semelhantes (Henriques, 2012, p.926).

Todavia, não é de desconsiderar outros centros produtores em espaço japonês. Uma hipótese recai na cidade de Hirado, onde foram registados fornos activos desde o século XVII até início do século XX, refletindo uma longa diacronia produtora mas, atingindo o seu auge entre 1751 e 1843. Saliente-se o fator geográfico, admitindo que a cidade de Hirado distava 7 km do porto de Arita, sendo facilitada a sua exportação para outros territórios¹¹

7.1.7. *Creamware*:

Bem como a porcelana de produção japonesa, o fragmento de *creamware* aqui em estudo carece de atribuição tipológica. Contudo, o reduzido fragmento, mesmo não tendo

¹¹ Disponível em Antique Chinese and Japanese Porcelain Collector's: <http://gotheborg.com/marks/hirado.shtml>. (consultado em Julho de 2015).

porção de bordo, fundo ou qualquer outro elemento que nos permita afirmar com segurança a sua natureza funcional, é-nos possível esboçar algumas relações. Respeitante à decoração esta limita-se a um efeito “marmoreado”, indo da tonalidade bege à castanha em ambas as faces (Apêndice F-VI, PF00.Q4/5[1113]-0425). É de salientar que devido à sua componente *sui generis* neste contexto, optou-se considera-lo como 1 *NMI*, inserido no grupo de fabrico XX.

Devido à considerável fragmentação da peça, e impossibilitada a aferição formal, o registo de paralelos encontra-se dificultado. Todavia, J. Dabal atribui este tipo de modelo à região de Staffordshire, em Inglaterra, sendo este o centro produtor desta categoria cerâmica, e afinando os dados com atribuição cronológica de produção compreendida entre 1760 e 1770 (Dabal, 2013, p.331). Os paralelos para este objeto são francamente ampliáveis através de peças patentes em antiquários e leiloeiras britânicas *on-line*¹², muito embora desprovidos de enquadramento contextual.

7.1.8. Vidro:

No âmbito do acervo vítreo, identificamos a forma de *frasco* inserida no grupo funcional de armazenamento. Esta tipologia apresenta-se de bordo exvertido, ligeiramente espessado, de secção-semicircular, apenas com 1,5 cm de diâmetro, assente num colo alto e estreito (Apêndice F-VII, PF00.Q4/5[1167]-0445). Foram determinado 2 *NMI* que, devido à sua natureza, foram inseridos num grupo vítreo *Vid.5*.

Para a ingestão de líquidos, foram reconhecidas duas formas. A primeira, *garrafa*, é passível de atribuição a duas variantes distintas: A revela 18 cm de altura, bordo espessado, de secção triangular, vulgarmente denominado por gargalo, assente em colo alto, estreito e alongado, sobre uma base cilíndrica composta por fundo concavo de 11 cm de diâmetro (Apêndice F-VII, PF00.Q4/5[1167]-0446); a variante B destaca-se pelo potente arranque de

¹² Disponível em *Online Galleries*: <http://www.onlinegalleries.com/art-and-antiques/detail/antique-english-pottery-whieldon-type-shaker-staffordshire-c-1760/156513>. (consultado em Julho de 2015)

Disponível em *Martyn Edgell Antiques Ltd*: <http://martynedgell.com/index.php/product/creamware-coffee-cup-with-whieldon-type-glazes-circa-1770-2/>. (consultado em Julho de 2015)

Disponível em *Broad Rock House Antiques*: <http://www.broadrockhouseantiques.com/18th-century-Whieldon-teapot-p/teapot2.htm>. (consultado em Julho de 2015)

Disponível em *Skinner, Auctioneers and Appraisers of Objects of Value*: <https://www.skinnerinc.com/auctions/2835B/lots/608>. (consultado em Julho de 2015)

parede vertical, cilíndrica, apoiada num fundo com 14 cm diâmetros (Apêndice F-VII, PF00.Q4/5[1115]-0382). Foram reconhecidos 5 *NMI*, distribuídos 3 e 1 pelas respectivas variantes, e 1 *NMI* indeterminado, integrados nos grupos vítreos *Vid.6* e *Vid.7*.

O *copo*, devido à sua reduzida dimensão, bem como elevada fragmentação, é possível de descrição a sua forma cilíndrica e com fundo concavo de 6,1 cm. Destaque para a sucessão de caneluras verticais em toda a peça (Apêndice F-VII, PF00.Q4/5[1167]-0441). Foram identificados 3 *NMI* incluídos em *Vid.3*.

Para fins de iluminação, registre-se a presença de *lamparina de suspensão*. Esta peça exhibe corpo campaniforme, bordo de tendência vertical, espessado, com 9,5 cm de diâmetro, assentes em fundo, concavo e estreito, com 3 cm diâmetros (Apêndice F-VII, PF00.Q4/5[1167]-0442). Os 3 *NMI* reconhecidos para este utensílio foram integrados no grupo vítreo *Vid.4*.

É de inegável interesse refletir sobre a presença, ou não de objetos de função hospitalar neste contexto exumado do Hospital Real, aspeto esse que será focado na presente dissertação. Todavia, neste quarto momento, identificou-se a forma de *ventosa*, de morfologia hemisférica, de bordo invertido, de secção semicircular e 5 cm de diâmetro. Fundo ligeiramente convexo com 5 cm de igual natureza métrica (Apêndice F-VII, PF00.Q4/5[1167]-0443). Este interessante objeto, quer pela sua função, quer pela sua presença em local que, não sendo de surpreender, coloca a questão quantitativa, foi reconhecido como 1 *NMI*, inserido em *Vid.4*.

Por fim, e somente presente no contexto arqueológico na sua natureza vítrea, fragmentos de *vidraça* de mobiliário. São peças que, estando bastante fragmentadas, não permitem aferir dimensões totais, registam a porção do vértice/canto/ângulo, cujas arestas, de 1 mm a 2 mm de espessura, revelam trabalho e alisamento com vista o encaixe em portas de elementos de mobília. Apesar de constarem no grupo *Vid.1*, o princípio do cálculo do *NMI* não é passível de aplicabilidade a estes elementos, bem como aos objetos descritos de seguida.

Um fiável indicador cronológico de peças recai em contextos de naufrágio, geralmente bem documentados. Este indicador auxilia a análise de paralelos, nomeadamente no que concerne à *garrafa*, variante *A*, com peças idênticas em contexto marítimo, no naufrágio de

Manilla, Bermudas, da segunda metade do século XVIII (Karklins, 1991, p. 40). Estas garrafas são uma produção comuns de setecentos, bem como o copo decorado a caneluras verticais, sendo reconhecidos exemplares em ambiente de produção na Real Manufatura de Vidros, datada de 1719, fundada por D. João V em Coima (Ferreira, 2004, p. 568).

Surgindo em estratigrafias associadas ao sismo de 1755 em Santa Clara-a-Velha, com local produtor por determinar, destaque para o exemplar sem tipologia aferida, mas com temáticas fito e zoomórficas (*Idem*, 2004, p.569)

7.1.9. Azulejos:

No âmbito da cerâmica de construção, em particular, de revestimento de alvenaria, persistem no registo arqueológico os *azulejos*. Ainda que mantendo a sua forma quadrangular, devido à sua fragmentação, não foi possível obter as dimensões concretas dos mesmos. Ainda assim, foram estabelecidas duas variantes atendendo às temáticas decorativas. Assim, para a variante *A*, de espessura variável entre 1,4 cm e 1,6 cm, observaram-se motivos em azul cobalto e amarelo sobre branco. A variável *B*, de 1,2 cm de espessura, registou distintos tons de azul sobre branco que proporcional a ilusão de volumetria, formada por motivos vegetalistas. Assim, a primeira variante está inserida no grupo de azulejos *Az.1*, e a variante *B* em *Az.2*.

Estes objetos carecem de afinamento cronológico, revelando-se de difícil execução considerando o longo período de vida destas peças de revestimento, podendo perdurar décadas e séculos. Assim, a variante *A* encontra paralelos em contextos da primeira metade do século XVII no Convento de Santana, Lisboa (Gomes, Gomes, 2007, p.90). No que diz respeito à variante *B*, estes avançam cronologicamente, estando associados a contextos de fim de seiscentos, início de setecentos.

7.2. Segundo Momento

No Claustro NE foi identificado um primeiro contexto formado após a construção do poço SE. Atendendo ao processo de formação deste, foi analisada a totalidade do conjunto artefactual aqui exumado.

Em termos quantitativos, percentuais face ao total de fragmentos (*MNI*), merece destaque a *porcelana chinesa* (com 11 fragmentos = 0,3%), quando comparada com a

cerâmica pintada (apenas 2 fragmentos = 0,05%), a *cerâmica “pedrada”* (com 5 fragmentos = 0,14%) ou a produção europeia de *stoneware* (2 fragmentos = 0,05%). Como seria expectável, a presença destes grupos minoritários e peculiares é claramente superada pela *cerâmica comum/fosca* (2027 fragmentos = 60%), *cerâmica fina* (com a segunda maior expressão, com 896 fragmentos = 26,48%), *cerâmica modelada* (150 fragmentos = 4,43%), *cerâmica comum vidrada* (96 fragmentos = 2,83%), *cerâmica esmaltada* (160 fragmentos = 4,72%) e *espólio vítreo* (34 fragmentos = 1 %). (Apêndice G, Gráficos 5 e 6, Tabelas 6 e 7).

O conjunto, de outra forma calculado seguindo o método do *NMI*, preconizado desde a década de 1980 por Clive Orton (1980), permitiu discernir 430 indivíduos, repartidos pelos distintos grupos gerais e respetivas variantes, integrados em conjuntos de função primária:

7.2.1. A cerâmica comum/fosca:

No âmbito do “mundo objectual”, foi possível determinar, à semelhança do momento anterior analisado, conjuntos funcionais, agrupando formas e atendendo às suas funções primárias.

Iniciou-se o estudo considerando os contentores com vista o armazenamento de líquidos, onde destacamos duas formas fundamentais.

A primeira, a *bilha*, devido às suas características individuais e distintas, divide-se em duas variantes: *A* apresenta-se com corpo tendencialmente hemisférico, encimado por colo ligeiramente mais estreito e alto, perfazendo 20,5 cm de altura. De bordo exvertido, com secção triangular, apresenta 11 cm de diâmetro e o fundo, raso, situa-se entre os 9,5 cm e 10,5 cm (Apêndice G-I, PF00.Q4/5[1194]-021). Trata-se da única variante a apresentar asa ovalada vertical, arrancando do bordo, tendo somado 5 *NMI*.

Por seu turno, a variável *B* distinguiu-se da anterior pela distinta fisionomia do corpo, de tendência mais retilínea, revelando fundo raso com 10,5 cm de diâmetro (Apêndice G-I, PF00.Q4/5[1194]-023). No que concerne ao cálculo do *NMI*, de *B* foi apenas considerado um indivíduo. Neste sentido, a *bilha* totaliza 6 *NMI*, qualquer um deles exclusivamente pertencente ao grupo de pastas *III*.

No que respeita ao *cântaro*, este mostrou-se de morfologia semelhante à *bilha*. De corpo de propensão hemisférica, o colo é ligeiramente mais estreito e alto e de apenas uma

asa ovalada vertical, arrancando do colo. No que diz respeito às variantes, radica na morfologia do bordo o principal fundamento para esta distinção: em *A* que apresenta uma altura máxima de 35,6 cm, o bordo é de orientação exvertida, de secção triangular, com valores do diâmetro homogêneos entre 11 cm e 12 cm, e verificando-se de igual modo uma relativa coesão nas amplitudes do fundo, que é raso, entre 9 cm e 12,6 cm (Apêndice G-I, PF00.Q4/5[1194]-024). Assim, contabilizaram-se 7 *NMI* para esta variante, integrados quer no grupo de fabrico *I* quer no *III*, embora com maior predomínio deste último.

A variante *B* de *cântaro* surgiu-nos com uma altura compreendida entre 28 cm e 32,5 cm, bordo exvertido, variando de semicircular a trapezoidal na secção, apresentando valores díspares, de 10 cm a 16 cm (Apêndice G-I, PF00.Q4/5[1194]-002). Atingiu esta morfologia 7 *NMI*, que se encontram relativamente equilibrados entre os grupos de fabrico *I* e *III*.

Atendendo à reduzida presença em termos quantitativos, apenas nos foi possível caracterizar a fração do bordo da variante *C*, tendo 10 cm de diâmetro, invertido e de secção boleada (Apêndice G-I, PF00.Q4/5[1194]-033). Os 3 *NMI* identificados eram enquadráveis no grupo de fabrico *II*.

Por sua vez, a variante *D* justificou-se considerando a tendência invertida do bordo, boleado, de secção semicircular, com 9 cm de diâmetro, emoldurado por uma canelura concêntrica de secção triangular (Apêndice G-I, PF00.Q4/5[1194]-080). O único indivíduo reconhecido encontra-se no grupo de fabrico *V*.

A variável *E* contempla bordo igualmente invertido, boleado e espessado, de secção semicircular, com 14 cm de amplitude. Difere da variante anterior por apresentar um perfil ligeiramente biselado e pendente (Apêndice G-I, PF00.Q4/5[1194]-070). Tendo somente sido reconhecido 1 *NMI*, esta integra-se no grupo de pasta/fabrico *IV*.

O exemplar que mais se destacou enquadrou-se na denominada variante *F*. Este apresentou-se de bordo exvertido em aba alta e pendente, com secção semicircular, ostentando consideráveis 28 cm de diâmetro. Bem distintivo é o seu revestimento brunido (Apêndice G-I, PF00.Q4/5[1194]-034). O único indivíduo identificado é inserível no grupo de fabrico *III*.

Deste modo, foram considerados 29 *NMI* de *cântaro*, distribuídos pelas respectivas variantes. Deverá notar-se que 9 dos indivíduos não foram passíveis de integração, por ausência dos atributos discriminatórios. Assim sendo, as variantes *A* e *B* registaram 7 *NMI* cada, *C* 3 *NMI* e as restantes, *D*, *E* e *F*, 1 *NMI*. Atenta-se, ainda, que esta forma se distribui pelos primeiros cinco grupos de fabrico/pasta de forma relativamente coesa, com ligeiro predomínio para o *III*.

Apesar de bastante fragmentado, registre-se a existência de um *pote* de forma hemisférica, alta, assente num fundo raso de 16 cm de diâmetro. Este objeto revela-se interessante, pois encontra-se revestido intencionalmente, no interior, com cal, encontrando-se a superfície interna fortemente coberta por uma camada. A face externa afigura-se peculiar: encontrando-se parcialmente revestida, são visíveis escorrimentos verticais, de finos a espessos, desde a fração superior da peça (Apêndice G-I, PF00.Q4/5[1194]-089). Não se tratando de qualquer fenómeno pós-deposicional, este recipiente estaria, certamente, a uso aquando do seu descarte, sendo utilizado no trabalho de revestimento de estruturas a cal, deixando vestígios na superfície externa de escorrimentos deixados pela espátula aquando da pressão desta no bordo. Encontra-se integrado no grupo *III*.

No âmbito dos recipientes com vista a ingestão de líquidos, predominam duas formas, sendo a primeira a *garrafa*. Esta, de corpo hemisférico, apresenta claro estrangulamento do bordo, comumente designado por gargalo, exibindo duas asas em fita, opostas, a meio do corpo.

No que diz respeito à variante *A* de *garrafa*, esta atinge 20,2 cm de altura, com bordo exvertido, sugerindo perfil em aba, de secção semicircular. O bordo detém 4,5 cm e o fundo, de morfologia rasa, 9,5 cm (Apêndice G-I, PF00.Q4/5[1194]-018). Com base nesta descrição, foram reconhecidos 4 *NMI* para esta variante, integrados exclusivamente no grupo de pastas *II*.

Contrastando, a variante *B* apresenta bordo invertido, de secção triangular, tenuemente mais estreito, com 4 cm de diâmetro (Apêndice G-I, PF00.Q4/5[1194]-084). Tendo sido detetado unicamente 1 *NMI*, esta variante é exclusiva do grupo *III* de fabrico.

Desta morfologia de recipiente totalizaram-se 6 *NMI*, sendo que 1 indivíduo não tem atributos discriminatórios suficientes o discriminar no interior de uma das variáveis formais.

Respeitante à forma *almotolia*, esta encerra um corpo de tendência hemisférica, quase ovoide, com acentuado estreitamento no colo, originando bordo/gargalo exvertido, de secção semicircular, com 4,9 cm de amplitude, dotado de vertedor (Apêndice G-I, PF00.Q4/5[1194]-036). Foi reconhecido unicamente 1 *NMI*, inserido no grupo de fabrico *III*.

No reportório dos contentores destinados à confeção de alimentos quentes, nomeiam-se três formas. A primeira é a *caçoila*, uma peça aberta, de corpo de configuração tendencialmente troncocónica. Todavia, apesar de partilharem a orientação exvertida do bordo, a morfologia destes justificou a atribuição de variantes. A variável *A* exhibe lábio de secção semicircular, com 16 cm de diâmetro, tendo duas asas triangulares ligeiramente pendentes e opostas, que arrancam do bordo (Apêndice G-I, PF00.Q4/5[1194]-008). Encontra-se representado por somente 1 *NMI*, pertencente ao grupo de fabrico *I*.

A variante *B* revela-se com bordo mais espessado, com 28 cm de diâmetro, dotado de uma canelura concêntrica bem destacada junto ao mesmo (Apêndice G-I, PF00.Q4/5[1194]-074). Integrados no grupo de fabrico *IV*, os 2 *NMI* exumados, somados com o da variante anterior, totalizam 3 *NMI* para a *caçoila*.

A discriminação morfológica adensou-se na tipologia de *tacho*, peça aberta e de perfil troncocónico, de extensa variedade na maneira de modelar o bordo que fundamenta a criação de variáveis.

A variante *A* apresenta-se com 6,3 cm de altura; com bordo invertido de diâmetro flutuante entre 14 cm e 18 cm, perfil ovoide, de secção semicircular, onde arrancam duas asas triangulares, ligeiramente pendentes e opostas (Apêndice G-I, PF00.Q4/5[1194]-047). De morfologia típica nos tachos, o fundo ligeiramente convexo regista 10,6 cm diametrais. Foram reconhecidos 2 *NMI* com estas particularidades, integrados nos grupos de fabrico *I* e *III*.

No que concerne à variável *B*, esta partilha a orientação do bordo da *A*, mas espessado, com 20 cm de diâmetro, trapezoidal na sua secção, sendo acompanhado por uma canelura concêntrica destacada na superfície externa (Apêndice G-I, PF00.Q4/5[1194]-048). Foi meramente identificado 1 *NMI*, incluído no grupo de fabrico *III*.

Respeitante à variante *C*, considerando a fraca porção de bordo, a aferição de atributos discriminatórios ficou condicionada. Ainda assim, registou-se bordo invertido, com 22 cm de diâmetro, semicircular na sua secção, circunscrito numa acentuada carena (Apêndice G-I, PF00.Q4/5[1194]-049). Deste modo, foi registado 1 *NMI* integrado no grupo de fabrico *III*.

A vasta extensão de elementos e atributos morfológicos permitiu, ainda, a caracterização da variante *D*, registando-se bordo exvertido, com 22 cm de diâmetro, e secção semicircular (Apêndice G-I, PF00.Q4/5[1194]-006). Com estas características, atentou-se 1 *NMI* pertencente ao grupo *I*.

Neste seguimento, a divisão *E* do *tacho* recai num modelo de bordo invertido, de 18 cm diametraais, espessado e de secção trapezoidal, exibindo duas caneluras concêntricas na superfície exterior (Apêndice G-I, PF00.Q4/5[1194]-050). Pela sua raridade, foi individualizado 1 *NMI*, de atributos referentes ao grupo de fabrico *III*. Todavia, a variante *F* assemelha-se morfológicamente à anterior, destacando o bordo ligeiramente maior, com 20 cm e a sua secção semicircular e com apenas uma canelura concêntrica (Apêndice G-I, PF00.Q4/5[1194]-051). Assim, apartadamente da variante *E*, esta regista 2 *NMI* integrados com maior expressão no grupo de fabrico *III*.

O caracter morfológico com que se apresenta a seguinte variante legitima esta divisão formal. A variante *G* apresenta bordo de tendência invertida, com 18 cm de diâmetro, de secção semicircular, apresentando uma carena consideravelmente bem destacada a partir da qual se desenvolve o corpo troncocónico da peça (Apêndice G-I, PF00.Q4/5[1194]-007). Com estas premissas, foi identificado apenas 1 *NMI*, sendo remetido para o grupo de fabrico *I*.

A variante *H* pouco difere das anteriores, destacando-se o acentuado boleamento do bordo invertido, de 22 cm de diâmetro, semicircular de secção (Apêndice G-I, PF00.Q4/5[1194]-052). Tal como a anterior, apresenta unicamente 1 *NMI*, inserido no grupo *III*.

Por fim, a variante *I*, sendo a mais peculiar, revela-se com bordo exvertido em aba horizontal, com 22 cm de diâmetro, de secção trapezoidal, revelando a sua inspiração as

peças baixo medievais (Apêndice G-I, PF00.Q4/5[1194]-073). Com apenas 1 *NMI*, está presente no grupo *IV* de fabrico.

Assim, somaram-se 11 *NMI* de tacho, com variantes reconhecidas, ais quais acresceu 1 *NMI* indeterminado. Genericamente, estes 12 *NMI* distribuem-se equitativamente pelos cinco primeiros grupos de fabrico.

Ainda com vista a confeção de alimentos, a *panela* registou uma expressão numérica bastante considerável, quer em termos quantitativos, quer nas questões de atributos discriminatórios. Rareando as peças de perfil completo, estes elementos são fundamentados pelas distintas morfologias de bordo, ainda que, naturalmente, não se recorram a outros elementos peculiares oportunos. Porém, a normativa de peça aberta, de corpo tendencialmente hemisférico, compostas por duas asas (registadas em exemplares deste contexto) é transversal a todas as variantes.

Assim, a variante *A* de *panela* caracteriza-se por exibir bordo exvertido, com 14 cm de diâmetro, de aba horizontal, com secção trapezoidal, morfologia patente na variante *I* de tacho, possivelmente de remanescente tradicional baixo medieval (Apêndice G-I, PF00.Q4/5[1194]-085). Esta variante registou 4 *NMI*, distribuídos pelos grupos *I*, *II* e, com maior pujança, *V*.

Bordo de orientação invertida, espessado, com 10 cm de diâmetro, de secção semicircular a partir da qual se regista uma canelura concêntrica e o arranque do corpo de perfil hemisférico da peça, são particularidades que justificaram a criação da variante *B* (Apêndice G-I, PF00.Q4/5[1194]-059). Nesta, foram reconhecidos 2 *NMI* presentes, apenas, no grupo de fabrico *III*.

Associados à variante *C* estão os vasos de bordo exvertido, com 15 cm a 18 cm de diâmetro, de secção trapezoidal, assente num colo alto, contendo, por vezes, uma linha incisa concêntrica (Apêndice G-I, PF00.Q4/5[1194]-053). Partilha o mesmo *NMI* da variante *A*, 4, registados nos grupos *I*, *III* e, sobretudo, *V*. Apesar de partilhar a mesma morfologia de bordo, a variante *D* distingue-se pela profunda incisão concêntrica no bordo, bordo esse com diâmetro a oscilar entre os 14 cm e 15 cm. Ademais, a presença de colo alto e fundo raso com 14 cm de diâmetro fundamentam esta opção (Apêndice G-I, PF00.Q4/5[1194]-012). Assim, contabilizou-se 1 *NMI* integrado no grupo *I*.

Individualizando com melhor facilidade, a variante *E* apresenta bordo vertical, em aba, com 16 cm de diâmetro, ligeiramente invertido e de secção semicircular, com subtil “estrangulamento” no colo, arrancando daí a parede de perfil hemisférico (Apêndice G-I, PF00.Q4/5[1194]-055). Consequentemente, foi exumado 1 *NMI* incluído no grupo *III*.

A variável *F* é das mais comumente registadas em contextos arqueológicos modernos. Apresenta bordo exvertido, com diâmetros oscilantes entre os 14 cm e 20 cm e trapezoidal na secção. É imediatamente a partir do bordo que arranca o seu corpo hemisférico (Apêndice G-I, PF00.Q4/5[1194]-013), sendo este o elemento discriminatório que a distingue da variante *D*. Foram registados 4 *NMI*, sendo integrados nos grupos I e, com maior expressão, V.

O elemento de pega/suporte também foi considerado enquanto componente justificativo de variantes. Por conseguinte, a variante *G* distingue-se da *F* somente pelas asas que, na primeira, nascem verticalmente no bordo, e esta no colo da peça. Estas painelas apresentam 20 cm de altura, 18 cm de bordo exvertido, trapezoidal, terminando em fundo raso com 15 cm de diâmetro (Apêndice G-I, PF00.Q4/5[1194]-088). Foram reconhecidos apenas 2 *NMI* com estas características, presentes nos grupos *III* e V.

As variantes *G* e *H* ostentam um desenho morfológico coeso. Contudo, esta última exhibe um ligeiro biselamento do bordo no exterior, com 16 cm diâmetros. Esta peça, de 20,3 cm de altura termina em fundo típico de peças que vão ao lume, convexo, com 12 cm de diâmetro. Apresenta duas asas verticais ovaladas, opostas, que partem diretamente do bordo, terminando a meio do corpo (Apêndice G-I, PF00.Q4/5[1194]-075). Identificaram-se 2 *NMI* com estas premissas no grupo *II*.

A opção de criar a variante *I* recaiu, apesar da fraca porção da peça, no bordo exvertido, com 14 cm de diâmetro, de secção trapezoidal, que encima um corpo alto e ligeiramente hemisférico (Apêndice G-I, PF00.Q4/5[1194]-056). Daí apenas ter sido reconhecido 1 *NMI*, presente no grupo de fabrico *III*.

Por fim, no que concerne à variante *J*, esta difere pelo seu corpo tendencialmente troncocónico, de bordo invertido, com 24 cm diâmetros, espessado e de secção semicircular, assente em duas carenas subtis contendo, entre estas, decoração digitada, executada do

exterior para o interior (Apêndice G-I, PF00.Q4/5[1194]-057). Pela sua raridade, foi apenas identificado 1 *NMI* no grupo *III*.

Neste contexto, clara preponderância para as painéis *A*, *C* e *F*, com 4 *NMI* cada. Ainda assim, 16 *NMI* carecem de atribuição de variante, daí serem classificados por indeterminados. No total foram reconhecidos 38 *NMI* de *panela*, distribuídos pelos cinco primeiros grupos de fabrico.

Mencionando os grandes objetos/contentores de fogo, verifica-se um claro destaque para o *fogareiro*. Esta peça revelou-se de perfil troncocónico contendo, a meio, “estrangulamento” onde, na superfície interna, se regista a “grelha” e, compondo esta característica, a presença de uma abertura/janela de combustão.

Foram reconhecidas quatro variantes, sendo a primeira, *A*, determinada por bordo invertido, com 22 cm de diâmetro, espessado e de secção semicircular, observando-se, sob este, duas caneluras concêntricas bem pronunciadas. É nesta fração que se encontram duas asas ovaladas horizontais e opostas (Apêndice G-I, PF00.Q4/5[1194]-062). Com estas características, foi identificado 1 *NMI* inserido no grupo de fabrico/pastas *III*.

As variantes *B* e *C* são respeitantes, unicamente, à porção da “grelha”, sendo diferenciadas pelo perfil convexo da primeira, com perfuração/”abertura”, estando localizada sensivelmente a meio da peça, na secção mais estreita (Apêndice G-I, PF00.Q4/5[1194]-063); a segunda é sensivelmente idêntica, de perfil côncavo, em que na superfície exterior encontra-se bem demarcada por uma carena que define a tendência troncocónica do fogareiro (Apêndice G-I, PF00.Q4/5[1194]-065). Para estas foram identificados 2 *NMI*, respetivamente, enquadrados no grupo *III*.

Por fim, a variante *D* diz respeito à porção do fundo, raso, de 18 cm de diâmetro, observando-se a abertura/janela a partir de uma canelura concêntrica, junto à base, bem demarcada (Apêndice G-I, PF00.Q4/5[1194]-066). Foram distinguidos 2 *NMI* com estas características, inserido nos grupos *II* e *III*. Além destes, contaram-se 3 *NMI* indeterminados, totalizando 8 indivíduos de fogareiro, com maior expressão no grupo *III* mas não invalidando a sua presença nos dois anteriores.

Entrando no ambiente de mesa e consumo de alimentos, foram registadas duas formas primordiais, sendo o *prato* que se segue. Neste âmbito, de peças abertas, troncocónicas, baixas, justificou-se a repartição em duas variantes fundamentais, atendendo a pequenos apontamentos de cariz morfológico.

A variante *A* representa os exemplares de bordo exvertido, com 26 cm de diâmetro, de aba ovalada e semicircular (Apêndice G-I, PF00.Q4/5[1194]-004), estando presente somente em apenas 1 *NMI* integrado no grupo de fabrico/pasta *III*.

Por sua vez, a variante *B* ramifica-se em *B1* e *B2*. A primeira exhibe bordo igualmente exvertido, contudo boleado, de 16 cm diâmetros, e de secção semicircular, que se destaca por conter dois pares de caneluras concêntricas na aba, contendo, entre si, linhas incisivas ondulantes (Apêndice G-I, PF00.Q4/5[1194]-077). A segunda, *B2*, em tudo idêntica à anterior, não ostentando decoração, detém lábio com diâmetro de 26 cm, assente em paredes oblíquas, terminando em base anelar com valores balizáveis entre os 6 cm e 8 cm de diâmetro (Apêndice G-I, PF00.Q4/5[1194]-037). Para esta variante foram contabilizados 6 *NMI*: 1 respeitante a *B1* e 5 a *B2*. Deste modo, totalizam-se 7 *NMI* de pratos, distribuídos pelos primeiros cinco grupos de fabrico/pasta.

É de atentar que apenas a variante *B1* se encontra com ornamentação incisiva, contrapondo com os restantes exemplares, que se encontram finalizados com a técnica de brunido, aspeto esse que nos parece viável atribuir a função enquanto intuito primário, podendo, eventualmente, servir de tampa a grandes contentores de armazenamento ou de confeção de alimentos. Esta forma é facilmente confundida com a de testos, quando, apenas, se tem porção de bordo. Todavia, aspetos como o lábio ovalado/pendente e o fundo anelar remetem-nos de imediato para a função primária de prato; a função de tampa é encarada como secundária, o mesmo não se verificando nos testos que, devido à sua pega/asa em botão, anula a função de prato, servindo exclusivamente para tapar/encimar/colmatar um recipiente.

Terminando o grupo funcional de consumo alimentar, subsiste a *tigela*, de forma aberta, troncocónica/hemisférica e baixa. Ainda assim, foram distinguidas quatro variantes.

A variável *A* apresenta bordo exvertido, com diâmetro fluutuável entre 8 cm e 16 cm, boleado e de secção semicircular (Apêndice G-I, PF00.Q4/5[1194]-071), contrastando com a variante *B* que, na orientação do bordo, este se apresenta ligeiramente invertido, com 16 cm diametrais, semicircular na secção, exibindo uma canelura concêntrica na superfície exterior imediatamente sob o bordo (Apêndice G-I, PF00.Q4/5[1194]-045). A variante *A* registou 2 *NMI* incluídos nos grupos de fabrico de fabrico/pasta *III* e *IV*, enquanto a *B* reconheceu apenas 1 *NMI* no grupo *III*.

A variante *C* revela-se com bordo ligeiramente exvertido, com 18 cm de diâmetro, espessado e semicircular no perfil, igualmente com uma canelura na face externa à semelhança da variante *B* (Apêndice G-I, PF00.Q4/5[1194]-072). Com apenas 1 *NMI*, esta variante está patente somente no grupo de fabrico/pasta *IV*.

Finalmente, a variante *D* surge neste estudo com bordo exvertido, com consideráveis 28 cm de diâmetro perfilados semicircularmente e com duas caneluras bem demarcadas sob o lábio no exterior (Apêndice G-I, PF00.Q4/5[1194]-046). De apenas 1 *NMI* identificado, integrado no grupo de fabrico/pasta *III*, totalizam-se 6 *NMI* de *tigela*, sendo que um destes de encontra indeterminado no que refere à variante.

À semelhança dos *pratos* já referidos enquanto detentores de dupla função, verifica-se cenário idêntico no que diz respeito à forma de *bacia*. Estas, consideravelmente mais complexas no ato de atribuição de função primária, podiam estar em hábitos de armazenamento de alimentos ou ser um elemento de auxílio nos cuidados de higiene. Porém, as que de seguida se expõem afiguram-se-nos de cariz armazenístico ou de apoio à confeção tendo em conta que não usufruem de acabamento cuidado.

Peças de perfil troncocónico, abertas e de bordo destacado, dividem-se em: variante *A*, de bordo exvertido, em bisel, com 44 cm de diâmetro, pendente e de secção triangular, assenta numa parede quase vertical, revestida no interior pela técnica de brunido (Apêndice G-I, PF00.Q4/5[1194]-060), prática presente nos 2 *NMI* identificados e inseridos no grupo de fabrico/pasta *III* e *IV*.

A variante *B*, consideravelmente distinta da anterior, apresenta bordo exvertido, com 44 cm de diâmetro, em aba de perfil semicircular e parede igualmente de tendência vertical

(Apêndice G-I, PF00.Q4/5[1194]-016). O único *NMI* identificado não apresentou qualquer revestimento conservado. Ainda assim foi passível de integrar o grupo de fabrico/pasta *III*.

Terminando esta peça e categoria funcional, a variante *C* regista lábio exvertido, com 31 cm de diâmetro, em aba semicircular no seu perfil, com dois pares de caneluras concêntricas, subtis, na aba do bordo, contendo entre si linhas incisivas ondulantes, com um acabamento em aguada vermelha (Apêndice G-I, PF00.Q4/5[1194]-061). Foi integrado no grupo de fabrico/pasta *III*.

Foram identificados 4 *NMI* para esta forma, estando presentes essencialmente no grupo de fabrico/pasta *III* e residualmente no *IV*.

Por fim, no grupo dos objetos de teor lúdico ou de lazer, reconhece-se a *peça* ou *malha de jogo*, fragmentos cerâmicos fracionados reaproveitados. De forma circular, as suas dimensões variam entre 2,1 cm x 2,5 cm e 2,5 cm x 2,9 cm, com 0,2 cm a 0,4 cm de espessura (Apêndice G-I, PF00.Q4/5[1194]-017). Foram identificados dois *NMI*, inseridos nos grupos de fabrico/pasta *I* e *III*.

Neste acervo de cerâmica comum/fosca foi identificada uma porção de parede que se distingue de forma clara de toda a coleção. Este fragmento caracteriza-se por apresentar perfil hemisférico, com 7 cm de altura máxima conservada e espessura homogénea de 0,4 cm. Este exemplar apresenta-se em tons escuros, negros, cinzentos escuros, quer nas superfícies, quer no cerne (Apêndice G-II, PF00.Q4/5[1194]-0201). É de salientar o forte registo de *ENP's*, compilados em micas, fragmentos calcários em menor número, moscovites e fragmentos pétreos de outras naturezas. Está integrada no grupo de fabrico/pasta *VII*.

Este conjunto é bem exemplificativo do que é exumado em intervenções arqueológicas de contextos de Época Moderna um pouco por todo o país. Todavia, perante as elevadas percentagens de cerâmica comum/fosca com outras categorias ceramológicas, não é compreensível a reduzida quantidade de estudos e publicações sobre este tema. Aliás, facto agravado quando os estudos são elaborados de forma repartida, sem cruzamento de dados com o restante espólio onde se insere.

Todavia, foi-nos possível estabelecer um conjunto de paralelos, iniciando-se pela forma de *bilha* presente no registo do século XVII do Convento de Nossa Senhora da Piedade, em Cascais (Cardoso, Rodrigues, 2002, p.280).

No que concerne ao *cântaro*, note-se a presença das variantes *A*, *B* e *F* num contexto que carece de datações afinadas na Calçada de São Lourenço, Lisboa (Diogo, Trindade, 2003, p.211). Partilhando as balizas cronológicas de transição dos séculos XV/XVI, e ambos em contexto de produção cerâmica, a variante *A* encontra semelhantes na olaria de Santo António da Charneca, Barreiro (Barros *et al*, 2012, p.704) e as *B* e *C* na Rua do Benfornoso, Mouraria, Lisboa (Marques *et al*, 2012, p.128).

Para a forma *garrafa* foi possível aferir, somente, a intervenção na Calçada de São Lourenço, Lisboa (Diogo, Trindade, 2003, p.213), patente aqui devido à sua localização geográfica. O mesmo já não se verifica para a almotolia, presente em momento de transição do século XVI/XVII na Fortaleza de Nossa Senhora da Luz, Cascais (Rodrigues *et al*, 2012, p.868).

Uma vez mais, a Calçada de São Lourenço, Lisboa, exhibe um paralelo para o conjunto do Hospital Real, sendo a *caçoila*, variante *A*, registada (Diogo, Trindade, 2003, p.213). Todavia, e inserida em contexto de produção, atente-se para a Rua do Benfornoso, Mouraria, Lisboa, em ambiente de fim do século XV e início da centúria seguinte (Marques *et al*, 2012, p.128).

Estes contextos de transição são por demais importantes para compreender as pequenas e subtis modificações morfológicas das peças, essenciais por vezes no afinamento cronológico de contextos. É possível verificar que no que respeita às formas de *caçoila* e *panela* a asa tende a reduzir-se e a apresentar-se predominantemente inclinada em direção à base, sub-horizontal, já no século XVI (Fernandes, Carvalho, 2003, p.232). No que concerne especificamente à *caçoila*, entre a segunda metade do século XV e a segunda metade do século XVI, esta forma regista uma continuidade morfológica em relação às da Baixa Idade Média. Posteriormente, verifica-se uma rutura, que se acentua no século XVII, assistindo-se a uma redução do tamanho da asa (Fernandes, Carvalho, 1998, p.213).

No caso da *panela*, as alterações adensam-se quando comparada com a *caçoila*. O bordo de inspiração medieval, exvertido e em aba horizontal de secção trapezoidal

progressivamente dá lugar ao bordo espessado ou boleado e semicircular na secção. Pormenor interessante diz respeito à localização das asas, em que se verifica uma continuidade no arranque das mesmas, verticais, a partir do bordo, culminando a meio do colo; a rutura surge, então, no fim do século XVI e início do século XVII, em que as pegas se desenvolvem no colo/corpo da peça, ainda verticalmente (Fernandes, Carvalho, 1998, p.212), horizontalizando-se progressivamente em fins do XVII.

A variante *A* de *panela* sugere a inspiração medieval supracita respeitante à morfologia do bordo, encontrando paralelos em contexto de transição do século XIV e século XV na Rua do Poço Novo, Cascais (Cardoso *et al*, 2000, p.97) e em Palmela (Fernandes, Carvalho, 1998, p.212).

Atentando os contextos de produção oleira do fim do século XV e início do século XVI, destaque para as variantes *C*, *G*, *H* e *I*, com paralelos na Rua do Benfornoso, Mouraria, Lisboa (Marques *et al*, 2012, p.127) e, a estas, acrescente-se as *D* e *F* para o ambiente de igual cronologia da olaria de Santo António da Charneca, Barreiro (Barros *et al*, 2012, p.704).

As panelas *D* e *G* encontram-se registadas em estratos arqueológicos em Palmela, em contextos quinhentistas (Fernandes, 2012, p.512) (Fernandes, Carvalho, 1998, p.212).

O *tacho*, com as variantes *A*, *B*, *D*, *F* e *H*, regista-se no contexto oleiro de transição XV/XVI da Rua do Benfornoso, Mouraria, bem como a forma *prato/tampa* e a *tigela*, variante *A* (Marques *et al*, 2012, p.128). Ainda assim, o panorama geral da forma *tigela* registou-se no contexto seiscentista do Convento de Nossa Senhora da Piedade, Cascais (Cardoso, Rodrigues, 2002, p.279).

A porção de parede inserida no grupo de fabrico/pasta VII atrás mencionada, devido à sua fragmentação, encontrou paralelos num contexto do século XVII no Canadá, sendo denominada por “Cerâmica do Prado”, das oficinas no Norte de Portugal, que tiveram o seu apogeu produtor entre os séculos XVII e XVIII (Fernandes, 2012, p.897). Em Lisboa, presente no registo arqueológico do Beco do Espírito Santo, Alfama (em estudo).

7.2.2. A cerâmica fina:

No presente momento, estas peças, de trato mais cuidado, expressaram-se através de oito formas principais distribuídas pelas distintas características funcionais.

Para fins de armazenamento, não necessariamente de líquidos, registou-se a forma de *pote*, destacado pelo seu perfil hemisférico. Por conseguinte, reconheceram-se quatro variantes.

Atendendo à primeira variante, *A*, esta apresenta-se com 10 cm de altura máxima, de bordo alto, ligeiramente exvertido, com diâmetro enquadrável entre valores de 7,5 cm e 14 cm, de tendência espessada e semicircular. Salienta-se, ainda no que concerne a esta fração da peça, uma canelura bem destacada imediatamente sob este, na superfície externa. O fundo, em “bolacha”, alto, raso e ligeiramente convexo demonstra valores diametrais entre 5 e 8,6 cm (Apêndice G-III, PF00.Q4/5[1194]-0143). Motivos, esses, que estão patentes em 2 *NMI*, encontrando-se enquadrados no grupo *III* de fabrico.

Prosseguindo com a *B*, esta salientou-se no conjunto pela forma hemisférica mais delineada e pela altura ligeiramente superior à variante anterior, com 10,3 cm. O bordo, de orientação semelhante à sua congénere já referida, difere na subtil horizontalidade, com 8 cm a 9 cm de diâmetro. O fundo de morfologia rasa é delimitado por uma canelura concêntrica bem demarcada na face externa. Com asa conservada, caracterizada pelo seu perfil ovalado e orientação vertical, arrancando diretamente do bordo e terminando a meio do colo (Apêndice G-III, PF00.Q4/5[1194]-0146), vai partilhar os seus atributos com a variante *C*. Com estes aspetos, foram contabilizados 5 *NMI*, integrados nos grupos de fabrico *I*, *III* e *V*.

Contrastando, a variante *C* representa os exemplares que apresentam perfil perfeitamente hemisférico e com maior altura, de 11,7 cm. O bordo, alto, considerado pela sua verticalidade e secção semicircular, apresenta diâmetro de 9,8 cm. No que concerne à base da peça, rasa, revela disparidade diametral, de 8 cm a 14 cm (Apêndice G-III, PF00.Q4/5[1194]-0103). Assim, totalizou-se 2 *NMI* incluídos no grupo *III*.

Por fim, a variante *D* difere no seu colo alto, assente em perfil hemisférico. Não sendo possível determinar a altura, registe-se a morfologia do bordo, alto, vertical e semicircular na secção, com 8 cm de diâmetro (Apêndice G-III, PF00.Q4/5[1194]-0177). Integrado no grupo de fabrico *V*, encontra-se individualizado o único indivíduo registado nesta variante.

É de mencionar a existência de acabamento exterior em “aguada vermelha” no total dos 18 *NMI*, sendo que 8 destes carecem de melhor afinamento discriminatório, motivo que justifica a adjectivação de “indeterminados”.

Ainda que não tendo como função conter viveres, o *testo* apresenta-se como elemento indispensável a esta utilidade, selando os contentores que armazenam.

De morfologia aberta, troncocónica e de pega central, foram reconhecidas três grandes variantes, sendo que a *A*, recorrendo a um elemento aparentemente decorativo, e possivelmente funcional mas que não nos afigura perceptivo por ora, se ramifica em *A1* e *A2*. Ambas detêm, respetivamente, altura de 2,3 cm e 2,5 cm, bordo exvertido, com 13 cm e 14 cm, sendo espessado e de secção semicircular (Apêndice G-III, PF00.Q4/5[1194]-0173 e PF00.Q4/5[1194]-0142). Ostentam asa/pega em botão localizado mesialmente na superfície interna da peça. O elemento discriminatório, já referido, regista-se em *A2*. Apresenta-se considerável desfasamento no que concerne ao *NMI*, sendo que *A1* detém 6 e a *A2* apenas 1, integrados no terceiro grupo de fabrico.

A variante *B*, de 3 cm de altura, apresenta bordo de igual orientação, com diâmetro balizado entre os 16,5 cm e 24 cm, exvertida, aba espessada horizontal e semicircular na secção (Apêndice G-III, PF00.Q4/5[1194]-0096). Partilha morfologia de asa/pega com *A*. Com base nestes pressupostos, identificaram-se 4 *NMI* inseridos no grupo *I* de fabrico.

Por fim, devido à única fração de fundo distinta dos exemplares em acima referidos, optou-se por atribuir a variante *C*. Esta base de *testo* apresenta morfologia rasa, com diâmetro entre 5 cm e 6 cm, distinguindo-se pela asa/pega destacada e compacta, em botão (Apêndice G-III, PF00.Q4/5[1194]-0174). Considerando os seus 4 *NMI*, inseridos no grupo *V*, totalizam-se para esta forma 25 indivíduos, sendo que 9 encontram-se por determinar.

Nos quotidianos arqueológicos de Época Moderna, a cerâmica fica representa, não raramente, considerável percentagem no registo. Neste momento em particular, esta categoria apresenta-se como eixo “dorsal” de todo o conjunto, viabilizando o reconhecimento de peças morfologicamente características deste conjunto ceramológico.

No que concerne às *tampas*, de forma campaniforme e com elementos distintivos que nos permitem reconhecer variantes. Comum a estas é o topo em asa/pega alta, ou não,

estribada e as tão distintas caneluras concêntricas que dão a esta forma a sua grande variabilidade no perfil. Assim, a primeira variante reconhecida, *A*, apresenta peças com altura de cerca de 6,8 cm, composta por três caneluras concêntricas bem pronunciadas, especialmente próxima do fundo formando perfil em aba horizontal. O fundo regista-se estribado e estrangulado, com 7,7 cm de diâmetro. Destaque para a asa/pega alta em botão (Apêndice G-III, PF00.Q4/5[1194]-0134). Para esta variante foram reconhecidos 5 *NMI*.

A variável *B*, contrasta com a anterior na presença de apenas duas caneluras concêntricas, destacada pela aba horizontal que ladeia a base da peça. O fundo do objeto, com 5 cm diametrais, apresenta-se mais alto que o da descrição anterior, estribado e estrangulado (Apêndice G-III, PF00.Q4/5[1194]-0135). Partilha a morfologia da asa/pega com a *A*. Todavia, apesar deste conjunto de características bem definidoras de perfis morfológicos, reconheceu-se somente 1 *NMI*.

Consideravelmente mais baixa que as supracitadas, a variante *C* compõe-se com uma canelura concêntrica, formando uma aba bem destacada e de tendência diagonal (Apêndice G-III, PF00.Q4/5[1194]-0136). O fundo, bem como a asa/pega, idênticos aos já caracterizados, detém 6,5 cm de diâmetro, reconhecido apenas em 1 *NMI*.

De morfologia ligeiramente mais hemisférica, a variante *D* representa os exemplares com altura de 5,4 cm, que exibem duas caneluras concêntricas e uma aba horizontal que circunda o fundo, de 5,6 cm de diâmetro, de morfologia idêntica aos já mencionados – bem como a asa/pega (Apêndice G-III, PF00.Q4/5[1194]-0137). Tal como a variante *C*, nesta registou-se 1 *NMI*.

A variante *E* revelou-se ligeiramente mais cônica que as anteriores, detendo, somente, uma canelura sobre uma aba concêntrica horizontal. O fundo, estribado e estrangulado, apresentou-se com 6,8 cm de diâmetro, terminando a peça uma asa/pega em botão (Apêndice G-III, PF00.Q4/5[1194]-0138). Reconheceu-se apenas 1 *NMI* para esta variável.

A variante *F* não apresenta dados morfológicos suficientes que justifiquem essa opção, considerando o seu perfil campaniforme, cônico, ainda que de maiores dimensões que as variantes anteriores. Considerando a fração sobranceira, o fundo estribado, com 10 cm de diâmetro, ladeado por uma aba concêntrica acentuada, de secção triangular, reside aqui o

elemento discriminatório que valida a existência desta variante: motivo ondulante/serpenteante efetuado por incisão (Apêndice G-III, PF00.Q4/5[1194]-0139). Contudo, tal como nas anteriores, note-se 1 *NMI* nesta variante.

Por fim, a variante *G* distingue-se pela sua asa/pega em botão, alto, e profusamente elaborado, presenteado com duas caneluras concêntricas em aba de secção semicircular, bem como o colo alto e bem destacado (Apêndice G-III, PF00.Q4/5[1194]-0140). O único *NMI* reconhecido para esta variante, somando com os anteriores, obtém-se um total de 11 *NMI* exclusivamente presentes no grupo *III* de fabrico. Atente-se, ainda, o acabamento final e cuidado de aguada avermelhada a que todos os indivíduos foram sujeitos.

Num ambiente em que o consumo individual entra nos quotidianos e mentalidades, para consumo e ingestão de líquidos foram reconhecidas três tipologias essenciais. A primeira reside no *púcaro* que se destaca, com cinco variantes que partilham a tendência hemisférica encimada por colo mais, ou menos, alto, de perfil oblíquo e exvasado. Comum é, também, o elemento de suspensão, asa, que arranca diretamente do bordo, terminando a meio do colo.

No que diz respeito à primeira variante, *A*, esta subdivide-se atendendo ao discreto elemento de bordo e/ou morfologia da base ao qual faremos menção de seguida.

A subvariante *A1* apresenta valores verticais entre 8,3 cm e 9,5 cm, encimando bordo com diâmetro compreendido entre 6,6 cm e 8 cm. Esta dimensão é apresentada em todo o seu diâmetro por lábio espessado, e de secção semicircular. Concernente à base, de morfologia rasa, pontualmente côncava ou convexo, com valores diametrais de 3,7 cm a 5 cm (Apêndice G-III, PF00.Q4/5[1194]-0151). Esta subvariante é a que maior expressão revela no âmbito do cálculo de *NMI*, com cerca 40, distribuídos pelos cinco primeiros grupos de fabrico.

Em *A2* estão presentes elementos distintivos que merecem atenção: altura semelhante à anterior, de 8,3 cm a 9,4 cm, bordo de diâmetro mais reduzido, de 6,3 cm a 7,6 cm, de orientação exvertida, mais espessado que o antecedente e de igual secção. Fundo sempre convexo e de valores muito homogêneos, entre 4,3 cm e 5 cm. Como elementos discriminatórios atenta-se uma canelura concêntrica entre o corpo e o colo da peça, não se

verificando em *A1* ou na seguinte (Apêndice G-III, PF00.Q4/5[1194]-0124). Identificaram-se 27 *NMI* registados nos grupos *I* e *II* mas com maior expressão em *III*.

Na última subvariante *A* de *púcaro*, *A3*, note-se a altura idêntica à máxima registada em *A1*, 9,5 cm, apresentando valores diametrais de 6,6 cm a 8 cm no bordo, lábio exvertido e sempre de secção trapezoidal. Esta norma verifica-se no fundo, sendo impreterivelmente raso, de 4,8 cm a 6 cm de diâmetro. A existência de uma linha incisa concêntrica demarcando o corpo do colo da peça é um aspeto que justifica esta opção (Apêndice G-III, PF00.Q4/5[1194]-0094). Assim, foi possível determinar a existência de 28 *NMI* nesta subvariante, repartidos entre os grupos de fabrico *II* e *III*.

A variante *B* individualiza-se das restantes pela sua morfologia de corpo ligeiramente trapezoidal, de arestas bem demarcadas, exibindo entre o corpo e o colo uma canelura bem demarcada de secção triangular. Não tendo um exemplar de perfil completo, foi-nos possível registar, somente, a tendência estribada e convexa do fundo, bem como os valores diametrais de 4,8 cm a 6 cm (Apêndice G-III, PF00.Q4/5[1194]-0131). Apesar dos seus elementos peculiares, foram conseguidos 4 *NMI* integrados no grupo de fabrico *III*.

Alusivamente às duas variantes seguintes, *C* e *D*, o “mundo morfológico” partilha semelhanças, mas não as suficientes para que sejam integradas enquanto uma.

No que concerne à *C*, esta apresenta-se com 6,8 cm de altura, exibindo um colo mais curto sob bordo ligeiramente exvertido, com 5,8 cm de diâmetro, semicircular na secção. Ainda destaque para o fundo raso, com 4,8 cm diametrais (Apêndice G-III, PF00.Q4/5[1194]-0115). Estes elementos foram considerados com base na observação e métrica de 4 *NMI*, presentes no segundo grupo de fabrico.

Por outro lado, a variante *D* apresenta bordo vertical, e não exvertido como a sua congénere anterior, de 5,5 cm de diâmetro e terminando em secção semicircular. Partilhando um colo curto, apresenta uma canelura a separá-lo do corpo da peça (Apêndice G-III, PF00.Q4/5[1194]-0116). Foi reconhecido um único *NMI* que permitiu estabelecer esta variável de *púcaro*, inserido no grupo de fabrico *II*.

Concluindo, a variante *E* foi a que melhor se distinguiu no conjunto: de corpo mais hemisférico que as restantes peças, apresenta-se de maior dimensão, com duas caneluras

concêntricas a separar o colo da peça, terminando em base de morfologia rasa de 6,1 cm de diâmetro. É de realçar que esta é a única variante a apresentar duas asas ovaladas verticais e curtas, opostas, que arrancam do corpo da peça (Apêndice G-III, PF00.Q4/5[1194]-0170). Com estas características contabilizaram-se 2 *NMI* de cariz de produção típica do grupo *III*.

Assim, foram totalizados 118 *NMI*, sendo que 12 destes não apresentavam porções suficientes que permitissem aferir variante.

A *caneca* foi a segunda forma de objetos de cariz individual de consumo de líquidos. Estas são peças verticais, ligeiramente oblíquas e fechadas, contendo uma asa ovalada vertical no corpo. Todavia, foram registados alguns elementos morfológicos que nos permitiram aferir duas variantes.

A variável *A* regista exemplares com altura de 8,7 cm, encimados por bordo vertical, com 7 cm de diâmetro e de secção semicircular. No que concerne ao fundo, de 6,1 cm diametrais, apresenta-se com sucessão de três caneluras concêntricas de secção triangular (Apêndice G-III, PF00.Q4/5[1194]-0132). Com base nestes pormenores estilísticos e, possivelmente, utilitários, foi reconhecido 1 *NMI* para esta variante.

Respeitante a variante *B*, apresenta-se em conformidade com a anterior, sendo que exhibe fundo de tendência rasa, com 5 cm diametrais, delimitado por uma sucessão de três caneluras concêntricas de secção semicircular (Apêndice G-III, PF00.Q4/5[1194]-0133).

Somando ambas, totalizam-se 2 *NMI* incluídos unicamente no grupo de fabrico *III*.

Por fim, e ainda alusiva ao consumo individual, a *garrafa* apresenta-se com perfil tendencialmente hemisférico, quase ovoide, encimado por bordo e não gargalo vertedor, sendo este um importante elemento discriminatório no que concerne à distinção desta peça com a *almotolia* registada na cerâmica comum/fosca.

Distingue-se das tradicionais *garrafas* em cerâmica comum/fosca por ser de reduzida dimensão e apresentar um acabamento em aguada avermelhada. Assim, apresenta bordo exvertido, com 5 cm de diâmetro, de secção triangular, delimitado por uma sucessão de três caneluras concêntricas assente num colo alto (Apêndice G-III, PF00.Q4/5[1194]-0105). Aferiu-se, apenas, 1 *NMI* inserido no grupo *I* de fabrico.

Respeitante ao consumo pessoal de alimentos, possivelmente à mesa, e mantendo o espírito do individualismo em voga em Europa moderna, este ambiente foi espelhado na forma de *prato*, peça aberta, baixa e de característica troncocónica de 2 cm de altura. Esta forma em concreto exhibe bordo exvertido, de 18 cm de diâmetro, com aba horizontal, assente em corpo oblíquo e em fundo raso de 12 cm diâmetros (Apêndice G-III, PF00.Q4/5[1194]-0149). Foi reconhecido apenas 1 *NMI* em sintonia com as características macroscópicas do grupo de fabrico *III*.

Por fim, e no que concerne à iluminação, foi identificada uma hipotética base de *candelabro* de reduzidas dimensões. Apresenta fundo raso, com 4 cm de diâmetro, colmatado por uma aba vertical concêntrica de perfil semicircular que ladeia um corpo alto e estreito (Apêndice G-III, PF00.Q4/5[1194]-0100). Foi reconhecido apenas 1 *NMI* inserido, com estas presentes características, no grupo *I*.

É de salientar a presença de indivíduos de outras produções geográficas portuguesas. Esta premissa é corroborada pela análise de, pelo menos, 1 *NMI*, classificado como *púcaro* (de variável não determinada), de forma hemisférica, bordo exvertido, com 12 cm de diâmetro, espessado e semicircular na secção. O fundo apresenta-se de morfologia rasa com 7,5 cm de igual natureza que a porção de bordo. Estes exemplos destacam-se pela pasta avermelhada escura/acinzentada, com *ENP's* em claro destaque, compostos por micas e calcários, escassamente, e em maior predomínio os fragmentos pétreos de média e grande dimensão de natureza não determinada (Apêndice G-II, PF00.Q4/5[1194]-0202 e PF00.Q4/5[1194]-0203).

Na intensa procura de paralelos formais que enquadrassem o conjunto supracitado e nos fornecessem pistas quando a possíveis balizas cronológicas, o *pote*, primeira menção no grupo da cerâmica fina, encontrou pistas em contexto do século XVII no Canadá (Newstead, 2013, p.143). Neste mesmo local, e para cronologia de seiscentos, foi exumada a forma de *testo*, inserindo as variantes detectadas no presente contexto (*Idem*, 2008, p.77). Em território nacional, e nas imediações de Lisboa, foram recolhidos objectos formalmente idênticos aos *testos* inseridos em conjuntos de materiais datados do fim do século XVI, início de XVII, no Lago do Coreto, Carnide (Caessa, Mota, 2013, p.1032) e em contexto seiscentista do Convento de Nossa Senhora da Piedade, Cascais (Cardoso, Rodrigues, 2002, p.278). Atendendo a contextos de produção, os *testos*, com principal foco na nossa variante *A*, detectaram-se paralelos em ambientes do fim do século XV e início de XVI, na Rua do

Benfornoso, Mouraria (Marques *et al*, 2012, p.128), bem como na olaria de Santo António da Charneca, Barreiro, de igual cronologia (Barros *et al*, 2012, p.704). Todavia, apesar de descontextualizados estratigraficamente, foram recolhidos similares na Calçada de S. Lourenço, em Lisboa (Diogo, Trindade, 2003, p.213). Esta última intervenção ainda forneceu, em igual âmbito, paralelo formal para a *tampa*, variante A (*Idem*, 2003, p.213), em Lisboa, bem como para as variantes E, F e G, em estratigrafia de produção do fim do século XV e início do XVI, na Rua do Benfornoso, Mouraria (Marques *et al*, 2012, p.128) ou em ambiente da segunda metade do século XVI do edifício do Aljube, Lisboa (Santos, 2008, pp.329-335). Por fim e ainda respeitante à forma de *tampa*, o contexto de XVI e XVII da Fortaleza de Nossa Senhora da Luz, Cascais, forneceu importantes paralelos para as variantes D e F (Rodrigues *et al*, 2012, p.868).

No largo espectro de variantes de *púcaros*, a análise de paralelos nem sempre se revelou de fácil compreensão. Todavia, no que respeita às subvariantes A, registaram-se peças semelhantes em ambiente do fim de quinhentos na Igreja da Sé, em Salvador da Bahia, Brasil (Etchevarne, 2012, p.33) ou, de uma forma geral, em outro hemisfério, em contexto de transição do século XVI para o XVII, em Southampton, Inglaterra (Gutierrez, 2007, p.71). Para a geografia lisboeta, os paralelos são de sítios variados, mas destacamos, novamente, o contexto oleiro dos séculos XV/XVI da Rua do Benfornoso, Mouraria (Marques *et al*, 2012, p.128). Estão presentes peças morfologicamente idênticas em estratigrafias do século XVI no Largo do Terreiro do Trigo, Lisboa (Gonzalez, 2012, p.89) e em momentos do século XVI/XVII da Rua do Espírito Santo, Castelo, Lisboa (Filipe *et al*, 2013, p.10). Ainda que não tendo sido possível a atribuição cronológica, parece-nos sensato mencionar o contexto da Calçada de S. Lourenço, em Lisboa (Diogo, Trindade, 2003, p.213).

É igualmente interessante a menção a paralelos do *púcaro*, variante D, em dois contextos conventuais de geografias distintas: novamente o do século XVII do Convento de Nossa Senhora da Piedade, Cascais (Cardoso, Rodrigues, 2002, p. 282) e o do Convento de Santana, Lisboa, ainda que paralelo inserido em ambiente de fossa /lixreira com despejos do fim do século XVI e primeira metade do século XVII (Gomes *et al*, 2013, p.1059).

Por fim, no que concerne à forma *caneca*, encontra-se paralelo inserido em contexto de entulho do grande sismo de 1531 da Rua dos Correeiros, Lisboa (Diogo, Trindade, 2000, p.230).

7.2.3. A cerâmica comum vidrada:

A presente categoria ceramológica caracteriza-se pela cobertura em vidrado de chumbo de distintas colorações, cujos processos de revestimento estão patentes em alguns indivíduos, observando-se parte em “chacota” ou “biscoito” e o engobe branco que, numa primeira cozedura, cobriria a peça para que esta pudesse receber o vidrado.

Um dos grupos funcionais que identificámos recaiu na ingestão de líquidos. Verificando-se que, quando comparado com a cerâmica comum/fosca, está presente igualmente a *almotolia*. De descrição distinta da estabelecida no grupo da cerâmica dita comum, esta apresenta-se com 13,5 cm de corpo tendencialmente hemisférico, quase ovoide, com acentuado estreitamento no colo, dando origem ao bordo de 3,5 cm diâmetros, espessado e com vertedor. No que respeita ao fundo, apresenta-se raso e com 4 cm de diâmetro. Registe-se, ainda, a presença de uma asa ovalada vertical. Delimitando o colo e bordo, note-se a existência de duas caneluras concêntricas de secção semicircular e uma linha horizontal concêntrica a meio da peça (Apêndice G-IV, PF00.Q4/5[1194]-0221). Foi identificado apenas 1 *NMI* da presente forma, integrado no grupo de vidrado V6, e de fabrico/pasta III.

Apresentando função ambígua, quer de armazenamento quer de auxílio na confeção, ou menos provável mas ainda assim de considerar o propósito higiénico, a *bacia* de seguida discriminada encontra-se na primeira funcionalidade, sendo peças abertas e de perfil troncocónico. Todavia, optou-se pela sua divisão em variantes considerando alguns aspetos formais mas, também, vidrados e produções.

A variante A englobou todas as bacias que se apresentaram com bordo exvertido, com diâmetro enquadrado entre 32 cm e 36 cm, espessado e em bisel, de secção triangular (Apêndice G-IV, PF00.Q4/5[1194]-0228). Com estes atributos foram reconhecidos 2 *NMI* integrados nos grupos de vidrado V5 e parcamente no V8 e, quanto ao fabrico no grupo de fabrico/pasta III.

Para a B foram consideradas as peças de bordo igualmente exvertido, com 20 cm de diâmetro, boleado e de secção semicircular (Apêndice G-IV, PF00.Q4/5[1194]-0229). Com 1 *NMI*, este foi enquadrado no grupo de vidrados V8 e III de fabrico/pasta.

No que concerne à variável *C*, a altura reside em 10,5 cm, o bordo, de orientação exvertida e 42 cm de diâmetro, ornamentado com duas caneluras concêntricas na superfície interna, terminando em fundo raso de 32 cm diâmetros (Apêndice G-IV, PF00.Q4/5[1194]-0219). Foi identificado apenas 1 *NMI* inserido no grupo de vidro *V5* e de fabrico/pasta *III*.

Por fim, a variante *D* apresenta morfologia de bordo idêntica, exvertida, com 44 cm de diâmetro, em bisel e pendente, decorado com “cordão” negativo concêntrico contornando o lábio da peça (Apêndice G-IV, PF00.Q4/5[1194]-0224). Esta variante destaca-se pelo facto de ser dominada pelo grupo de vidro *V7* e de fabrico/pasta *IX*.

Foram contabilizados 9 *NMI*, mas permanecendo 4 deles por determinar a variante.

Para as peças cerâmicas que visavam a confeção de alimentos, identificou-se a *caçoila*, de morfologia aberta, baixa e troncocónica, tendo alguns elementos que merecem destaque.

A primeira variante a referir, *A*, com altura a residir no valor 4,5 cm, apresenta-se com bordo ligeiramente invertido, com 23 cm diâmetros, espessado e semicircular. Apresentando ângulo subtilmente convexo, mas na sua generalidade raso, o fundo registou-se com 22 cm de diâmetro. Sendo um elemento típico de caçoilas, as duas asas triangulares sub-horizontais e discretamente pendentes estão presentes no bordo, opostamente (Apêndice G-IV, PF00.Q4/5[1194]-0227). Estas características encontram-se vigentes em 1 *NMI*, integrado no grupo de vidro *V4* e de fabrico/pasta *III*.

Por fim, a variante *B* ostenta bordo vertical, com 24 cm de diâmetro, ligeiramente espessado e semicircular na secção. Todavia, a morfologia de asa desta variante contrasta de sobremaneira com as mais comuns em contextos arqueológicos modernos, nomeadamente a variante *A* supracita, sendo torcida e horizontal, que arranca do bordo da peça, terminando sob este. Destaque, ainda, para a presença de duas linhas incisivas concêntricas na superfície externa do colo da peça (Apêndice G-IV, PF00.Q4/5[1194]-0213). Tal como a anterior, foi reconhecido somente 1 *NMI*, fazendo este parte do grupo de vidro *V8* e de fabrico/pasta *III*.

Levados à mesa ou em uso de cozinha, e o *prato* está presente neste contexto cerâmico. Esta peça, de forma aberta e perfil troncocónico apresenta-se em cinco conjuntos, correspondendo às distintas variantes identificadas.

A primeira variante, *A*, impossibilitada de obtenção de altura, revela bordo exvertido, com 22 cm de diâmetro, espessado e em aba horizontal de secção semicircular decorada com duas linhas incisivas concêntricas na superfície interna (Apêndice G-IV, PF00.Q4/5[1194]-0220). Com estas características identificaram-se 3 *NMI* integrados no grupo de vidro V5 e fabrico/pasta *III*.

Respeitante à *B*, o objeto apresenta-se com paredes mais verticalizadas, encimadas por bordo ligeiramente invertido, com 26 cm de diâmetro, espessado e ladeado por um perfil semicircular (Apêndice G-IV, PF00.Q4/5[1194]-0222). Foi identificado 1 *NMI*, inserido no grupo de vidro V7 e de fabrico/pasta *IX*.

No que concerne à variante *C* esta distingue-se das anteriores por ostentar bordo espessado, de 16 cm de diâmetro, em aba (Apêndice G-IV, PF00.Q4/5[1194]-0223). O único *NMI* identificado com estas características recaiu no grupo de vidro V7 e fabrico/pasta *IX*.

A variante *D* foi concretizada considerando a porção de fundo que dificilmente se enquadraria nas restantes. Morfologicamente raso, subtilmente concavo, detém 6 a 8 cm de diâmetro, contendo carena bem destaca na superfície interna (Apêndice G-IV, PF00.Q4/5[1194]-0210). Reconheceram-se 2 *NMI* incluídos no grupo de vidro V4 e de fabrico/pasta *III*.

Por fim, a variante *E* apresenta fundo anelar com diâmetro enquadável entre 7 cm e 9 cm de diâmetros (Apêndice G-IV, PF00.Q4/5[1194]-0215). Com 2 *NMI* reconhecidos e os únicos incluídos no grupo de vidro V3 e de fabrico/pasta *III*.

Note-se o total de 11 *NMI* identificados e reconhecidos para a forma de *prato*, sendo que a 2 destes não foi fiável o atributo de variante.

No âmbito da *tigela*, caracterizadas pela sua forma aberta e troncocónica ou hemisférica, foram passíveis de reconhecimento três variantes.

A variante *A* apresenta-se com bordo subtilmente invertido, com 15 cm diâmetros, e com secção semicircular. Dado a elevada fragmentação, só foi possível reconhecer este parco conjunto de atributos morfológicos e métricos (Apêndice G-IV, PF00.Q4/5[1194]-0206). Ainda assim, contabilizou-se 1 *NMI* seguindo os parâmetros do grupo de vidrado *V3* e de fabrico *III*.

Na segunda variável, *B*, forma troncocónica e aberta, regista-se a altura de 8,3 cm, encimada por bordo ligeiramente exvertido, de diâmetro compreendido entre 14 cm e 19 cm, sobre uma carena consideravelmente destacada, assente em fundo anelar de 4 cm a 7 cm diâmetros (Apêndice G-IV, PF00.Q4/5[1194]-0207). Esta foi a variante que reconheceu maior número de *NMI*, 5, integrados nos grupos de vidrado de *VI* a *V3* e de fabrico/pasta apenas no *III*.

Finalmente, a variante *C* destaca-se por se apresentar de perfil hemisférico e com bordo exvertido de 14 cm de diâmetro, espessado e de secção semicircular (Apêndice G-IV, PF00.Q4/5[1194]-0226). Foi apenas reconhecido 1 *NMI* com características de grupo de vidrado *V8* e de fabrico/pasta, tal como as anteriores mencionadas, *III*.

No total das tigelas, foram contabilizados 9 *NMI*, apesar da não aferição de variante a 2 *NMI*.

Contrastando com o grupo da cerâmica comum/fosca, aqui registam-se peças de fins sanitários, a que é exemplo o *bispote*. Esta peça, genericamente, reconhece-se pela sua verticalidade, quase cilíndrica, ligeiramente aberta, apresentando bordo exvertido, entre os 30 cm e 32 cm de diâmetro, em aba horizontal e espessada (Apêndice G-IV, PF00.Q4/5[1194]-0230). Desta forma, foram exumados 2 *NMI* similares a esta descrição e integrados no grupo de vidrado *V8* e no fabrico/pasta *III*.

No que concerne à presença desta categoria ceramológica, caracterizada pelo seu revestimento em vidrado de chumbo, a par da cerâmica comum/fosca é uma forte presença nos registos arqueológicos de época moderna.

Para a forma de *almotolia* foram encontrados semelhantes no contexto de produção oleira, de transição dos séculos XV-XVI de Santo António da Charneca, Barreiro (Barros *et al*, 2012, p.704).

Respeitante às *bacias*, as formas da primeira metade do século XV afirmaram-se com maior consistência a partir de meados do século e início do XVI. Para o bordo, no lábio, as decorações incisas paralelas perduram nesse século, atenuando-se na centúria seguinte, dando lugar à ornamentação incisa ondulante (Fernandes, Carvalho, 1998, p.213).

Os paralelos formais registaram-se num contexto de setecentos do Convento de S. Francisco de Alferrara, em Palmela (Fernandes, Carvalho, 2003, p.242), no contexto de transição para o século XVII no Largo do Chafariz de Dentro, Alfama (Silva *et al*, 2013, p.80) e em igual cronologia no Convento de S. Francisco, Lisboa (Torres, 2011, p.247-249).

O *bispote* revestido em vidrado de chumbo apresenta morfologia semelhante aos exemplares em cerâmica comum/fosca exumados no contexto oleiro da Rua do Benfornoso, Mouraria, de transição do século XV para o XVI (Marques *et al*, 2012, p.128) e a um ornamentado de igual forma num ambiente em silos repletos de materiais do fim do século XVI, início do século XVII do Largo do Coreto, Carnide (Caessa, Mota, 2013, p.1032).

Por fim, concernente à *tigela*, variante *B*, aquela mais carenada, encontra paralelo formal e tipológico nos arredores de Lisboa, nomeadamente no contexto dos séculos XVI/XVII do Largo do Coreto, Carnide (Caessa, Mota, 2013, p.1032). Afinando esta cronologia, atente-se o contexto após a construção da Casa dos Bicos, Lisboa, em 1532 (Coelho, 2013, p.1087) e o ambiente de produção, em contexto de século XV/XVI, da Olaria de Santo António da Charneca, Barreiro (Barros *et al*, 2012, p.704). Foram igualmente exumados exemplares em contextos quinhentistas, em Alenquer, também apresentando engobe branco nas paredes sob o revestimento vidrado (Cardoso, *et al*, 2001, p.7).

7.2.4. A cerâmica modelada:

Nesta singular categoria cerâmica denote-se a diversidade funcional das peças, apresentando, por vezes, mais que uma ou duas funções, aspeto que se complexificava aquando da justificação destas funções através da morfologia. Deste modo, optou-se por diferenciar taça de pote, as duas grandes formas presentes no registo, considerando a orientação, dimensão e morfologia do corpo.

No que concerne aos fins de armazenamento, identificou-se o *pote* cuja primeira variante, *A*, se apresenta com altura de 10,5 cm, encimada por bordo exvertido, de 10 cm a

17 cm de diâmetro, aprimorado com morfologia boleada e secção semicircular. No que ao fundo diz respeito, este surge convexo e com 6 cm diametrais. Quanto à ornamentação, de forma geral, é composta por uma canelura concêntrica, semicircular, junto ao bordo e uma outra, de perfil trapezoidal, que ladeia a base da peça. Entre estas verificou-se decoração constituída por onfalos horizontais ou depressões alongadas, executadas do exterior para o interior da peça, por instrumento rombo. Apresentam-se, ainda, dois arranques de asas verticais, ovaladas e opostas, a partir do estrangulamento do bordo (Apêndice G-V, PF00.Q4/5[1194]-0184). Inseridos nestas características, identificaram-se 2 *NMI*.

A variante *B* destacou-se pelo corpo tendencialmente hemisférico/campaniforme, com o fundo e o colo a sugerir estreitamento. No que diz respeito ao fundo, este apresentou-se de morfologia rasa, com diâmetro balizavel entre os 4,3 cm e 5,5 cm. Esta variante distingue-se, igualmente, pela presença de duas caneluras concêntricas de secção semicircular, limitando decoração ovoide incisa, executada do exterior para o interior do objeto (Apêndice G-V, PF00.Q4/5[1194]-0185). Assim, totalizou-se 4 *NMI*.

Por fim, a variante *C* surgiu com perfil hemisférico, bordo vertical de 10,6 cm de diâmetro, ligeiramente exvertido e de secção semicircular. Exibe gramática de duas linhas incisivas concêntricas junto ao bordo, delimitando-o (Apêndice G-V, PF00.Q4/5[1194]-0191). Contrastando com as variantes anteriores, esta apresenta somente 1 *NMI*, totalizando 8 *NMI* sendo que, um destes, necessita de refinamento descritivo e formal para que seja possível atribuir correspondência. Todavia, todos estão inseridos no grupo de fabrico *III*.

Para a prática individual de ingestão de líquidos, distinguiu-se a forma de *taça*, auxiliada pela descrição formal das três variantes.

Concernente à variante *A*, esta surge no “mundo objectual” com tendência troncocónica ou ligeiramente hemisférica inserida em altura variável entre 5,5 cm e 8 cm. É composta por bordo exvertido, de 10 cm a 14 cm de diâmetro, espessado e semicircular na secção. O fundo, de 8 cm a 10 cm diametrais, encontra-se bem demarcado pela carena destacada, de onde arrancam em sentido vertical duas asas ovaladas e opostas. No que à decoração diz respeito, esta é organizada entre duas caneluras concêntricas, com decoração ovoide incisa executada do exterior para o interior (Apêndice G-V, PF00.Q4/5[1194]-0178). Assim, foram reconhecidos 20 *NMI*.

A variável *B* apresenta-se de tendência troncocónica culminada em fundo convexo, de 5,3 cm de diâmetro, decorada singelamente por uma canelura concêntrica de secção trapezoidal no colo e uma asa ovalada vertical (Apêndice G-V, PF00.Q4/5[1194]-0194). Para esta variável de taça incluem-se 14 *NMI*.

Por fim, a variante *C* surge-nos, apenas, com uma pequena fração de “pé” alto, estreito e vertical, em que o arranque da base observou-se de tendência ligeiramente hemisférica e bem destacada, encimada por um colo estreito decorado por uma acentuada canelura e arranque de copa de igual tendência globular (Apêndice G-V, PF00.Q4/5[1194]-0183). Foi reconhecido somente 1 *NMI*.

É de referir o acabamento em aguada vermelha em todos os exemplares contabilizados, 35 *NMI*, inseridos nos grupos de fabrico de *I* a *V*, mas com maior domínio no *III*.

As cerâmicas modeladas do Hospital Real encontram fortemente paralelos em contextos arqueológicos associados ao século XVII, não invalidando o seu registo, ainda que parcamente, em ambientes do século anterior. Um destes contextos, de transição, registou-se no Poço dos Paços do Concelho de Torres Vedras (Luna, Cardoso, 2006, p.108), na Fortaleza de Nossa Senhora da Luz, Cascais (Rodrigues *et al*, 2012, p.868) e no Largo do Chafariz de Dentro, Alfama, Lisboa (Silva *et al*, 2012, p.81). Mantendo a área geográfica de Lisboa, o contexto do século XVI no Beco das Barrelas, Alfama (Oliveira, 2012, p.55) ou o ambiente de aterro datado da segunda metade do século XVII, no Pátio Linheiro, Largo dos Trigueiros, Mouraria (Bargão, Ferreira, 2013, p.1051).

Curioso, ou não tanto, a forte presença deste tipo ceramológico em espaços conventuais: contexto de transição XVI/XVII no Convento de Santana, Leiria (Trindade, 2012, p.60) ou apontado como seiscentista, o Convento de Cristo, Tomar (Ferreira, 1994, p.194).

Todavia, em locais com uma longa diacronia, e de mutações acentuadas em Época Moderna, a aferição cronológica complexifica-se, referindo o contexto compreendido entre o século XIV e o século XVIII de Palmela (Fernandes, Carvalho, 1998, p.215).

No que concerne à forma de *pote* identificada, encontramos paralelos em contextos estudados do século XVI, uma vez mais em contexto conventual, na Igreja do Convento de Santiago, Palmela (Fernandes, 2012, p.513).

No âmbito da *taça*, genericamente, em contextos atlânticos do fim do século XVI, na Igreja da Sé, Salvador da Bahia, Brasil (Etchevarne, 2012, p.33).

Em espaço continental português, em momento do século XVII, encontramos similares na alcáçova de Coimbra (Ferreira, 1995, p.154), no Convento de Santa Clara, Moura, de igual cronologia (Rego, Macias, 1994, p.148) e, uma vez mais, no Convento de Nossa Senhora da Piedade, Cascais (Cardoso, Rodrigues, 2002, p.283) e associadas a materiais do século XVI/XVII exumados no Largo do Coreto, Carnide (Caessa, Mota, 2013, p.1032).

Concretamente à *taça*, variante A, foi a única que nos foi possível determinar contextos e paralelos. Deste modo, destacamos o contexto de produção (não necessariamente de cerâmica dita modelada) de transição dos séculos XV e XVI da Rua do Benfornoso, Mouraria, Lisboa (Marques *et al*, 2012, p. 128), o ambiente seiscentista do Convento de Santana, Lisboa (Etchevarne, Sardinha, 2007, p.364) (Gomes *et al*, 2013, p. 1059) (Gomes, Gomes, 2007, p.78), o espólio da segunda metade do século XVI do Aljube, Lisboa (Santos, 2008, p.329-335) e os estratos dos séculos XVI/XVII da Rua do Espírito Santo, Castelo, Lisboa (Filipe *et al*, 2013, p.10).

O conjunto do contexto hospitalar evidencia características morfológicas, técnicas e decorativas que definem estas frágeis peças ainda pouco divulgadas. De delicadas e reduzida espessura das paredes, supõe-se terem constado nos profusos quotidianos domésticos entre os séculos XVI e XVII (Rodrigues, 2006). Dominantemente de produção portuguesa, desde o fim do século XV (Sardinha, 1999, p.191), sugere-se, para os exemplares do Hospital Real, produção da região de Lisboa.

A discussão em torno desta categoria cerâmica acresce quando se procura respostas no que concerne à inspiração decorativa das mesmas. De aspeto frágil, mas faustoso, estes objetos destinaram-se-iam ao serviço de água ou outros líquidos.

Carlos Ethevarne, bem como Olinda Sardinha, enquadram estas peças na tradição barroca, espelhando a intenção de refletir no barro fino alguns dos ideais estéticos e técnicos de outras artes, como a ourivesaria ou o trabalho vítreo, e, conseqüentemente, a grande aceitação (Etchevarne, Sardinha, 2007, p.360), ideia partilhada com Manuela Almeida Ferreira, que interpreta estas cerâmicas como sendo a manifestação da arte barroca no quotidiano doméstico (Ferreira, 1994, p. 118). Porém, Maria Ramalho e Deolinda Folgado defendem que esta tendência decorativa se aproxima esteticamente do Maneirismo, atendendo à entrada mais tardia do complexo cultural Barroco em Portugal, produzindo estas peças pelo menos, desde o fim do século XVI (Ramalho, Folgado, 1997, p.260).

Não nos debruçando em tendências artísticas por ora, afigura-se-nos interessante o facto de estas peças surgirem com bastante frequência em contextos de espaços conventuais ou de alguma importância social. Todavia, no que a estes concerne e à sua tradição doceira, aliando o facto de muitas peças se revelarem pouco práticas no ato de ingestão de líquidos e mais tendenciosas para o armazenamento e conserva, usufruindo de bordo exvertido boleado e por vezes com ligeiro estrangulamento, a ideia de que estas peças poderiam ser seladas com, por exemplo, tecido ou têxtil, preso com cordame abaixo do bordo, parece-nos perfeitamente válida.

7.2.5. A cerâmica pintada:

A opção de individualizar a cerâmica pintada da cerâmica comum/fosca ou cerâmica fina justificou-se, não em aspetos quantitativos, mas sim qualitativos. Devido à sua peculiaridade formal e às questões que levante, achou-se pertinente esta separação.

Neste grupo ceramológico identificou-se unicamente uma forma, inserida nos contentores de fogo. Identificamos como sendo um *queimador*, de forma troncocónica, campaniforme, idêntico a fogareiros de cerâmica comum/fosca mas de reduzidas dimensões. Esta peça objeto de análise não se apresentando completa não foi possível aferir altura original, contudo a máxima conservada é 5 cm, faltando uma pequena porção do bordo. Apresenta fundo raso com 4,5 cm de diâmetro sob a “janela” que se encontra implantada abaixo da zona de estrangulamento da peça. Encimando o objeto, uma grelha rudimentar. Destaca-se pela presença decorativa em linhas brancas verticais em toda a superfície exterior (Apêndice G-VI, PF00.Q4/5[1194]-0195). Neste sentido, foram reconhecidos 2 *NMI* inseridos nos grupos de fabrico *I* e *IV*.

Numa primeira análise funcional, esta peça “miniatura” sugere atividades lúdicas enquanto brinquedo, ideia adensada pela ausência de marcas de fogo. Todavia, coloca-se a questão do motivo pelo qual se faziam brinquedos inspirados em fogareiros? Certamente outras formas seriam mais apelativas a tal.

Um outro aspeto peculiar recai na possível função de manter em suave cozedura receitas medicinais (Leal, Ferreira, 2008, p.96).

Posto isto, consideramos que estas pequenas peças de facto serviriam como pequenos contentores de fogo, podendo queimar substâncias aromáticas ou efetivamente servir preceitos hospitalares e medicinais, descartando, perentoriamente, a ideia de brinquedo.

A aplicação deste pigmento tem forte expressão em peças cerâmicas dos séculos XI-XIII, ressurgindo com clara manifestação – ainda que com devidas mutações - nos séculos XV-XVI em olarias e em contextos arqueológicos de Época Moderna em Lisboa (Liberato, 2011, p.117)

Desta forma, e relativamente comuns em contextos arqueológicos de Época Moderna, o *queimador* encontra paralelos formais e estéticos em contextos de transição dos séculos XVI e XVII, a exemplo, na Fortaleza de Nossa Senhora da Luz, Cascais (Rodrigues *et al*, 2012, p.868) ou nos silos do Largo do Coreto, Carnide (Caessa, Mota, 2013, p. 1032). Todavia, e em contexto de descarte e aterro de meados do século XVII, o Pátio Linheiro, Largo dos Trigueiros, Mouraria, Lisboa (Bargão, Ferreira, 2013, p. 1051).

7.2.6. A cerâmica “pedrada”:

Apesar de se destacar pela presença de uma profusa decoração, *sui generis* na sua conceção integrada em cerâmica fina, optou-se por individualizar e abordar estas peças de forma distinta no que respeita a variantes.

No mundo das peças de armazenamento, foi identificado o *pote* que, do único fragmento exemplificativo, porção do bordo, é possível determinar a sua orientação exvertida, com 14 cm de diâmetro, e a secção trapezoidal. No que concerne à decoração da superfície externa esta é composta por três bandas horizontais de incisões ovoides, seguindo-se uma com três elementos pétreos (calcário ou quartzos) e, posteriormente, duas linhas incisivas sugerido o início de uma prancha de elementos idênticos (permanecendo um destes

incrustado) (Apêndice G-VII, PF00.Q4/5[1194]-0200). Para esta única variante, 1 *NMI*, integrado no grupo de fabrico *III*.

Com vista a ingestão de líquidos, foi reconhecido o *copo*, peça tendencialmente hemisférica, fechada, bordo elevado e pé alto onde assenta o corpo da peça. O exemplar mais completo, remetido para a única variante, *A*, apresenta altura máxima conservada de 11,7 cm, bordo alto, ligeiramente invertido, com 6 cm de diâmetro. Este encontra-se delimitado, na superfície externa, por uma banda concêntrica de elementos pétreas de média dimensão, de 0,2 cm a 0,3 cm sendo o preenchimento decorativo de duas linhas incisadas. O colo apresenta três bandas verticais, cada uma formada por três pequenos apliques globulares com punção mesial. Entre estas bandas a composição ornamental adensa-se: duas cartelas constituídas por duas linhas incisadas preenchidas por elementos pétreos de igual média dimensão fechando, no seu interior, motivos incisos serpenteantes e grupos de incrustações, variando entre um e três indivíduos. Externos a estas cartelas, persistem as temáticas serpenteantes, aparentando cuidado na simetria e lógica, atribuindo, no geral, um aspeto naturalista e temática de inspiração “marítima” a toda a peça (Apêndice G-VII, PF00.Q4/5[1194]-0198). Foram reconhecidos 2 *NMI* integrados no grupo de fabrico *III*.

Sugerindo o consumo de alimentos, foi identificada a forma de *prato* baixo, aberto e ligeiramente cónico. Para o singular exemplar exumado, este apresenta-se com 2 cm de altura, bordo em aba, ligeiramente exvertido, com 14 cm de diâmetro, de secção semicircular. O fundo, raso, detém 10 cm de igual natureza métrica e, é na superfície interna deste, que se desenvolve a gramática decorativa, completa pela presença de elementos decorativos na aba da peça. Desta forma, a parede exhibe grupos de motivos incisos verticais, agrupados de oito a doze linhas, intercalados com elementos de natureza pétreas de média dimensão, 0,2 a 0,3 cm. Presença de aplique globular com incisão ao centro. No fundo da peça, estão presentes motivos incisos reticulados e serpenteantes, interrompidos por bandas elaboradas por uma ou duas fiadas de elementos calcários/quartzitos de média dimensão. Acrescentam-se dois grupos de três pequenos apliques globulares idênticos aos já mencionados (Apêndice G-VII, PF00.Q4/5[1194]-0197). A qualidade e a raridade da peça no registo conduziu ao reconhecimento de apenas 1 *NMI*, integrado no grupo de fabrico/pasta *III*.

A produção deste tipo cerâmico, profusamente ornamentado com incrustações pétreas, em Portugal, pode ser enquadrada desde meados de quinhentos indo a oitocentos,

não invalidando a possibilidade de produções do século XV na área do Barreiro (Sardinha, 1999, p.190), aspeto este que não foi suficientemente e afinadamente atestado arqueologicamente em contextos anteriores ao segundo quartel do século XVI (Silva *et al*, 2012, p.71). Ainda assim, morfologicamente semelhante ao *prato* descrito anteriormente, e em estratigrafia além-mar de fim do século XVI, mencionamos o exemplar recolhido na Igreja da Sé, em Salvador da Bahia, Brasil (Etchevarne, 2012, p.33). Em espaços de Lisboa, ambos de cronologias de fim do século XVI e primeira metade do século XVII, destacamos o contexto de despejo no Convento de Santana (Gomes *et al*, 2013, p.1059) e o Largo do Chafariz de Dentro, Alfama (Silva *et al*, 2012, p.71). Ainda assim, é de considerar os sítios de naufrágio, de grande utilidade na aferição cronológica, podendo referir o galeão San Diego, naufragado em 1600 (Sardinha, 1999, p. 191). Com pressupostos etnográficos, Olinda Sardinha publica entre 1990 e 1992 um conjunto de peças exumadas no Convento de Santana e no Hospital Real de Todos-os-Santos (por Irisalva Moita) que levanta a questão anteriormente referida. Todavia, e apesar dos dados arquivísticos, no que concerne ao edifício hospitalar – aquele que melhor nos convém neste presente estudo – sugere cronologia, de uso, do século XVII – não concretizando local produtor das peças que exhibe (Sardinha, 1990/1992, p. 502).

É de atentar que as primeiras referências a este tipo cerâmico recaem em Virgílio Correia, 1916, que sugere que o hábito em adornar o interior e o exterior de peças cerâmicas “de regalo” esteve em voga em toda a região do Alentejo e mesmo em Lisboa, nos séculos XVI e XVII (Correia, 1916, p.250-251). Mais tarde, Eugénio Lapa Carneiro, em 1989, completa a ideia, afirmando que a composição temática obtida pela incrustação de elementos pétreos (quartzo), que ganha destaque na peça após a cozedura, tem origem no Alto Alentejo e, posteriormente, é estendida ao centro do país, sugerindo imitação de peças da Estremadura espanhola. Refere, ainda, que este costume de adorno não tem um cariz meramente decorativo, mas igualmente funcional, permitindo o arrefecimento dos líquidos. Daí a profusa utilização em vasos relacionados com o transporte de água ou o consumo de líquidos (Carneiro, 1989, p.12).

7.2.7. A cerâmica esmaltada:

No que concerne a esta categoria onde estão expressados objetos de índole individual e de consumo à mesa, destaque para a forma de *prato*, aberta, troncocónica e baixa.

Respeitante à variante *A*, esta afigura-se com altura de 4,1 cm, encimada por bordo exvertido, com diâmetro compreendido entre 18 cm e 22 cm, com secção semicircular. Contrastando, o fundo, em ônfalo, regista diâmetro entre 4,5 cm e 5,5 cm. Em termos decorativos, nesta variante domina o branco revestido a esmalte, denominada por *Columbia Plain* (Apêndice G-VIII, PF00.Q4/5[1194]-0232), decoração simples com uma ou duas linhas concêntricas em azul na superfície interna, *Linear Blue*. Válido é igualmente a integração destes indivíduos no grupo de fabrico *IX*. Todavia, realça-se o facto de esta distinção em variantes ser baseada em elementos morfológicos e físicos da peça, sendo possível integrar nesta produções concretas de outro pontos geográficos desde que correspondam, na sua forma, ao já citado. Daí se justifica a presença, ainda que residual, de um elemento de prato, do qual apenas persistiu a porção de bordo características já citadas, com 22 cm de diâmetro e decoração composta por duas linhas concêntricas em azul cobalto na superfície interna do bordo. A composição macroscópica da pasta remete-nos para o grupo de fabrico *XV*.

No que concerne à morfologia, foram reconhecidos 11 *NMI*, sendo que um deles encontra-se inserido no grupo *XV* e todos os restantes repartidos entre *IX*, *X* e *XI*.

Para a variante *B*, a caracterização desta recaiu em pratos de 2,5 cm a 3,5 cm de altura, de bordo claramente mais exvertido, de 18 cm a 27 cm de diâmetro, igualmente semicircular na secção e o comum onfalo no fundo de 4 cm a 5 cm de diâmetro (Apêndice G-VIII, PF00.Q4/5[1194]-0236). A decoração é em tudo idêntica à da variante precedente. Porém, destaque novamente para uma produção mais singular, concretizada no grupo de fabrico *XIV*, composta por esmalte azulado, com decoração vegetalista estilizada em azul escuro, na superfície interna da peça, semelhante à face externa coberta em esmalte de igual características, somos remetidos para produções mais peculiares enquadradas em *Blue on Blue*, daí a sua correspondência no grupo de fabrico *XIV*.

Desta forma, contabilizaram-se 12 *NMI* para esta variante, 11 integrados em *IX* e *X* e um ainda em *XIV*.

Por fim, na variante *C* destaque para o prato alto, de perfil troncocónico, bordo de 16 cm de diâmetro, em aba e de secção semicircular, e fundo anelar com 7 cm diâmetros. Foram reconhecidas temáticas decorativas variadas, sendo as mais significativas as compostas por linhas concêntricas que delimitam o bordo e o fundo, em grupos de 2 a 3 linhas em azul

cobalto (Apêndice G-VIII, PF00.Q4/5[1194]-0261). Destaque, ainda, para a decoração dita mudéjar. Esta variante está presente com 2 *NMI* integrados nos grupos de fabrico *IX* e *XI*.

Deste modo, totalizam-se 27 *NMI*, sendo que dois carecem de aferição de variante. Porém, estes dois sobrantes merecem destaque descritivo. O primeiro apresenta decoração de tradição *montelupina*, que devido à reduzida dimensão do fragmento, apenas podemos supor integrar-se na temática *spiralì arancio* ou *blu graffito*, mas com maior tendência para a primeira e, assim, integrado no grupo de fabrico *XVI* (Apêndice G-VIII, PF00.Q4/5[1194]-0241). Por fim, o segundo fragmento, porção de bordo decorado com duas linhas concêntricas a azul-cobalto encontra em paralelos arqueológicos a sua possível relação com as majólicas italianas, estando inserido no grupo de fabrico *XVII*.

Concernante ao mundo formal da *tigela*, são peças de corpo troncocónico ou hemisférico, reconhecidas com duas variantes.

A variante *A* diz respeito aos exemplares de corpo carenado, com altura variável entre 6,5 cm e 7,5 cm, com bordo boleado, de 18 cm a 25 cm, de secção semicircular e com fundo anelar com valores diametrais enquadráveis entre 6,4 cm e 7,2 cm. Esta variante de tigela é a única que integra decoração totalmente branca e geométrica simples de duas linhas concêntricas em azul na face interna da peça (Apêndice G-VIII, PF00.Q4/5[1194]-0248). Assim, identificaram-se 5 *NMI* presentes no grupo de fabrico *IX*.

Por fim, a variante *B* revela-se com corpo tendencialmente hemisférico, altura fica em 6,5 cm, com bordo exvertido de 18 cm de diâmetro, de secção semicircular e fundo anelar alto de 6,5 cm de igual natureza métrica (Apêndice G-VIII, PF00.Q4/5[1194]-0262). Com estas características, reconheceram-se 2 *NMI* integrado apenas no grupo de fabrico *XI*. Assim, totalizam-se, para as tigelas, 10 *NMI*, integrados nos grupos de fabrico *IX* e *XI*.

Esta categoria cerâmica, comumente denominada por “Loiça Malegueira”, de produção sevilhana, chega a Portugal desde, pelo menos, o início do século XVI, conforme atesta, por exemplo, o inventário de D. Beatriz, de 1507 (Carvalho, 1921), ou o levantamento das importações cerâmicas que chegam aos portos de Lisboa em meados de quinhentos (Correia, 1919, p.8). A grande adesão de peças importadas de Sevilha, com ou sem decoração, está bem presente em contextos arqueológicos variados, como em ambiente quinhentista, seiscentista do Terreiro do Trigo, Lisboa (Gonzalez, 2012, p.88), no Quarteirão

dos Lagares, Mouraria, Lisboa (Nunes, Filipe, 2012, p.148) ou no Castelo da Foz, Porto (Osório, Silva, 1998, p.287).

No âmbito do *prato*, esta cerâmica adotou um verdadeiro papel expansionista, chegando a contextos do fim do século XVI na Igreja da Sé, Salvador da Bahía, Brasil (Etchevarne, 2012, p.32) ou, em Lisboa, no ambiente de transição dos séculos XV/XVI da Casa dos Corte Real (Sabrosa, 2008, p.111), sendo exumados exemplares inseridos em estratigrafia de produção quinhentista/seiscentista do Largo de Jesus, Lisboa (Santos, 2007, p.394).

Ainda assim, a produção de cerâmica dita malegueira pode estar vigente em olarias lisboetas, nomeadamente na Mata da Machada na primeira metade do século XVI (Casimiro, 2010, p.532).

Por sua vez, a tigela, variante A, foi registada, a exemplo, em contextos de fim do século XVI e início do século XVII no Largo do Chafariz de Dentro, Alfama, Lisboa (Silva *et al*, 2012, p. 79) ou num contexto de cronologia sugerida entre os séculos XV e XVI da Casa dos Corte Real (Sabrosa, 2008, p.111).

Respeitante às produções mais singulares, a dita *mudéjar* encontra paralelos em contexto de naufrágio do fim do século XV e início do XVI (Gutiérrez, 2003, p.27), ou em contexto terrestre de ocupação portuguesa, destacando Alcácer Ceguer, Marrocos, entre a segunda metade do século XV e a primeira do século XVI (Redman, Boone, 1979, p.69) ou a Praça Cristóvão Colombo, Funchal, Madeira (Gomes, Gomes, 1998, p. 339).

Para a produção *Blue on Blue* o meio científico apresenta sugestões variadas no que respeita ao seu local de produção. Para o presente contexto, e macroscopicamente, sugerimos a produção para Sevilha, justificada pela presença de um forno datado do século XVI nesta região (Botelho, 2012, p.860) (Apêndice G-VIII, PF00.Q4/5[1194]-0260). Este tipo de cerâmica esmaltada foi detetado em contextos algarvios dos séculos XVI e XVII (*Idem*); com cronologias identificadas no Largo do Coreto, Carnide (Caessa, Mota, 2013, p.1032) ou no aterro datado da segunda metade de seiscentos do Pátio Linheiro, Largo dos Trigueiros, Mouraria, Lisboa (Bargão, Ferreira, 2013, p.1051).

A região levantina espanhola regista-se no presente contexto com a produção de Talavera, com produção iniciada a partir de 1520, bebendo inspiração em centro oleiros italianos (Hernando, 1999, p.330) (Apêndice G-VIII, PF00.Q4/5[1194]-0259).

As produções de Montelupo encontram paralelos em contextos de Lisboa e arredores, como o ambiente de aterro do século XVI no Terreiro do Trigo (Gonzalez, 2012, p.847). Se considerarmos a decoração inserida nas temáticas *Spirali Arancio* ou *Blu Grafito*, encontramos paralelos idênticos em depósitos quinhentistas da Prisão do Aljube (Amaro et al, 2013, p.1021) ou no contexto datado através de materiais de transição dos séculos XVI/XVII do Largo do Coreto, Carnide (Caessa, Mota, p.1032).

7.2.8. A porcelana chinesa:

No âmbito das importações asiáticas, da China, registam-se duas formas de consumo de alimentos, sendo a primeira o *prato*. Este apresenta-se de forma aberta, tendência troncocónica, dividida em duas variantes. Esta divisão tem o carácter cronológico subjacente considerando, fundamentalmente, as distintas temáticas decorativas.

Assim, o *prato A* mostra-se de bordo exvertido, com 10 cm de diâmetro, em aba “ondulante” e secção semicircular. No que concerne à ornamentação, surgem dois pares de duas linhas concêntricas cada, delimitando o bordo pela superfície interna. Entre os dois conjuntos estão presentes sucessões de linhas e traços geométricos e fitomórficos simples a azul, incluindo um carácter, “Jade” inserido numa cartela (Apêndice G-IX, PF00.Q4/5[1194]-0265). Foi reconhecido 1 *NMI* inserido no grupo decorativo de porcelana *P1*.

A variante *B* corresponde apenas porção de fundo, particularizando, de morfologia anelar, com 12 cm diâmetros, alto, em que na superfície interna estão presentes duas linhas incisadas azuis, contornadas por elementos vegetalistas e florais a azul escuro; na face externa sugestão de padrão semelhante, mas de difícil classificação. O tom acinzentado da peça deve-se a excesso de cozedura, provocando efeito *craquelet* acentuado (Apêndice G-IX, PF00.Q4/5[1194]-0264). Foi identificado 1 *NMI* integrado no grupo *P4*.

Concernante à segunda forma identificada, *tigela*, a morfologia apresenta-se aberta, tendencialmente hemisférica, onde se justificou a criação de duas variantes.

A variante *A* remete-nos para fundo anelar, com 5 cm de diâmetro, com arranque de parede. A superfície interna do fundo apresenta-se com duas linhas concêntricas, concluindo em círculos, em tom de azul claro, delimitando no seu interior um motivo vegetalista/floral (peónia?). A face exterior encontra-se profusamente ornamentada com motivos idênticos, vegetalistas, em diferentes tons de azul (Apêndice G-IX, PF00.Q4/5[1194]-0263). Registe-se apenas 1 *NMI* incluído no grupo *P2*.

Respeitante à variante *B*, destaque para o fundo alto, anelar, com apenas 2,5 cm de diâmetro. Em termos decorativos, a superfície interna apresenta somente duas linhas concêntricas em azul claro, contrastando com o lado exterior do fundo, no tardo, onde está presente uma marca que, infelizmente, não foi de identificação atempada à realização do presente estudo (Apêndice G-IX, PF00.Q4/5[1194]-0266). Desta forma, 1 *NMI* que fundamenta o grupo *P3*. Todavia, todos os exemplares contabilizados integram o grupo de fabrico *XVIII*.

Desde as primeiras décadas do século XVI, que a porcelana chinesa se assume como elemento da expansão, apreciados nos mais variados contextos. Entre 1511 e 1514 chegam aos armazéns reais cerca de 692 peças (Matos, 1998, p.94), número que poderá ter aumentado consideravelmente, atendendo ao decreto real de 1522 que permite o transporte destas peças até um terço da carga das naus (Antunes, 1998, p.12).

No que concerne aos paralelos das *tigelas*, encontram-se semelhantes à *tigela A* atribuídos à Dinastia Ming, mais precisamente ao reinado de Wanli (1563-1620) no Largo do Chafariz de Dentro, Alfama, Lisboa (Silva *et al*, 2012, p. 76), o mesmo se verificando para a variante *B*, acrescentando-se o Pátio Linheiro, Largo dos Trigueiros, Mouraria, Lisboa (Bargão, Ferreira, 2013, p.1054).

No âmbito dos *pratos*, foi-nos permitido identificar o caracter presenta na aba enquanto “Jade” (Burton, Hobson, 1919, p.142), igualmente reconhecido no Aljube, Lisboa (Henriques, 2012, p. 921) como pertencendo à Dinastia Ming, concretamente ao reinado do Imperador Zhengde (1506-1520) (*Idem*, 2012, p.920). O *prato*, variante *B*, apresenta-se com efeitos resultantes de excesso de cozedura, de tons acinzentados e de *craquelet* acentuado. Estas características intercetam-se com o registo de paredes grossas, com corpo de cor bege ou cinza, com abundantes areias coladas no fundo das peças, cobertas por vidro espesso, sendo peças produzidas para o mercado asiático (*Idem*, 2012, p.924), sendo produção típica

da dinastia Ming, nos fornos de Zhangzhou, Swatow, na da província de Cantão, China, na transição dos séculos XVI/XVII. Encontra paralelos nos naufrágios das naus de Nossa Senhora do Rosário e da de Santo André, na Bahia de Todos-os-Santos, Brasil, datados de 1737 (Etchevarne, Gomes, 2012, p.933) ou na Nossa Senhora dos Mártires, início do século XVII (Coelho, 2008, p.151). No que concerne a ambientes terrestres, destaque para o Palácio de Santos, em contexto de fim do século XVI (Lion-Goldsmith, 1984, p.40).

7.2.9. Stoneware:

Neste âmbito de produção ceramológica, foi unicamente identificada, ainda que com considerável reserva devido à reduzida dimensão do fragmento, mas justificada pelos paralelos arqueológicos, a forma *garrafa* com vista o consumo de líquidos. O fragmento não apresenta fração de bordo, fundo ou qualquer outra porção de possível identificação tipológica, ficando registado a sua parede do corpo tendencialmente hemisférico. Ainda assim, foi possível o reconhecimento de ornamentação em relevo, nomeadamente “Folha de Palma” e uma “corda” ou “ramagem de vinha” (Apêndice G-X, PF00.Q4/5[1194]-0267/0268). O único *NMI* está integrado, exclusivamente, no grupo de fabrico *XIX*.

Apesar de reduzidas dimensões, foi possível encontrar paralelos desta categoria em contextos portugueses no Norte de África consideravelmente bem datados. De permanência portuguesa circunscrita em 92 anos (1458-1550), a equipa americana de Charles Redman exumou, em contexto habitacional de Alcácer Ceguer, Marrocos, uma peça que detém elementos decorativos iguais (Redman, Boone, 1979, p.70) – a “Folha de Palma” – o que não se verificou em outros contextos arqueológicos analisados para o presente estudo. Aliás, este pormenor permitiu a sugestão de início de produção de peças com este elemento ornamentativo na primeira metade do século XVI (Martin *et al*, 2008, p.73) em Colonia, Alemanha (Anderson, 2008, p.12). Em contextos de Lisboa, em momento de transição do século XVI para o século XVII, registam-se exemplares de *stoneware* no Largo do Chafariz de Dentro, Alfama (Silva *et al*, 2012, p.78)

7.2.10. O vidro:

A par dos conjuntos anteriores, o grupo vítreo apresenta um exemplo de objeto de armazenamento, recaindo, para a presente análise, o *frasco*. Desta forma, infelizmente, persiste apenas a porção do bordo, extraindo informações apenas desta fração: vertical, com

10 cm de diâmetro, ligeiramente espessado e de secção trapezoidal (Apêndice G-XI, PF00.Q4/5[1194]-0270). Desta forma, foi identificado 1 *NMI* indo de encontro ao grupo *Vid.1*.

No acervo não cerâmico, o espólio vítreo reconhece objetos de teor individual e de consumo de líquidos, *cálice*, caracterizando-se pela copa de forma aberta, campaniforme, assente em pé alto através de um elemento de ligação “nó” ou “botão” e é este pormenor que estabelece as seguintes variantes:

A variante *A* é composta pela porção do “nó” ou “botão”, formando canelura destacada e de secção semicircular, quase hemisférica, persistindo a meio o arranque da parede da copa. Esta parcela da peça, copa, teria entre 0,1 a 0,3 cm de espessura (Apêndice G-XI, PF00.Q4/5[1194]-0269). Foi reconhecido 1 *NMI* que expõe este conjunto de características formais, integrado no grupo de vidro *Vid.1*.

Por sua vez, a variante *B*, distingue-se por apresentar uma morfologia mais simplificada: ligeiramente globular, perfazendo canelura mais discreta, de secção semicircular, com espessura a rondar os 0,2 cm (Apêndice G-XI, PF00.Q4/5[1194]-0273). Identificado 1 *NMI* desta variável e incluído no grupo de vidro *Vid.3*.

Para o quotidiano e rotinas hospitalares, identificou-se uma peça estrita e unicamente relacionada com tal rotina, sendo o *urinol*, de uma variante apenas, a incluir esta categoria funcional. Forma genericamente hemisférica, atingindo o bordo através de um colo estreito e vertical. O lábio da peça caracteriza-se pela orientação exvertida, de 10 cm de diâmetro, em aba pendente e secção semicircular (Apêndice G-XI, PF00.Q4/5[1194]-0271). Foi reconhecido somente 1 *NMI* presente no grupo vítreo *Vid.2*.

Por fim, e estranhamente presente neste ambiente, um objeto cilíndrico, pequena e estreito tubo ou vara de secção circular, sugerindo, através de paralelos de contextos arqueológicos, o intuito artesanal na produção vítrea (Apêndice G-XI, PF00.Q4/5[1194]-0274). O único indivíduo identificado integra-se no grupo *Vid.5*.

Respeitante a paralelos morfológicos dos exemplares vítreos supracitados, destaque para as porções de “nó” ou “botão” que antecedem a copa dos *cálices*. Em contexto arqueológico foram exumados semelhantes, a exemplo, o ambiente do século XVI da Prisão

do Aljube, Lisboa (Amaro *et al*, 2013, p.1020) ou no momento datado do fim da mesma centúria no Largo do Chafariz de Dentro, Alfama, Lisboa (Silva *et al*, 2012, p.79), onde se sugere a origem italiana dos exemplares do contexto em cima referido.

No contexto hospitalar, a forma *urinol* reconhece paralelos em ambientes do século XVI do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, Coimbra (Leal, Ferreira, 2007, p.92) e da Fortaleza de Nossa Senhora da Luz, Cascais (Rodrigues *et al*, 2012, p.875). Sendo uma peça profusamente utilizada em espaços medicinais e/ou hospitalares, eram usados nos processos de uroscopias (Sousa, 2013, p.44), costume visível em iconografia do início de quinhentos, a exemplo as miniaturas das *Grandes Heures d'Anne de Bretagne*, de Jean Bourdichon (1456-1521).

Por fim, o objeto cilíndrico, sugerindo função de pequeno tubo/cana em vidro verde/azulado, de secção circular, encontrou paralelos na Rua dos Correeiros, Lisboa, em estratos do fim do século XVII, início do século XVIII. É sugerido que estes objetos eram usados no fabrico de contas de colar ou para decorar outras peças, sendo produzidas desde Época Romana e muito presentes na vidraria de origem veneziana a partir do século XVI, bem como nos centros vidreiros europeus que se inspiração no estilo de Veneza (Medici, 2011, p.348).

8. OS MATERIAIS ARQUEOLÓGICOS DO POÇO SE: OUTROS OBJECTOS

Com vista a completar o estudo, indo além dos objetos cerâmicos e vítreos, optou-se por abordar de forma sucinta os restantes objetos que vivenciaram o quotidiano no Hospital Real.

Assim, para o segundo momento, concretamente na U.E. [1113] exumou-se uma conta de colar/pulseira ou mesmo terço/rosário em osso/marfim, de coloração branca a bege, de forma hemisférica, com os polos subtilmente achatados. Apresenta 0,4 a 0,5 cm de diâmetro e 0,2 cm para o orifício central. Encontra paralelos na Junta de Freguesia de Machico, Madeira (Sousa, 2011, p.480).

Ainda no âmbito dos objetos de adorno e/ou vestuário, a U.E. [1115] foi a que revelou maior quantidade e diversidade de peças. No que respeita a vestuário foram recuperados dois

botões em osso/marfim, de forma circular, que apresentam rebordo exterior com 1,7 cm e 1,5 cm, ambos com quatro perfurações equidistantes na parte central e 0,1 cm a 0,2 cm (Apêndice H, PF00.Q4/5[1115]-0385/0386).

Com função concreta, as fivelas registadas no poço SE são compostas por liga de cobre, retangulares, a primeira registando 2,6 cm x 2,5 cm e 0,2 cm de espessura e a segunda, de maiores dimensões, com 4,9 cm x 3,9 cm, de secção retangular e espessura 0,2 cm a 0,3 cm. Nenhum dos exemplares apresenta travessão central, pelo menos conservado, mas revelam o encaixe para a extremidade do fuzilhão (Apêndice H, PF00.Q4/5[1115]-0383/0384). Deste modo, as funções, no que concerne à primeira, podem recair na sua utilização em talabarte, uma alça ou cinto que atravessava o ombro até à cintura (Teixeira, Gil, 2012, p.676), enquanto a segunda, devido ao seu perfil convexo, encaixaria na zona superior de sapato.

Por fim, foi identificada uma sola de sapato, de ponta redonda e aparentemente sem salto. Esta simplicidade vai de encontro da preocupação em satisfazer as necessidades básicas, revelando, decerto, o carácter pragmático em uso no edifício hospitalar (Apêndice H, PF00.Q4/5[1115]-0383/0387). Este tipo de calçado é visível em iconografia, como exemplo, *Fumadores*, de Joos Van Craesbeeck, c. 1650. Este exemplar encontra paralelos em contexto de transição do século XVII-XVIII do Convento de Jesus de Lisboa (Cardoso, 2008, p.280) ou no Beco do Espírito Santo, Almada, Lisboa (em estudo). Em contexto de naufrágio, destaque para a fragata Santo António de Taná, naufragada em Mombaça, em 1697 (Teixeira, Gil, 2012, p.674)

O primeiro momento, formado pela U.E. [1194] revelou espólio diversificado, quer na função, quer na composição material.

Foram exumadas duas trempes, a primeira, mais completa, apresentou-se de coloração branca/bege, de pasta muito compacta, homogénea e pouco porosa. Nas questões métricas, regista-se a 1,2 cm para a espessura mínima no corpo e 2,2 cm para as hastes, notando-se a ausência de uma em três. O segundo exemplar mostrou-se de pasta laranja (Hue 5 YR 6/6 Orange), compacta, relativamente homogénea e com *ENP's* pétreos de reduzida dimensão e micás. Apesar de bastante fragmentada, com apenas uma extremidade de haste conservada, esta regista espessura entre 1,5 cm e 3 cm, sendo de destacar a presença de escorrimento de vidro de chumbo verde (Apêndice H, PF00.Q4/5[1194]-0275/0276).

Exumou-se um objeto em osso/marfim e de tonalidade bege. Esta peça mostra-se de tendência cilíndrica, com 6,5 cm de comprimento e espessura variável, considerando os dois negativos (que sugerem encaixe “macho-femea”), sendo 2,1 para o corpo e 1,5 para estas ranhuras. Destaque para a “nervura” concêntrica no centro do corpo que revela cuidado e trabalho de detalhe desta peça. Oco em todo o comprimento, com orifício circular de 1 cm de diâmetro. Sugere-se a sua função referente a atividades de tecelagem (Apêndice H, PF00.Q4/5[1194]-0277).

No âmbito dos metais, foi exumado um numisma de cobre, infelizmente inclassificável. Além desta peça de numismática, foi recolhida uma colher em liga de cobre, com 12 cm de comprimento máximo conservado, com concha ovalada e convexa, pouco profunda e com 0,1 cm de espessura e 4 cm de largura máxima conservada. No que respeita ao cabo, com 7,5 cm de comprimento, retilíneo, de secção quadrangular e ligeiramente plano/horizontal, de 0,3 cm a 0,4 cm de espessura. Por fim, a extremidade do cabo, a altura superior à da concha, apresenta-se globular e com 0,5 cm espessura (Apêndice H, PF00.Q4/5[1194]-0278). Esta peça encontra paralelo na presumível nau Nossa Senhora dos Mártires, naufragada na barra do rio Tejo, em 1606 (D’Intino, 1998, p.161).

Sem pretensões de estudos arqueobotânicos, apenas como um reflexo dos quotidianos no Hospital Real e concretamente no Claustro NE, foram contabilizados cerca de 40 caroços de pêssigo exumados do poço SE.

9. OS MATERIAIS ARQUEOLÓGICOS DO POÇO SE: FAUNAS

Não se pretende aqui desenvolver um estudo zoológico, mas sim fazer uma pequena referência às faunas que surgiram associadas a 4 U.E’s. Importa referir que os dados foram recolhidos a partir de uma observação unicamente macroscópica. A metodologia adotada no desenvolvimento desta análise preliminar segue as bases descritas por Reitz & Wing (1999).

O espólio de origem animal pode representar quantidades e características variáveis, dependendo das condições particulares do contexto do qual provêm e do rigor aplicado na

sua recuperação e conservação. As características da amostra determinam o tipo de estudos que se podem realizar (Casimiro *et al*, 2013).

Exclusivamente do quarto momento, tratam-se de amostras não representativas, uma vez que são constituídas por um número bastante reduzido de restos muito fragmentados e de difícil identificação, o que condiciona o seu potencial informativo. Do mau estado de conservação resultou alguma dificuldade na identificação de eventuais marcas de origem antrópica, como as marcas de cortes, de registar dados osteométricos ou determinar o sexo dos indivíduos. Importa referir que não foram observados fragmentos de osso com vestígios de fogo.

Todas as amostras aparentam resultar do descarte de despejos domésticos. São compostas essencialmente por fragmentos de osso do esqueleto apendicular (tíbias e fémures), registando-se alguma presença de ossos do esqueleto axial (Apêndice I, Tabela 8).

A U.E. [1167] registou uma amostra bastante reduzida. De um modo geral, o que se observa são restos de animais muito jovens, a avaliar pela ausência total de fusão epifisial observada na grande maioria dos fragmentos de ossos longos. Maioritariamente regista-se a presença de ovicaprinos e bovívdeo. Foram identificadas marcas de corte em grande parte da amostra.

No que concerne à U.E. [1115] a amostra é constituída maioritariamente por pequenos fragmentos de ossos de bovívdeo, apresentando marcas de cortes, essencialmente junto das epífises. Foi também identificada a presença de fragmentos de osso de ovicaprino, aves e leporívdeo. Não foi registada a presença de animais jovens.

Respeitante à U.E. [1113] a amostra é constituída por fragmentos de ossos de adultos. Maioritariamente estão representados fragmentos de ovicaprinos e aves. Foi também registada a presença de suíno e bovívdeo, com marcas de corte

Por fim, a U.E. [1113/1115] foi a que registou uma maior diversidade, constituída por fragmentos de osso de suíno, aves e bovívdeo, mais uma vez com marcas de corte. Há excepção de um fragmento de costela de ovicaprino jovem, trata-se essencialmente de animais adultos.

10. INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

A fundação do Hospital Real de Todos-os-Santos marcou uma nova etapa na assistência médica em Portugal, consentânea com as primeiras reformas das entidades de caridade e auxílio que arrancavam na Europa renascentista. Esta original percepção marcou a criação da instituição, que se regeu por fortes diretrizes de funcionamento assistencial, nas quais pontuou a perspectiva de que a pobreza e a doença são realidades distintas e, como tal, merecedoras de intervenções diferenciadas (Ramos, 2013, p.104). O projeto do Hospital Real foi concretizado, também, com vista ao esforço de racionalização dos cuidados médicos e combate à doença resultante das más condições sanitárias da capital (Silva, Guinote, 1998, p.60).

Igualmente merecedor de atenção, e no âmbito inovador em cima mencionado, o aspeto arquitetónico revela-se por demais importante. Quanto ao precursor nesta questão, a discussão carece de resposta concreta, todavia, poderá dever-se ao humanista Leon Battista Alberti (1404-1472) o esboço do conceito que, atendendo às necessidades higiénicas e medicinais, bem como aos princípios funcionais, materializou e concebeu a arquitetura hospitalar no Sul da Europa (Pacheco, 2008, p.46). Este trabalho conceptual apoiou-se na materialização numa planta de tipologia cruciforme, de eixo “dorsal”, onde se inseria uma igreja, convergindo os braços da cruz grega. Eram nestes que se localizariam as enfermarias (Moreira, 1993, p.63), permitindo a separação e agregação por diagnósticos, géneros e funcionalidades, auxiliando a circulação do corpo de trabalho e dos doentes no espaço hospitalar (Pacheco, 2008, p.47).

Este esquema genérico, que registou forte impulso no Sul europeu, traduziu-se na Península Ibérica em Óbidos (com construção iniciada em cerca de 1485), Valência (1493), Saragoça (1496), Santiago de Compostela (1501), Toledo, Granada (1504) e Sevilha (projetado em 1545, por Francisco Rodriguez Cumplido, inspirando-se no Hospital Real de Lisboa) (Pacheco, 2008, p.47).

No que respeita ao Hospital Real de Todos-os-Santos da cidade de Lisboa, as obras iniciaram-se a 15 de Maio de 1492, sob a égide de D. João II, no espaço das antigas hortas do Convento de São Domingos, tendo a Oeste a área da praça do Rossio, espaço de buliço, azáfama e feiras. Porém, aquando da morte do “Príncipe Perfeito”, em 1495, as obras ainda estavam em curso, sendo D. Manuel I que, seguindo as vontades testamentais do seu

antecessor, as terminou. Aliás, em 1501, com as obras a decorrer, o edifício hospitalar já estava em funcionamento, recebendo doentes e estando dotado de um corpo de trabalho nomeado (Moita, 1994, p.118).

Estas informações são-nos transmitidas pelo *Regimento do Hospital*, datado de 1504, que, indo além do início e progresso das obras, surge-nos por demais importante em múltiplas valências. Aliás, este documento, *per si*, foi igualmente uma ação inovadora, não apenas no que concerne à rotina hospitalar, mas no trato do corpo e alma (Pacheco, 2008, p.57), bem como nos procedimentos de gestão e conteúdos funcionais de cada profissional (*Idem*, p.62).

É no primitivo *Regimento*, documento de organização, preceitos, rotinas e quotidianos, que surge uma breve descrição da localização das principais enfermarias a operar no início do século XVI. Assim, foi possível aferir, a Este da igreja, o posicionamento da enfermaria dedicada a S. Vicente, que acolhia homens que padeciam de febres; a Norte, a ala de Santa Clara, de assistência a mulheres e, por fim, a sul, a de S. Cosme para homens feridos (Leite, 1993, p.10). Acrescente-se a existência de, pelo menos, mais duas enfermarias, apartadas, dedicadas ao tratamento da sífilis, doença em franco crescimento em Lisboa, potenciada pelos portos da cidade que recebiam e levavam gentes para além-mar (Pacheco, 2008, p.51), aspeto descrito por Ruy Dias d'Ysla que se focou no estudo desta crise venérea, pioneiro no tema, e o trabalhou no Hospital Real no início do século XVI (Carvalho, 1949, p.220).

Efetivamente, no decorrer de quinhentos, Ruy Dias d'Ysla é um dos primeiros autores a descrever o Hospital Real de Todos-os-Santos, não lhe poupando elogios na obra *Tratado contra el Mar Serpentino*, de 1539. Também Francisco de Monzon, teólogo espanhol, em 1544 refere que o edifício lisboeta emparelha com muitos da cristandade no que respeita à organização. Foram nestes testemunhos que os cronistas Rui de Pina e Garcia de Resende se inspiraram, em meados do século XVI, para descrever o edifício, por sua vez servindo de modelo a João Brandão de Buarcos, na Estatística de Lisboa de 1552, a António Rodrigues de Oliveira, no seu *Summario*, ou a Damião de Góis, em *Urbs Olisiponis Descriptio*.

Posteriormente, Duarte de Sande fez a descrição da cidade de 1584 no *Diario da primeira embaixada do Japão à Europa*. O conjunto dos escritores citados têm em comum

nas suas descrições a grandeza e inovação do Hospital Real, elaborando narrações sumárias das fachadas, principalmente da igreja voltada ao Rossio, mas contradizendo-se no que respeita a medidas e métricas dos espaços. Todavia, a estas fontes, juntam-se, ainda que com grandes reservas, as panorâmicas e iconografias de Lisboa dos séculos XVI ao XVIII (Apêndice J-I, Figs.36 a 40)

Estruturando-se segundo uma planta em cruz grega, inscrita num paralelogramo ladeado por fachadas, encerravam quatro pátios abertos que inicialmente se encontravam ajardinados mas, já em seiscentos, revestidos a laje, existindo um poço no centro de cada um, com exceção daquele que serviria à cozinha, situado a um canto (Moita, 1993, p.28; Carmona, 1954, p.200), aspeto a merecer destaque mais adiante.

Estes espaços abertos, de dimensões distintas, apresentavam aduelas quebradas, geralmente com chanfros, fustes oitavados e capitéis coerentes, com varandas voltadas para o claustro, tal como nos espaços dos conventos do Varatojo e de Jesus de Setúbal (Moita, 1993, p.13). Considerando que os pisos superiores do edifício, com abertura para os claustros, seriam as enfermarias e/ou espaços do corpo de trabalho, é de supor que o piso inferior estaria dedicado às cozinhas (duas, segundo Cristóvão Rodrigues de Oliveira), boticas, lavadoras, dispensas e demais espaços funcionais (Pacheco, 2008, p.58).

A conceção destes espaços claustrais reflete o pragmatismo, os preceitos práticos de funcionamento e de atitude face à doença, tendo funções de saguão, de zona de passagem e utilitária (Moita, 1993, p.13), e é sobre estes espaços que, em 1620, Frei Nicolau de Oliveira, no seu *Livro das Grandezas de Lisboa*, referiu a arquitetura geral do edifício, planta e mencionando os quatro ângulos de claustros muito grandes, lajeados de pedraria e com um poço de água ao centro, exceto no que auxiliava a cozinha.

Perante esta descrição, das mais pormenorizadas à época, senão para todo o período de vida do hospital no que concerne aos espaços de claustro, é de reter a primeira e única menção a um poço localizado a um canto. Atendendo ao facto de que o claustro SE não foi totalmente escavado, mas que seguramente não tinha estruturas hidráulicas nos ângulos Norte e que, no que concerne ao lajeado, apenas o NE o assumia (o NO era em empedrado, o SE, por motivos já referidos, não é passível de determinar, e o SO sugere escassa porção de calcetamento).

Assumindo que este poço a um canto referido por Frei Nicolau de Oliveira se trata da estrutura hidráulica do Claustro NE aqui em estudo, fica então determinado que em 1620 esta já existia e estaria em funcionamento, prestando assistência a cozinhas. É igualmente de atentar que a transição dos pátios ajardinados para espaços dotados de lajeamento/empedrado se deu entre a fundação do edifício hospitalar e a descrição de 1620.

Considerando princípios pragmáticos, é-nos possível sugerir que, aquando do processo de nivelamento e revestimento em lajeado, a construção do poço tenha sido efetivada, num momento de grandes obras e intervenções, promovidas no reinado de D. João III, num momento indeterminado situado entre 1521 e 1557. Não é de menosprezar esta sugestão atendendo que foi com *O Piedoso* que o Hospital, de apenas cinco, se viu dotado de nove enfermarias, mantendo as originais (Oliveira, 1987, p.60).

A aferição métrica dos espaços claustrais foi referida pontualmente de João Brandão a Frei Nicolau de Oliveira que, todavia, com devida conversão, não coincidem entre si e com as investigações atuais. Todavia, Mário Carmona, em 1954, afirma que os claustros NO e SO apresentavam-se com 19 m x 18,5 m e os ângulos NE e SE com 21 m x 19 m (Carmona, 1954, p.213). Apesar do cálculo da área total do Claustro NE não ser viável por questões diversas, é-nos possível referir os 18 m x 14 m remanescentes e os 3 m de largura do deambulatório, indo de encontro às métricas avançadas por Carmona.

No que respeita ao poço SE e aos materiais daqui exumados, é de abordar o segundo momento, documentado por deposições, descartes e acumulações resultado da intensa utilização da estrutura.

Refletindo acerca do espólio arqueológico do segundo momento (sendo o primeiro interpretado como construção/estrutura hidráulica), e U.E. [1194], é interessante registar que dos 432 *NMI* identificados, 170 (39,44 %) são destinados ao consumo e ingestão de líquidos, número reforçado essencialmente, pelas peças em cerâmica fina, nomeadamente os púcaros que registam 118 *NMI* (Apêndice J-II, Tabelas 9 a 11). A grande maioria destes encontrava-se completa, atestando, uma vez mais, a intensa utilização do poço para consumo de água e a tendência de risco de caírem acidentalmente no interior da estrutura. Nesta morfologia é curioso também registar que em 4 a 6 *NMIs* desta encontrarem a sua função anulada mediante uma perfuração no corpo, revelando, por hipótese, a preocupação em inutilizar peças expostas a determinados tipos de doenças/contágios, entretanto perdidas. Todavia, esta

ideia perde força quando se considera esta prática associada ao sequente descarte para o interior de um poço que serviria de consumo de água à população hospitalar, como se comprova arqueologicamente, afigurando-se por consequência como pouco plausível.

A segunda maior grandeza funcional do espólio recai, em valores bastante próximos, nos objetos destinados à confecção de alimentos com 110 *NMI* (25,55 %) e nas peças com vista o armazenamento de líquidos, com 100 *NMI* (23,20 %). Estas funcionalidades são de enfatizar porquanto na documentação coeva do Hospital é referida a tendência do piso térreo servir para funções de apoio, designadamente cozinhas e dispensas. Aliás, partindo do pressuposto que este claustro estaria entre as enfermarias de Santa Clara, a Norte, e a de S. Vicente, a Este, e que esta última atendia doentes de febres, é de ter em conta que Cristóvão Rodrigues de Oliveira referiu que “há duas cozinhas, uma das enfermarias das febres (...)” (Oliveira, 1987, p.51), estimulando a ideia aqui defendida de que é a este poço que João Brandão se refere em 1620, e que apoiava um espaço de cozinha do Hospital Grande. Também podemos relacionar com esta sugestão de leitura dos dados a considerável presença de peças destinadas ao consumo individual de alimentos, como os pratos e tigelas, expressos através de 34 *NMI* (7,88%).

O contraste é evidente quando referimos os vasos destinados à higiene e fins sanitários, como os bispotes, atestados somente por 2 *NMI* (0,46 %), o que, por certo, terá significado, bem como a escassa presença de objetos de teor claramente hospitalar, como os 2 *NMI* (0,46 %) de urinóis (Apêndice J-II, Estampas 1 e 2).

No mundo objetual da cerâmica comum fosca note-se a ausência de modelos com uma tradição vinda da Baixa Idade Média, bem situados nos inícios do século XV, como as panelas de bordo em aba horizontal com ressalto, as bacias com bordo em aba horizontal e lábio carenado ou os grandes pratos/terrinas com nervuras em aba saliente, modelos bem atestados num contexto habitacional do século XV, em Palmela (Fernandes, Carvalho, 1995, p.96). A este propósito referimos, ainda, os púcaros hemisféricos, consideravelmente mais planos que os do presente estudo, ou os copos altos em cerâmica fina, cerâmicas presentes em contextos tradicionalmente datados do reinado de D. Manuel I, como no Largo do Corpo Santo, Lisboa (Sabrosa, 2000, p.114). Note-se, igualmente, a inexistência de testos biselados, ou dos pratos de aba alta decorada com caneluras, de tradição baixo medieval, semelhantes aos do entulho do terramoto de 1531 da Rua dos Correiros (Diogo, Trindade, 2000, p.183), contexto que todavia deverá encerrar uma data anterior em função dos elementos divulgados,

ou da Rua do Poço Novo de Cascais (Cardoso *et al*, 2000, p.97) ou, ainda, os tachos de bordo estribado de finais de quatrocentos da Rua de João do Outeiro, na Mouraria de Lisboa (Diogo, Trindade, 1998, p.261).

Acrescentem-se a estes exemplos as ausências de púcaros, idênticos aos do primeiro momento do Hospital Real, vidrados a amarelo e verde como o exumado no antigo cais da Praia, peça usual em contextos de transição dos séculos XV/XVI (Trindade, 2009, p.120), as produções sevilhanas de corda-seca de produção de meados do século XV/XVI patenteadas em Lisboa no Largo do Corpo Santo, Terreiro do Paço ou Ribeira das Naus (Bargão *et al*, 2015, p.24). A lista não se detém, porém aqui. Deste modo, no âmbito de peças esmaltadas, é significativa a clara ausência das tigelas/escudelas brancas ou parcialmente verdes de asas/pegas horizontais opostas, no bordo, com típico fundo em ônfalo, ou as produções em azul e dourado de Paterna e Manizes, igualmente conhecidas de contextos manuelinos da capital como o Largo do Corpo Santo (Sabrosa, 2000, p.114).

Em sentido oposto, e fazendo a contrastação comparada com materiais de cronologias mais avançadas, servem de exemplo a cerâmica fina e modelada de contexto de finais do século XVII, inícios do século XVIII, detetadas no poço do claustro SO (Silva, Rodrigues, 2015, p.5), ou a faiança portuguesa, com clara ausência das peças decoradas em cartelas, com início de produção em 1610 e auge em 1635 (Casimiro, 2013, p.354), os objectos de produção em Coimbra ou Vila Nova de Gaia, que abasteciam Lisboa de forma acentuada entre 1635 e 1660 (*Idem*, p.356), ou as faianças com as temáticas decorativas das listas verticais, semicírculos concêntricos, as primeiras rendas e os motivos zoomórficos (*Idem*).

Este segundo momento foi formado por descartes e acumulações da intensa utilização da estrutura, expressa na elevada fragmentação dos materiais arqueológicos. Esta premissa é reforçada quando comparamos os valores do *MNI*, 3 383 com os 431 *NMI*, atestando o alto grau de fragmentação das peças. Como referido anteriormente neste estudo, o poço seria utilizado com um sistema manual de corda e roldana, o que potenciava queda de vasos ou a sua fragmentação durante o processo de recolha de água, sugestão aliás corroborada pela total ausência de alcatruzes no registo. Acrescente-se, ainda, que o conjunto cerâmico, bastante danificado e incompleto, para além da intensa utilização que atesta, sugere uma constante limpeza dos detritos depositados no fundo do poço, sendo o lixo o melhor indicador de uso de um espaço. Isto é, o facto de se registar uma elevada fragmentação dos

objectos, espelhada na discrepância dos *MNI* e *NMI*, bem como uma progressiva ausência de peças mais tardias, como a cerâmica modelada idêntica ao outro poço ou as típicas faianças de seiscentos, pode ser explicado com as limpezas efetuadas à estrutura, onde os materiais mais recentes ali presentes seriam os primeiros a ser removidos, deixando os de cronologias mais antigas no fundo, inalcançáveis no processo de limpeza. Aliás, são estes despejos ou lixos que melhor traduzem a intensa utilização do poço.

O terceiro momento antrópico registado na estrutura hidráulica através de depósitos recai no seu anulamento, composto pela U.E. [1186], a mais potente, que preenchia a quase totalidade da estrutura, contendo escassas/inexistentes inclusões de cerâmica de construção e fragmentos pétreos. Esta ação, claramente deliberada, prende-se com o fim de vida do edifício hospitalar. Imediatamente a seguir identificaram-se quatro U.E.'s onde, observando o espólio exumado, depreendemos tratar-se de um só momento devido à clara contemporaneidade.

Observando este quarto momento, é de destacar a totalidade de *MNI* de 5141, representando cerca de 60,3 % do espólio total associado à estrutura. Quando considerados os *NMI*, este momento registou 516 *NMI*, representando cerca de 54,5 % dos *NMI* totais identificados no poço SE do claustro NE.

Todavia, é interessante realçar o carácter funcional das peças recolhidas neste quarto momento, composto pelas quatro U.E.'s deposicionais. Nota-se uma preponderância no que concerne aos objetos com função de armazenamento, com cerca de 255 *NMI* (48,91 % dos vasos identificados), seguindo-se os de ingestão e consumo de líquidos, com 139 *NMI* (26,70 %). A partir daqui, os valores decaem consideravelmente, de que são exemplo as peças que visavam o consumo individual de alimentos, com 46 *NMI* (8,82 %), seguindo-se os destinados à confeção de alimentos, com 41 *NMI* (7,90 %), e os de carácter higiénico e sanitário, com 32 *NMI* (6,15 %). Em valores residuais, os contentores de fogo, com apenas 5 *NMI* (0,95 %) e os de iluminação, com apenas 3 *NMI* (0,57 %) (Apêndice J-III, Tabela 12).

Com vista a um melhor refinamento destes dados, importa abordar o quarto momento individualizando as U.E.'s, tentando aferir comportamentos de despejo e perfis funcionais próprios.

No que concerne à U.E. [1167] esta apresenta 1 890 *MNI*, representados em cerâmica comum fosca com 72,35 % dos materiais desta U.E., vidro com 24,07 %, cerâmica comum vidrada com apenas 3,33 % e, em valores reduzidos, a faiança portuguesa, com 0,1 %, o mesmo valor afeto à cerâmica fina e, por fim, com 0,05 % do conjunto da unidade, a cerâmica modelada.

Quando convertidos para *NMI*, os valores apresentam-se com contornos ligeiramente distintos: a cerâmica comum fosca, detendo 93 *NMI* representa deste modo 85,5 % do total desta U.E., o vidro detém 11 *NMI* (10%), a cerâmica fina 2 *NMI* (1,8 %), sendo que as cerâmicas vidrada, modelada e a faiança portuguesa, com 1 *NMI* cada e 0,9 %, respetivamente (Apêndice J-III, Tabela 13).

No âmbito funcional, e considerando as percentagens de *NMI* identificadas, verificamos que a U.E. [1167] apresenta os objetos de armazenamento e de consumo de líquidos com valores idênticos, 50 *NMI* cada e 46,30% para cada função. Com menor expressão, as peças com vista a confeção de alimentos e iluminação, esta última potenciada pelo espólio vítreo, nomeadamente as lamparinas de suspensão, apresentando cada uma destas funções 3 *NMI* (2,78%). Merecem saliência os parcos valores atingidos pelos objetos de higiene/sanitários e de cariz medicinal, com apenas 1 *NMI* (0,92 %). Assim, esta U.E. apresenta-se essencialmente com objetos de carácter de armazenamento e ingestão de líquidos, destacando ainda a ausência de contentores de fogo, de vasos destinados ao consumo alimentar.

No que concerne à U.E. que se sobrepõe à anteriormente mencionada, referimos e pormenorizamos a U.E. [1115]. Esta apresenta 1597 *MNI* distribuídos pelas distintas categorias cerâmicas da seguinte forma: de novo um claro domínio da cerâmica comum fosca, com 86,05 % do total desta unidade, seguida da faiança portuguesa, com 9,03 %, e da cerâmica comum vidrada, com 3,75 %. Em valores residuais, a cerâmica fina regista 0,68 %, o espólio vítreo marca 0,37 %, terminando com 0,06% atingido em separado pela cerâmica modelada e porcelana chinesa (Apêndice J-III, Tabela 14).

Este conjunto quando analisado de acordo com o *NMI*, assume-se de forma distinta: a cerâmica comum fosca detém 162 *NMI* (71,78 %), a faiança portuguesa apresenta 45 *NMI* (21,39 %) e, em valores reduzidos, a cerâmica fina e a cerâmica comum vidrada com 6 *NMI*

cada (2,57 % respetivamente), o acervo vítreo 2 *NMI* (0,85 %), e a cerâmica modelada e a porcelana chinesa registam somente 1 *NMI* cada (0,42 %).

Nas tendências deste conjunto da U.E. [1115] em termos funcionais destacam-se os contentores de armazenamento com 123 *NMI* (55,40 %), seguidos das peças destinadas à ingestão de líquidos, com 51 *NMI* (22,90 %); os objetos para consumo alimentar apresentam-se com 32 *NMI* (14,41 % do conjunto da U.E.), os vasos cerâmicos utilizados na confeção de alimentos a lume expressam-se através de 6 *NMI* (2,70 %) e, por fim, os contentores de fogo e os utensílios de higiene/sanitários registam 5 *NMI* cada (2,25% cada).

A U.E. [1113] está presente no registo com 1 336 *MNI*, distribuídos pelas diferentes categorias cerâmicas da seguinte forma: 77,48 % em cerâmica comum fosca, 21,8 % de cerâmica comum vidrada e, residualmente, em cerâmica fina com 0,29 %, o mesmo valor patenteado pelo grupo vítreo e apenas 0,07% em porcelana japonesa e produção britânica de *creamware* (Apêndice J-III, Tabela 15).

No que respeita aos preceitos primeiro avançados por Clive Orton, este panorama altera-se com a aplicabilidade dos princípios de cálculo do *NMI*, tendo-se 100 *NMI* (69,97 %) em cerâmica comum fosca, 33 *NMI* (23,07 %) em cerâmica comum vidrada, com a cerâmica fina e o vidro a registar 4 *NMI* cada (2,79 % cada). Por fim, a porcelana com 1 *NMI*, (0,69 % do conjunto), o mesmo valor do *creamware*.

No âmbito funcional do conjunto, o destaque de novo vai para os objetos de armazenamento, com 58 *NMI* (40,85 %), seguido dos destinados à ingestão de líquidos, com 34 *NMI* (23,95 %) e os destinados a confeccionar alimentos, com 26 *NMI* (18,30 %), seguidos imediatamente pelos vasos de higiene/sanitários, com 23 *NMI* (16,20 %). Por fim, e com apenas 1 *NMI* (0,7 %), os objetos de consumo alimentar individual.

No que concerne à U.E. [1113/1115] esta regista um total de 256 *MNI*, distribuídos pelas distintas categorias cerâmicas por: 50,8 % em cerâmica comum fosca, 29,3 % de cerâmica comum vidrada, 12,1 de faiança portuguesa, 5,07 % de cerâmica fina e por fim 2,73 de vidro. É de destacar que ainda persistem no registo 62 fragmentos/*MNI* de azulejos, não integrados na descrição agora referida dado integrarem outro universo que não o objetual, e só termos procedido ao cálculo para materiais desta natureza (Apêndice J-III, Tabela 16).

Desta forma, obtemos 21 *NMI* (41,17 %) em cerâmica comum fosca, 13 *NMI* (25,49 %) em faiança portuguesa, 8 *NMI* (15,7 %) de cerâmica fina, 7 *NMI* (13,72 %) em cerâmica comum vidrada e, por fim, 2 *NMI* (3,92 %) em vidro.

Para o perfil funcional de [1113-1115] obtemos 24 *NMI* (48 %) de peças de armazenamento, seguidos de 13 *NMI* (26 %) de objetos de consumo individual de alimentos, 6 *NMI* (12 %) de elementos para confeção, 4 *NMI* (8 %) de vasos para a ingestão individual de líquidos e 3 *NMI* (6 %) destinados à higiene ou fins sanitários.

Perante este panorama, e jogando com os dados estatísticos, em que o exercício em cima executado diz respeito a cada U.E. individual e ao comportamento dos seus materiais, é interessante sugerir que a U.E. [1167] tem um carácter repartido entre os vasos de armazenamento de líquidos e as peças individuais de consumo dos mesmos, sendo as restantes valências muito pouco expressivas. Aliás, note-se a total ausência de contentores de fogo e de objetos individuais de consumo de alimentos.

Por outro lado, a U.E. [1115] demarca-se das restantes pelo perfil elevado de cerâmicas de armazenamento, sendo mais de metade do seu *NMI*, ainda assim com os objetos de ingestão de líquidos a surgir com alguma expressão. Aqui denota-se a ausência de materiais hospitalares.

A U.E. [1113] mostra-se igualmente com carácter de armazenamento, mas com os vasos individuais de consumos de líquidos a aproximarem-se, tal como os de confeção de alimentos que, ao contrário das anteriores, se expressam fortemente. Todavia, de novo se regista a ausência de contentores de fogo ou de objetos de medicina.

Por fim, a U.E. [1113/1115] é a aquela que mostra a segunda maior percentagem de peças de armazenamento, seguidos, pela primeira vez com alguma expressão percentual, dos de cariz individual de consumo de alimentos à mesa. Tal como a anterior mencionada, nesta U.E. não foram exumados exemplares de contentores de fogo ou hospitalares.

Tendo completado este exercício, procede-se à análise da distribuição das funcionalidades por U.E., analisando a distribuição dos objetos com a mesma função nas diferentes unidades.

No que respeita aos recipientes com intuito de armazenamento, corrobora-se a sugestão do exercício anterior, estando cerca de 48,25 % destes concentrados na U.E. [1115], onde estão com maior expressão presentes os contentores de fogo, 100 % do total da amostra, e as peças individuais de consumo de alimentos, com 69,57 %.

Os exemplares de ingestão individual de líquidos encontram-se com maior percentagem na U.E. [1167], 35,97 %, onde estão presentes todos os *NMI* de iluminação, (100% do total da amostragem) e de carácter hospitalar (100% do total).

Por outro lado, com 63,43%, os vasos destinados à confeção alimentar estão bem patentes no registo da U.E. [1113], bem como os de cariz higiénico/sanitário, com 71,89 %.

É igualmente interessante constatar que a U.E. [1167], a que contem grande parte do mundo vítreo e a única que registou objetos de uso hospitalar e de iluminação, como para o consumo/ingestão de líquidos traduzido num exemplar de garrafa, revela algum “requisite”, bem como a considerável quantidade de *MNI* de vidraça, 71 (não contabilizados em *NMI* como os azulejos, e pelas mesmas razões).

A U.E. [1115], a que evidenciou maior percentagem de armazenamento, detém um aspeto interessante que recai na presença de elementos de vestuário, como os botões e as fivelas.

Por outro lado, a U.E. [1113] revela-se com produções deveras peculiares, como a porcelana japonesa, a *creamware* e os vidrados de eventual produção dos Países Baixos. A considerável presença de azulejos é aqui compreensível pois trata-se da última U.E. associada ao poço, datada do período de abandono e desmantelamento do Hospital, pelo que a cerâmica de construção está presente aqui e não nas unidades mais abaixo. Todavia estas particularidades não se revelam de significado superlativo quando observamos que é a que detém maior percentagem de objetos destinados à confeção alimentar (Apêndice J-III, Tabela 19).

Certo é que o preenchimento da superfície do poço ocorre já na década de 1770, considerando a presença de fragmento de *creamware*, de produção ulterior a 1760, e, em especial, de faiança do Juncal, cuja laboração se iniciou em 1770, sendo por consequência mais que provável o enchimento do poço aquando dos momentos de abandono e desativação

do primitivo edifício do Hospital, entre 1773/1775. Deverá a este propósito atentar-se na potente U.E. que anula a função e utilização do poço, e à sua composição por argilas de tonalidade acastanhada, sendo bastante compacta e com escassos elementos pétreos, composição similar à das U.E. registadas nas fundações do edifício público. Este aspeto pode significar que a anulação da estrutura hidráulica se poderá ter dado já com o Hospital desativado e em avançado processo de desmantelamento.

Interessante é igualmente o carácter de armazenamento dos materiais exumados, bem como de outras funções utilitárias. Este cariz pode ter significado quanto aos espaços de proveniências destes materiais: sabendo que as enfermarias se situariam nos pisos superiores, e que os térreos seriam de cozinhas, dispensas e espaços de armazenamento, os três compartimentos identificados em planta podem ter detido esta função, podendo, ainda, sugerir que os materiais do segundo momento, muito possivelmente, vieram das proximidades, senão mesmo destes compartimentos e de outros espaços não detetados no claustro.

No que respeita aos materiais há um outro aspeto a reter: o primeiro recai no princípio dos salvados, isto é, aquando do abandono do Hospital Real certamente terá sido concretizada uma seleção dos objetos que ainda estariam intactos e a uso, sendo transportados para as novas instalações no espaço do atual Hospital de S. José, o que explica a existência de peças inteiras, mas com fraturas, ao contrário do primeiro momento em que se registaram peças intactas e sem vestígios das mesmas. Este pressuposto está visível nos escassos objetos de medicina que se apresentam fragmentados. Desde modo, objetos como seringas, clisteres, cadinhos/godets, mangas de farmácia, bacias de sangria ou bisturis estão totalmente ausentes: a possível integridade das peças, e a sua especialização funcional, aliado seu potencial custo mais elevado, foram preferencialmente levados para o novo espaço hospitalar, no antigo Colégio dos Nobres (Leite, 1993, p.13).

Neste seguimento, é possível refletir na longevidade, não dos objetos em uso, mas das formas e das tendências morfológicas das mesmas, com claro contributo dos paralelos/sítios arqueológicos já referidos neste estudo.

Tendo como horizonte o primeiro momento objetual considerado deste estudo, as morfologias patentes na cerâmica comum revelam considerável longevidade nos registos; a exemplo, a forma de bilha em valores próximos de 75 anos, entre 1600 e 1675, ou a forma

de tigela cuja morfologia nada ou subtilmente modifica em igual longevidade. Contrastando, as panelas no decorrer do século XVI assistem a algumas e pontuais metamorfoses, mas as suficientes para remeter para o início ou fim da centúria.

Um bom exemplo de longevidade formal recai nos testos que, a partir de 1525/1550 pouco ou nada alteram a sua morfologia, perdurando no tempo até ao terceiro quartel do século XVII. No que concerne à forma de púcaro, a morfologia mantém-se pouco alterada até o primeiro quartel do século XVII.

A cerâmica esmaltada persiste no registo arqueológico até ao início do século XVII, com a mesma morfologia dos primórdios de quinhentos. Este facto é justificável com a grande aceitação destas peças e com a sua larga produção, cuja tradição emigra, juntamente com os saberes e oleiros (Apêndice J-III, Tabelas 21 e 22).

O “mundo ceramológico” do quarto momento considerado espelha uma dinâmica ligeiramente distinta. No caso da cerâmica comum fosca, ela perdura no registo arqueológico por sensivelmente um século, estando especialmente presente em ambientes de aterro do terramoto de 1755. No decorrer do século XVIII, as formas de panela e pote são bem características e com particularidades próprias, sofrendo poucas mutações estéticas, seguindo um padrão efetivo. Para a faiança portuguesa, esta devido às suas características de produção e funcionais, e possivelmente com maior cuidado no manuseamento, elas revelam maior longevidade no registo (Apêndice J-III, Tabelas 23 e 24).

Convém, agora, abordar algumas outras questões de conteúdo distinto e que se acharam pertinentes.

A primeira recai na própria construção do Hospital Real. Foi referido anteriormente que em 1503 o edifício já recebia doentes e estaria em vias de estar terminado, aspeto que merece especial destaque: contudo, a publicação de uma fonte recente relativa a Lisboa veio completar um pouco mais o quadro documental, pois nela o nobre flamengo Jan Tacoen Van Zillebeke testemunha que em 1514, embora a uso, as obras ainda prosseguiam ainda no Hospital Grande (Stols *et al*, 2014).

Outro apontamento refere-se ao encerramento do edifício. Apesar de fortemente afetado pelo terramoto de 1755, as zonas danificadas foram reconstruídas, estando

operacionais cerca de vinte e uma enfermarias nos anos seguintes ao cataclismo. Foi neste contexto que em 1756 o arquiteto Manuel da Maia sugere seis possíveis plantas de reconstrução, sendo que em 5 delas estaria previsto o Hospital Real ocupando com exactidão o mesmo espaço (Pacheco, 2008, p.98). Na realidade, a decisão da transferência definitiva da instituição deu-se somente em 1769, aproveitando o Marquês de Pombal a expulsão do Jesuítas para lhe destinar o Colégio de Santo Antão-o-Novo (*Idem*, p.99), desenvolvendo-se a partir dessa data as ações necessárias à mudança e, depois, o desmantelamento do remanescente e aproveitamento dos materiais para a reconstrução dos prédios da Baixa e para a constituição do aterro que conformou a atual Praça da Figueira.

11. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos finais do século XV, numa Europa em constante transformação e impulsionadas por ideais de organização espacial, as cidades sofreram profundas reestruturações. A esta premissa acresce-se o preceito renascentista da centralidade do Homem, dos seus espaços e, neste caso em particular, da saúde e da assistência do corpo e da alma. É neste contexto ideológico que, em Portugal ele se traduziu na construção do Hospital Real de Todos-os-Santos, e por iniciativa régia de D. João II. A escolha do local de edificação teve em consideração aspetos vários: a proximidade a um acesso primordial da cidade, eixo de grande ancestralidade que passava pelas Portas de Santo Antão; desafogo urbanístico, por se situar numa zona menos pressionada pela expansão do tecido urbano; por fim, um local com acesso às águas freáticas. No mesmo quadro temporal, a zona ribeirinha e baixa da cidade ganhavam destaque, com a instalação de residências nobres, bem como coroa, nomeadamente os seus equipamentos ligados às empresas ultramarinas (Silva, Guinote, 1998, p.17).

A construção do Hospital Real foi reflexo, noutra sentido, do quadro político específico do reinado de D. João II, momentos pujantes de afirmação régia, que no domínio assistencial implicou a extinção de pequenos hospícios e albergarias de Lisboa, e seus arredores, e sua substituição por uma instituição centralizada, promovida pelo monarca. Esta nova ideologia joanina ganhou corpo em 1492, com o início da construção daquele que viria a ser o primeiro edifício central de assistência e saúde pública em Lisboa, recebendo os primeiros doentes nos primeiros anos do século XVI (Pacheco, 2008, p.27).

Inspirando-se em hospitais da época, o Hospital Real foi projetado com base numa planta cruciforme que permitia a separação por valências e géneros e, paralelamente, uma circulação fluida no interior dos espaços (Leite, 1993, p.7). Estas preocupações, progressivamente interiorizadas, foram ponderadas na construção de quatro amplos pátios, cada um com acesso a água potável através de estruturas hidráulicas, exceto o Claustro NE que disporia de dois poços.

Os vestígios remanescentes deste espaço em concreto, o Claustro NE, foram detetados aquando das intervenções arqueológicas de 1999/2001 na Praça da Figueira. O levantamento gráfico efetuado no terreno proporcionou uma possível leitura do edificado hospitalar e dos espaços claustrais, bem como das suas relações estratigráficas.

No que mais importa para o presente estudo, o ângulo SE do pátio, focámo-nos nas distintas áreas identificadas no piso térreo: zonas de circulação e respetivas estruturas murárias, áreas compartimentadas e estrutura hidráulica. Não sendo possível aferir com uma maior finura a data da sua edificação/reformulação, que será necessariamente posterior à da primitiva fundação do Hospital Real, a arqueologia revelou-se o único instrumento disponível para este exercício de atribuição cronológica.

No que concerne ao poço SE, não nos foi possível datar com precisão categórica o momento da sua implementação. Contudo, considerando as características do trabalho da cantaria empregue, a sua homogeneidade, e, em particular, a ausência de marcas de canteiro (presentes nos elementos da arquitetura hospitalar original) (Moita, 1966, p.17), bem como as relações estratigráficas da estrutura com o restante espaço do claustro, pode-se concluir que a construção do poço não integrou a fase primitiva do edifício. Nesta sequência, o dado arqueológico aferido através do estudo dos materiais sugere que a sua edificação remonta ao segundo quartel do século XVI, possivelmente durante o reinado de D. João III (1521-1557), monarca que se sabe por outras fontes ter concretizado profundas transformações no Hospital Real. Em sentido oposto, acrescente-se esta leitura é concordante com os dados proporcionados pela documentação escrita que, de forma segura e explícita, acusa a existência do poço já no primeiro quartel do século XVII, em 1620.

A segunda fase arqueológica da estrutura hidráulica equivale às deposições, descartes e acumulações resultantes da intensa sua utilização. Este horizonte ceramológico assume-se enquanto referência para o estudo dos quotidianos quinhentistas em Lisboa, podendo

manifestar-se nos mais variados contextos da cidade, desde espaços com carácter habitacional, a áreas oleiras ou de despejo/aterro, onde a cerâmica comum fosca se regista com maior expressão, a par da cerâmica fina e vidrada, das produções particulares da cerâmica modelada e “pedrada”, ou das importações do Sul de Espanha.

Particularizando a atenção sobre os objetos do poço SE, é conveniente atentarmos para o mundo formal aí representado, pois a elevada presença de indivíduos destinados à ingestão individual de líquidos, como os púcaros, espelha a utilização intensa do poço no consumo individual de água pela população hospitalar. No que respeita à ingestão de alimentos, traduzida arqueologicamente na representação dos pratos e tigelas, revela-se o constante individualismo dos hábitos de consumo, aqui acicatado pelo receio de contágios, isto apesar dos números significativos de contentores destinados ao armazenamento de líquidos. Ainda assim, é de mencionar a grande heterogeneidade funcional dos demais objetos exumados, onde também pontuam as peças destinadas à confeção de alimentos.

No que concerne ao terceiro momento associado à estrutura hidráulica, este remete para a sua anulação, ato concretizado com o seu preenchimento quase total com uma potente U.E. composta por terras e argilas compactas, estéreis em materiais cerâmicos e de construção.

Este momento não pode ser datado pelos materiais cerâmicos da U.E. anterior, considerando que a ausência de vasos característicos do século XVII se prende, tão somente, com a constante e necessária limpeza da estrutura, que aliás justifica a elevada fragmentaridade do espólio associado. Assim, a datação para a inutilização do poço é-nos dada por dois aspetos: o primeiro, diz respeito à composição da U.E., por ser de características similares à das exumadas em conexão com os níveis fundacionais do Hospital Real de Todos-Os-Santos, bem como noutras estratigrafias do momento de abandono e transferência do edifício aquando da sua trasladação para outras instalações, na década de 70 do século XVIII (Pacheco, 2008, p.74); o segundo fator recai no quarto horizonte associado a esta estrutura, que foi interpretado como plausivelmente resultante da seleção de elementos a serem transportados para o novo espaço.

O mundo objetual presente neste momento exigiu reflexões interpretativas nos mais variados aspetos. Composto exclusivamente por materiais datados do século XVIII, espelhou fortemente a atenuação das categorias cerâmicas e respetivas morfologias das

centúrias anteriores (e reconhecidas no segundo momento da estrutura), de tal forma que o espólio se assumiu quase exclusivamente em cerâmica comum vidrada, faiança portuguesa e vidro, esmagadoramente de índole pessoal.

Assim identificámos, para este momento do faseamento, para além de contentores de acondicionamento como os potes, outros de considerável requinte, como os exemplares completos de garrafa, copo e lamparina de suspensão, bem como de estrito uso hospitalar, caso das ventosas. No aqui respeita à faiança portuguesa, merece justificado destaque o prato com a Cruz de Malta na aba e a bacia completa com o leteriforme “CARI^{de}” no seu interior. Estes detalhes têm significado histórico se se puserem em paralelo com o Real Hospital Militar de São João de Deus, no Castelo de S. Jorge, Lisboa, cuja administração é entregue, por D. João IV, aos Irmãos Hospitaleiros de S. João de Deus em 1641 (Borges, 2009, p.55). Esta congregação tinha como missão prestar cuidados, caridade e assistência a doentes e necessitados, sugerindo o objeto arqueológico canais de comunicação entre a Ordem de Malta e o Hospital Real de Todos-os-Santos, eventualmente intercâmbio de ideias que pode ter passado tão somente pelo tirocínio de médicos, cirurgiões ou outro pessoal clínico, comportando o transporte de bens pessoais ou “profissionais” próprios, como bacias ou “lava-pés” (*Idem*, p.92)

Entre os objetivos propostos para a presente dissertação, o primeiro recaiu no estabelecimento de fácies cerâmicos, isto é, modelos vigentes no Hospital Real de Todos-os-Santos e, numa escala mais alargada, em Lisboa. Este propósito é praticável de sobremaneira para o contexto do século XVI, onde os vasos exumados na parte mais profunda do interior estrutura hidráulica podem ser encarados como amostra e reflexo dos ambientes de Época Moderna coevos na cidade. Para o século XVIII, esta concretização complexifica-se, pois se notou uma maior coesão e formatação dos modelos das peças, essencialmente no que concerne à cerâmica comum fosca e vidrada.

Para as áreas de aprovisionamento, o mundo objetual não oferece dados concretos. Todavia, atendendo às fontes históricas disponíveis, que referem o piso térreo do Claustro NE como dotado de espaços de dispensa, cozinha (pelo menos uma seguramente) e refeitórios, aliado ao aspeto funcional do segundo momento, composto por peças de consumo individual, de mesa e de confeção de alimentos, consideramos esta hipótese plausível.

Porém, o quarto e último momento levanta novas hipóteses. A elevada expressão de objetos de uso sanitário, de higiene e de uso hospitalar, bem como peças de requinte, como fragmentos de vidraça de mobiliário ou, até, as categorias cerâmicas de *creamware* e porcelana asiática, sugerem um ambiente, por um lado faustoso, por outro de cotidiano hospitalar. Considerando, ainda, que cada U.E. reconhecida neste momento apresenta determinadas particularidades no que concerne à composição funcional, julgamos que a estrutura hidráulica foi preenchida com objetos de proveniências diversas. Esta hipótese é adensada pelo abrupto abandono do edifício hospitalar entre 1773 e 1775, podendo estes vasos ter origem em qualquer ponto do Hospital Real, mas certamente, na órbita do Claustro NE.

12. FONTES E BIBLIOGRAFIA

12.1. Fontes impressas

BLUTEAU, R. (1728) – Vocabulario Portuguez & Latino. Collegio das Artes da Companhia de Jesus. Coimbra.

BRANDÃO, J. (1990) – Tratado da majestade, grandeza e abastança da Cidade de Lisboa em 1552. Livros Horizonte. Lisboa.

DIAS, J.J.A. (Introd.) (2002) – Ordenações Manuelina, Livros I a V (fac-simile). Centro de Estudos Históricos da Universidade Nova de Lisboa.

GÓIS, D. (1988) – Descrição da cidade de Lisboa. Tradução, introdução e notas de José da Felicidade Alves. Livros Horizonte. Lisboa.

LOPES, A.L. (1890) – O Hospital de Todos-os-Santos, hoje denominado de S. José. Contribuições para a História das Sciencias Médias em Portugal. Imprensa Nacional. Lisboa.

OLIVEIRA, Cristóvão Rodrigues (1987) – Lisboa em 1551. Sumário em que brevemente se contém algumas coisas assim eclesiásticas como seculares que há na Cidade de Lisboa. Livros Horizonte. Lisboa.

OLIVEIRA, E.F. (1882) – Elementos para a História do Município de Lisboa. Typographia Universal. Lisboa.

OLIVEIRA, F. Nicolau de (1991) – Livro das Grandezas de Lisboa. Veja. Lisboa

SANDE, D. (2009) – Missão dos Embaixadores Japoneses. Tomo I. Imprensa da Universidade de Coimbra e Centro Científico e Cultural de Macau. Coimbra.

12.2. Bibliografia

ALMEIDA, M.B. (2012) – Convento de Jesus (Setúbal) Arqueologia e História: Faiança decorada. Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa.

AMARO, C., FILIPE, V., HENRIQUES, J.P., MANSO, C.R. (2013) – Prisão do Aljube no séc. XVI – vidros, majólica italiana e cerâmica esmaltada espanhola, in ARNAUD, J., MARTINS, A., NEVES, C. (Coord.), *Arqueologia em Portugal*, Associação dos Arqueólogos Portugueses. Lisboa. Pp. 1019-1024.

ANDERSON, S. (2008) – Binham Priory, Norfolk: Ceramic Finds, in CFA Report no. 1470. Musselburgh. Pp. 1-68.

ANTUNES, M.S.L. (1998) – Caminhos da Porcelana, in *Caminhos da Porcelana da Dinastia Ming e Qing*, Fundação do Oriente. Lisboa. Pp. 12-34.

ARAÚJO, R. (1990) – Lisboa - A cidade e o Espectáculo na Época dos Descobrimentos. Livros Horizonte. Lisboa.

ARCELIN, P.; TUFFREAU-LIBRE, M. (1998) – La quantification des céramiques. Conditionnet protocole. In *Actes de la table ronde du Centre Archéologique Européen du Mont Beauvray*. Centre Archéologique Européen du Mont Beauvray, Collection Bibracte, 2. Glux-en-Glenne.

BALFET, H. F.; FAUVET-BERTHELOT, M. F.; MONZON, S. (1983) – Pour la normalisation de la description des poteries. Centre National Pour la Recherche Scientifique. Paris.

BARGÃO, A., FERREIRA, S. (2013) – Pátio Linheiro, Largo dos Trigueiros: um exemplo da Lisboa seiscentista, in ARNAUD, J., MARTINS, A., NEVES, C. (Coord.) *Arqueologia em Portugal*, Associação dos Arqueólogos Portugueses. Lisboa. Pp. 1049-1055.

BARGÃO, A., FERREIRA, S., SILVA, R.B. (2015) – De Sevilha para Lisboa: pratos com decoração em “corda-seca” de final dos séculos XV-XVI de dois contextos na Ribeira ocidental, in *Al-Madan* online, II Série, N.º20, tomo 1. Almada. Pp. 21-27.

BARROS, L.; BATALHA, L.; CARDOSO, G.; GONZALEZ, A.; (2012) – A olaria renascentista de Santo António da Charneca – Barreiro, in TEIXEIRA, A.,

BETTENCOURT, J. (Coord.), *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna*. CHAM-UNL/FCSH e UAç. N.º1, Vol.2. Lisboa. Pp.699-710.

BATALHA, L.; CAMPÔA, A.; CARDOSO, G.; NETO, N.; REBELO, P.; SANTOS, R. (2012) – Vestígios de um centro produtor de faiança dos séculos XVII e XVIII, dados de uma intervenção arqueológica na Rua de Buenos Aires, n.º10, Lisboa, in TEIXEIRA, A., BETTENCOURT, J. (Coord.) *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna*. CHAM-UNL/FCSH e UAç, N.º1, Vol.2. Lisboa. Pp.951-962.

BATALHA, L., CARDOSO, G. (2013) – Poço seiscentista no Vale de Alcântara (Santa Isabel, Lisboa), in *EMERITA – Estudos de Arqueologia e Património Cultural*, 1. Lisboa. Pp. 113-140.

BOAVIDA, C. (2012) – Espólio vítreo de um poço do Hospital Real de Todos-os-Santos (Lisboa, Portugal), in TEIXEIRA, A., BETTENCOURT, J. (Coord.) *Velhos e Novos Mundos: estudos de Arqueologia Moderna*. CHAM-UNL/FCSH e UAç. N.º1, Vol.1. Lisboa. Pp. 135-139.

BORGES, A.M. (2009) – Reais Hospitais Militares em Portugal 1640-1834. Imprensa da Universidade de Coimbra. Coimbra.

BORGES, A.M. (2013) – Azulejaria de S. João de Deus em Portugal, séculos XVII-XXI. Roteiro Cultural e Turístico. Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

BOTELHO, P. (2012) – Produções Sevilhanas – azul sobre branco e azul sobre azul: no contexto das relações económicas e comerciais entre o litoral algarvio e a Andaluzia (séculos XVI-XVII), in TEIXEIRA, A., BETTENCOURT, J. (Coord.) *Velhos e Novos Mundos: estudos de Arqueologia Moderna*. CHAM-UNL/FCSH e UAç. N.º1, Vol.2. Lisboa. Pp. 855-864

BOTELHO, P. (2012) – Produções sevilhanas – azul sobre branco e azul sobre azul, in TEIXEIRA, A., BETTENCOURT, J. (Coord.), *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna*. CHAM-UNL/FCSH e UAç. N.º1, Vol.2. Lisboa. Pp.855-876.

BOUCHER, F. (1987) – The seventeenth century, in *20,000 Years of Fashion. The history of costume and personal adornment*. Harry N. Abrams, Inc., Publishers. New York. Pp. 251-289.

BURTON, W.M.A., HOBSON, B.A. (1919) – Handbook of Marks on Pottery & Porcelain, MacMillan and Co., Limited, St. Martin's Street, Londres.

CAESSA, A., MOTA, N. (2013) – Redescobrimo a História de Carnide: a intervenção arqueológica no Largo do Coreto e envolvente, in ARNAUD, J., MARTINS, A., NEVES, C. (Coord), *Arqueologia em Portugal*, Associação dos Arqueólogos Portugueses. Lisboa. Pp. 1025-1032.

CARDOSO, G. (2009) – Sondagens arqueológicas no Convento de Nossa Senhora das Neves (Serra de Montejunto, Cadaval), in *Actas do 1º Encontro de Cultura e Património do Cadaval*. Câmara Municipal do Cadaval. Pp. 43-82.

CARDOSO, G. RODRIGUES, S. (2002) – Conjunto de peças de cerâmica do século XVII do Convento de N.ª Sr.ª da Piedade de Cascais, in *Actas do 3º Encontro de Arqueologia Urbana*. Câmara Municipal de Almada. Pp. 269-288.

CARDOSO, G., GOMES, J.J.F., RODRIGUES, S. (2001) – Aspectos da produção de cerâmicas vidradas, em Alenquer, durante o século XVI, in *Arqueologia no Distrito de Lisboa, Alenquer, Cadaval e Cascais*. Assembleia Distrital de Lisboa. Lisboa. Pp. 1-9

CARDOSO, J.L. (2008) – Resultados das escavações arqueológicas realizadas no claustro do antigo Convento de Jesus (Academia das Ciências de Lisboa) entre Junho e Dezembro de 2004, in *Revista Portuguesa de Arqueologia*, Vol.11, N.º1, Lisboa. Pp. 259-284.

CARITA, H. (1999) – Lisboa manuelina e a formação de modelos urbanísticos da Época Moderna: 1495-1521. Livros Horizonte. Lisboa.

CARMONA, M. (1954) – O Hospital Real de Todos-os-Santos da Cidade de Lisboa. Lisboa.

CARNEIRO, E.L. (1989) – Empedrado: técnica de decoração cerâmica. Museu da Olaria. Barcelos.

CARREIRA, C. (2005) – Cerâmicas Modernas do Palácio Mogo de Melo de Torres Novas. Câmara Municipal de Torres Novas.

CARVALHO, A.S. (1949) – Crónica do Hospital de Todos-os-Santos. V Centenário da Fundação do Hospital Real de Todos-os-Santos 1492-1992. Lisboa.

CARVALHO, J.M.T. (1921) – A cerâmica coimbrã no século XVI. Imprensa da Universidade. Coimbra.

CASIMIRO, S.; MONTEIRO, M.; SILVA, R. B. (2013) - Amostras de faunas de contextos selados da cidade de Olisipo. Entre principados de Tibério e Nero. Reunião Científica Arqueozoologia de la Romanización - La Romanización en la Península Ibérica: Una visión desde la Arqueozoología. Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de León. Espanha, 19-20 de Setembro.

CASIMIRO, T. (2011) – Estudo do espólio de habitação seiscentista em Lisboa, in *O Arqueólogo Português*, Serie V, 1. Lisboa. Pp. 689-726.

CASIMIRO, T.M. (2010) – Faiança Portuguesa nas Ilhas Britânicas (dos finais do século XVI aos inícios do século XVIII). Dissertação de Doutoramento em História, especialidade de Arqueologia, apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa.

CASIMIRO, T.M. (2013) – Faiança portuguesa: datação e evolução crono-estilística, in *Revista Portuguesa de Arqueologia*, Vol.16. Lisboa. Pp. 351-367.

CASTELO-BRANCO, F. (1990) – Lisboa Seiscentista. Livros Horizonte. Lisboa.

CASTRO, A.I.; SEBASTIAN, L.C. (2008) – Faiança dos séculos XVII e XVIII no Mosteiro de S. João de Tarouca, in ABRAÇOS, H., DIOGO, J.M. (Coord) *Actas das 4^{as} Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*. Tondela. Pp.325-334.

CHMYZ, I. (1976) – Terminologia arqueológica brasileira para a cerâmica. Cadernos de Arqueologia, 1. Universidade Federal do Paraná.

COELHO, A.B. (2006) – Ruas e Gentes na Lisboa Quinhentista. Caminho. Lisboa

COELHO, I.A.D.P. (2008) – A Cerâmica Oriental da carreira da Índia no contexto da carga de uma nau – a presumível Nossa Senhora dos Mártires, Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa.

COELHO, I.P. (2013) – A Casa dos Bicos: estudo arqueológico de um espaço e quotidiano palaciano na Lisboa Ribeirinha (séculos XVI-XVIII). Análise preliminar, in ARNAUD, J., MARTINS, A., NEVES, C. (Coord.), *Arqueologia em Portugal*, Associação dos Arqueólogos Portugueses. Lisboa. Pp. 1085-1090.

CORREIA, V. (1916) – Ornamentação popular da louça de Estremoz, in *Atlântida*, I (3), Lisboa. Pp. 244-255.

CORREIA, V. (1919) – Oleiros quinhentistas de Lisboa, in *Águia*, Vol.XV, Tipografia da Renascença Portuguesa (separata). Porto.

D'INTINO, R. (1998) – Objectos do Quotidiano, in AFONSO, S., D'INTINO, R., SOROMELHO, M, *Nossa Senhora dos Mártires, a última viagem*. Editorial Verbo. Lisboa. Pp. 219-227.

DABAL, J. (2013) – British ceramics in Gdansk local market in 18th and 19th century, in *Archaeologia Historica Polona*, Tom.21, Instytut Archeologii I Etnologii, Uniwersytet Gdanski. Pp. 321-350.

DEAGAN, K. (1987) – Artifacts of Spanish colonies of Florida and the Caribbean, 1500-1800. Smithsonian Institution Press. Washington/Londres.

DIOGO, A.M.D., TRINDADE, L. (1998) – Intervenção arqueológica na Rua João do Outeiro, n.ºs 36/44, na Mouraria, em Lisboa, in ABRAÇOS, H., DIOGO, J.M. (Coord.), *Actas das 2.ª Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval. Métodos e Resultados para o seu estudo*. Tondela. Pp. 257-265.

DIOGO, A.M.D., TRINDADE, L. (2000) – Cerâmicas de barro vermelho, encontradas em entulhos do terramoto de 1531, na intervenção arqueológica da Rua dos Correeiros, Lisboa, in *Revista Portuguesa de Arqueologia*, Vol.3, N.º2. Lisboa. Pp. 201-235.

DIOGO, A.M.D., TRINDADE, L. (2003) – Cerâmicas de barro vermelho da intervenção arqueológica na Calçada de São Lourenço, n.ºs 17/19, em Lisboa, in ABRAÇOS, H., DIOGO, J.M. (Coord.), *Actas das 3.ª Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval. Métodos e Resultados para o seu estudo*. Tondela. Pp. 203-213.

DIOGO, A.M.D., TRINDADE, L. (2008) – Cerâmicas de barros vermelhos provenientes de entulhos dos terramotos de 1531, em Lisboa, in ABRAÇOS, H., DIOGO, J.M. (Coord.), *Actas das 4.ª Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval. Métodos e Resultados para o seu estudo*. Tondela. Pp. 171-185.

DUARTE, S.; SOARES, J., SILVA, C.T. (2014) – Intervenção arqueológica na Rua Álvaro Castelões n.ºs38 e 40 (Setúbal) e sismo de 1755, in SILVA, C.T. (Coord.) *Setúbal Arqueológica*, Vol.15. Setúbal. Pp. 341-372.

ÉLVIO, D.M.S. (2011) – Ilhas de Arqueologia. O quotidiano e a civilização material na Madeira e nos Açores (séculos XV-XVIII). Dissertação de Doutoramento em História, especialização em História Regional e Local, apresentada à Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa.

ESTRELA, C., FERREIRA, S., FERREIRA, R. (2008) – Apontamentos sobre Silves na Época Moderna: a intervenção arqueológica na Rua das Parreiras, in *Xelb*, 8, Vol.2 – Actas do 5º Encontro de Arqueologia do Algarve. Silves. Pp. 223-233.

ETCHEVARNE, C. (2012) – Bahia, Aportes para uma arqueologia das relações transatlânticas no período colonial, in TEIXEIRA, A., BETTENCOURT, J. (Coord.), *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna*. CHAM-UNL/FCSH e UAç. N.º1, Vol.1. Lisboa. Pp.23-35.

ETCHEVARNE, C., GOMES, J.P. (2012) – Porcelana chinesa em Salvador da Bahia (séculos XVI a XVIII), in TEIXEIRA, A., BETTENCOURT, J. (Coord.), *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna*. CHAM-UNL/FCSH e UAç. N.º1, Vol.2. Lisboa. Pp.933-935.

ETCHEVARNE, C., SADINHA, O. (2007) – A cerâmica vermelha fina do Convento de Sant'Anna (Lisboa) no acervo do Museu Nacional de Arqueologia, in *O Arqueólogo Português*, Serie IV, 25. Pp.345-372.

FERNANDES, I. (1998) – Da necessidade de uniformizar a terminologia cerâmica, in ABRAÇOS, H., DIOGO, J.M. (Coord) *Actas das 2as Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval. Métodos e Resultados para o seu estudo*. Câmara Municipal de Tondela. Pp. 479-480.

FERNANDES, I.C. (2012) – O último Convento da Ordem de Santiago de Palmela. Dados arqueológicos da intervenção do pátio fronteiro à igreja, in TEIXEIRA, A., BETTENCOURT, J. (Coord.), *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna*. CHAM-UNL/FCSH e UAç. N.º1, Vol.1. Lisboa. Pp.505-516.

FERNANDES, I.C., CARVALHO, A.R. (1995) – Cerâmicas Baixo-Medievais da Casa n.º4 da Rua do Castelo (Palmela), in ABRAÇOS, H., DIOGO, J.M. (Coord.), *Actas das 1ªs Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval. Métodos e Resultados para o seu estudo*. Tondela. Pp. 77-96.

FERNANDES, I.C., CARVALHO, A.R. (1998) – Conjuntos cerâmicos Pós-Medievais de Palmela, in ABRAÇOS, H., DIOGO, J.M. (Coord.), *Actas das 2.ª Jornadas de Cerâmicas Medieval e Pós-Medieval. Métodos e Resultados para o seu estudo*. Tondela. Pp.211-255.

FERNANDES, I.C., CARVALHO, A.R. (2003) – A loiça seiscentista do Convento de S. Francisco de Alferrara (Palmela), in ABRAÇOS, H., DIOGO, J.M. (Coord.), *Actas das 3ª Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval. Métodos e Resultados para o seu estudo*. Tondela. Pp. 231-252.

FERNANDES, I.M. (1998) – Da necessidade de uniformizar a terminologia cerâmica, in ABRAÇOS, H., DIOGO, J.M. (Coord.), *Actas das 2ª Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval. Métodos e Resultados para o seu estudo*. Tondela. Pp. 479-480.

FERNANDES, I.M. (2012) – Um gosto decorativo. Louça preta e vermelha polvilhada de branco (mica), in TEIXEIRA, A., BETTENCOURT, J. (Coord.), *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna*. CHAM-UNL/FCSH e UAç. N.º1, Vol.2. Lisboa. Pp.897-908.

FERNANDES, I.M.G. (2012) – A loiça preta em Portugal: Estudo histórico, modos de fazer e de usar. Dissertação de Doutoramento em História, Especialidade de Idade Contemporânea, apresentada ao Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho.

FERREIRA, M.A. (1994) – Vidro e cerâmica da Idade Moderna no Convento de Cristo, in *Mare Liberum*, N.º8. pp. 117-200.

FERREIRA, M.A. (1995) – O Barroco na cerâmica doméstica portuguesa, in ABRAÇOS, H., DIOGO, J.M. (Coord.), *Actas das 1.ª Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval. Métodos e Resultados para o seu estudo*. Tondela. Pp. 151-161.

FERREIRA, M.A. (2004) – Espólio vítreo proveniente da estação arqueológica do Mosteiro de Sta. Clara-a-Velha de Coimbra: resultados preliminares, in *Revista Portuguesa de Arqueologia*, Vol.7, N.º2. Lisboa. Pp. 541-583.

FERREIRA, M.A. (2012) – Vidro arqueológico da Casa Gouveia (Évora): do vidro romano ao vidro industrial, in *Portugalia*, Nova Serie, Vol.33. Porto. Pp. 73-106.

- FERREIRA, S.I.C. (2015) – O sítio do forte de São Paulo: estudo arqueológico da Ribeira Ocidental de Lisboa na época moderna. Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa.
- FIGUEIREDO, J.M.P. (1968) – Goa Dourada nos séculos XVI E XVII. O Hospital dos pobres do Padre Paulo Camerte (Esboço de sua reconstituição histórica), in *Studia*, N.º25, Centro de Estudos Ultramarinos, Lisboa. Pp. 117-146
- FILIPE, V., CALADO, M., FIGUEIREDO, M., CASTRO, A. (2013) – Intervenção arqueológica na Rua do Espírito Santo, Castelo (Lisboa), do romano republicano à época contemporânea: dados preliminares, in *Al-Madan* online, II Série (17), Tomo 2. Pp. 6-12.
- FONTES, L., FERNANDES, I.M., CASTRO, F. (1998) – Peças de louça preta decoradas com moscovite encontradas nas escavações arqueológicas do Mosteiro de S. Martinho de Tibães, in ABRAÇOS, H., DIOGO, J.M. (Coord.), *Actas das 2^{as} Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval. Métodos e Resultados para o seu estudo*. Tondela. Pp. 355-363.
- FORMIGO, F.A. (2014) – Estudo decorativo, morfológico e tecnológico da faiança de Coimbra. Dissertação de Mestrado em Conservação e Restauro (Património Móvel), apresentada ao Instituto Politécnico de Tomar.
- FRANÇA, J.A. (1980) – Lisboa: Urbanismo e Arquitectura. Ministério da Educação e Ciência. Lisboa.
- FUSCO-ZAMBETOGLIRIS, N. (2003) – Un diálogo com la cerâmica portuguesa de la Colonia del Sacramento, in *Journal of American Archaeology*, n.º22. Instituto Panamericano de Geografía e Historia. Pp. 43-62.
- GAIMSTER, D. (1997) – German Stoneware – 1200-1900, in *Archaeology and Cultural History*, British Museum Press. Londres.
- GARDIN, J.C. (1985) – Code pour l’analyse des formes de poteries. Centre de Recherches Archéologiques, Analyse Documentaire et Calcul en Archéologie. Paris.
- GOGGIN, J. (1968) – Spanish Majolica in the New World. Types of the sixteenth to eighteenth centuries. New Haven, Department of Anthropology, Yale University Publications in Anthropology. Yale.

GOMES, J.P.O. (2011) – Faiança Portuguesa na capital do Brasil seiscentista. Dissertação de Mestrado em História da Arte apresentada à Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra.

GOMES, M.V., GOMES, R.V. (1993) – Cerâmicas Vidradas e Esmaltadas dos séculos XIV, XV e XVI, do Poço-Cisterna de Silves, in *Xelb*, 3. Câmara Municipal de Silves, Museu de Arqueologia de Silves. Silves. Pp. 143-205.

GOMES, M.V., GOMES, R.V. (1998) – Cerâmicas, dos séculos XV a XVII, da Praça Cristóvão Colombo no Funchal, in in ABRAÇOS, H., DIOGO, J.M. (Coord.), *Actas das 2.ª Jornadas de Cerâmicas Medieval e Pós-Medieval. Métodos e Resultados para o seu estudo*. Tondela. Pp.315-348..

GOMES, M.V., GOMES, R.V. (2007) – Escavações arqueológicas no Convento de Santana, em Lisboa. Resultados preliminares, in *Olisipo*, II Serie, N.º27. Lisboa. Pp.75-92.

GOMES, P.D. (1996) – O Livro de cozinha da Infanta D. Maria, in *Revista Olaria: Estudos Arqueológicos, Históricos e Etnológicos*, 2ª série, n.º1. Barcelos.pp. 93-104.

GOMES, R.V., GOMES, M.V., ALMEIDA, M., BOAVIDA, C., NEVES, D., HAMILTON, K., SANTOS, C. (2013) – Convento de Santana (Lisboa). Estudo preliminar do espólio da fossa 7, in ARNAUD, J., MARTINS, A., NEVES, C. (Coord), *Arqueologia em Portugal*, Associação dos Arqueólogos Portugueses. Lisboa. Pp. 1057-1065.

GONÇALVES, I. (1996) – Na Ribeira de Lisboa, em finais da Idade Média, in *Um olhar sobre a cidade medieval*. Patrimónia. Cascais. Pp.61-75.

GONZALEZ, C. (2012) – Majólicas italianas do Terreiro do Trigo (Lisboa), in TEIXEIRA, A., BETTENCOURT, J. (Coord.), *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna*. CHAM-UNL/FCSH e UAç. N.º1, Vol.2. Lisboa. Pp.847-854.

GONZALEZ, C. (2012) – Os novos espaços da cidade moderna, uma aproximação à ribeira de Lisboa através de uma intervenção no Largo do Terreiro do Trigo, in TEIXEIRA, A., BETTENCOURT, J. (Coord.) *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna*. CHAM-UNL/FCSH e UAç. N.º1, Vol.1. Lisboa. Pp. 85-94.

GUTIÉRREZ, A. (2000) – Mediterranean pottery in Wessey Households (12th to 17th centuries), in *British Archaeological Reports*, 306. Oxford.

GUTIÉRREZ, A. (2003) – A shipwreck cargo of Sevillian pottery from Studland Bay Wreck, Dorset, UK, in *The International Journal of Nautical Archaeology*. Pp. 24-41.

GUTIÉRREZ, A. (2007) – Portuguese coarsewares in early modern England: reflections on an exceptional pottery assemblage from Southampton, in *Post-Medieval Archaeology*, 41/1. Durham, Reino Unido. Pp. 64-79.

HARRIS, E. (1997) – *Principles of Archaeological Stratigraphy*, Second Edition, Academic Press Limited. Londres.

HENRIQUES, J.P.V. (2012) – Do Oriente para o Ocidente: contributo para o conhecimento da porcelana chinesa nos quotidianos de Época Moderna, in TEIXEIRA, A., BETTENCOURT, J. (Coord.), *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna*. CHAM-UNL/FCSH e UAç. N.º1, Vol.2. Lisboa. Pp.919-932.

HEREDIA, J.B., MIRÓ, N. (2009) – El comerç als segles XVI-XVII a través del materials arqueològics apareguts a Barcelona, in *XI Congrès d'Història de Barcelona – La ciutat en xarxa*. Arxiu Històric de la Ciutat de Barcelona, Institut de Cultura, Ajuntament de Barcelona. Pp. 1-12.

HERNANDO, D.P. (1999) – Apreciaciones sobre la evolucion de “Las Talaveras”, siglos XVI al XX, in *Boletín de la Sociedad Española de Cerámica e Vidrio*, Vol.38, N.º4. pp. 329-334.

KARKLINS, K. (1991) – Beads from the mid 18th-century Manilla Wreck, Bermuda, in *The International Journal of Nautical Archaeology*. Pp. 33-42.

KLINGE, E. (1996) – *German Stoneware* – Rijksmuseum Amsterdam, Waanders Uitgevers, Zwollw.

LEAL, C.C., FERREIRA, M.A. (2007) – Cuidados de higiene e de saúde em uma comunidade monástica do século XVII: o caso do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha de Coimbra, in *Portugalia*, Nova Serie, Vol.27/28. Pp.89-118.

LEITE, A.C. (1993) – O Hospital Real de Todos-os-Santos. In *Hospital Real de Todos-os-Santos, 500 anos – Catálogo*. Museu Rafael Bordalo Pinheiro. Lisboa. Pp.5-19

LEITE, A.C. (2013) – Irisalva Moita e a Arqueologia em Portugal, in *Rossio, Estudos de Lisboa*, N.º1. Gabinete de Estudos Olisiponenses. Lisboa. Pp.25-31.

LEMMONIER, P. (1992) – Elements for na Anthropology of Technology. *Anthropological Papers*, N.º88. Museum of Anthropology, University of Michigan. Michigan.

LIBERATO, M.A.A. (2011) – A cerâmica pintada a branco na Santarém Medieval, uma abordagem diacrónica: séculos XI a XVI. Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

LION-GOLDSCHMIDT, d. (1984) – Les porcelains chinoises du palais de Santos, in *Arts Asiatiques*, 39. Paris. Pp.5-72.

LISTER, F., LISTER, R. (1987) – Andalusian Ceramics in Spain and New Spain: a cultural register from the Third Century B.C. to 1700. The University of Arizona Press. Tucson, AZ.

LUNA, I.; CARDOSO, G. (2006) – Nota preliminar sobre as cerâmicas provenientes do Poço dos Paços do Concelho de Torres Vedras, in *Actas do 3.º Seminário do Património da Região Oeste*. Cadaval. Pp. 99-112.

MANGUCCI, C. (2007) – Da loiça ordinária e não tão ordinária que se fazia em Lisboa, no ano de 1767, in *Cenáculo*, Boletim *on-line* do Museu de Évora, n.º1, disponível on-line <http://museudevora.imc-ip.pt/Data/Documents/Cenaculo1/a%20lou%C3%A7a%20que%20se%20fazia%20em%20Lisboa%20em%201767.pdf> (consultado em Setembro de 2015).

MARQUES, A., LEITÃO, E., BOTELHO, P. (2012) – Rua do Benfornoso 168/186 (Lisboa – Mouraria/Intendente). Entre a nova e a velha cidade, aspectos da sua evolução urbanística, in TEIXEIRA, A., BETTENCOURT, J. (Coord.), *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna*. CHAM-UNL/FCSH e UAç. N.º1, Vol.1. Lisboa. Pp.123-134.

MARTIN, J.G., ZEICHKA-KENZLER, A., MOMMSEN, H., KOTTMANN, A. (2008) – Gres: la subtil presencia alemana en el Panamá colonial, in *Canto Rodado*. P. 65-94.

- MATOS, M.A.P. (1998) – Porcelana Chinesa: De presente Régio a produto comercial, in *Caminhos da Porcelana da Dinastia Ming e Qing*, Fundação do Oriente, Lisboa. Pp.93-108.
- MEDICI, T. (2011) – O espólio vítreo do Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros, Lisboa, in *Revista Portuguesa de Arqueologia*, Vol.14, Lisboa. Pp. 313-353.
- MOITA, I. (1964-1966) – Hospital Real de Todos-os-Santos (Relatório das escavações a que mandou proceder a C.M.L. de 22 de Agosto a 24 de Setembro de 1960), in *Revista Municipal*, n.ºs 101 a 111. Lisboa.
- MOITA, I. (1993) – As escavações de 1960 que puseram a descoberto parte das ruínas do Hospital Real de Todos-os-Santos, In *Hospital Real de Todos-os-Santos, 500 anos – Catálogo*. Museu Rafael Bordalo Pinheiro. Lisboa. Pp.20-22.
- MOITA, I. (1993) – O Hospital Real de Todos-os-Santos: enfermarias, aposentadorias, serviços, In *Hospital Real de Todos-os-Santos, 500 anos – Catálogo*. Museu Rafael Bordalo Pinheiro. Lisboa. Pp.40-48.
- MOITA, I. (1994) – O Hospital Real de Todos-os-Santos, in *Lisboa Subterrânea*. Museu Nacional de Arqueologia. Lisboa. Pp. 118-125.
- MOITA, I. (Coord.) (1994) – O Livro de Lisboa. Livros Horizonte. Lisboa.
- MONFORT, C.C. (2006) – A quantitative approach to the amphorae from Xanten: a more comprehensive view of the long-distance Roman trade. In *Xantener Berichte*, 14. Pp. 25-39.
- MONTEIRO, C. (2010) – Escrever direito por linhas rectas, legislação e planeamento urbanístico na Baixa de Lisboa (1755-1833). Edição AAFDL. Lisboa.
- MOREIRA, R. (1993) – O Hospital Real de Todos-os-Santos e o italianismo de D. João II, In *Hospital Real de Todos-os-Santos, 500 anos – Catálogo*. Museu Rafael Bordalo Pinheiro. Lisboa. Pp.23-30.
- MUNOZ, P., CAMBRA, R. (1999) – La cerâmica moderna en el Convento del Carmen (Sevilla), in *Arqueologia Medieval*, N.º6. Sevilha.
- Munsell Soil Solor Charts* (1975). Kollmorgen Corporation. Baltimore, MD.

NEWSTEAD, S. (2008) – Merida No More: portuguese redware in Newfoundland, Thesis submitted to the School of Graduate Studies, Master of Arts, St. John's, Newfoundland.

NEWSTEAD, S. (2013) – Merida No More: Portuguese redware in Newfoundland, in *Exploring Atlantic Transitions, Archaeologies of Transience and Permanence in New Found Lands*, The Boydell Press, Great Britain. Pp. 140-151.

NUNES, T., FILIPE, I. (2012) – Quarteirão dos Lagares. Contributo para a história económica da Mouraria in TEIXEIRA, A., BETTENCOURT, J. (Coord.), *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna*. CHAM-UNL/FCSH e UAç. N.º1, Vol.1. Lisboa. Pp.141-150.

OLIVEIRA, F.A.S. (2012) – Espólio de Idade Moderna, proveniente do Beco das Barrelas, Alfama, Lisboa. Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa. Lisboa.

ORTON, C. (1980) – Mathematics in Archaeology. Collins Archaeology, 3. Collins. Londres.

ORTON, C.; TYRES, P.; VINCE, A. (1993) – Pottery in Archaeology. Cambridge Press. Cambridge.

OSÓRIO, M.I.P., SILVA, A.M.P. (1998) – Cerâmicas vidradas da Época Moderna no Porto, in ABRAÇOS, H., DIOGO, J.M. (Coord.), *Actas das 2.ª Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval. Métodos e Resultados para o seu estudo*. Tondela. Pp. 283-314.

PACHECO, A.B. (2008) – De Todos-os-Santos a São José, textos e contextos do «espiritual grande de Lixboa». Dissertação de Mestrado em História Moderna e dos Descobrimentos apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa.

PIMENTA, J.; MENDES, H. (2007) – Alverca, da terra às gentes – catálogo de exposição. Museu Municipal de Vila Franca de Xira/Núcleo de Alverca. Câmara Municipal de Vila Franca de Xira.

RAMALHO, M., FOLGADO, D. (1997) – Cerâmica modelada ou o requinte à mesa do Convento de S. Francisco de Lisboa, in *Actas do 3.º Encontro Nacional de Arqueologia Urbana*. Câmara Municipal de Almada. Pp. 247-268.

RAMOS, R. (2013) – O Património do Hospital Real de Todos-os-Santos na cidade de Lisboa na segunda metade do século XVI, in *Rossio, Estudos de Lisboa*, N.º1. Gabinete de Estudos Olisiponenses. Lisboa. Pp. 104-113.

REAL, M.L., GOMES, P.D., TEIXEIRA, R.J., MELO, R.F. (1995) – Conjuntos cerâmicos da intervenção arqueológica na Casa do Infante – Porto: elementos para uma sequência longa – séculos IV-XIX, in ABRAÇOS, H., DIOGO, J.M. (Coord.), *Actas das 1.ª Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval. Métodos e Resultados para o seu estudo*. Tondela. Pp. 171-186.

REDMAN, C., BOONE, J. (1979) – Qsar es-Seghir (Alcácer Ceguer) a 15th and 16th century Portuguese colony in North Africa, in *Studia*, N.ºs41-42. Lisboa. Pp. 5-74.

REGO, M., MACIAS, S. (1994) – Cerâmicas do século XVII do Convento de Sta. Clara (Moura), in MACIAS, S. (Coord.), *Arqueologia Medieval*, 3, Edições Afrontamento. Porto. Pp. 147-159.

REITZ, J. E.; WING, S. E. (1999) - Zooarcheology. Manuals in Archaeology. Cambridge University Press. Cambridge.

RIBEIRO, J.A. (Coord.) (2005) – Memórias de uma cidade destruída, testemunhos das Igrejas da Baixa-Chiado. Alétheia Editores. Lisboa.

RIJO, D. (2012) – História, Sociedade e Família em Santa Justa antes do Grande Terramoto de 1755: o Palácio Cadaval e o Hospital Real de Todos-os-Santos, in *Rossio, Estudos de Lisboa*, N.º0. Gabinete de Estudos Olisiponenses. Lisboa. Pp.62-84.

RODRIGUES, J.A.S., BOLILA, C., FILIPE, V., HENRIQUES, J.P., RIBEIRO, I.A., SIMÕES, S.T. (2012) – As cerâmicas da Idade Moderna da Fortaleza de Nossa Senhora da Luz, Cascais, in TEIXEIRA, A., BETTENCOURT, J. (Coord.), *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna*. CHAM-UNL/FCSH e UAç. N.º1, Vol.2. Lisboa. Pp.865-876.

SABROSA, A. (2008) – As faianças da Casa Côrte-Real, Largo do Corpo Santo, Lisboa, in DIOGO, J.M. (Coord.), *Actas das 4.ª Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval. Métodos e Resultados para o seu estudo*. Tondela. Pp.109-142.

SALGADO, A.J.; SALGADO, A.M. (Coords.) (1992) – Regimento do Hospital de Todos-os-Santos (Ed. fac-simile). Edição da Comissão Organizadora do V Centenário da Fundação do Hospital Real de Todos-os-Santos. Lisboa.

SANTANA, F. (1976) – Lisboa na 2.^a metade do século XVIII. Plantas e Descrições das suas Freguesias. Câmara Municipal de Lisboa. Lisboa.

SANTANA, F., SUCENA, E. (Coord.) (1994) – Dicionário da História de Lisboa. Carlos Quintas & Associados-Consultores. Sacavém.

SANTOS, M.J. (2006) – O Largo Vitorino Damásio (Santos-o-Velho, Lisboa), contributo para a história da zona ribeirinha de Lisboa, in *Revista Portuguesa de Arqueologia*, Vol.9, n.º2. Lisboa. Pp. 369-399.

SANTOS, M.L. (2007) – Largo de Jesus: contributo para a história incógnita de Lisboa antiga, in *Revista Portuguesa de Arqueologia*, N.º10, Vol.1. Lisboa. Pp. 381-399.

SANTOS, P.A. (2008) – Cerâmicas de cronologia moderna do edifício do Aljube em Lisboa, in *Revista Portuguesa de Arqueologia*, Vol.11, N.º2. Lisboa. Pp. 325-345.

SARDINHA, O. (1990-1992) – Olarias pedradas portuguesas: contribuição para o seu estudo. 1. Os objectos procedentes do Convento de Santa Ana e do Hospital Real de Todos-os-Santos, in *O Arqueólogo Português*, Série IV, 8/10. Pp. 487-512.

SARDINHA, O. (1999) – Notícia sobre as peças pedradas do galeão «San Diego» (1600), in *Arqueologia Medieval*, N.º6, Edições Afrontamento. Porto. Pp. 183-192.

SEBASTIAN, L. (2010) – A produção oleira de faiança em Portugal (séculos XVI-XVIII). Dissertação de Doutoramento em História com especialidade de Arqueologia, apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa.

SEBASTIAN, L. (2015) – A faiança portuguesa de olaria na intervenção arqueológica do Mosteiro de S. João de Tarouca. Direção Regional de Cultura do Norte. Lamego.

SEYOCK, B. (2006) – Trade ceramics from selected sites in Western Japan, late 14th to 17th centuries, in *Indo-Pacific Prehistory Association Bulletin*, 26. Pp. 131-139.

SILVA, R.B. (2005) – As ‘marcas de oleiro’ em terra sigillata da Praça da Figueira: uma contribuição para o conhecimento da economia de Olisipo (séc. I a.C – séc. II d.C.).

Dissertação de Mestrado em Arqueologia (Especialização em Arqueologia Urbana) apresentada ao Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho.

SILVA, R.B., MIRANDA, P., VIEIRA, V.N., VICENTE, A.M., LOPES, G., NOZES, C. (2012) – Largo do Chafariz de Dentro, Alfama em Época Moderna, in TEIXEIRA, A., BETTENCOURT, J. (Coord.), *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna*. CHAM-UNL/FCSH e UAç. N.º1, Vol.1. Lisboa. Pp.71-84.

SILVA, R.B., RODRIGUES, A.F. (2015) – Cerâmicas finas barrocas de um contexto de finais do séc.XVII- inícios do séc.XVIII de um poço do Hospital Real de Todos-os-Santos (Lisboa), in *Estudos e Relatórios de Arqueologia Tagana*, 1. Lisboa. P.1-8.

SILVA, R.B.; GUINOTE, P. (1998) – O Quotidiano na Lisboa dos Descobrimentos – Roteiro Arqueológico e Documental dos Espaços e Objectos. Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses. Lisboa.

SILVA, R.B.; OLIVEIRA, F.S. (no prelo) – Faiança portuguesa dos contextos de abandono do Hospital Real de Todos-os-Santos (Lisboa): os dados do poço SE do claustro NE, in *Actas do I Congresso de Faiança Portuguesa no Mundo*. Lisboa.

SILVA, V.A.F. (1997) – O Hospital de Goa, 1510-1610: contribuição para o estudo da sua história e regimentos. Dissertação de mestrado em História dos Descobrimentos e da Expansão Portuguesa, apresentada à Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa. Lisboa

SILVESTRE, H.C. (1998) – Lisboa Manuelina e a formação de modelos urbanísticos da época moderna (1495-1521). Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa.

SIMÃO, I. (2010) – Palácio Mesquitela: espaço habitacional da Lisboa Moderna e Contemporânea, in *Apontamento de Arqueologia e Património*, 6. Lisboa.

SOUSA, E. (2006) – 500 anos de cerâmica na Madeira. Estudo tipológico de vinte e cinco peças arqueológicas. ARCHAIS – Associação de Arqueologia e Defesa do Património da Madeira. Machico.

SOUSA, G. (2013) – História da Medicina Portuguesa durante a Expansão. Temas e Debates, Círculo de Leitores. Lisboa.

STOLS, E., FONSECA, J., MANHAEGHE, S. (2014) – Lisboa em 1514, O relato de Jan Taccoen van Zillebeke. Editora Húmus e Centro de História da Cultura, col. Cadernos de Cultura, N.º8, 2ª Serie.

TEIXEIRA, GIL (2012) – Cada botão sua casaca. Indumentária recuperada nas escavações arqueológicas da fragata Santo António de Taná, naufragada em Mombaça em 1697, in TEIXEIRA, A., BETTENCOURT, J. (Coord.), *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna*. CHAM-UNL/FCSH e UAç. N.º1, Vol.2. Lisboa. Pp.671-682.

TEIXEIRA, R.; DORDIO, P. (1998) – Como pôr ordem em 500.000 fragmentos de cerâmica? Ou discussão da metodologia de estudo da cerâmica na intervenção arqueológica da Casa do Infante (Porto), in *Revista Olaria: Estudos Arqueológicos, Históricos e Etnológicos*, 2ª série, n.º2. Barcelos. Pp. 115-124

TORRES, A. (2007) – Contas exumadas na intervenção arqueológica do Palácio dos Marqueses de Marialva – uma tipologia usada no trato colonial, in *Anais de História de Além-Mar*, Vol.VIII. pp. 1-58.

TORRES, C. (1990) – Um forno cerâmico dos séculos XV e XVI na cintura industrial de Lisboa, in *Fours de Potiers et ‘Testares’ Médiévaux en Méditerranée Occidentale, Méthodes et Résultats*. Publications de la Casa de Velázquez, *Série Archéologie XIII*. Madrid. Pp.131-141.

TORRES, J.B. (2011) – Quotidianos no Convento de São Francisco de Lisboa: uma análise da cerâmica vidrada, faiança portuguesa e porcelana chinesa. Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa.

TRINDADE, A.R. (2012) – Convento de Santana de Leiria: história, vivências e cultural material (cerâmicas dos séculos XVI a XVIII). Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa.

TRINDADE, L., DIOGO, A.M.D. (1998) – Cerâmicas da época do terramoto de 1755, in ABRAÇOS, H., DIOGO, J.M. (Coord) *Actas das 2as Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval. Métodos e Resultados para o seu estudo*. Câmara Municipal de Tondela. Tondela. Pp.349-353.

TRINDADE, R.A.A. (2009) – A produção de louça no Reino de Portugal. Século XII aos meados do século XVI. Leitura para uma visão de conjunto. Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa.

VIGÁRIO, E. (2015) – The Portuguese faience in the last third of the eighteenth century, in

[http://www.academia.edu/10878577/The Portuguese faience in the last third of the eighteenth century](http://www.academia.edu/10878577/The_Portuguese_faience_in_the_last_third_of_the_eighteenth_century) (consultado em Setembro de 2015).

VILAÇA, R. (1995) – Aspectos do povoamento da Beira Interior (Centro e Sul) nos finais da Idade do Bronze, in *Trabalhos de Arqueologia*, nº0, Vol.1 e 2. IPPAR. Lisboa.

12.3. Webgrafia

Antique Chinese and Japanese Porcelain Collector's: <http://gotheborg.com/marks/hirado.shtml>. (consultado em Julho de 2015).

Online Galleries: <http://www.onlinegalleries.com/art-and-antiques/detail/antique-english-pottery-whieldon-type-shaker-staffordshire-c-1760/156513>. (consultado em Julho de 2015).

Martyn Edgell Antiques Ltd: <http://martynedgell.com/index.php/product/creamware-coffee-cup-with-whieldon-type-glazes-circa-1770-2/>. (consultado em Julho de 2015).

Broad Rock House Antiques: <http://www.broadrockhouseantiques.com/18th-century-Whieldon-teapot-p/teapot2.htm>. (consultado em Julho de 2015)

Skinner, Auctioneers and Appraisers of Objects of Value: <https://www.skinnerinc.com/auctions/2835B/lots/608>. (consultado em Julho de 2015)

Estrutura do Regulamento do PDM de 1994, Alterações e Suspensões do Plano Director Municipal de Lisboa – Câmara Municipal de Lisboa: <http://www.cm-lisboa.pt/viver/urbanismo/planeamento-urbano/plano-diretor-municipal/enquadramento-do-pdm/regulamento-do-pdm> (consultado em Setembro de 2015).

Iconografia: Camara Municipal de Lisboa: <http://lisboario200anos.cm-lisboa.pt> (consultado em Setembro de 2015)

APÊNDICE A
Objetivos e Metodologia

N.º Inventário	U.E.	Categoria Cerâmica	N.º Frag.	Pasta		
				Cor (Cerne)	Tipo Cozedura	E.N.P.'s
					Composição	Frequência
						Calibre

Superfície Interna		Superfície Externa	
Cor (Munsell)	Acabamento	Decoração	Cor (Munsell)
			Acabamento
			Decoração

Forma				Recipiente	Funcionalidade	Grupo de Fabrico
Bordo		Parede				
Tipologia	Secção	Diâmetro	Orientação	Asa		
			Espessura			

Desenho	Fotografia	Observações I (Porção conservada/Perfil completo)	Observações II	Grupo de Fabrico (Grupo de Vidrado)/Forma/Variante	N.º Inventário
---------	------------	---	----------------	--	----------------

Tabela 1: Directrizes de inventário seguidas e aplicadas no estudo do espólio cerâmico e vítreo do Poço SE.

APÊNDICE B

O Sítio Arqueológico da Praça da Figueira

INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA DE 1960/1961



Figs. 1 e 2: Ermida de Nossa Sr.^a do Amparo e baixos de enfermaria, 1960. Estúdio Mário Novais.



Fig.3: Construção do Metropolitano, 1961. Arquivo Municipal de Lisboa A31661.

INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA DE 1999/2001¹



Fig. 4: Aspeto da intervenção arqueológica, incidindo no Hospital Real, com os claustros NE, NO e SO visíveis. Fotografia orientada a E-O.



Fig. 5: Aspeto da intervenção arqueológica a decorrer, incidindo no Hospital Real. Fotografia orientada a E-O.

¹ Fotografias cedidas, para a presente dissertação, pelo Professor Doutor Rodrigo Banha da Silva, responsável científico da intervenção arqueológica.



Fig. 6: Aspeto da intervenção arqueológica, incidindo no Hospital Real. Fotografia orientada a S-N.



Fig. 7: Aspeto da intervenção arqueológica, incidindo no Hospital Real, com os claustros NE e NO visíveis. Fotografia orientada a E-O.

APÊNDICE C

As Estruturas do Claustro NE

SOBREPOSIÇÃO DOS REGISTOS ARQUEOLÓGICOS AO TRAÇADO URBANO ACTUAL.



Fig.8: Sobreposição dos vestígios arqueológicos do Hospital Real de Todos-os-Santos e do urbanismo pré-terramoto de 1755 à malha actual. Registo gráfico cedido, para a presente dissertação, pelo Professor Doutor Rodrigo Banha da Silva, responsável científico da intervenção arqueológica.

**REGISTO EM PLANTA DAS EVIDÊNCIAS ARQUEOLÓGICAS DO
CLAUSTRO NE, ÂNGULO SE**

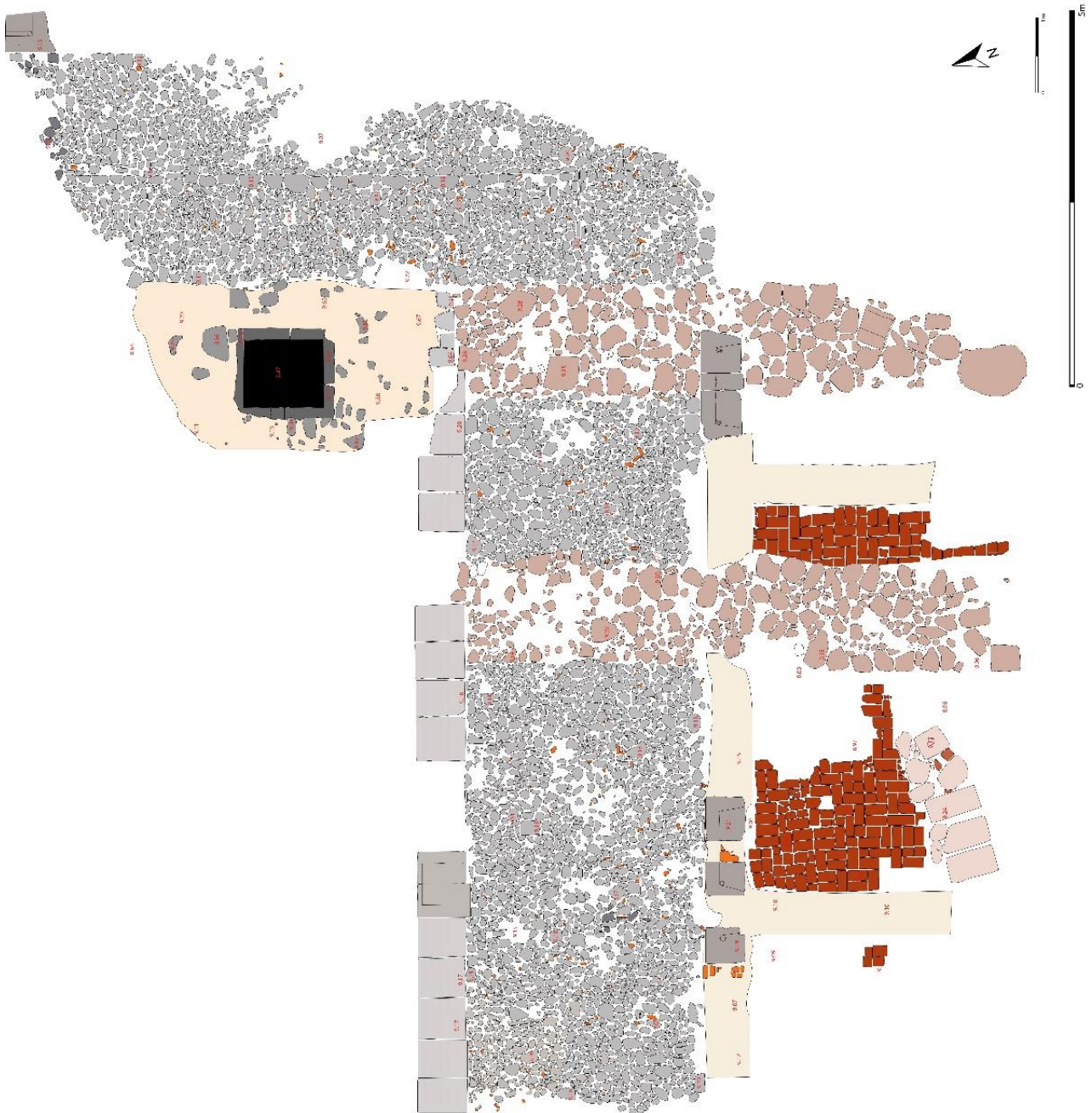


Fig.9: Planta/levantamento gráfico dos vestígios remanescentes do ângulo SE, do Claustro NE.

DEAMBULATÓRIO



Fig.10: Planta/levantamento gráfico dos vestígios remanescentes do ângulo SE, do Claustro NE, com destaque para o deambulatório.



Fig.11: Aspeto da intervenção arqueológica, com deambulatório Sul visível.



Fig.12: Aspeto da intervenção arqueológica, com deambulatório Sul e Oeste visível.



Fig.13: Planta/levantamento gráfico dos vestígios remanescentes do ângulo SE, do Claustro NE, com destaque para o deambulatório e fracção “dorsal” do lado Oeste.

MUROS DE DELIMITAÇÃO DO CLAUSTRO NE, ÂNGULO SE



Fig.14: Planta/levantamento gráfico dos vestígios murários do ângulo SE, do Claustro NE.

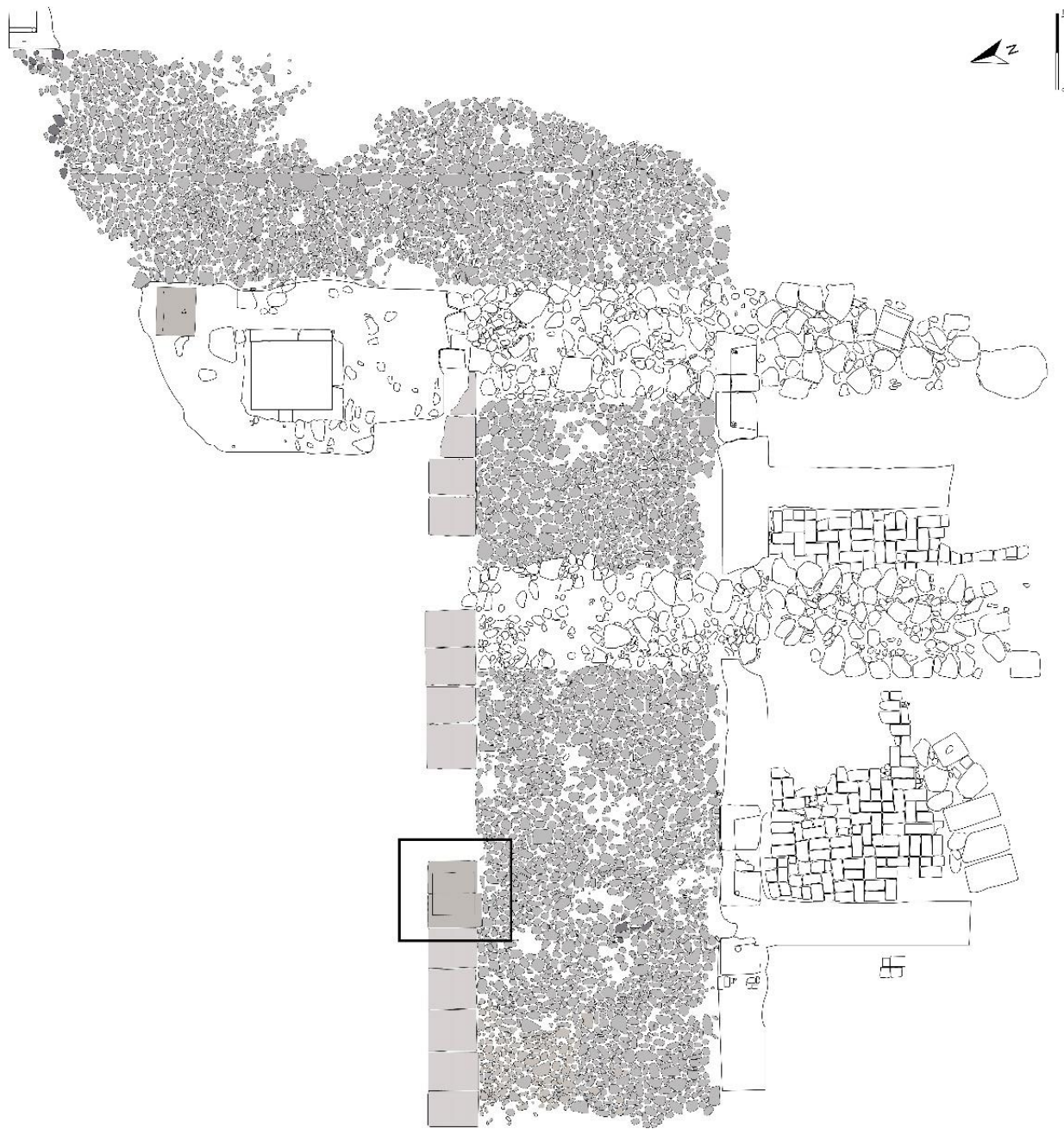


Fig.15: Planta/levantamento gráfico dos vestígios remanescentes do ângulo SE, do Claustro NE, com destaque para o saimel.



Fig. 16: Base de saimel do ângulo SE do Claustro NE.



Fig.17: Aspeto geral do ângulo SE do Claustro NE, com destaque para os elementos murários.



Fig.18: Planta/levantamento gráfico dos vestígios remanescentes do ângulo SE, do Claustro NE, com destaque para as soleiras n.1, n.º2 e n.º3

Soleira n.º4

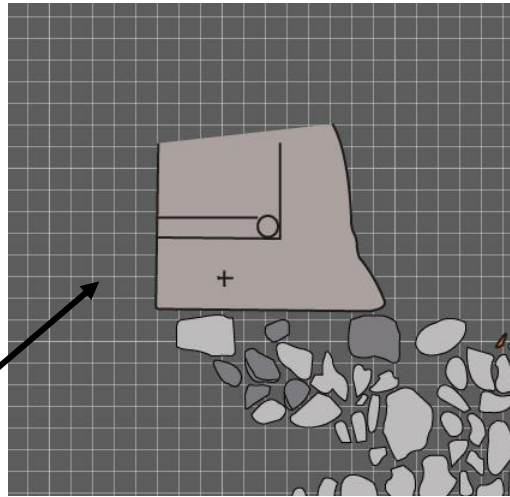
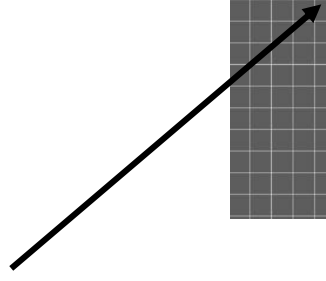


Fig.19: Planta/levantamento gráfico dos vestígios remanescentes do ângulo SE, do Claustro NE, com destaque para a soleira n.º4.



ÁREA COMPARTIMENTADA

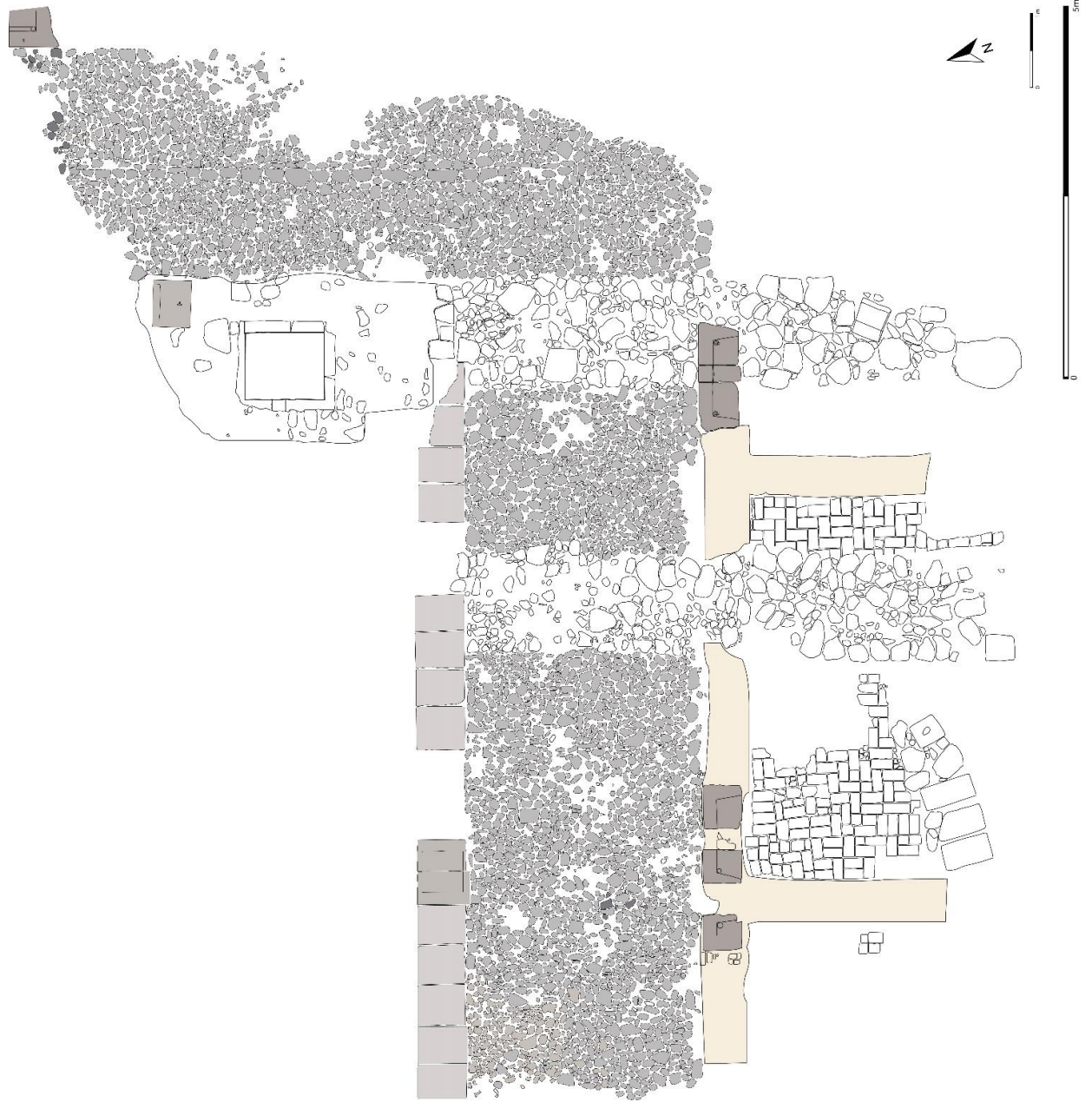


Fig.20: Planta/levantamento gráfico dos vestígios remanescentes do ângulo SE do Claustro NE, com destaque para os alicerces murários.



Fig.21: Planta/levantamento gráfico dos vestígios remanescentes do ângulo SE do Claustro NE, com destaque para os alicerces murários.



Fig.22: Aspecto do elemento murário que delimita os compartimentos 2 e 3.

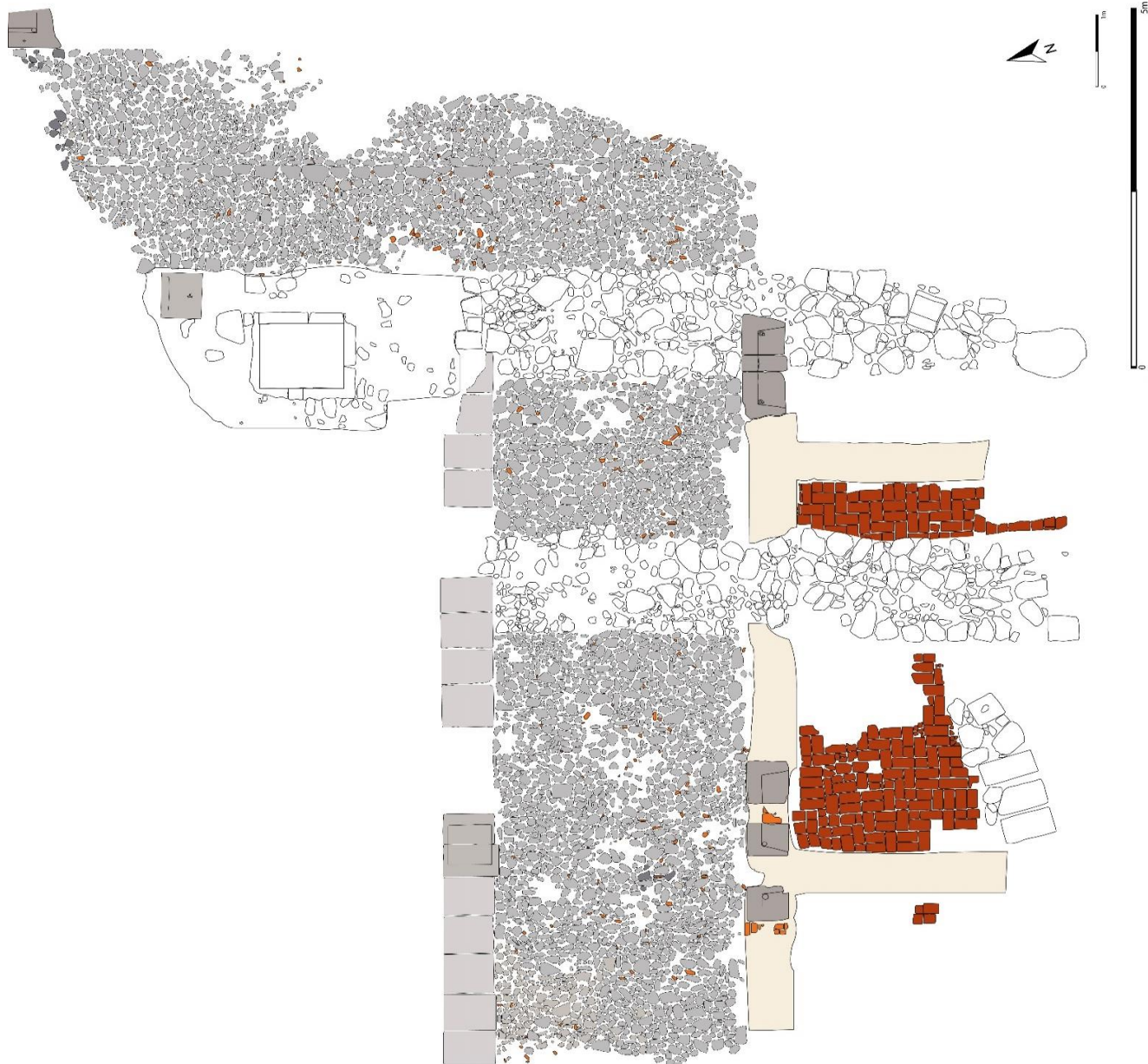


Fig.23: Planta/levantamento gráfico dos vestígios remanescentes do ângulo SE do Claustro NE, com destaque para as áreas compartimentada e pavimento.

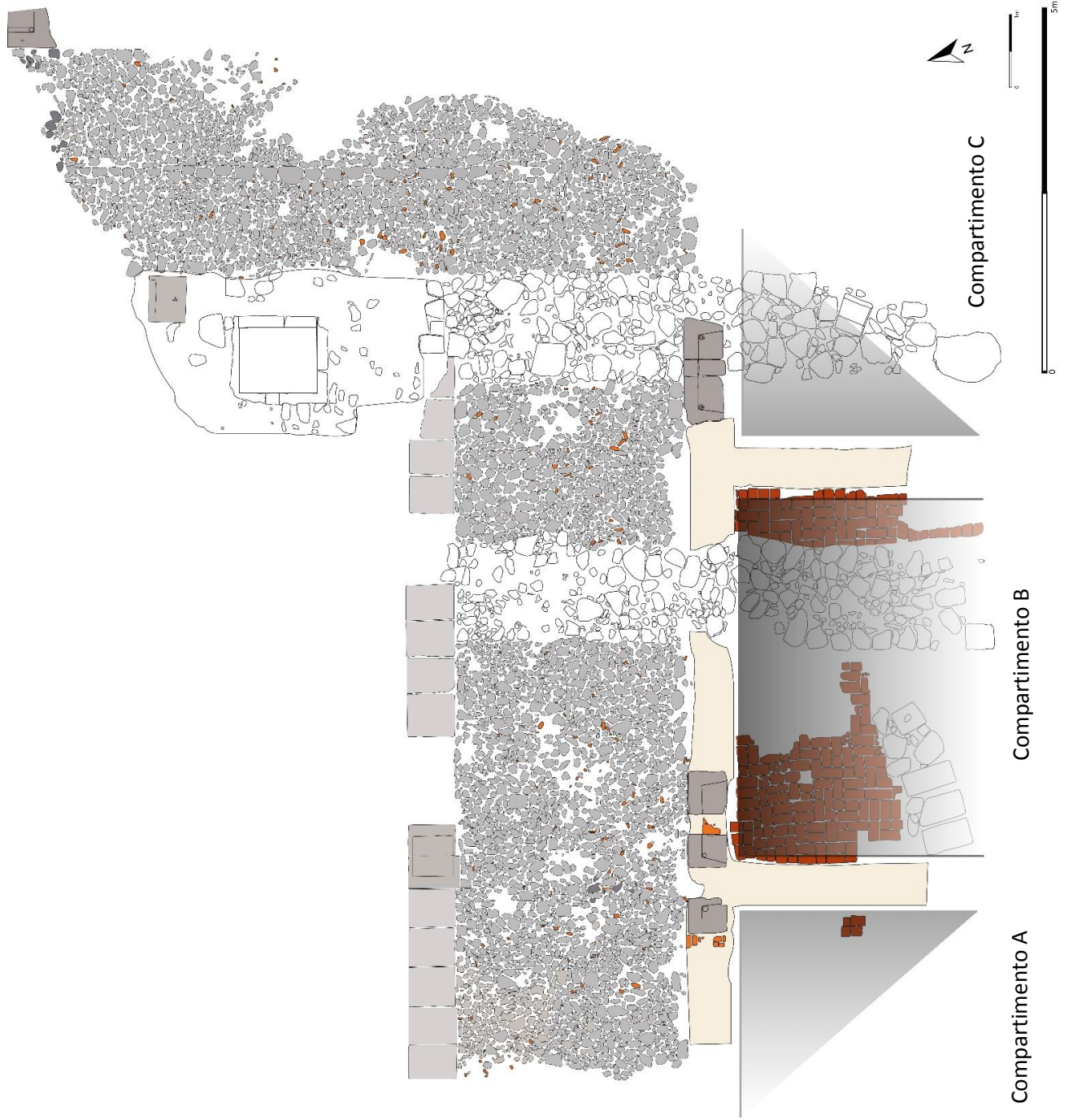


Fig.24: Planta/levantamento gráfico dos vestígios remanescentes do ângulo SE do Claustro NE, com destaque para as áreas compartimentada e pavimento.

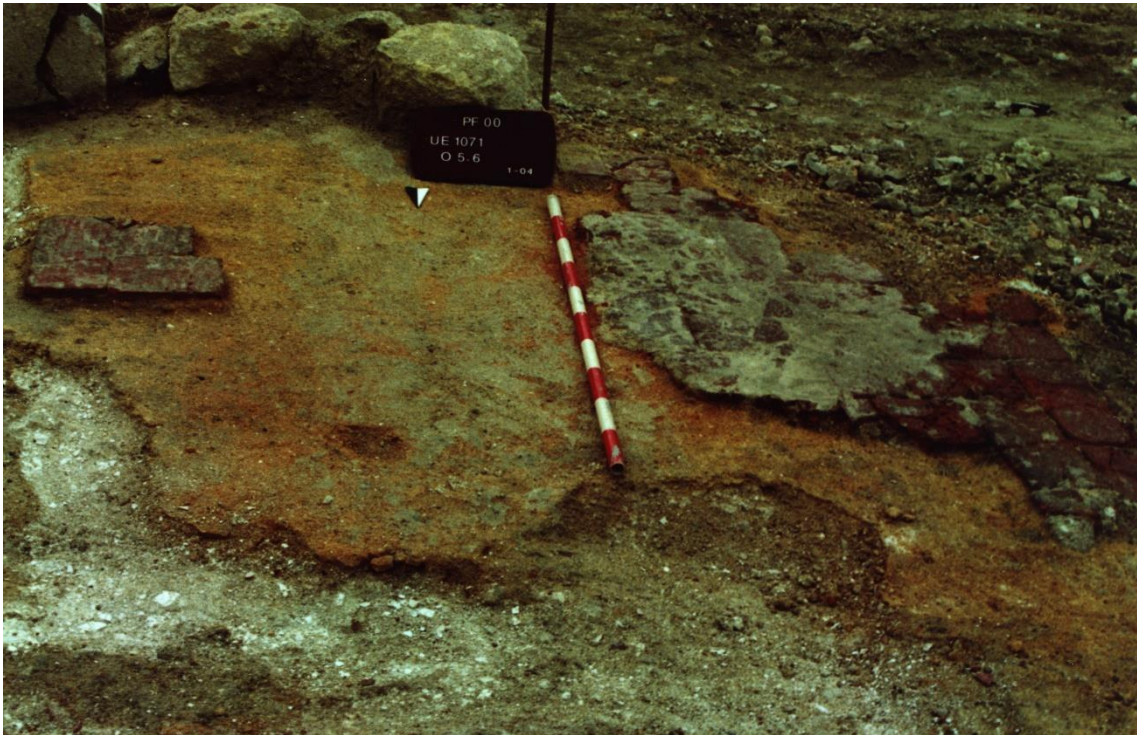


Fig. 25: Aspeto do compartimento A e respetivo pavimento em tijoleira.



Fig. 26: Aspeto do compartimento B e respetivo pavimento em tijoleira.



Fig.27: Levantamento gráfico dos vestígios dos dois embasamentos de muros que violam os espaços.



Fig.28: Planta/levantamento gráfico dos vestígios do ângulo SE do Claustro NE, com destaque para do embasamento/alicerce NE-SO.

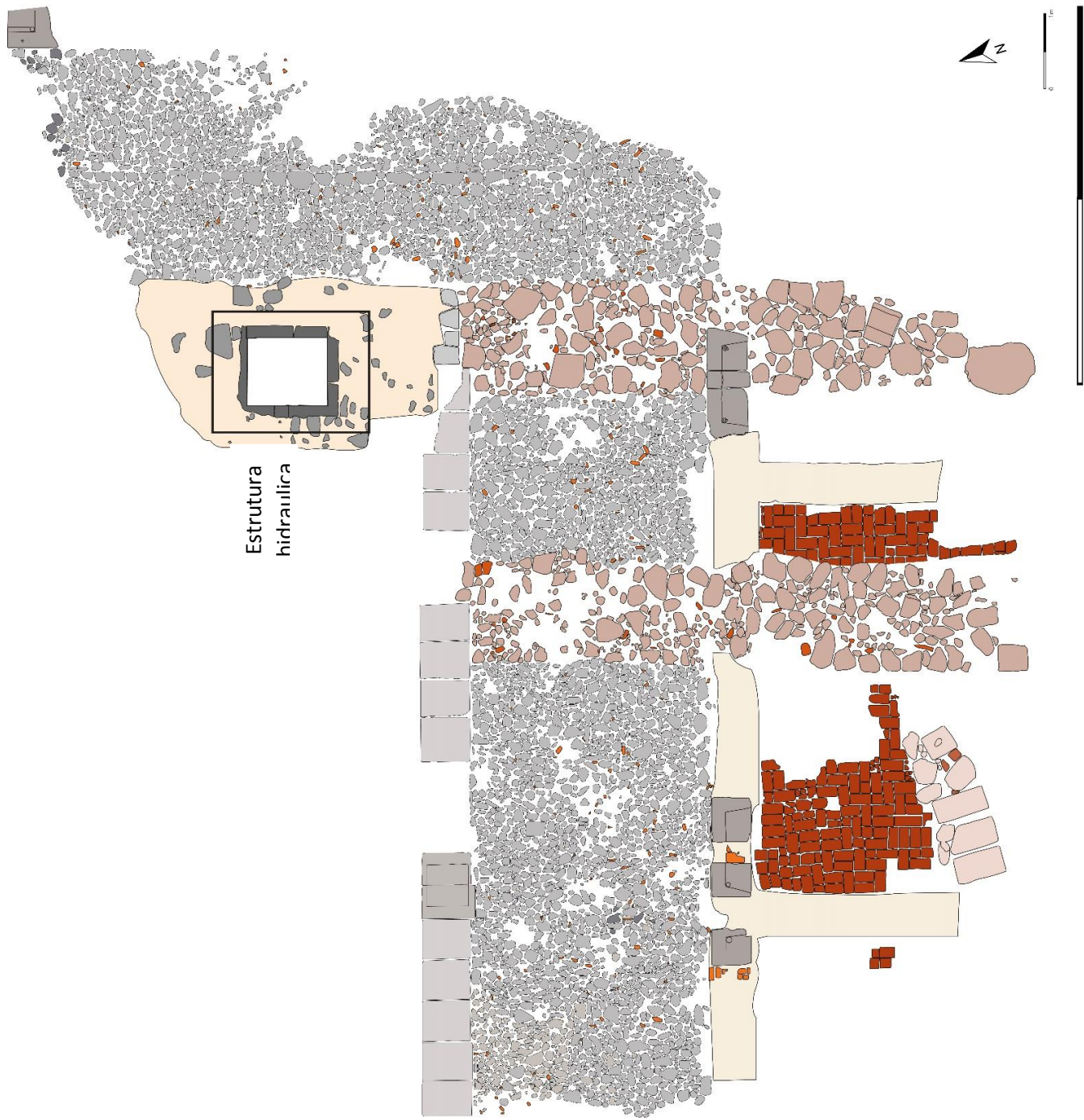


Fig.29: Planta/levantamento gráfico dos vestígios do ângulo SE do Claustro NE, com destaque para o poço e o respetivo lajeado.



Fig.30: Aspecto do poço por intervirer e o lajeado.



Fig.31: Aspecto do poço parcialmente intervirer.



Figs.32 e 33: Aspeto do poço parcialmente intervenicionado.

APÊNDICE D

A Estratigrafia Associada ao Poço SE

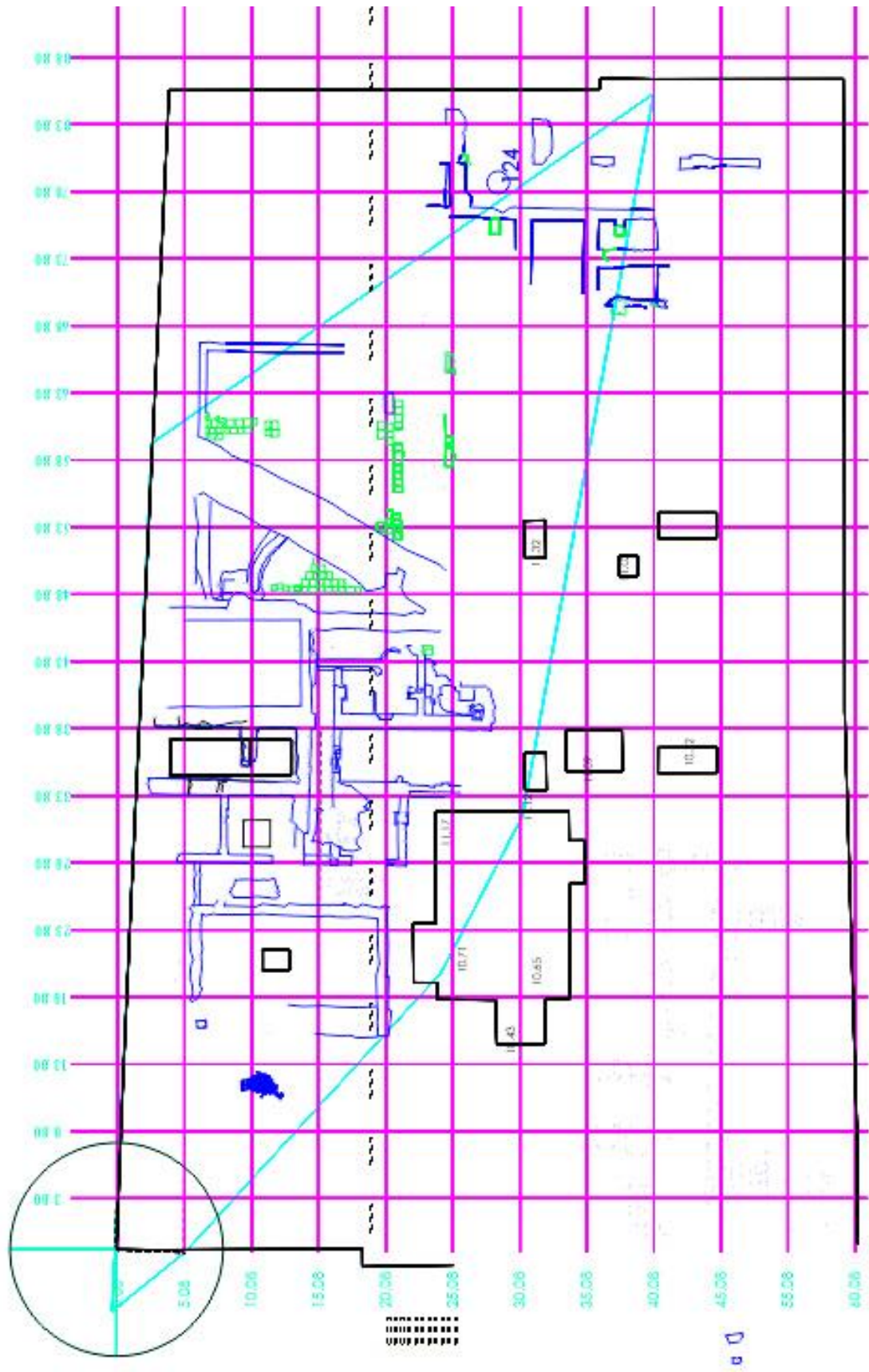


Fig.34: Levantamento gráfico da intervenção, com quadricula de 5 x 5 m. Fotografias cedidas, para a presente dissertação, pelo Professor Doutor Rodrigo Banha da Silva, responsável científico da intervenção arqueológica.

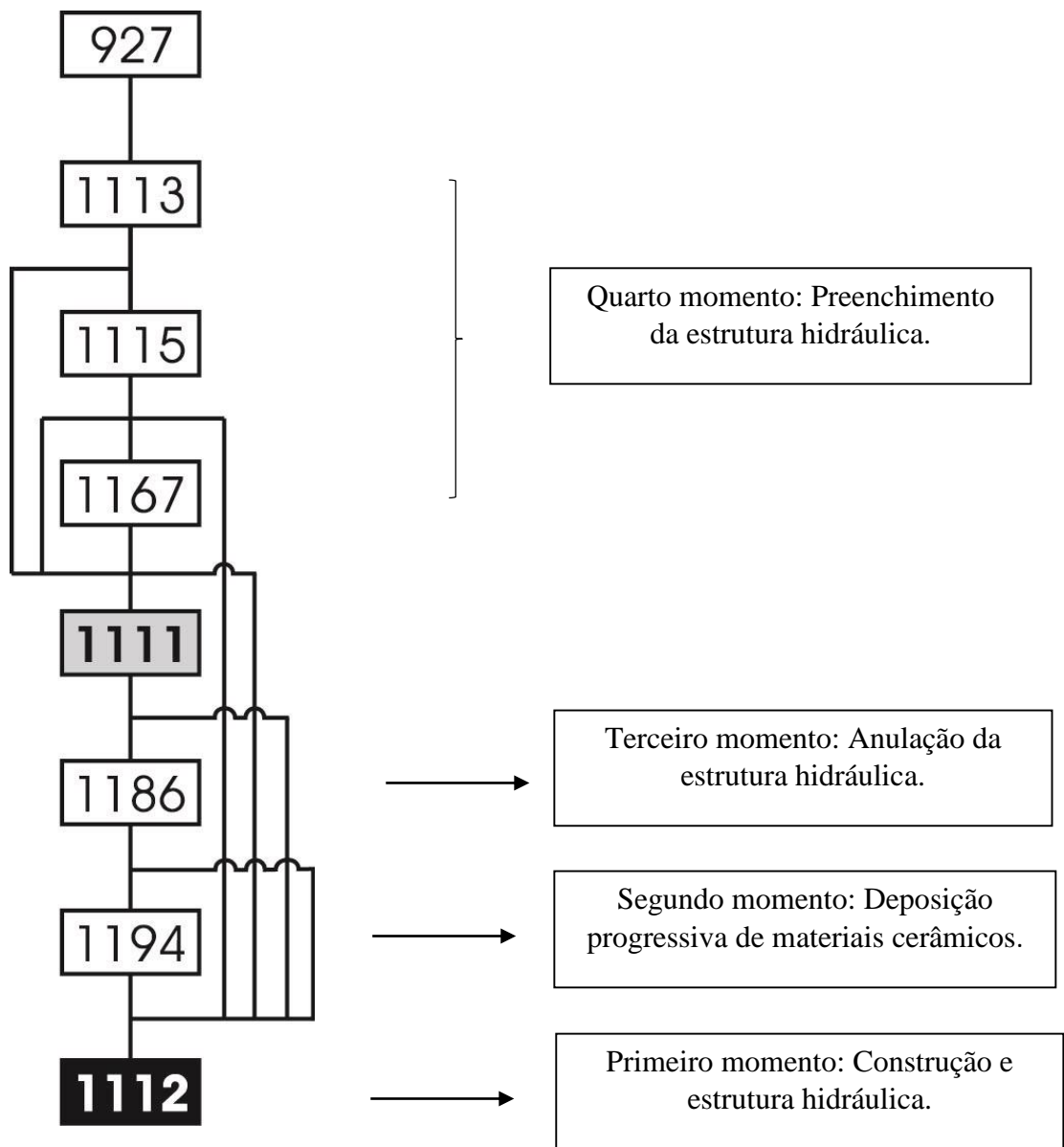


Fig. 35: Matriz de Harris com relações redundantes.

APÊNDICE E

*Os Materiais Arqueológicos do Poço SE:
Cerâmicas e Vidros*

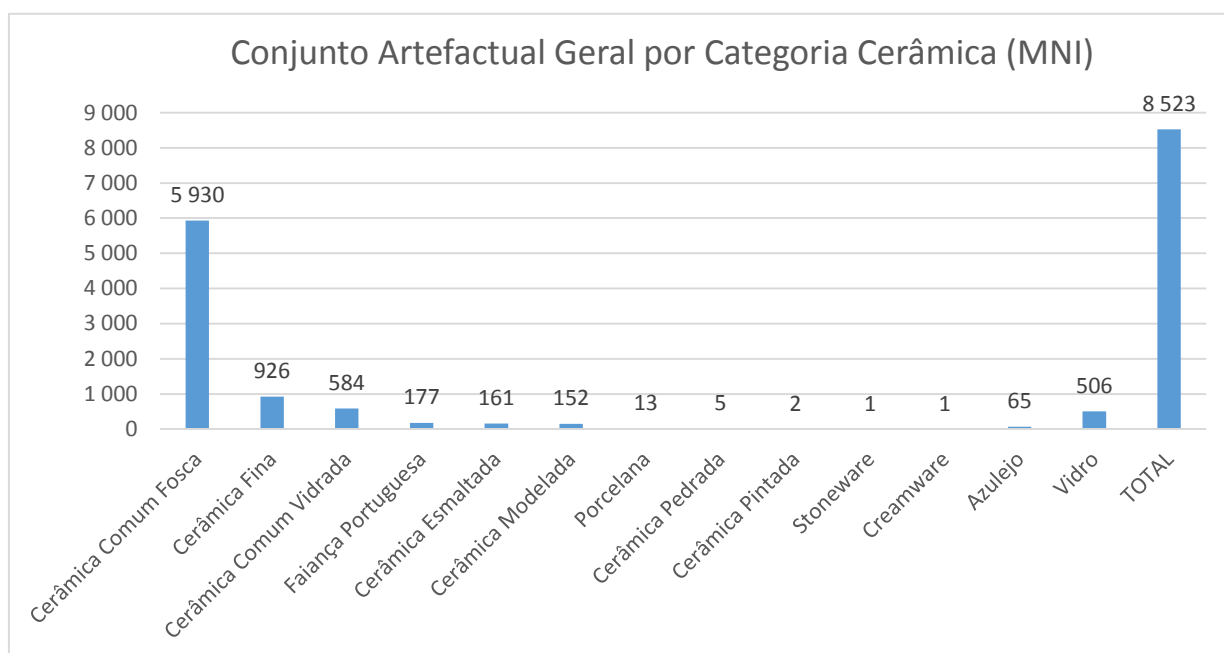


Gráfico 1: Distribuição, em Número Máximo de Indivíduos/Fragmentos, do conjunto artefactual total exumado no Poço SE por categoria cerâmica.

Categoria Cerâmica	MNI
Cerâmica Comum Fosca	5 930
Cerâmica Fina	926
Cerâmica Comum Vidrada	584
Faiança Portuguesa	177
Cerâmica Esmaltada	161
Cerâmica Modelada	152
Porcelana	13
Cerâmica Pedrada	5
Cerâmica Pintada	2
<i>Stoneware</i>	1
<i>Creamware</i>	1
Azulejo	65
Vidro	506
TOTAL	8 523

Tabela 2: Distribuição, em Número Máximo de Indivíduos/Fragmentos, do conjunto artefactual total exumado no Poço SE por categoria cerâmica.

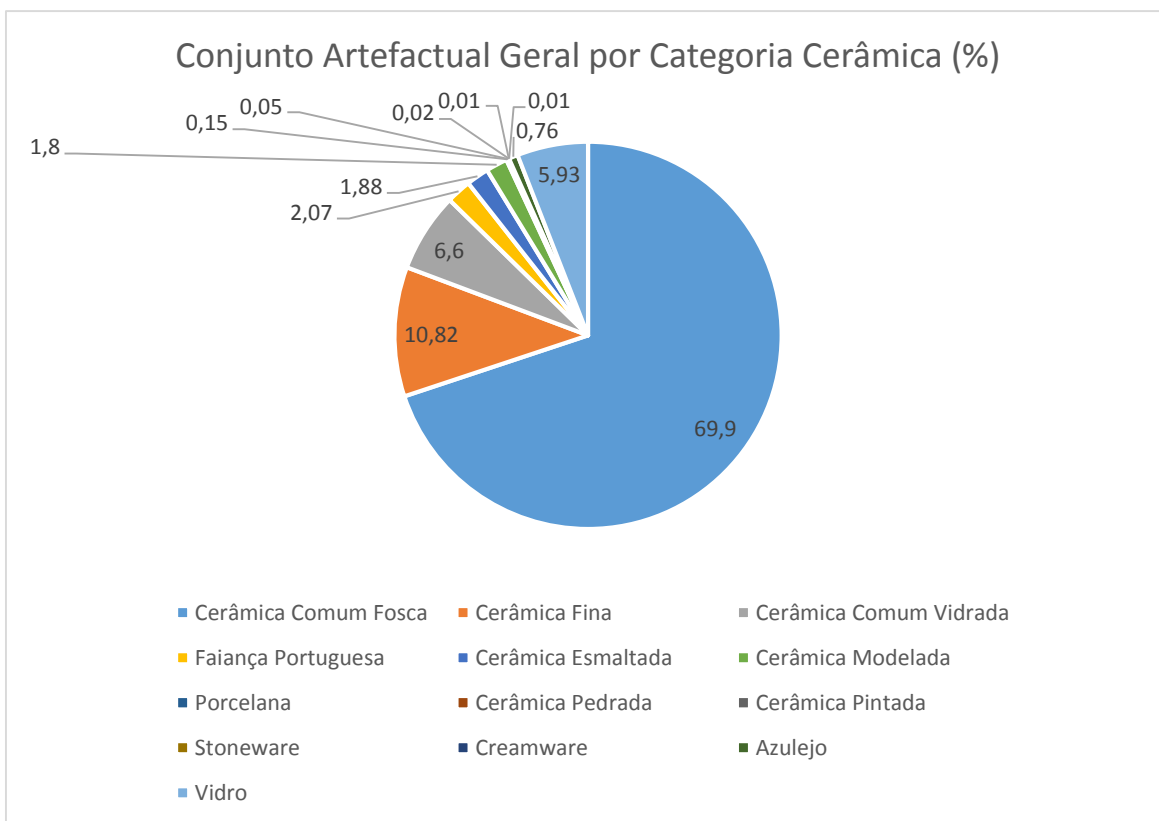


Grafico 2: Distribuição, em percentagem, do conjunto artefactual total exumado no Poço SE por categoria cerâmica.

Categoria Cerâmica	Percentagem (%)
Cerâmica Comum Fosca	69,9
Cerâmica Fina	10,82
Cerâmica Comum Vidrada	6,6
Faiança Portuguesa	2,07
Cerâmica Esmaltada	1,88
Cerâmica Modelada	1,8
Porcelana	0,15
Cerâmica Pedrada	0,05
Cerâmica Pintada	0,02
<i>Stoneware</i>	0,01
<i>Creamware</i>	0,01
Azulejo	0,76
Vidro	5,93
TOTAL	100

Tabela 3: Distribuição, em percentagem, do conjunto artefactual total exumado no Poço SE por categoria cerâmica.

APÊNDICE F
Quarto Momento

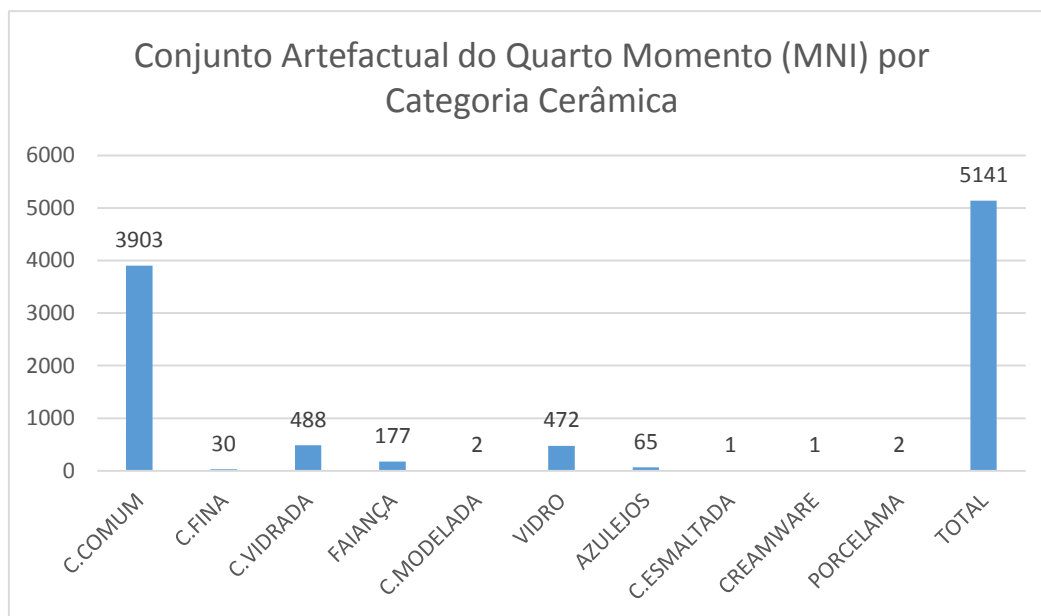


Grafico 3: Distribuição, em Número Máximo de Individuos/Fragmentos, do quarto momento por categoria cerâmica.

Categoria Cerâmica	MNI
Cerâmica Comum Fosca	3903
Cerâmica Fina	30
Cerâmica Comum Vidrada	488
Faiança Portuguesa	177
Cerâmica Esmaltada	1
Cerâmica Modelada	2
Porcelana	2
<i>Creamware</i>	1
Azulejo	65
Vidro	472
TOTAL	5141

Tabela 4: Distribuição, em Número Máximo de Indivíduos/Fragmentos, do quarto momento por categoria cerâmica.

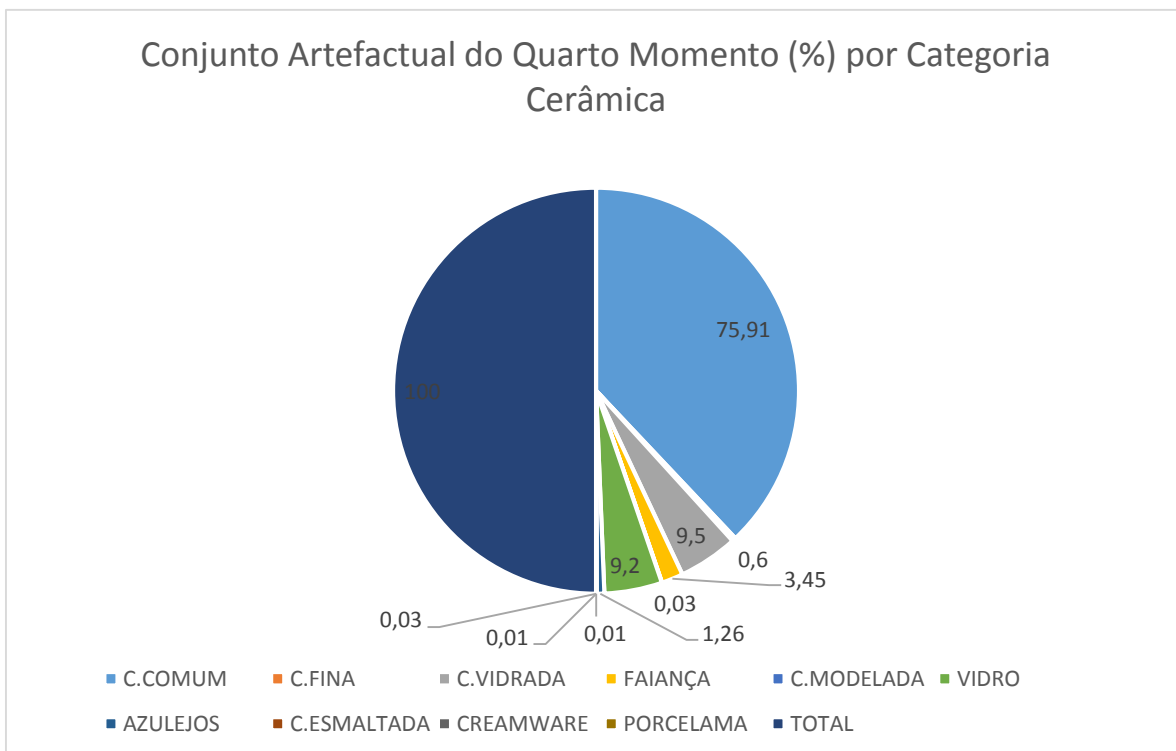


Grafico 4: Distribuição, em percentagem, do conjunto artefactual do quarto momento.

Categoria Cerâmica	Percentagem (%)
Cerâmica Comum Fosca	75,91
Cerâmica Fina	0,6
Cerâmica Comum Vidrada	9,5
Faiança Portuguesa	3,45
Cerâmica Esmaltada	0,01
Cerâmica Modelada	0,03
Porcelana	0,03
<i>Creamware</i>	0,01
Azulejo	1,26
Vidro	9,2
TOTAL	100

Tabela 5: Distribuição, em percentagem, do quarto momento por categoria cerâmica.

APÊNDICE F
Quarto Momento

F.I. – A Cerâmica Comum Fosca

PF00.Q4/5[1115]-0311

Descrição: Cântaro, variante A. Fragmento de bordo vertical, ligeiramente exvertido, de secção trapezoidal, com arranque de parede de tendência hemisférica. Arranque de asa em fita vertical. Superfícies interna e externa: Hue 5 YR 5/6 Bright Reddish. Ø bordo: 7,4 cm. Espessura da parede: 0,4 cm a 0,6 cm. Referência (Grupo de fabrico/Forma/Variante): III / II / A.

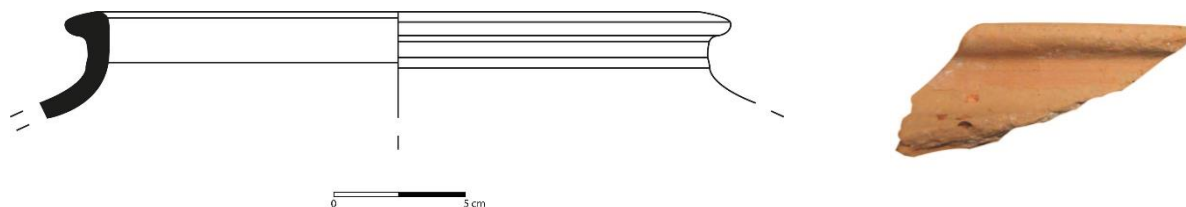


PF00.Q4/5[1113]-0393



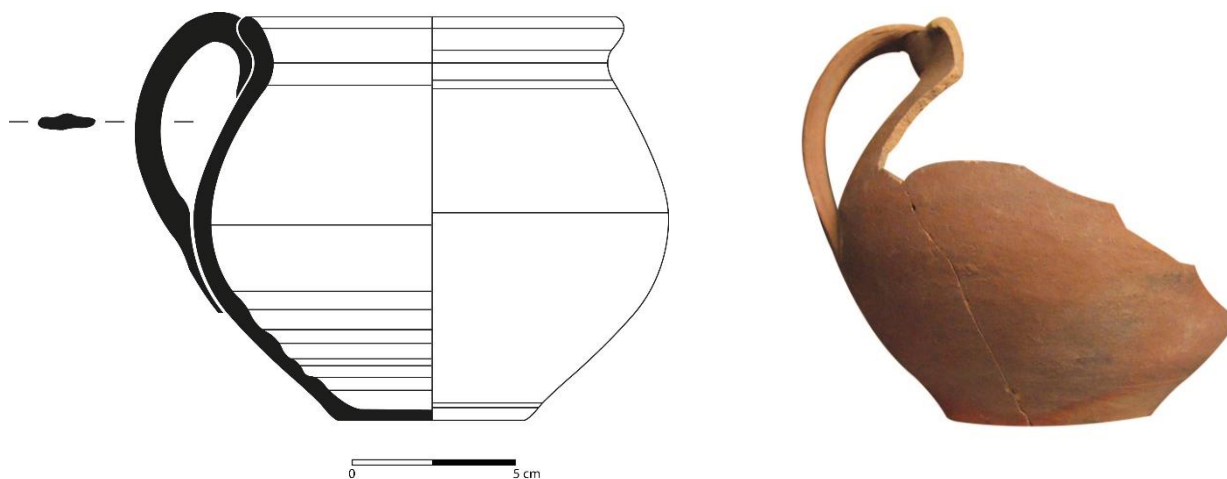
Descrição: Cântaro, variante B. Perfil completo. Bordo exvertido, de secção semi-circular, com colo alto, decorado com linhas incisadas ondulantes, assente em corpo hemisférico e fundo ligeiramente convexo. Asa em fita vertical. Superfícies interna e externa: Hue 5 YR 6/6 Orange. Altura: 32,4 cm. Ø bordo: 5,5 cm. Ø fundo: 8,5 cm. Espessura da parede: 0,3 cm a 0,6 cm. Referência (Grupo de fabrico/Forma/Variante): I / I / B.

PF00.Q4/5[1113]-0398



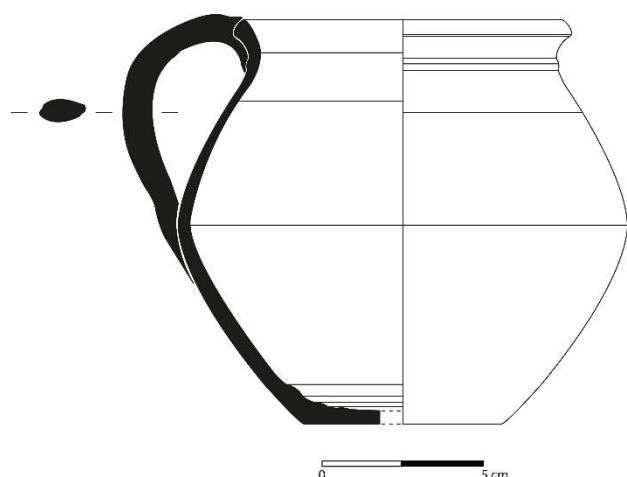
Descrição: Talha, variante A. Fragmento de bordo exvertido e boleado, de secção semi-circular, com arranque de parede sugerindo perfil hemisférico. Superfícies interna e externa: Hue 5 YR 7/4 Dull Orange. Ø bordo: 23 cm. Espessura da parede: 0,5 cm a 0,8 cm. Referência (Grupo de fabrico/Forma/Variante): II / II / A.

PF00.Q4/5[1167]-0435



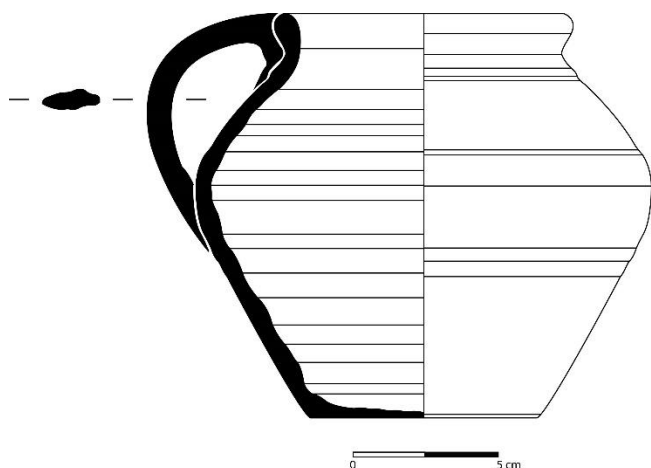
Descrição: Pote, variante A1. Perfil completo. Bordo exvertido e boleado, de secção semi-circular, assente em corpo hemisférico e fundo raso. Asa em fita vertical. Superfície interna: Hue 5 YR 6/6 Orange. Superfície externa: Hue 10 R 5/8 Red. Altura: 11,8 cm. Ø bordo: 11 cm. Ø fundo: 5,5 cm. Espessura da parede: 0,2 cm a 0,4 cm. Referência (Grupo de fabrico/Forma/Variante): II / III / A1.

PF00.Q4/5[1115]-0293



Descrição: Pote, variante A2. Perfil completo. Bordo exvertido e boleado, de secção semi-circular, assente em corpo hemisférico e fundo raso. Asa em fita vertical. Superfície interna: Hue 5 YR 6/6 Orange. Superfície externa: Hue 5 YR 5/6 Bright Reddish. Altura: 11,9 cm. Ø bordo: 9,4 cm. Ø fundo: 6 cm. Espessura da parede: 0,2 cm a 0,4 cm. Referência (Grupo de fabrico/Forma/Variante): I / III / A2.

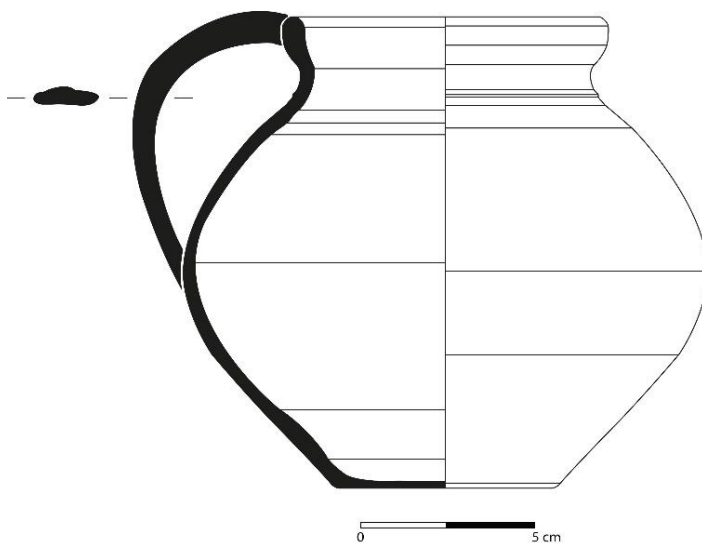
PF00.Q4/5[1115]-0345



Descrição: Pote, variante A3. Perfil completo. Bordo exvertido e boleado, de secção semi-circular, assente em corpo hemisférico e fundo raso. Asa em fita vertical. Superfície interna: Hue 7.5 YR 8/4 Light Yellow. Superfície externa: Hue 5 YR 6/6 Orange. Altura: 13,5 cm. Ø bordo: 10 cm. Ø fundo: 7,2 cm. Espessura da parede: 0,3 cm. Referência (Grupo de fabrico/Forma/Variante): V / III / A3.

PF00.Q4/5[1115]-0297

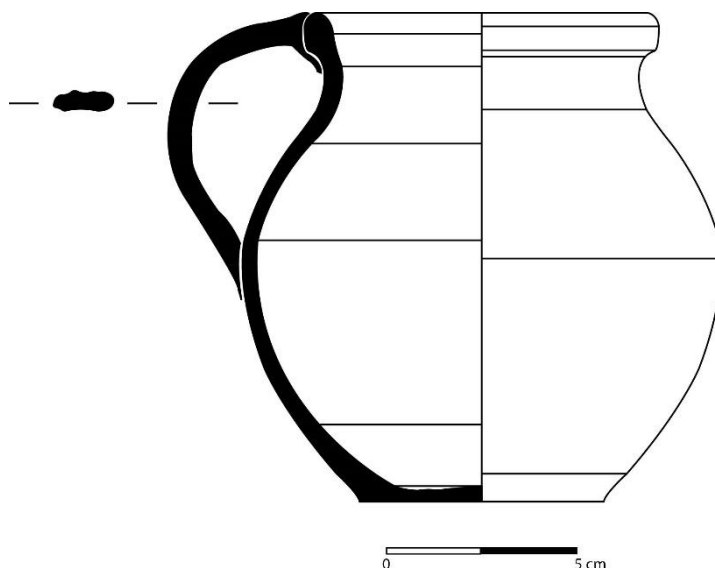
Descrição: Pote, variante A4. Perfil completo. Bordo ligeiramente invertido e boleado, de secção semi-circular, separado do corpo por uma linha incisa concêntrica, assente em corpo hemisférico e fundo raso. Asa em fita vertical. Superfície interna: Hue 5 YR 7/4 Dull Orange. Superfície externa: Hue 5 Y 5/1 Gray. Altura: 13,5 cm.

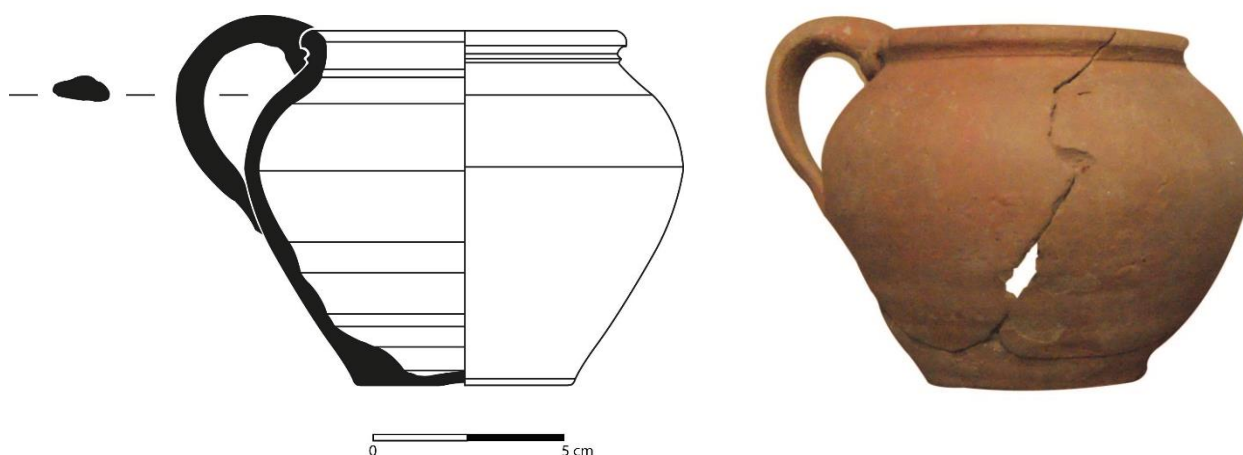


Ø bordo: 9 cm. Ø fundo: 6 cm. Espessura da parede: 0,2 cm a 0,4 cm. Referência (Grupo de fabrico/Forma/Variante): I / III / A4.

PF00.Q4/5[1115]-0315

Descrição: Pote, variante B. Perfil completo. Bordo ligeiramente invertido e boleado, de secção semi-circular, separado do corpo por uma linha incisa concêntrica, assente em corpo hemisférico e fundo raso. Asa em fita vertical. Superfícies interna e externa: Hue 5 Y 5/1 Gray. Altura: 13 cm. Ø bordo: 9 cm. Ø fundo: 6,4 cm. Espessura da parede: 0,3 cm a 0,4 cm. Referência (Grupo de fabrico/Forma/Variante): III / III / B.

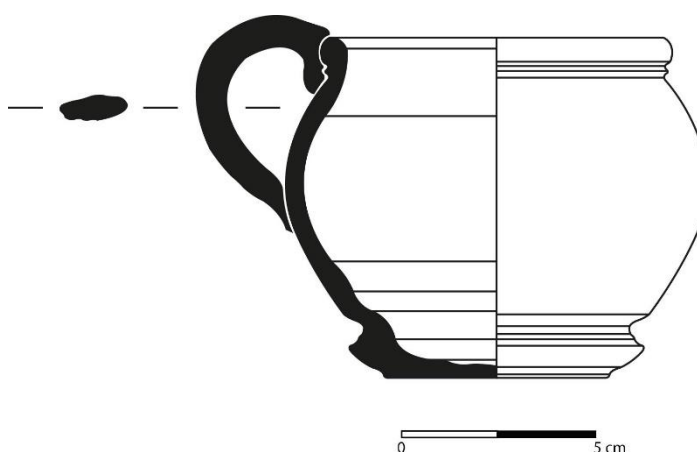




Descrição: Pote, variante *D1*. Perfil completo. Bordo ligeiramente exvertido e boleado, de secção semi-circular, separado do corpo por uma canelura concêntrica de secção triangular, assente em corpo hemisférico e fundo raso. Asa em fita vertical. Superfícies interna e externa: Hue 7.5 YR 6/3 Dull Brown. Altura: 9,8 cm. Ø bordo: 8,2 cm. Ø fundo: 5,7 cm. Espessura da parede: 0,2 cm a 0,4 cm. Referência (Grupo de fabrico/Forma/Variante): IV / III / D1.

Descrição: Pote, variante *D2*.

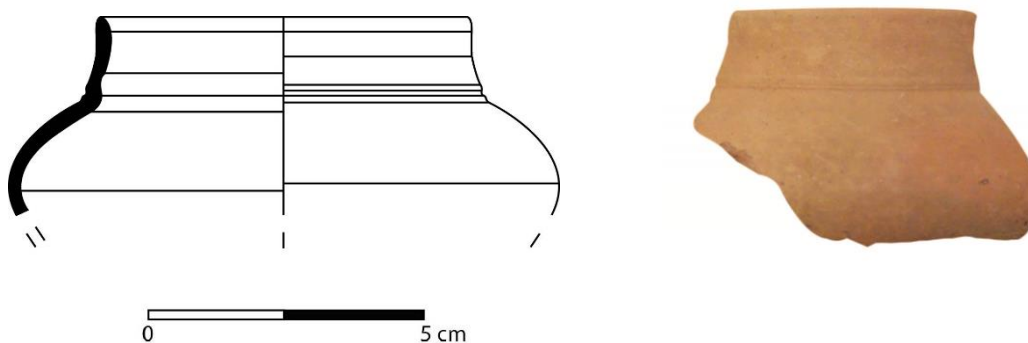
Perfil completo. Bordo ligeiramente exvertido e boleado, de secção semi-circular, separado do corpo por uma canelura concêntrica de secção triangular, assente em corpo hemisférico e fundo raso,



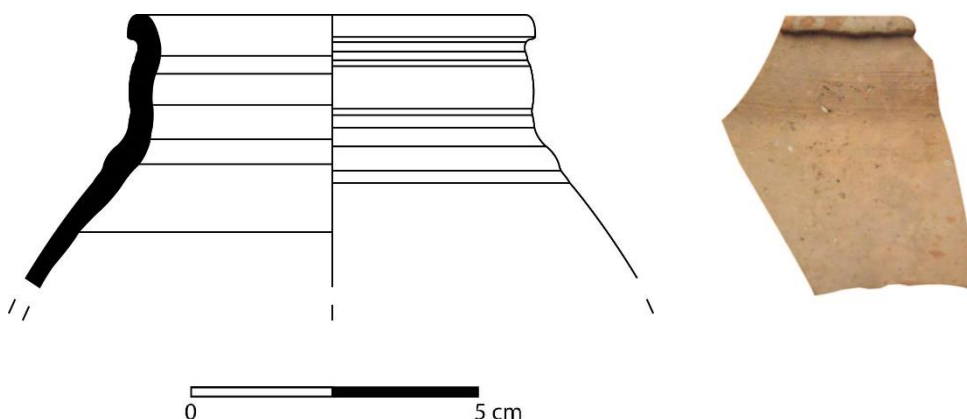
este apresentando um “estrangulamento”, formando o que se assemelha a uma aba espessada. Asa em fita vertical. Superfícies interna e externa: Hue 7.5 YR 6/3 Brown. Altura: 8,5 cm. Ø bordo: 8,6 cm. Ø fundo: 5,5 cm. Espessura da parede: 0,2 cm a 0,3 cm. Referência (Grupo de fabrico/Forma/Variante): IV / III / D2.



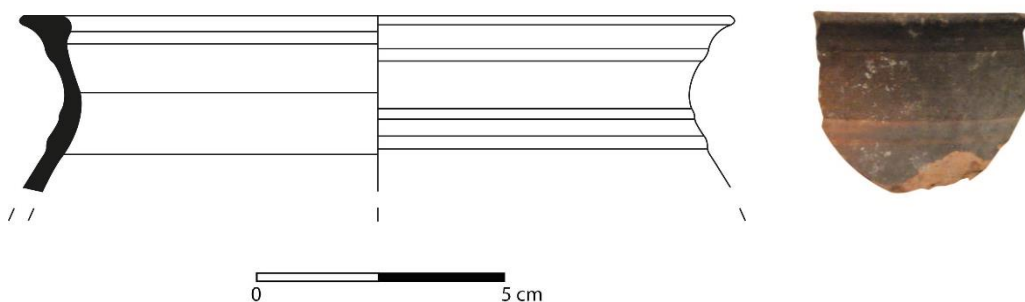
Descrição: Pote, variante *D3*. Fragmento de bordo exvertido e boleado, de secção semi-circular, com arranque de parede de tendência hemisférica. Superfície interna: Hue 7.5 YR 6/3 Dull Brown. Superfície externa: Hue 7.5 YR 6/3 Brown. Ø bordo: 8 cm. Espessura da parede: 0,3 cm. Referência (Grupo de fabrico/Forma/Variante): IV / III / D3.



Descrição: Pote, variante *E*. Fragmento de bordo vertical, ligeiramente espessado e de secção semi-circular, contornado por uma canelura concêntrica de secção triangular, dando origem a arranque de parede de tendência hemisférica. Superfície interna: Hue 7.5 YR 6/3 Dull Brown. Superfície externa: Hue 7.5 YR 6/3 Brown. Ø bordo: 7 cm. Espessura da parede: 0,2 cm. Referência (Grupo de fabrico/Forma/Variante): IV / III / E.

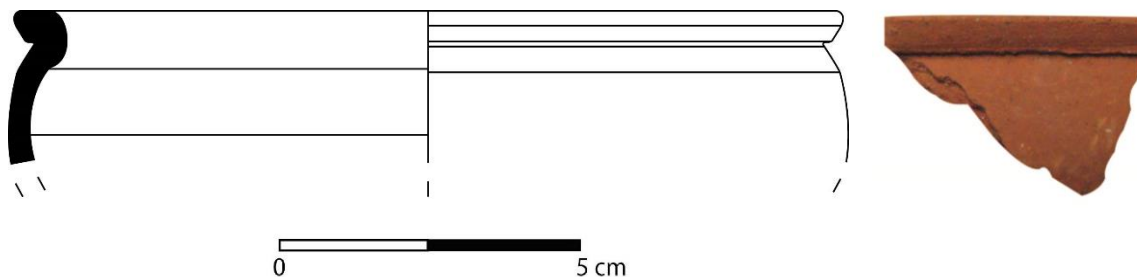


Descrição: Pote, variante *F*. Fragmento de bordo vertical, ligeiramente exvertido e de secção trapezoidal, de onde arranque o corpo da peça de tendência hemisférica. Superfície interna: Hue 7.5 YR 6/3 Dull Brown. Superfície externa: Hue 7.5 YR 6/3 Brown. Ø bordo: 7 cm. Espessura da parede: 0,4 cm. Referência (Grupo de fabrico/Forma/Variante): IV / III / *F*.



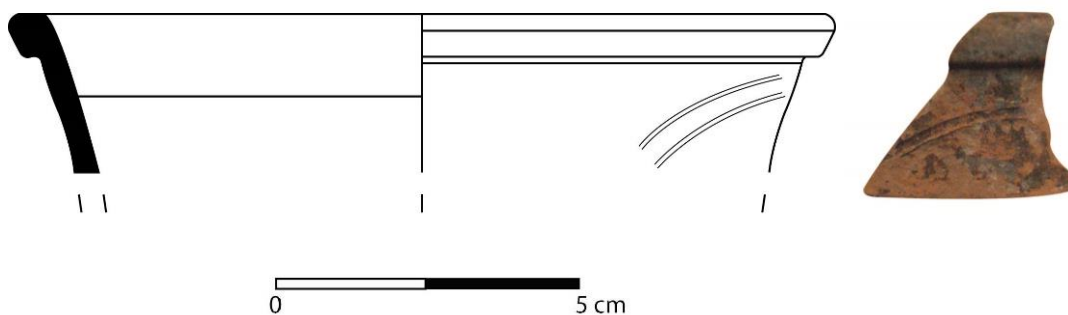
Descrição: Pote, variante *G*. Fragmento de bordo ligeiramente exvertido, reto e horizontal onde se destaca uma canelura concêntrica de secção semi-circular, iniciando-se o arranque do corpo de tendência hemisférica onde se regista, igualmente, uma canelura concêntrica, mas de secção triangular. Superfície interna Hue 7.5 YR 6/3 Dull Brown. Superfície externa: Hue 5 Y 5/1 Gray. Ø bordo: 14 cm. Espessura da parede: 0,3 cm. Referência (Grupo de fabrico/Forma/Variante): IV / III / *G*.

PF00.Q4/5[1115]-0335

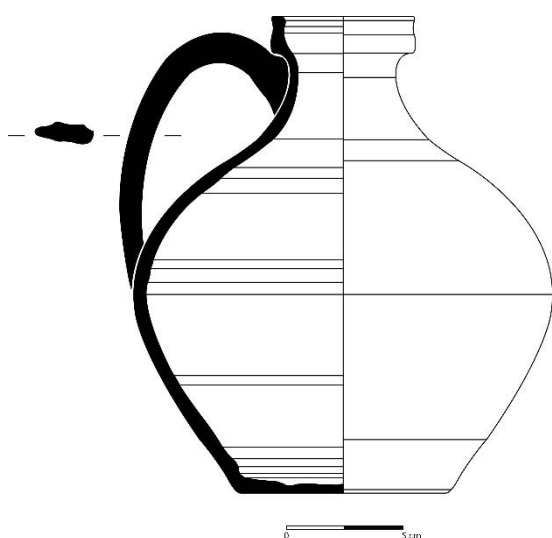


Descrição: Pote, variante *H*. Fragmento de bordo ligeiramente exvertido, de secção trapezoidal a partir do qual se inicia o corpo de tendência hemisférica. Superfície interna Hue 5 YR 6/6 Orange. Superfície externa: Hue 7.5 YR 6/3 Brown. Ø bordo: 14 cm. Espessura da parede: 0,4 cm. Referência (Grupo de fabrico/Forma/Variante): IV / III / H.

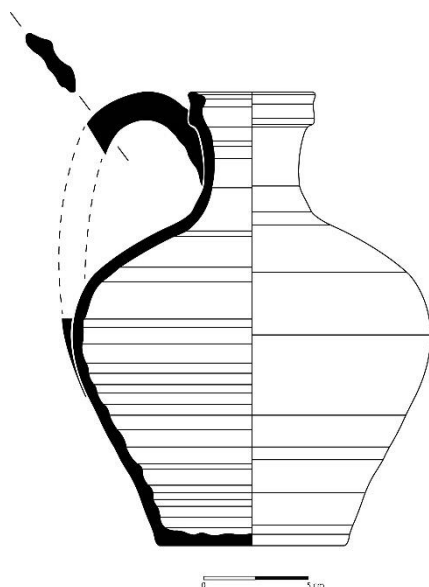
PF00.Q4/5[1115]-0336



Descrição: Pote, variante *I*. Fragmento de bordo exvertido, de secção observando-se, abaixo deste, decoração composta por duas linhas incisadas ondulantes. Superfície Hue 7.5 YR 6/3 Dull Brown. Superfície externa: Hue 7.5 YR 6/3 Brown. Ø bordo: 14 cm. Espessura da parede: 0,3 cm. Referência (Grupo de fabrico/Forma/Variante): IV / III / I.

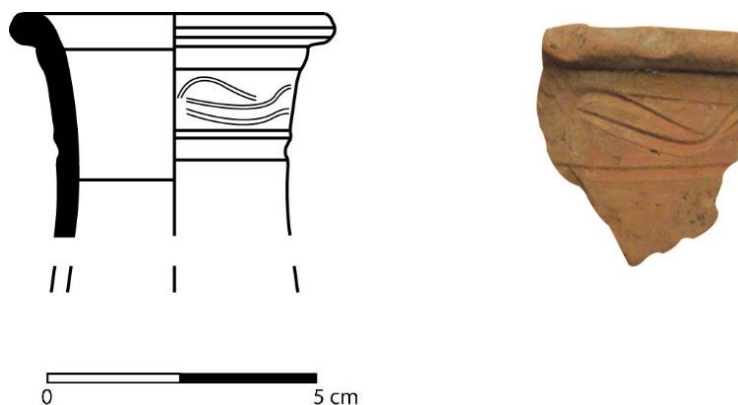


Descrição: Garrafa, variante A. Perfil completo. Bordo vertical, de secção trapezoidal, separado do corpo hemisférico por colo estreito; fundo de morfologia rasa. Asa em fita vertical. Superfície interna: Hue 5 YR 6/6 Orange. Superfície externa: Hue 5 YR 6/4 Dull Orange. Altura: 20,7 cm. Ø bordo: 6 cm. Ø fundo: 9 cm. Espessura da parede: 0,3 cm a 0,5 cm. Referência (Grupo de fabrico/Forma/Variante): I / IV / A.



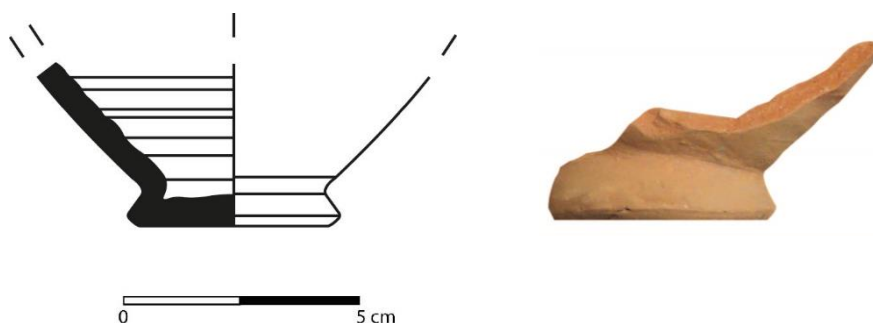
Descrição: Garrafa, variante B. Perfil completo. Bordo vertical, de secção trapezoidal, separado do corpo hemisférico por colo estreito e alto; fundo de morfologia rasa. Asa em fita vertical. Superfície interna: Hue 5 YR 6/6 Orange. Superfície externa: Hue 5 YR 6/4 Dull Orange. Altura: 21,7 cm. Ø bordo: 6 cm. Ø fundo: 9 cm. Espessura da parede: 0,3 cm a 0,6 cm. Referência (Grupo de fabrico/Forma/Variante): I / IV / B.

PF00.Q4/5[1113]-0403



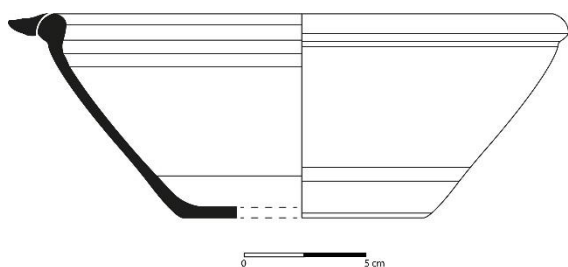
Descrição: Garrafa, variante C. Fragmento de bordo tendencialmente exvertido, de secção semi-circular, com arranque de colo estreito e alto onde se observam linhas incisadas ondulantes inseridas entre duas profundas caneluras concêntricas. Superfície interna: Hue 2.5 YR 6/4 Dull orange. Superfície externa: Hue 2.5 YR 4/6 Reddish. Ø bordo: 6 cm. Espessura da parede: 0,2 cm a 0,4 cm. Referência (Grupo de fabrico/Forma/Variante): I / IV / C.

PF00.Q4/5[1113]-0400



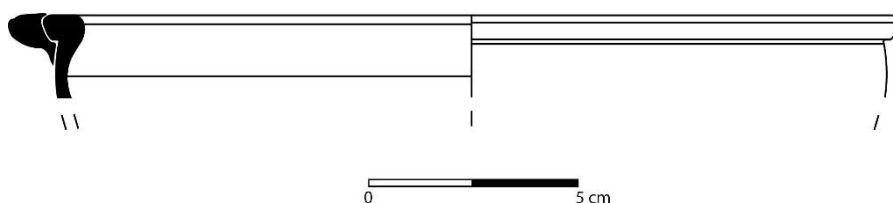
Descrição: Púcaro, variante A. Fragmento de fundo raso, em “bolacha” com arranque de parede tendencialmente hemisférica. Superfícies interna e externa: Hue 5 YR 7/4 Dull Orange. Ø fundo: 4 cm. Espessura da parede: 0,4 cm. Referência (Grupo de fabrico/Forma/Variante): II / V / A.

PF00.Q4/5[1115]-0298



Descrição: Caçoila, variante A. Perfil completo com bordo invertido, ligeiramente espessado e de secção semi-circular, contornado por uma linha incisa, dando origem ao corpo de tendência troncocónica, culminando em fundo raso. Uma asa triangular sub-horizontal. Superfície interna e externa: Hue 7.5 YR 7/4 Dull Orange. Altura: 8,4 cm. Ø bordo: 20,5 cm. Ø fundo: 10 cm. Espessura da parede: 0,2 cm a 0,4 cm. Referência (Grupo de fabrico/Forma/Variante): I / VI / A.

PF00.Q4/5[1115]-0338

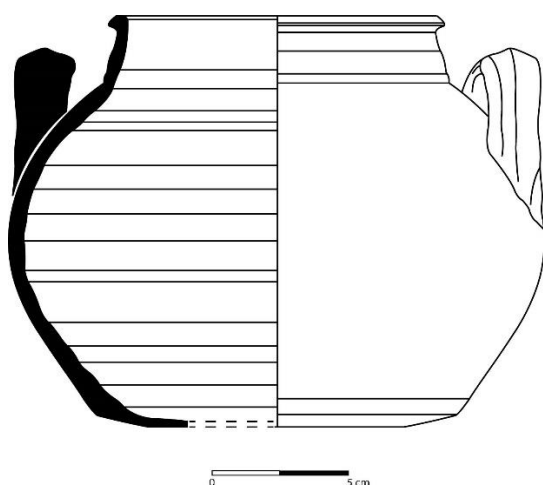


Descrição: Caçoila, variante B. Fragmento de bordo ligeiramente exvertido e espessado, de secção trapezoidal a partir do qual se regista arranque de parede de tendência troncocónica. Uma asa triangular sub-horizontal. Superfície interna: Hue 7.5 YR 6/3 Dull Brown. Superfície externa: Hue 7.5 YR 6/3 Brown. Ø bordo: 20 cm. Espessura da parede: 0,2 cm. Referência (Grupo de fabrico/Forma/Variante): IV / VI / B.



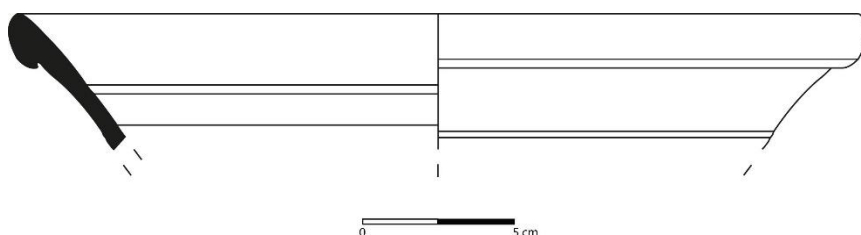
Descrição: Caçoila, variante C. Perfil completo com bordo exvertido, em bisel, dando origem ao corpo de tendência troncocônica, culminando em fundo raso a convexo. Uma asa triangular sub-horizontal. Superfície interna e externa: Hue 7.5 YR 4/3 Brown. Altura: 6,2 cm. Ø bordo: 33 cm. Ø fundo: 14,5 cm. Espessura da parede: 0,4 cm a 0,7 cm. Referência (Grupo de fabrico/Forma/Variante): IV / VI / C.

PF00.Q4/5[1113]-0402



Descrição: Panela, variante A. Perfil completo com bordo exvertido, de secção triangular, assente em colo alto e em corpo hemisférico, culminando em fundo raso a convexo. Duas asas horizontais no corpo. Superfície interna e externa: Hue 2.5 YR 4/6 Reddish. Altura: 15,7 cm. Ø bordo: 12 cm. Ø fundo: 12 cm. Espessura da parede: 0,3 cm a 0,5 cm. Referência (Grupo de fabrico/Forma/Variante): III / VII / A.

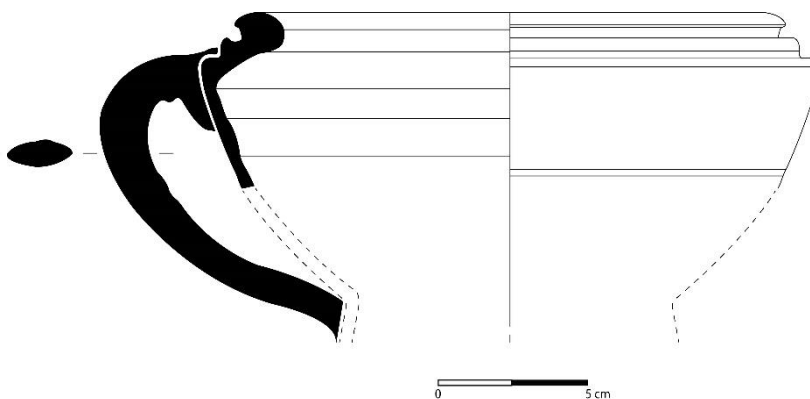
PF00.Q4/5[1113]-0405



Descrição: Bacia, variante A. Fragmento de bordo exvertido e em bisel, com arranque de parede de tendência troncocónica. Superfície interna e externa: Hue 2.5 YR 5/6 Bright Brown. Ø bordo: 28 cm. Espessura da parede: 0,5 cm a 0,6 cm. Referência (Grupo de fabrico/Forma/Variante): IV / VIII / A.

PF00.Q4/5[1115]-0317

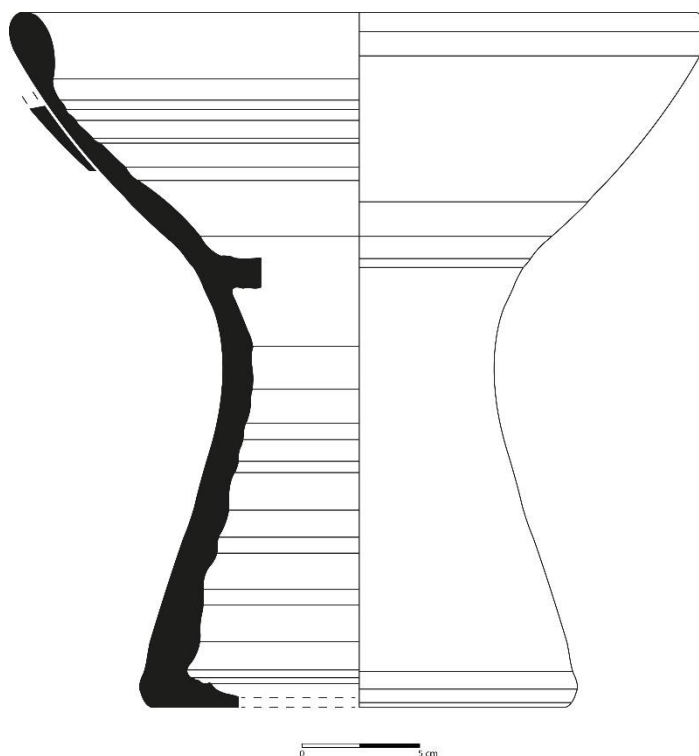
Descrição: Fogareiro, variante A. Fragmento de bordo invertido, boleado e de secção semi-circular, com uma canelura e carena bem destacadas, de onde arranca o corpo



truncocónico. Uma asa ovalada vertical. Superfície interna e externa: Hue 5 YR 5/6 Bright Reddish. Ø bordo: 16,5 cm. Espessura da parede: 0,4 cm a 0,6 cm. Referência (Grupo de fabrico/Forma/Variante): III / IX / A.

PF00.Q4/5[1115]-0340

Descrição: Fogareiro, variante B. Perfil completo, de bordo invertido, espessado e de secção semi-circular, encimando corpo de perfil aberto e truncocónico, terminando em fundo raso. Presença de arranque de “grelha” horizontal no interior da peça, e de asa em fita vertical. Superfície interna: Hue 7.5 YR 6/3 Dull Brown. Superfície externa: Hue 7.5 YR 6/3 Brown. Altura: 28 cm. Ø bordo: 28 cm. Ø fundo: 17 cm. Espessura da parede: 0,5 cm a 1,2 cm. Referência (Grupo de fabrico/Forma/Variante): IV / IX / B.



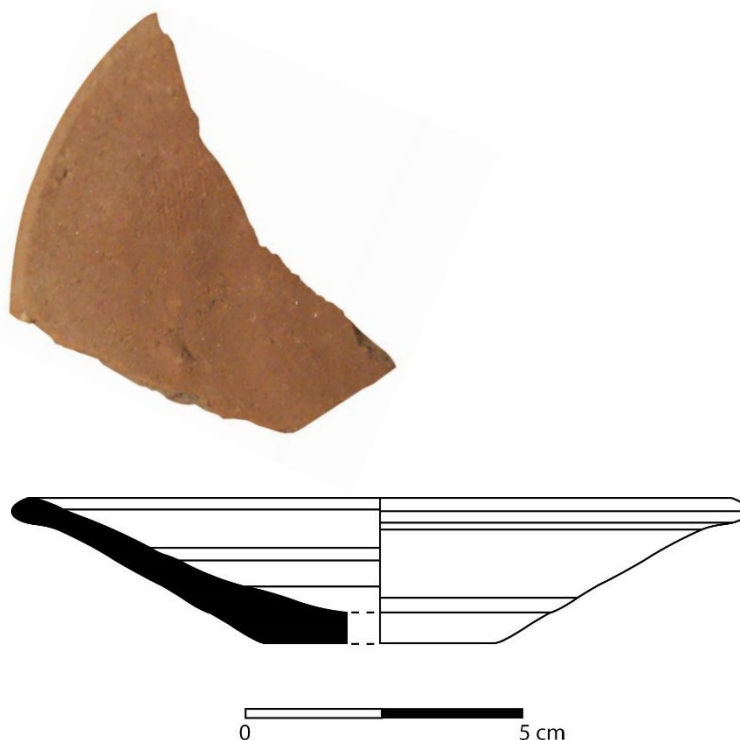
APÊNDICE F

Quarto Momento

F.II. – A Cerâmica Fina

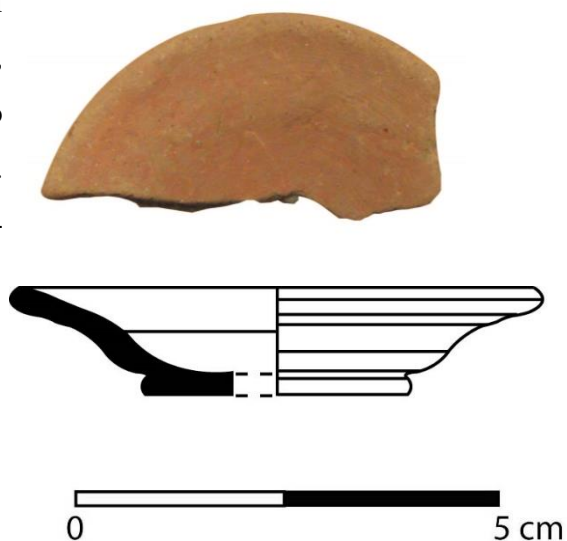
PF00.Q4/5[1115]-0350

Descrição: Testo, variante A1. Perfil completo, com bordo exvertido e espessado, com secção semi-circular, assente em corpo troncocónico e fundo raso. Superfícies interna e externa: Hue 7.5 YR 6/3 Dull Brown. Altura: 2,5 cm. Ø bordo: 13 cm. Ø fundo: 4 cm. Espessura da parede: 0,3 cm a 0,4 cm. Referência (Grupo de fabrico/Forma/Variante): IV / I / A1.

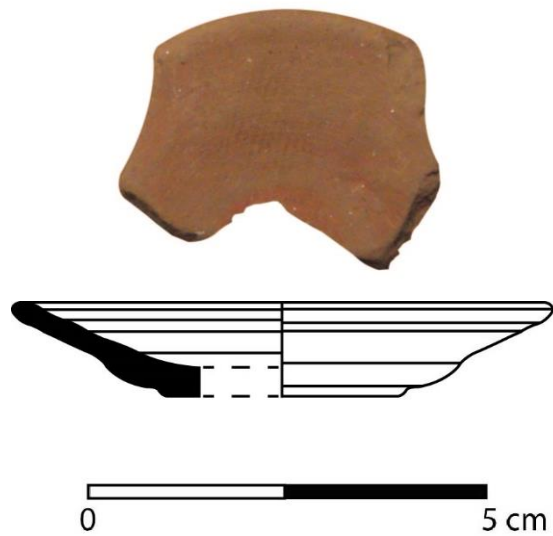


PF00.Q4/5[1167]-0440

Descrição: Testo, variante A2. Perfil completo, com bordo exvertido e espessado, com secção semi-circular, assente em corpo troncocónico e fundo em “bolacha”. Superfícies interna e externa: Hue 5 YR 7/4 Dull Orange. Altura: 1,2 cm. Ø bordo: 6 cm. Ø fundo: 3 cm. Espessura da parede: 0,2 cm. Referência (Grupo de fabrico/Forma/Variante): III / I / A2.



Descrição: Testo, variante *B*. Perfil completo, com bordo exvertido e espessado, com secção semi-circular, assente em corpo troncocónico e fundo raso. Superfície interna: Hue 7.5 YR 6/3 Dull Brown. Superfície externa: Hue 7.5 YR 6/3 Brown. Altura: 1,2 cm. Ø bordo: 7 cm. Ø fundo: 3 cm. Espessura da parede: 0,2 cm a 0,3 cm. Referência (Grupo de fabrico/Forma/Variante): IV / I / B.



APÊNDICE F
Quarto Momento

F.III. – A Cerâmica Comum Vidrada

PF00.Q4/5[1113]-0422

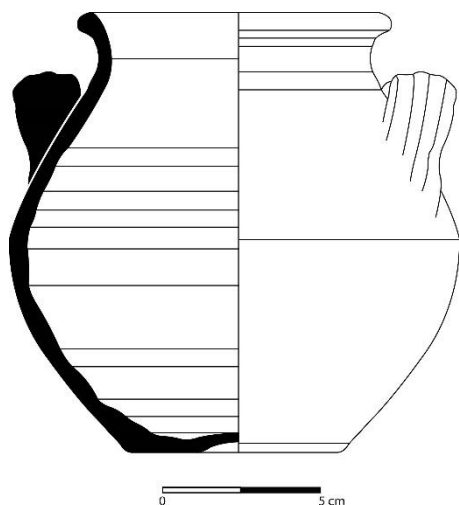


Descrição: Caneca, variante B. Perfil completo, com bordo vertical, com secção semi-circular, assente em corpo tendencialmente hemisférico, com duas caneluras concêntricas, duas asas de “orelha” verticais e fundo anelar destacado por uma carena. Superfície interna: Vidrado de chumbo de tom amarelo/amarelo melado. Superfície externa: Vidrado de chumbo de tonalidade amarela, melado, castanho e verde. Altura: 8,4 cm. Ø bordo: 15 cm. Ø fundo: 6,1 cm. Espessura da parede: 0,3 cm a 0,4 cm. Referência (Grupo de vidrado/Forma/Variante): V8 / I / A.

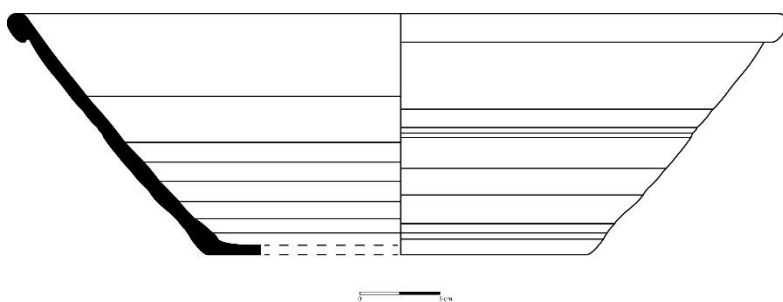
PF00.Q4/5[1113]-0421



Descrição: Jarro, variante A. Perfil completo, com bordo exvertido, boleado e modelado, com secção semi-circular, assente em colo alto e corpo tendencialmente hemisférico, com uma canelura concêntrica, uma asas em fita vertical e fundo convexo destacado por uma carena. Superfície interna: Vidrado de chumbo de tom castanho melado. Superfície externa: Vidrado de chumbo de tonalidade amarelo melado, castanho e verde. Altura: 20,7 cm. Ø bordo: 10,5 cm. Ø fundo: 10,5 cm. Espessura da parede: 0,3 cm a 0,4 cm. Referência (Grupo de vidrado/Forma/Variante): V8 / II / A.

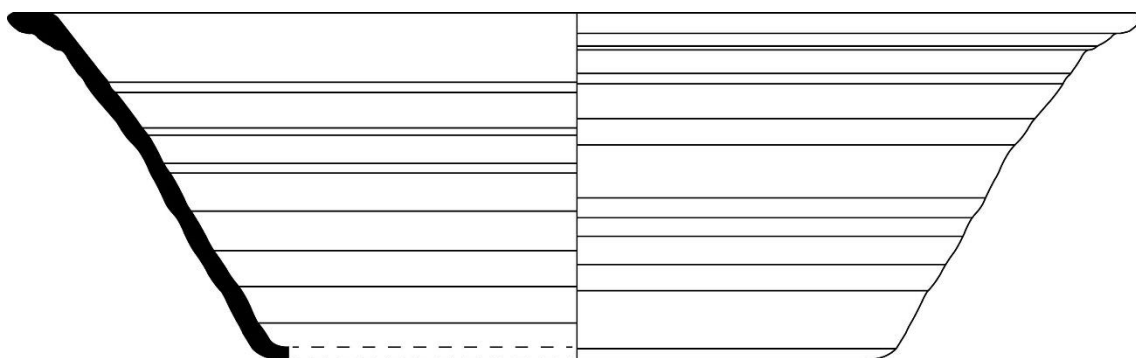


Descrição: Panela, variante A. Perfil completo, com bordo exvertido, boleado, de secção semi-circular, assente em colo estreito e corpo hemisférico, duas asas ovaladas horizontais e fundo concavo. Superfície interna: Vidrado de chumbo de tom amarelo melado. Superfície externa: Tom bege, com extensa marca de fogo. Altura: 14,7 cm. Ø bordo: 9,5 cm. Ø fundo: 7 cm. Espessura da parede: 0,3 cm a 0,5 cm. Referência (Grupo de vidrado/Forma/Variante): V8 / III / A.



Descrição: Bacia, variante A. Perfil completo, com bordo exvertido, boleado, de secção semi-circular, assente em corpo troncocónico e fundo raso. Superfície interna: Vidrado de chumbo de tom amarelo melado. Superfície externa: Tom bege. Altura: 15,2 cm. Ø bordo: 48 cm. Ø fundo: 22 cm. Espessura da parede: 0,5 cm a 0,7 cm. Referência (Grupo de vidrado/Forma/Variante): V2 / IV / A.

PF00.Q4/5[1113]-0413



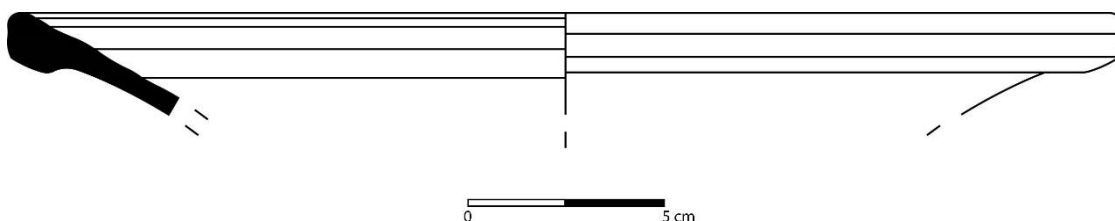
Descrição: Bacia, variante *B*. Perfil completo, com bordo exvertido em aba horizontal, de secção triangular, assente em corpo troncocónico e fundo raso. Superfície interna: Vidrado de chumbo de tom castanho esverdeado. Superfície externa: Hue 5 YR 6/4 Dull Orange. Altura: 14,5 cm. Ø bordo: 48 cm. Ø fundo: 25 cm. Espessura da parede: 0,5 cm a 0,8 cm. Referência (Grupo de vidrado/Forma/Variante): V2 / IV / B.

PF00.Q4/5[1113]-0419

Descrição: Bacia, variante *B*. Perfil completo, com bordo exvertido, ligeiramente espessado e de secção semi-circular assente em corpo hemisférico e fundo anelar. Superfície interna: Vidrado de chumbo de tom castanho/amarelo melado. Superfície externa: Vidrado de chumbo amarelo/castanho melado e verde. Altura: 9 cm. Ø bordo: 23,5 cm. Ø fundo: 9 cm. Espessura da parede: 0,3 cm a 0,5 cm. Referência (Grupo de vidrado/Forma/Variante): V8 / IV / C.



PF00.Q4/5[1115]-0354



Descrição: Prato, variante A. Fragmento de bordo exvertido, ligeiramente boleado e de secção trapezoidal assente em corpo troncocónico. Superfície interna: Vidrado de chumbo de tom castanho/amarelo melado. Superfície externa: Vidrado de chumbo amarelo/castanho melado. Ø bordo: 28 cm. Espessura da parede: 0,4 cm a 0,5 cm. Referência (Grupo de vidrado/Forma/Variante): V1 / V / C.

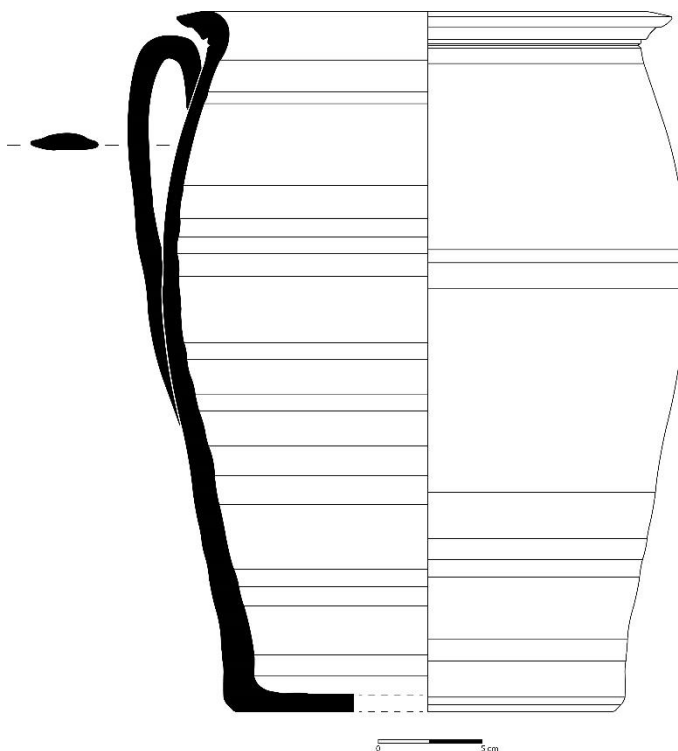
PF00.Q4/5[1115]-0355



Descrição: Bispote, variante A1. Perfil completo com bordo exvertido, de aba horizontal e de secção semi-circular assente em corpo vertical e em fundo raso. Arranque de duas asas em fita vertical. Superfície interna: Vidrado de chumbo de tom castanho/amarelo melado. Superfície externa: Vidrado de chumbo castanho melado/esverdeado, cobrindo parcialmente. Altura: 34 cm. Ø bordo: 26 cm. Ø fundo: 18 cm. Espessura da parede: 0,4 cm a 0,9 cm. Referência (Grupo de vidrado/Forma/Variante): V1 / VI / A1.

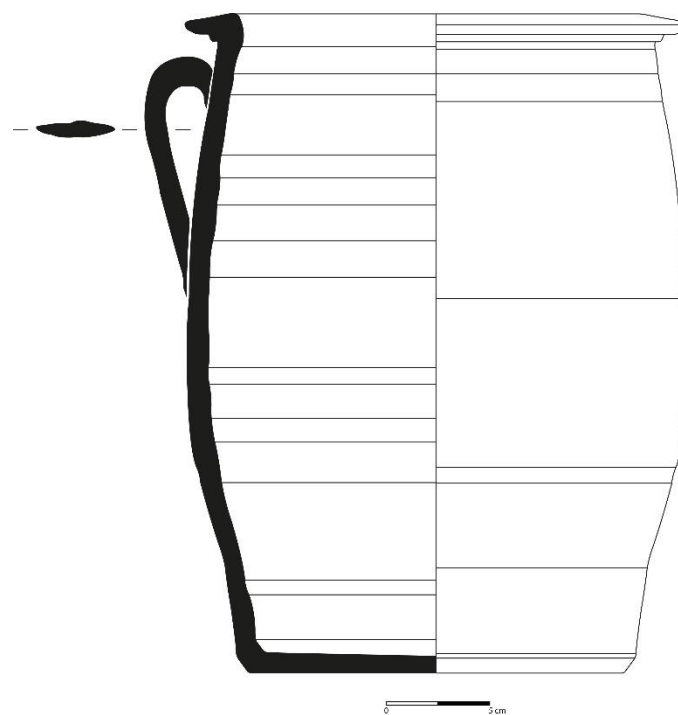
PF00.Q4/5[1113]-0417

Descrição: Bispote, variante A2. Perfil completo com bordo exvertido, de aba horizontal e de secção semi-circular assente em corpo vertical, ligeiramente convexo, e em fundo raso. Arranque de duas asas em fita vertical. Superfícies interna e externa: Vidrado de chumbo de tom Verde. Altura: 34,7 cm. Ø bordo: 24 cm. Ø fundo: 18 cm. Espessura da parede: 0,4 cm a 1 cm. Referência (Grupo de vidrado/Forma/Variante): V5 / VI / A2.

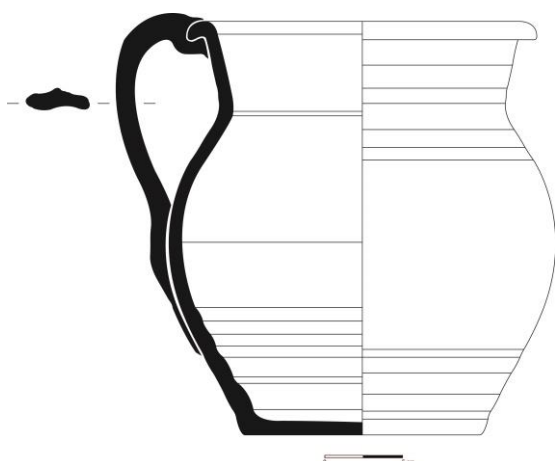


PF00.Q4/5[1113]-0410

Descrição: Bispote, variante A3. Perfil completo com bordo exvertido, de aba horizontal e de secção semi-circular assente em corpo vertical, ligeiramente convexo, e em fundo raso. Arranque de duas asas em fita vertical. Superfícies interna e externa: Vidrado de chumbo de tom castanho melado. Altura: 32,2 cm. Ø bordo: 20 cm. Ø fundo: 18 cm. Espessura da parede: 0,4 cm a 1 cm. Referência (Grupo de vidrado/Forma/Variante): V2 / VI / A3.

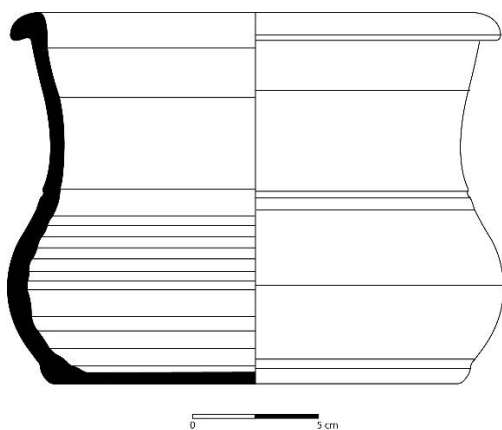


PF00.Q4/5[1115]-356



Descrição: Bispote, variante *B*. Perfil completo com bordo exvertido, boleado e de secção semi-circular assente em colo alto, corpo hemisférico e em fundo raso. Arranque de uma asa em fita vertical. Superfícies interna e externa: Vidrado de chumbo de tom castanho melado. Altura: 25,8 cm. Ø bordo: 21,5 cm. Ø fundo: 15,2 cm. Espessura da parede: 0,5 cm a 1,5 cm. Referência (Grupo de vidrado/Forma/Variante): V1 / VI / B.

PF00.Q4/5[1113]-418



Descrição: Bispote, variante *C*. Perfil completo com bordo exvertido, boleado e de secção semi-circular assente em colo alto, corpo tendencialmente hemisférico e em fundo raso. Superfícies interna: Vidrado de chumbo de tom amarelo. Superfície externa: Vidrado de chumbo de tom predominantemente amarelo, pontualmente tons de verde e castanho. Altura: 14,2 cm. Ø bordo: 17 cm. Ø fundo: 15,5 cm. Espessura da parede: 0,4 cm a 0,7 cm. Referência (Grupo de vidrado/Forma/Variante): V8 / VI / C.

APÊNDICE F

Quarto Momento

F.IV. – A Faiança Portuguesa

Descrição: Tampa, variante A. Perfil completo com corpo tendencialmente campaniforme, de bordo estribado e “estrangulado”, com asa/pega em botão e aba concêntrica horizontal de secção semi-circular bem destacada.

Superfície interna: Hue 5 Y 8/4 Pale Yellow.

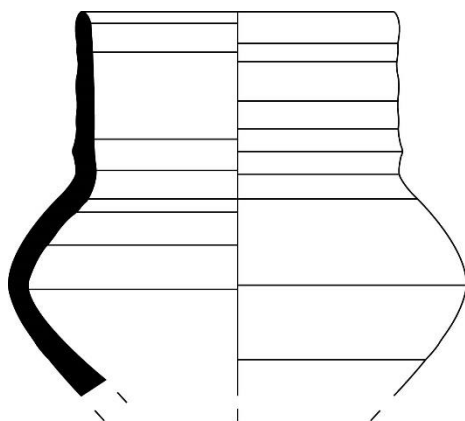
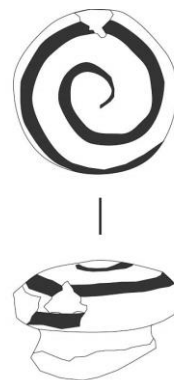
Superfície externa: revestimento de esmalte estanífero, branco, exibindo gramática decorativa “espiral” em azul cobalto na asa/peça, e “contas” em grupos de três, em manganês/vinhoso contornadas a azul cobalto no corpo da peça, estando delimitadas por motivos fitomórficos a azul.

Altura: 8,3 cm. Ø bordo: 13,2 cm. Espessura da parede: 0,3 cm a 0,5 cm. Referência (Grupo de fabrico/Forma/Variante): XII/I/A.

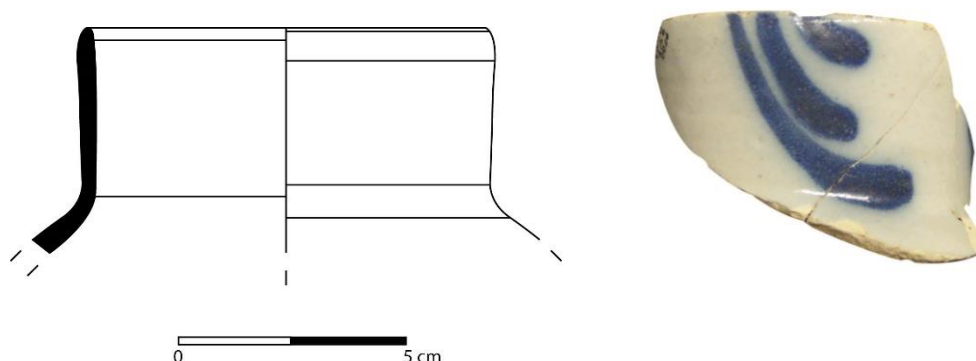


Descrição: Tampa, variante A. Fragmento de asa/pega em botão, de tendência hemisférica sobre colo baixo e largo. Superfície externa: revestimento de esmalte estanífero, branco, exibindo gramática decorativa “espiral” em manganês/vinhoso. Ø máximo: 4,4 cm. Ø mínimo: 2,8 cm. Referência (Grupo de fabrico/Forma/Variante): XII / I / A.

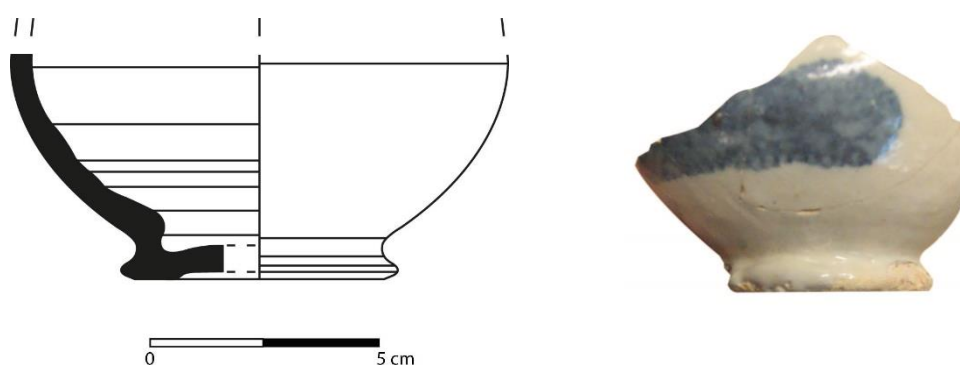
Desenho: Professor Doutor Rodrigo Banha da Silva, cedido para a presente dissertação.



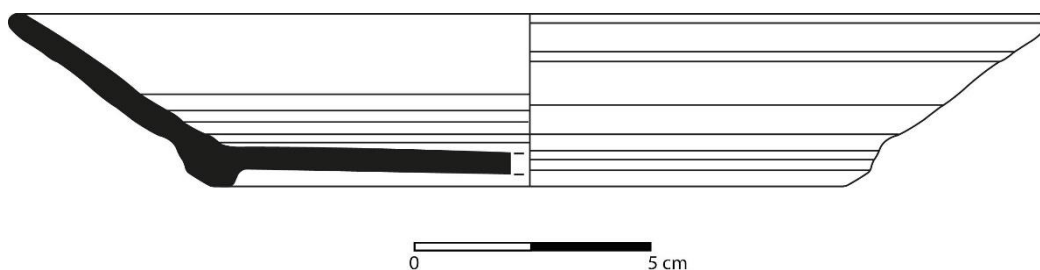
Descrição: Púcaro, variante A. Fragmento de bordo, vertical, de secção semi-circular, sobre colo alto, vertical e corpo hemisférico. Superfície interna: revestimento em esmalte estanífero branco. Superfície externa: revestimento em esmalte estanífero branco com gramática decorativa composta por motivos fitomórficos e geométricos simples em azul cobalto. Ø bordo: 8 cm. Espessura da parede: 0,2 cm a 0,4 cm. Referência (Grupo de fabrico/Forma/Variante): XII / II / A.



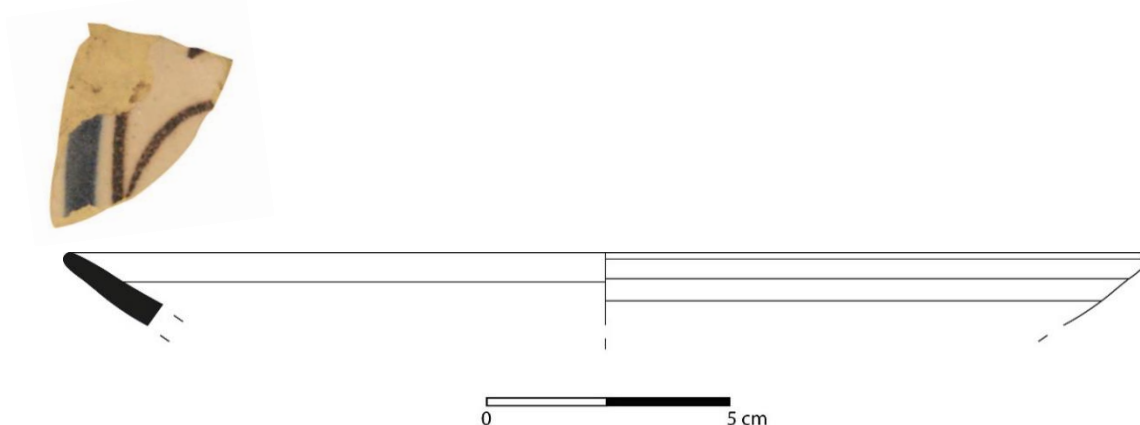
Descrição: Púcaro, variante A. Fragmento de bordo, vertical, de secção semi-circular, sobre colo alto, vertical e corpo hemisférico. Superfície interna: revestimento em esmalte estanífero branco. Superfície externa: revestimento em esmalte estanífero branco com gramática decorativa composta por motivos fitomórficos e geométricos simples em azul cobalto. Ø bordo: 9 cm. Espessura da parede: 0,3 cm a 0,4 cm. Referência (Grupo de fabrico/Forma/Variante): XII / II / A.



Descrição: Púcaro, variante A. Fragmento de fundo ligeiramente concavo, estribado e “estrangulado” sob corpo de perfil hemisférico. Superfície interna: revestimento em esmalte estanífero branco. Superfície externa: revestimento em esmalte estanífero branco com gramática decorativa indeterminada a azul cobalto. Ø fundo: 5,5 cm. Espessura da parede: 0,4 cm. Referência (Grupo de fabrico/Forma/Variante): XII / II / A.



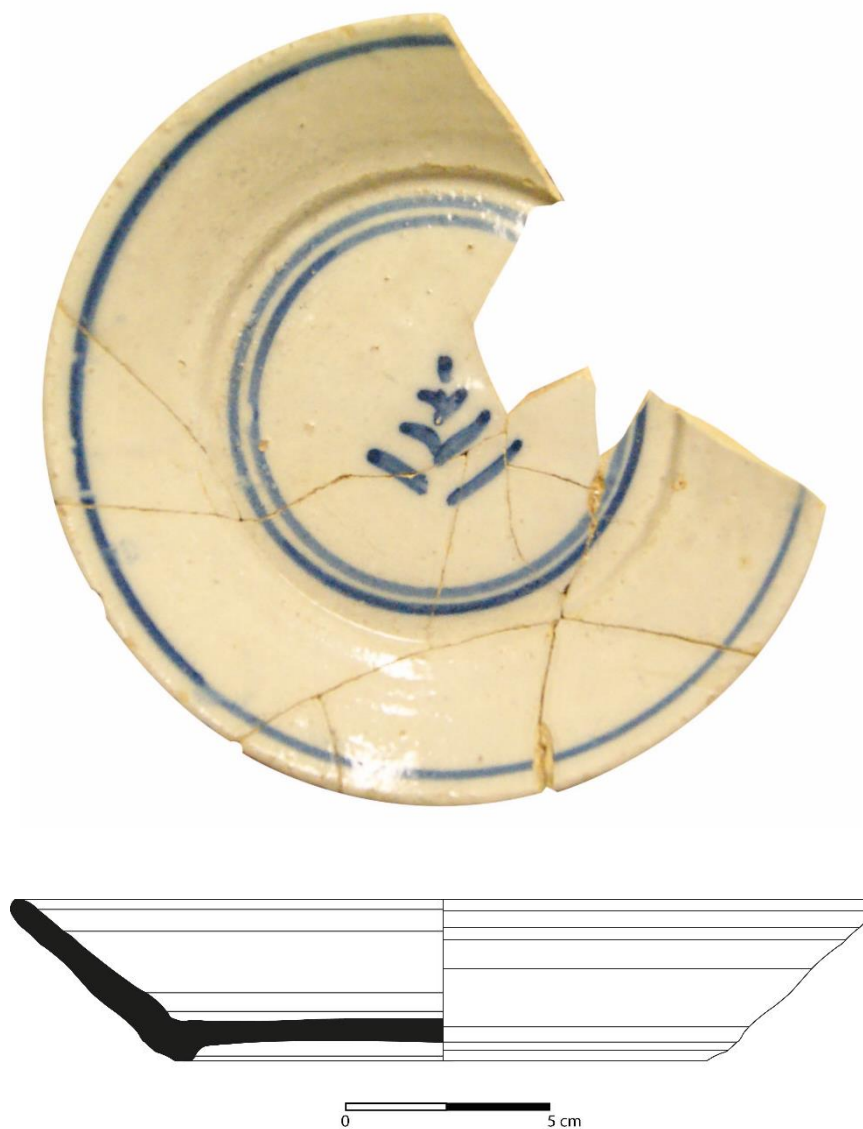
Descrição: Prato, variante A. Perfil completo, de corpo aberto troncocónico, bordo exvertido em aba sub-horizontal, de secção semi-circular e fundo anelar. Superfície interna: revestimento em esmalte estanífero branco, ornamentado com “Cruz de Malta” em azul cobalto na aba. Superfície externa: revestimento em esmalte estanífero branco. Altura: 3,5 cm. Ø bordo: 22 cm. Ø fundo: 13 cm. Espessura da parede: 0,4 cm a 0,6 cm. Referência (Grupo de fabrico/Forma/Variante): XII / III / A.



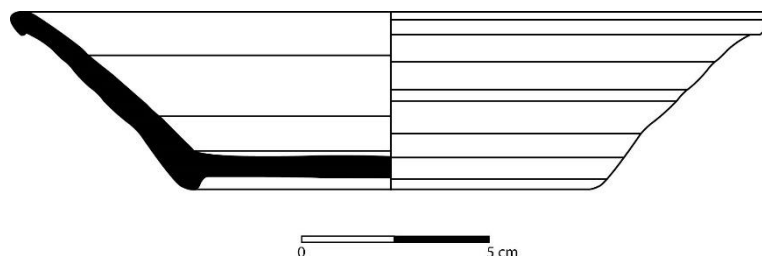
Descrição: Prato, variante A. Fragmento de bordo exvertido em aba sub-horizontal, de secção semi-circular, sugerindo corpo aberto troncocónico. Superfície interna: revestimento em esmalte estanífero branco, com motivos fitomórficos simples a azul cobalto e gramática “Faixas Barrocas” a manganês/vinhoso. Ø bordo: 22 cm. Espessura da parede: 0,4 cm. Referência (Grupo de fabrico/Forma/Variante): XII / III / A.



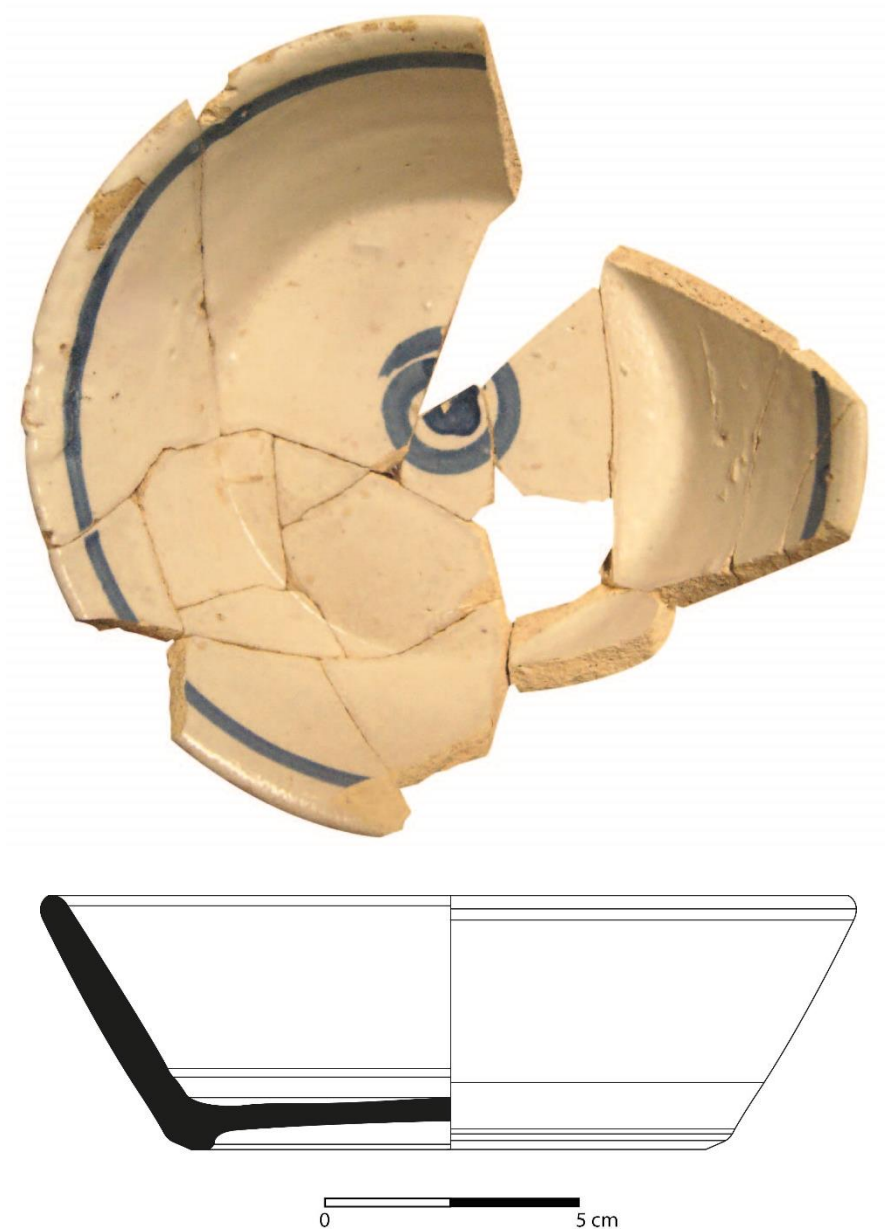
Descrição: Prato, variante A. Perfil completo, de corpo aberto e troncocónico, de bordo exvertido, em aba sub-horizontal, de secção semi-circular e fundo anelar. Superfície interna: revestimento em esmalte estanífero branco, com motivos fitomórficos simples a azul cobalto e manganês/vinhoso, com temática de “Contas”, de igual composição cromática, em grupos de três. Superfície externa: revestimento em esmalte estanífero branco. Altura: 2,4 cm. Ø bordo: 22 cm. Ø fundo: 17 cm. Espessura da parede: 0,3 cm. Referência (Grupo de fabrico/Forma/Variante): XII / III / A.



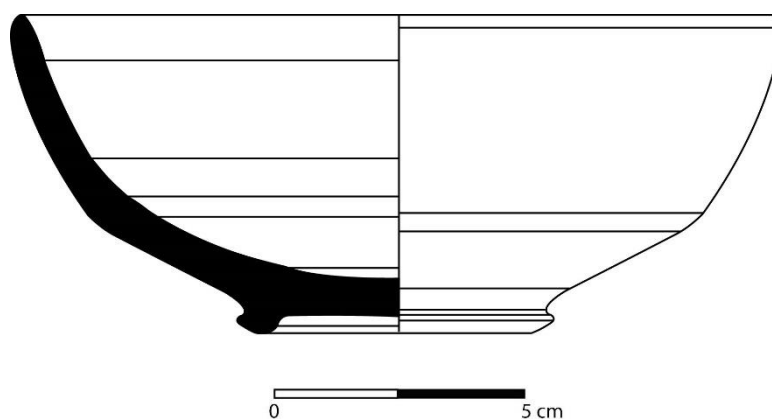
Descrição: Prato, variante *B*. Perfil completo, de corpo aberto e troncocônico, de bordo exvertido, em aba sub-horizontal, de secção semi-circular e fundo anelar. Superfície interna: revestimento em esmalte estanífero branco, com motivos fitomórficos simples a azul cobalto na aba, e igual temática no fundo, circunscrevendo o motivo “Espiga”, igualmente a azul. Superfície externa: revestimento em esmalte estanífero branco. Altura: 3,9 cm. Ø bordo: 21,1 cm. Ø fundo: 13 cm. Espessura da parede: 0,4 cm a 0,6 cm. Referência (Grupo de fabrico/Forma/Variante): XII / III / B.



Descrição: Prato, variante C. Perfil completo, de corpo aberto e troncocônico, de bordo exvertido, boleado, de secção semi-circular e fundo anelar. Superfície interna: revestimento em esmalte estanífero branco, com motivos fitomórficos simples a azul cobalto na aba, e igual temática no fundo, circunscrevendo o motivo “Espiga”, igualmente a azul. Superfície externa: revestimento em esmalte estanífero branco. Altura: 5 cm. Ø bordo: 21 cm. Ø fundo: 10,5 cm. Espessura da parede: 0,4 cm a 0,7 cm. Referência (Grupo de fabrico/Forma/Variante): XII / III / C.



Descrição: Tigela, variante A. Perfil completo, de corpo aberto e troncocónico, de bordo em aba, de secção semi-circular e fundo anelar. Superfície interna: revestimento em esmalte estanífero branco, com motivos fitomórficos simples a azul cobalto na aba, temática "Espiral" no fundo igualmente a azul. Superfície externa: revestimento em esmalte estanífero branco. Altura: 5 cm. Ø bordo: 15,9 cm. Ø fundo: 10 cm. Espessura da parede: 0,4 cm a 0,6 cm. Referência (Grupo de fabrico/Forma/Variante): XII / IV / A.



Descrição: Tigela, variante *B*. Perfil completo, de corpo aberto e hemisférico, de bordo ligeiramente vertical, de secção semi-circular e fundo anelar. Superfície interna: revestimento em esmalte estanífero branco, com motivo indeterminado a azul cobalto no fundo. Superfície externa: revestimento em esmalte estanífero branco. Altura: 6,1 cm. Ø bordo: 15 cm. Ø fundo: 5,1 cm. Espessura da parede: 0,3 cm a 0,4 cm. Referência (Grupo de fabrico/Forma/Variante): XII / IV / C.

PF00.Q4/5[1115]-0376

Descrição: Tigela, variante *B*. Fragmento de bordo ligeiramente vertical, de secção semi-circular, assente em corpo tendencialmente hemisférico. Superfície interna: revestimento em esmalte estanífero branco. Superfície externa: revestimento em esmalte estanífero branco com temática decorativa composta por motivos fitomórficos simples e vegetalista estilizados, de traço fino, óxido de manganês/vinhoso. Espessura da parede: 0,3 cm. Referência (Grupo de fabrico/Forma/Variante): XIII / IV / C.



PF00.Q4/5[1115]-0377

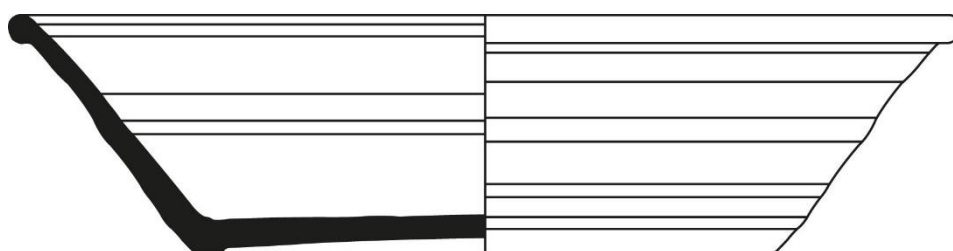
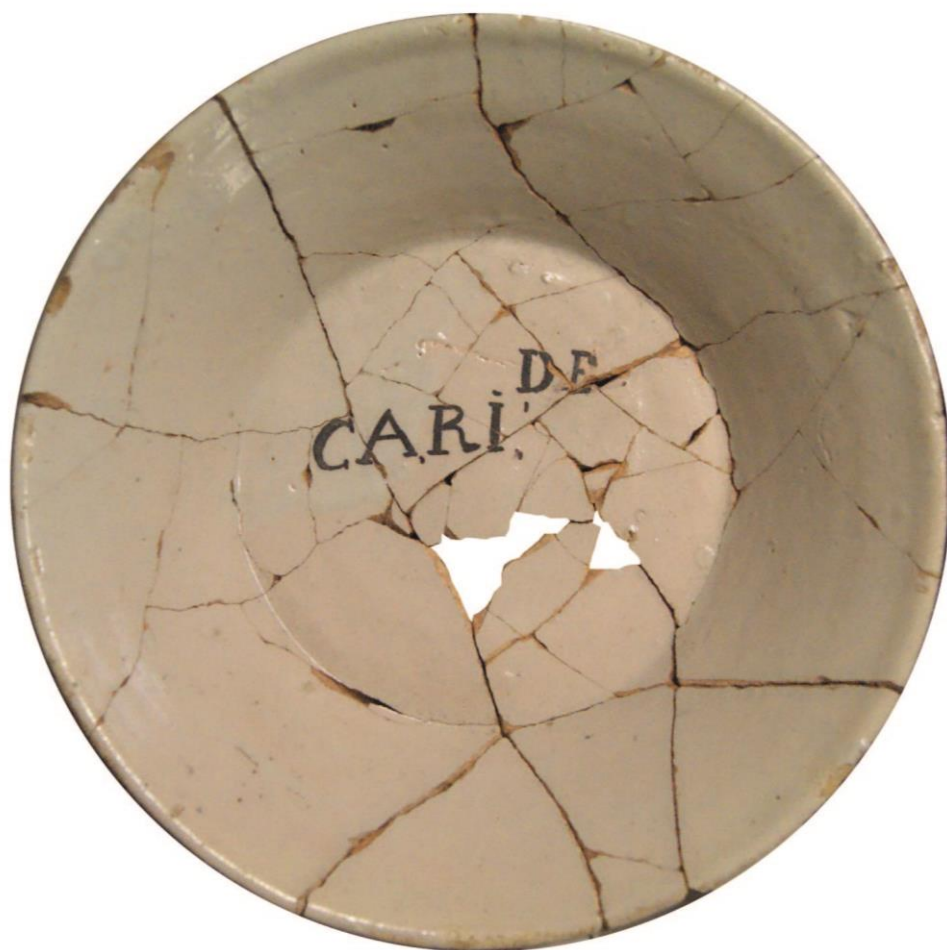
Descrição: Tigela, variante *B*. Fragmento de bordo ligeiramente vertical, de secção semi-circular, assente em corpo tendencialmente hemisférico. Superfície interna: revestimento em esmalte estanífero branco. Superfície externa: revestimento em esmalte estanífero



branco com temática decorativa composta por motivos fitomórficos simples e vegetalista estilizados, de traço fino, óxido de manganês/vinhoso. Espessura da parede: 0,3 cm. Referência (Grupo de fabrico/Forma/Variante): XIII / IV / C.



Descrição: Covilhete, variante A. Perfil completo, de corpo aberto e troncocónico, encimado por bordo ligeiramente vertical, de secção semi-circular, e sobre fundo anelar. Superfícies interna e externa: revestimento em esmalte estanífero branco. Altura: 3 cm. Ø bordo: 15,2 cm. Ø fundo: 12,4 cm. Espessura da parede: 0,4 cm a 0,6 cm. Referência (Grupo de fabrico/Forma/Variante): XII / V / A.



Descrição: Bacia, variante A. Perfil completo, de corpo aberto e troncocônico, encimado por bordo exvertido, boleado, de secção semi-circular, e sobre fundo anelar. Superfícies interna: revestimento em esmalte estanífero branco decorado com grafia “CARI.de” (Caridade) em manganês/vinhoso. Superfície externa: revestimento em esmalte estanífero branco. Altura: 8,1 cm. Ø bordo: 31,8 cm. Ø fundo: 19,4 cm. Espessura da parede: 0,5 cm a 1,2 cm. Referência (Grupo de fabrico/Forma/Variante): XII / VI / A.

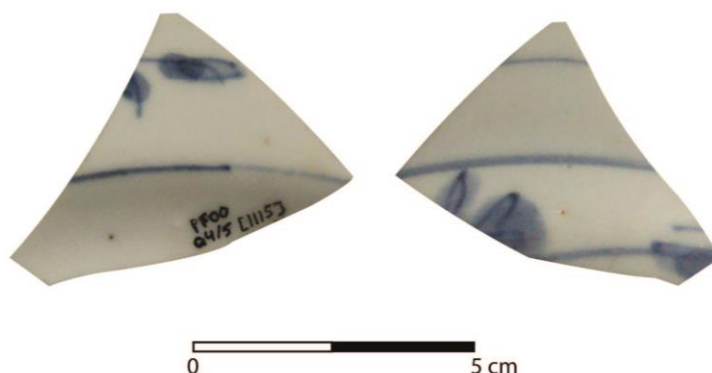
APÊNDICE F

Quarto Momento

F.V. – A Porcelana Asiática

PF00.Q4/5[1115]-0380

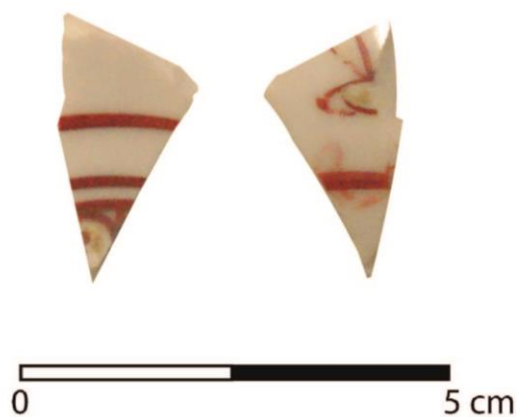
Descrição: Prato, variante A. Fragmento de parede, de corpo aberto, de tendência troncocônica e aba sub-horizontal destacada. Superfícies interna e externa: revestimento translúcido com temática



decorativa composta por elementos fitomórficos simples e vegetalista em azul cobalto. Espessura da parede: 0,2 cm. Referência (Grupo de fabrico/Grupo decorativo/Forma/Variante): XVIII / P5 / I / A.

PF00.Q4/5[1113]-0424

Descrição: Forma indeterminada. Fragmento de parede. Superfície interna: composta por três linhas concêntricas a vermelho sendo que, sobre estas, persiste um motivo, preenchido a dourado, não identificado. Superfície externa: motivo vegetalista em vermelho e dourado. Espessura da parede: 0,2 cm.



Referência (Grupo de fabrico/Grupo decorativo): XVIII / P6 / IV / C.

APÊNDICE F

Quarto Momento

F.VI. – Creamware

Descrição: Forma indeterminada. Fragmento de parede. Superfície interna: revestimento vidrado translucido. Superfície externa: decoração “esponjada” em tons de castanho e bege. Espessura da parede: 0,2 cm. Referência (Grupo de fabrico): XX.

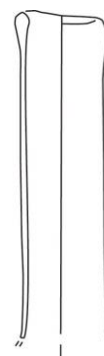


APÊNDICE F
Quarto Momento

F.VII. – Vidro

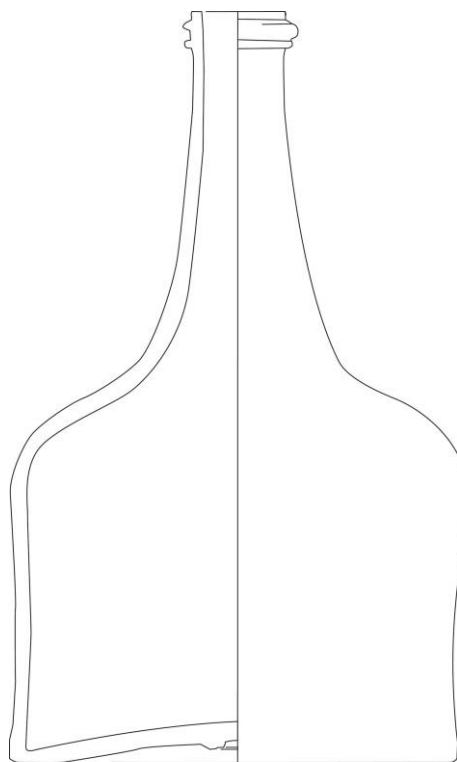
PF00.Q4/5[1167]-0445

Descrição: Frasco, variante A. Fragmento de bordo ligeiramente exvertido, espessado, de secção semi-circular, sobre colo cilíndrico, alto e estreito. Fragmento de coloração translúcida/verde. Ø bordo: 1,5 cm. Espessura da parede: 0,1 cm a 0,2 cm. Referência (Grupo vítreo / Forma / Variante): Vid.1 / I / A.



PF00.Q4/5[1167]-0446

Descrição: Garrafa, variante A. Perfil completo, de bordo vertical, espessado, gargalo com “marisa” de secção semi-circular, assente em colo alto e estreito. Corpo tendencialmente cilíndrico sobre fundo côncavo. Peça de tonalidade escura/negra. Altura: 18 cm. Ø bordo: 2 cm. Ø fundo: 11 cm. Espessura da parede: 0,2 cm a 0,4 cm. Referência (Grupo vítreo / Forma / Variante): Vid.7 / II / A.



PF00.Q4/5[1115]-0382

Descrição: Garrafa, variante B.

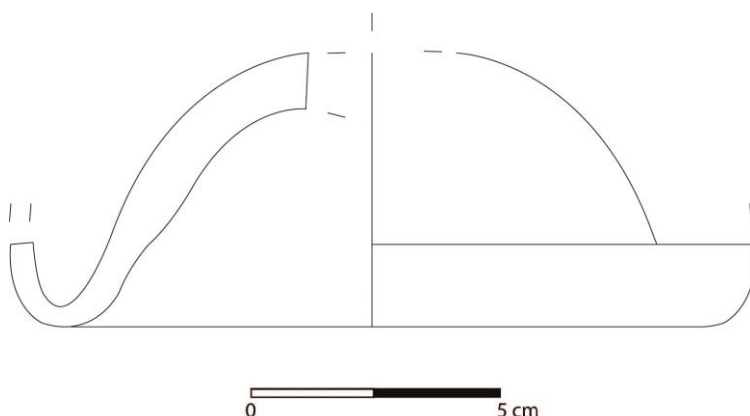
Fragmento de fundo, côncavo, com arranque de parede de tendência hemisférica/cilíndrica.

Fragmento de tonalidade castanha. Ø fundo: 14 cm.

Espessura da parede: 0,3 cm a 0,5

cm. Referência (Grupo vítreo /

Forma / Variante): Vid.6 / II / B.



PF00.Q4/5[1167]-0441

Descrição: Copo, variante A. Fragmento de fundo,

concavo, com arranque de corpo aberto e de paredes

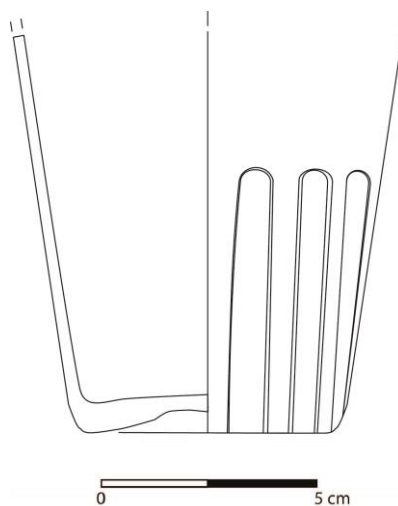
ligeiramente exvertidas. Sucessão de caneluras

verticais até meio do corpo, em fragmento translucido

acinzentado. Ø fundo: 11 cm. Espessura da parede: 0,2

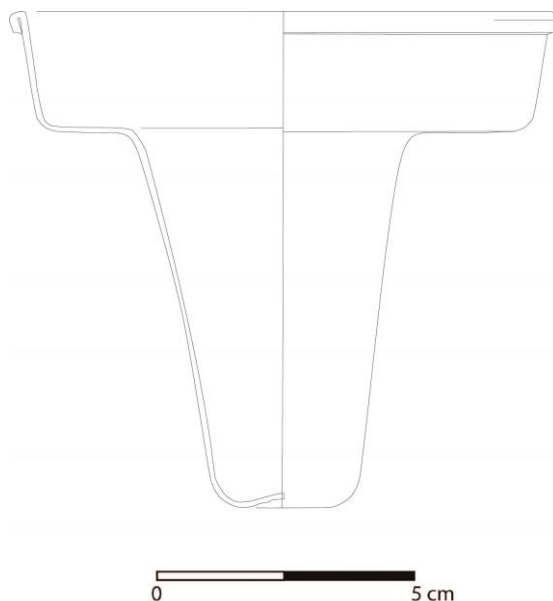
cm. Referência (Grupo vítreo / Forma / Variante):

Vid.2 / III / A.



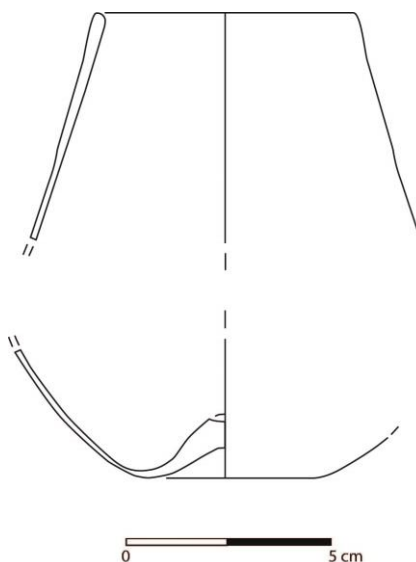
PF00.Q4/5[1167]-0442

Descrição: Lamparina de suspensão, variante A. Perfil completo, de bordo exvertido e espessado, assente em colo alto e corpo de tendência campaniforme, culminando em fundo côncavo. Objeto incolor/translucido. Altura: 11,9 cm. Ø bordo: 9,5 cm. Ø fundo: 3 cm. Espessura da parede: 0,1 cm a 0,2 cm. Referência (Grupo vítreo / Forma / Variante): Vid.4 / IV / A.



PF00.Q4/5[1167]-0443

Descrição: Ventosa, variante A. Perfil completo, de bordo invertido e espessado de secção semi-circular, assente em corpo hemisférico e fundo côncavo. Objeto incolor/translucido. Altura: 10 cm. Ø bordo: 5 cm. Ø fundo: 5 cm. Espessura da parede: 0,1 cm a 0,2 cm. Referência (Grupo vítreo / Forma / Variante): Vid.4 / V / A.¹



¹ Desenhos dos objetos vítreos de Professor Doutor Rodrigo Banha da Silva, cedidos para a presente dissertação.

APÊNDICE G
Segundo Momento

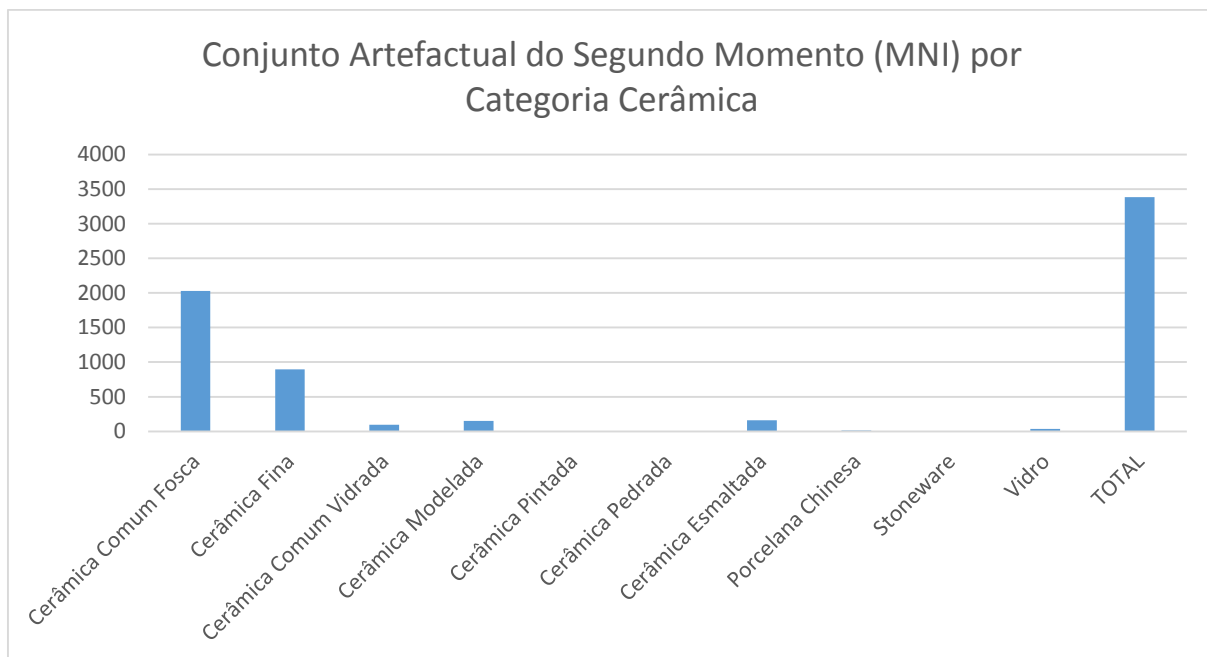


Gráfico 5: Distribuição, em Número Máximo de Indivíduos/Fragmentos, do segundo momento por categoria cerâmica.

Categoria Cerâmica	MNI
Cerâmica Comum Fosca	2027
Cerâmica Fina	896
Cerâmica Comum Vidrada	96
Cerâmica Modelada	150
Cerâmica Pintada	2
Cerâmica Pedrada	5
Cerâmica Esmaltada	160
Porcelana Chinesa	11
<i>Stoneware</i>	2
Vidro	34
TOTAL	3383

Tabela 6: Distribuição, em Número Máximo de Indivíduos/Fragmentos, do segundo momento por categoria cerâmica.

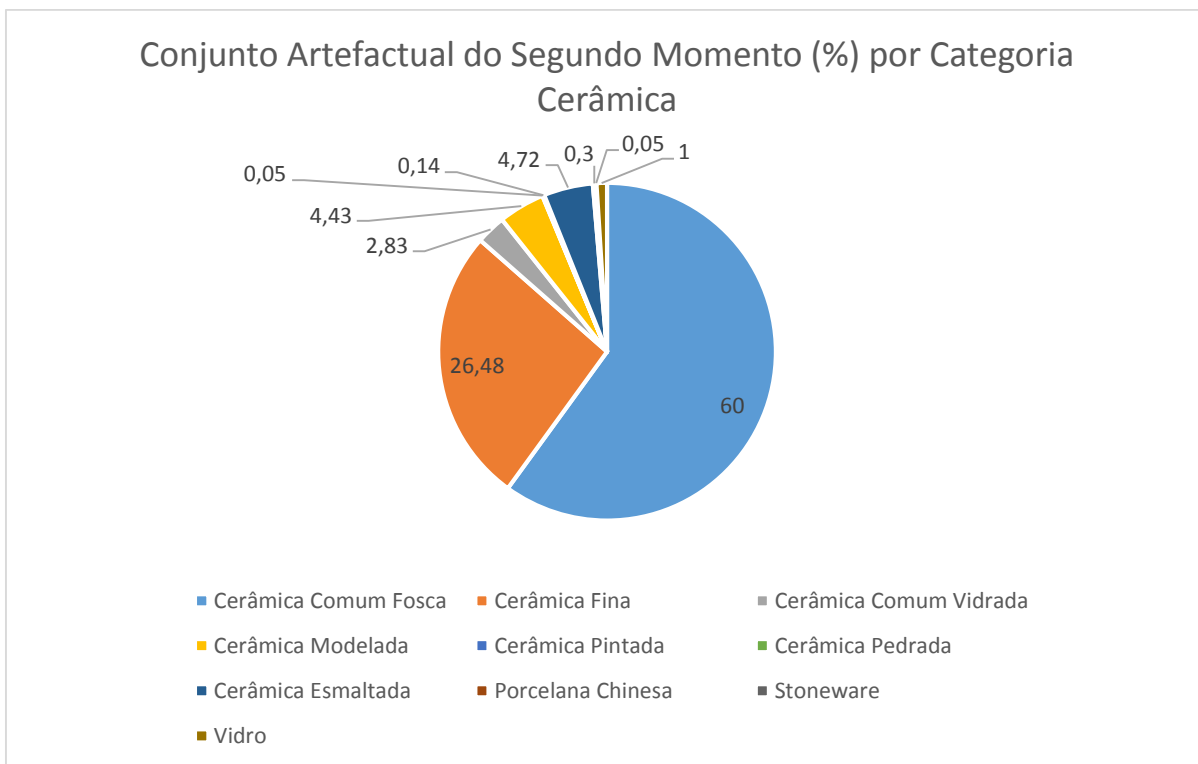


Gráfico 6: Distribuição, em percentagem, do conjunto artefactual do segundo momento.

Categoria Cerâmica	Percentagem (%)
Cerâmica Comum Fosca	60
Cerâmica Fina	26,48
Cerâmica Comum Vidrada	2,83
Cerâmica Modelada	4,43
Cerâmica Pintada	0,05
Cerâmica Pedrada	0,14
Cerâmica Esmaltada	4,72
Porcelana Chinesa	0,3
<i>Stoneware</i>	0,05
Vidro	1
TOTAL	100

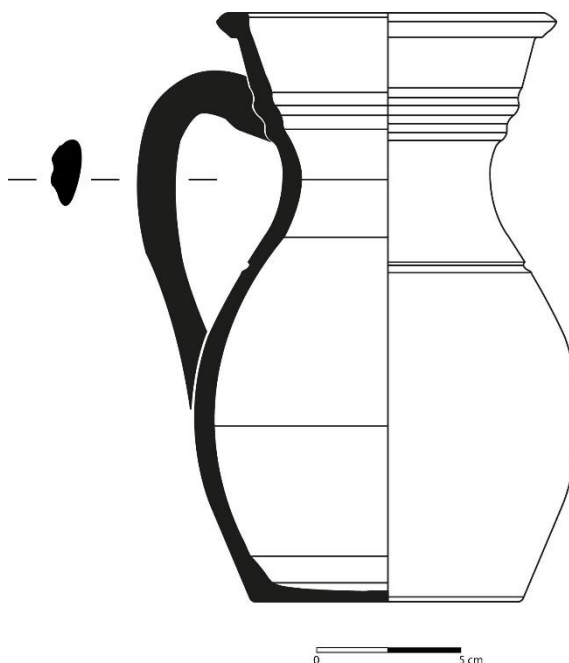
Tabela 7: Distribuição, em percentagem, do segundo momento por categoria cerâmica.

APÊNDICE G
Segundo Momento

G.I. – A Cerâmica Comum Fosca

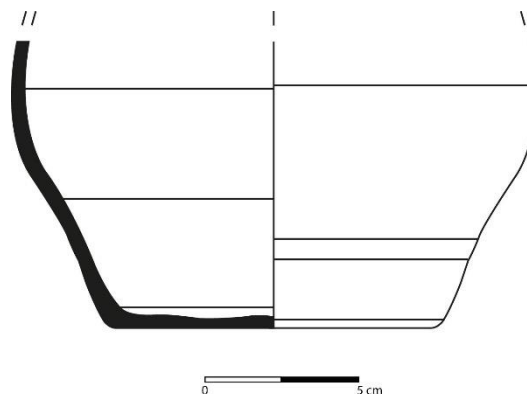
PF00.Q4/5[1194]-021

Descrição: Bilha, variante A. Perfil completo. Bordo exvertido, de secção triangular, com colo alto e estreito, decorado com caneluras concêntricas de secção idêntica ao lábio, assente em corpo hemisférico e fundo raso. Uma asa ovalada vertical. Superfícies interna e externa: Hue 7.5 YR 8/6 Orange. Altura: 20,5 cm. Ø bordo: 11 cm. Ø fundo: 9,5 cm. Espessura da parede: 0,4 cm a 0,9 cm. Referência (Grupo de fabrico/Forma/Variante): III / I / A.



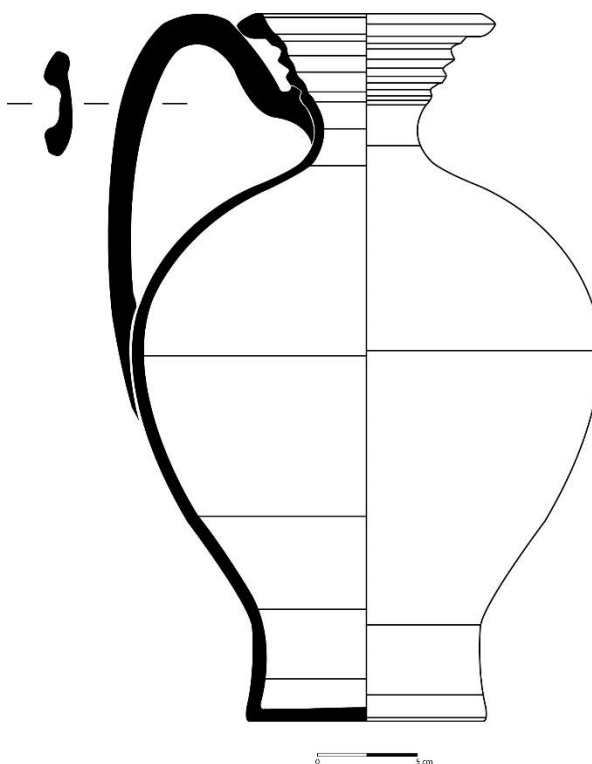
PF00.Q4/5[1194]-023

Descrição: Bilha, variante B. Fragmento de fundo raso com arranque de corpo tendencialmente hemisférico, ligeiramente retilíneo. Superfície interna: Hue 5 YR 6/8 Orange. Superfície externa: Hue 5 YR 5/4 Dull Reddish Brown. Ø fundo: 10,5 cm. Espessura da parede: 0,4 cm. Referência (Grupo de fabrico/Forma/Variante): III / I / B.



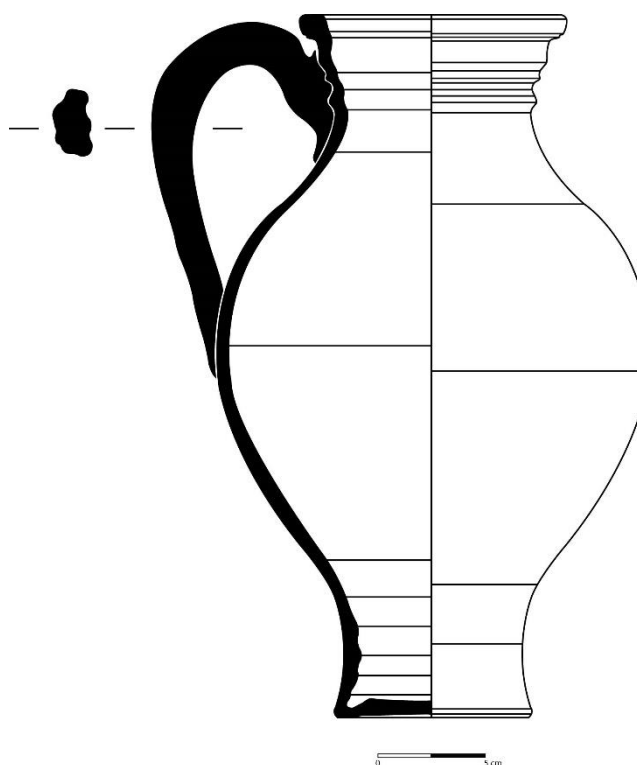
PF00.Q4/5[1194]-024

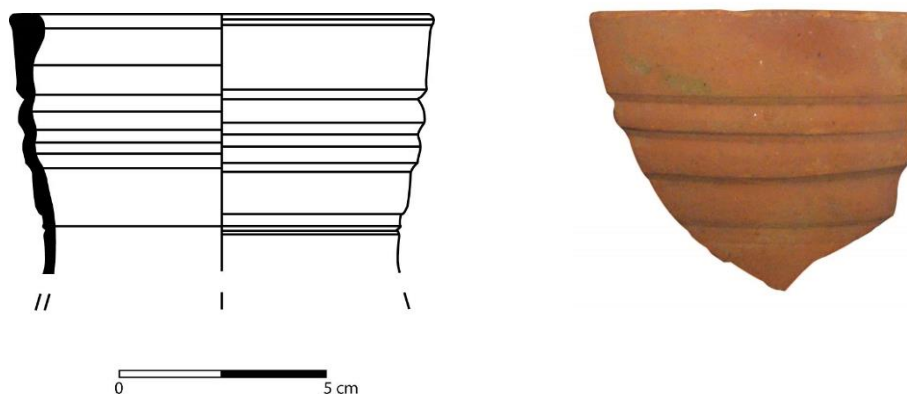
Descrição: Cântaro, variante A. Perfil completo. Bordo exvertido, de secção triangular, com colo alto e estreito, decorado com caneluras concêntricas de secção idêntica ao lábio, assente em corpo hemisférico e fundo raso. Uma asa em fita vertical. Superfície interna: Hue 5 YR 7/4 Dull Orange. Superfície externa: Hue 5 YR 7/3 Dull Orange. Altura: 35,1 cm. Ø bordo: 12 cm. Ø fundo: 12 cm. Espessura da parede: 0,4 cm a 0,7 cm. Referência (Grupo de fabrico/Forma/Variante): III / II / A.



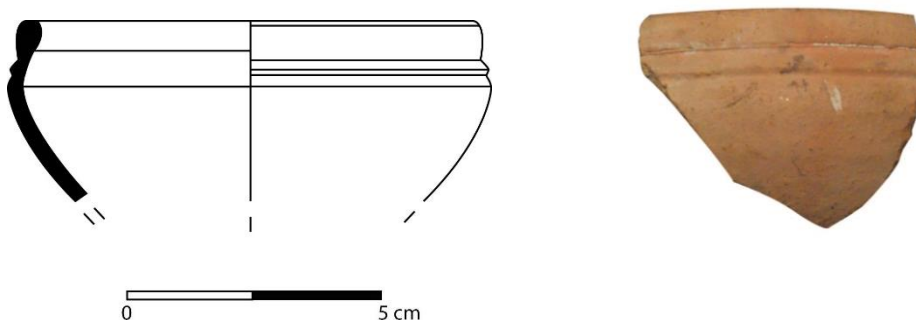
PF00.Q4/5[1194]-002

Descrição: Cântaro, variante B. Perfil completo. Bordo exvertido, de secção trapezoidal, com colo baixo, decorado com caneluras concêntricas de secção triangular, assente em corpo hemisférico e fundo raso. Uma asa ovalada vertical. Superfície interna: Hue 5 YR 7/8 Orange. Superfície externa: Hue 5 YR 6/3 Dull Orange. Altura: 32,5 cm. Ø bordo: 12 cm. Ø fundo: 10,5 cm. Espessura da parede: 0,3 cm a 0,7 cm. Referência (Grupo de fabrico/Forma/Variante): I / II / B.



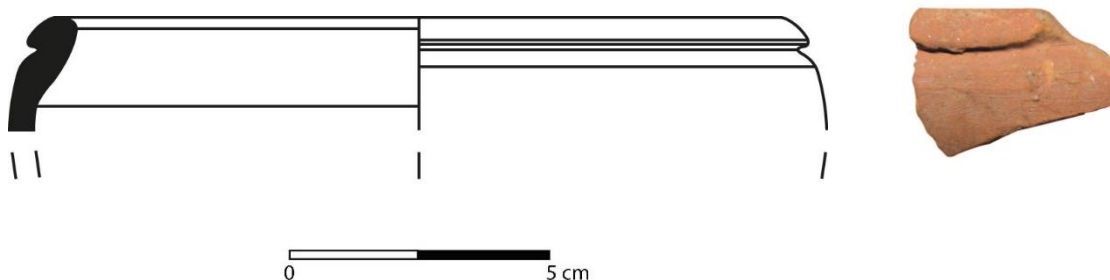


Descrição: Cântaro, variante C. Fragmento de bordo vertical, ligeiramente espessado, de secção semi-circular, assente em colo alto decorado com sucessão de caneluras concentricas de secção idêntica à do lábio. Arranque de parede tendencialmente hemisférica. Superfície interna: Hue 5 YR 7/6 Orange. Superfície externa: Hue 5 YR 6/6 Orange. Ø bordo: 10 cm. Espessura da parede: 0,3 cm. Referência (Grupo de fabrico/Forma/Variante): III / II / C.



Descrição: Cântaro, variante D. Fragmento de bordo invertido, ligeiramente boleado, de secção semi-circular, assente em colo estreito e de tendencia troncoconica, decorado com uma canelura concentrica de secção idêntica à do lábio. Superfícies interna e externa: Hue 7.5 YR 8/3 Light Yellow Orange. Ø bordo: 9 cm. Espessura da parede: 0,3 cm. Referência (Grupo de fabrico/Forma/Variante): V / II / D.

PF00.Q4/5[1194]-070



Descrição: Cântaro, variante *E*. Fragmento de bordo invertido, boleado, de secção semi-circular, assente em colo hemisférico, decorado com uma linha incisa concentrica. Superfícies interna e externa: Hue 5 YR 7/4 Dull Orange. Ø bordo: 14 cm. Espessura da parede: 0,3 cm. Referência (Grupo de fabrico/Forma/Variante): IV / II / E.

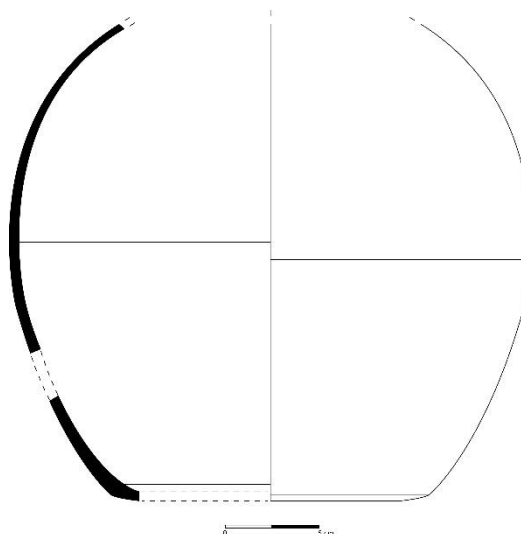
PF00.Q4/5[1194]-034



Descrição: Cântaro, variante *F*. Fragmento de bordo exvertido, em aba/fita alta e pendente, de secção semi-circular, , decorado com uma canelura concentrica e com arranque de parede. Superfície interna: Hue 5 YR 7/6 Orange. Superfície externa: Hue 2.5 YR 5/8 Bright Brown. Ø bordo: 28 cm. Espessura da parede: 0,5 cm. Referência (Grupo de fabrico/Forma/Variante): III / II / F

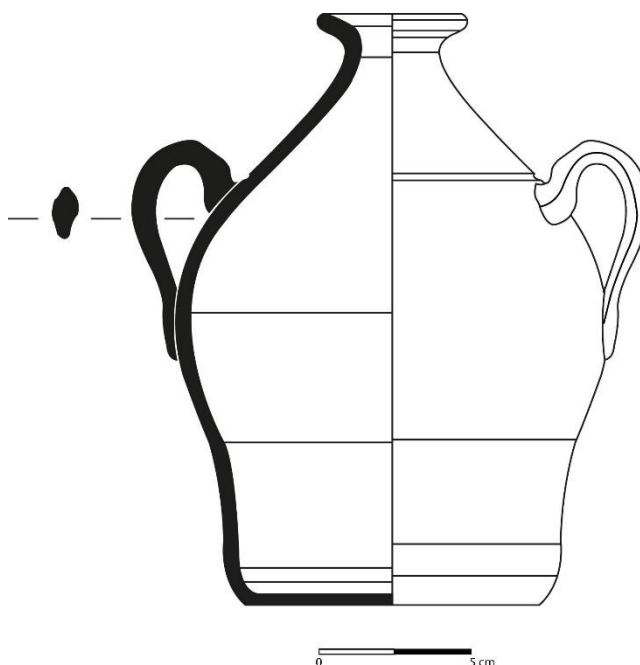
PF00.Q4/5[1194]-089

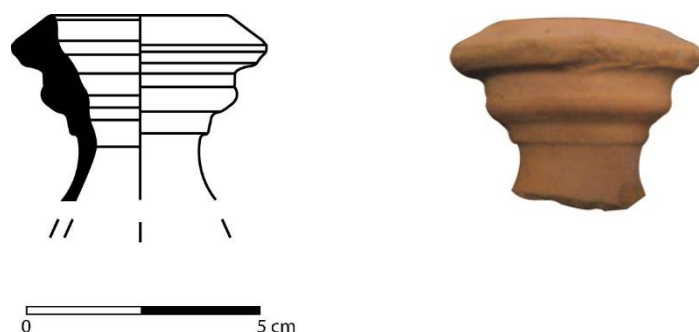
Descrição: Pote, variante A. Fragmento de fundo raso com corpo de perfil hemisférico. Superfície interna: Hue 10 R 6/8 Reddish Orange, totalmente coberta por espessa camada de cal. Superfície externa: Hue 10 R 6/8 Reddish Orange, parcialmente coberta de cal e com escorrimentos verticais provenientes da fracção superior. Ø fundo: 16 cm. Espessura da parede: 0,4 cm a 0,9 cm. Referência (Grupo de fabrico/Forma/Variante): III / III / A.



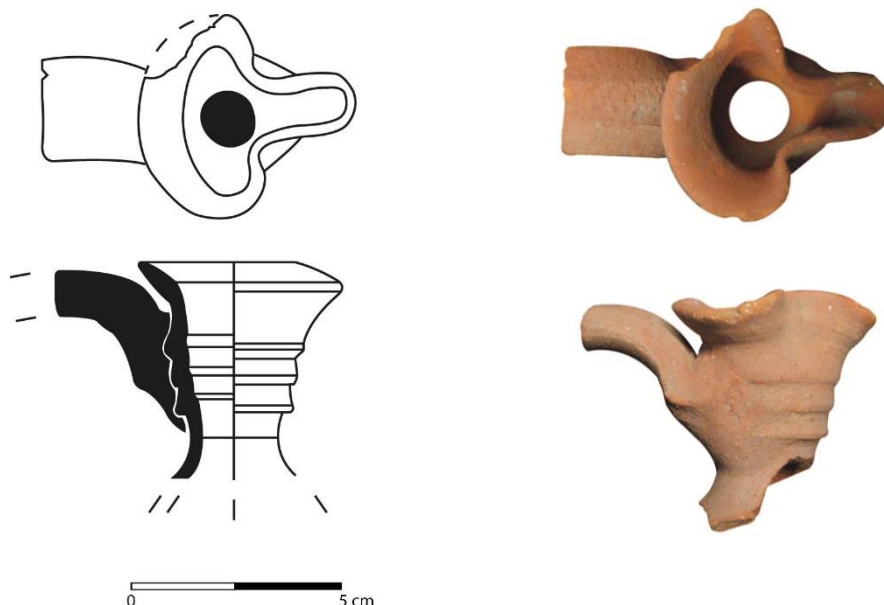
PF00.Q4/5[1194]-018

Descrição: Garrafa, variante A. Perfil completo. Bordo exvertido, em aba sub-horizontal e secção semi-circular, assente em colo baixo e estreito com uma canelura horizontal concêntrica. Corpo de tendência hemisférica e fundo raso. Duas asas ovaladas verticais, opostas. Superfície interna: Hue 7.5 YR 8/6 Orange. Superfície externa: Hue 10 G 6/1 Greenish Gray. Altura: 20,2 cm. Ø bordo: 4,5 cm. Ø fundo: 9,5 cm. Espessura da parede: 0,3 cm a 1 cm. Referência (Grupo de fabrico/Forma/Variante): II / IV / A.





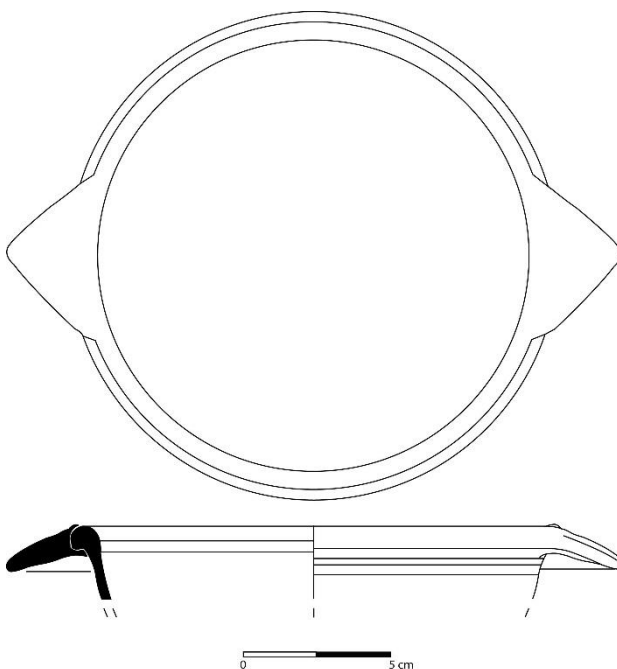
Descrição: Garrafa, variante *B*. Fragmento de bordo invertido, de secção triangular, assente em colo alto e estreito, decorado com duas caneluras concentricas de secção trapezoidal. Superfícies interna e externa: Hue 10 YR 7/4 Dull Yellow Orange. Ø bordo: 4 cm. Espessura da parede: 0,3 cm. Referência (Grupo de fabrico/Forma/Variante): V / IV / B.



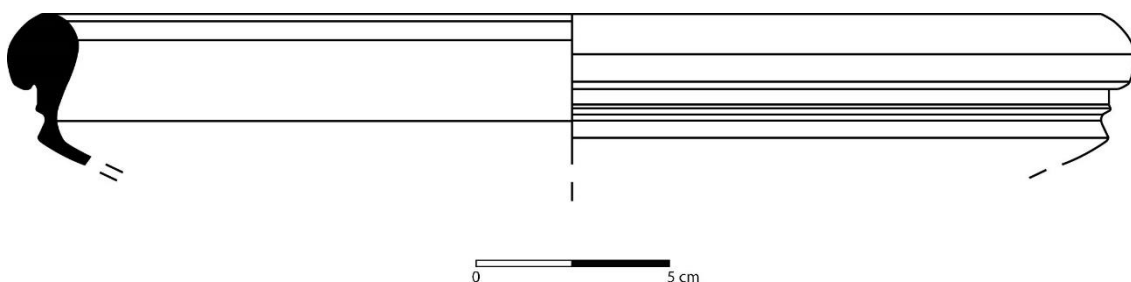
Descrição: Almotolia, variante *A*. Fragmento de bordo exvertido, modelado, de secção semi-circular assente em colo alto e estreito decorado com três caneluras horizontais concentricas. Arranque de asa em fita vertical. Superfícies interna e externa: Hue 5 YR 7/4 Dull Orange. Ø bordo: 4,9 cm. Espessura da parede: 0,3 cm. Referência (Grupo de fabrico/Forma/Variante): III / V / A.

PF00.Q4/5[1194]-008

Descrição: Caçoila, variante A. Fragmento de bordo exvertido, boleado, de secção semi-circular e com arranque de parede tendencialmente troncoconica. Duas asas triangulares sub-horizontais e opostas. Superfícies interna e externa: Hue 5 YR 7/6 Orange. Ø bordo: 16 cm. Espessura da parede: 0,2 cm a 0,4 cm. Referência (Grupo de fabrico/Forma/Variante): I / VI / A.



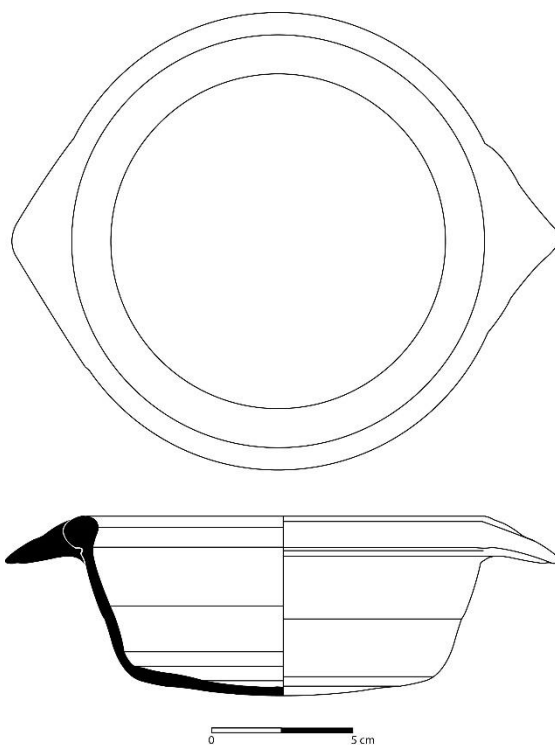
PF00.Q4/5[1194]-074



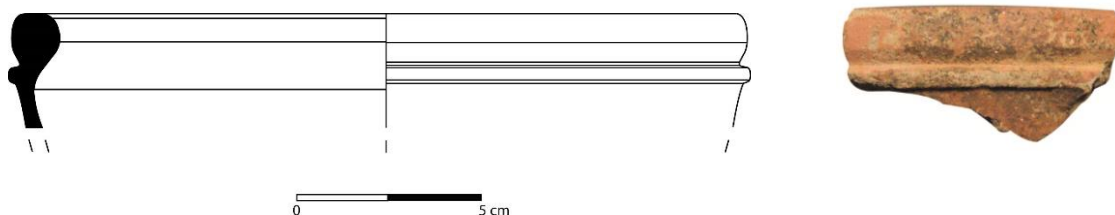
Descrição: Caçoila, variante B. Fragmento de bordo exvertido, espessado, de secção semi-circular e com duas caneluras horizontais concentricas de secção triangular. Arranque de parede tendencialmente troncoconica. Superfícies interna e externa: Hue 5 YR 6/4 Dull Orange. Ø bordo: 28 cm. Espessura da parede: 0,5 cm. Referência (Grupo de fabrico/Forma/Variante): IV / VI / B.

PF00.Q4/5[1194]-047

Descrição: Tacho, variante A. Perfil completo de forma aberta e troncoconica. Bordo invertido, boleado, de secção semi-circular, assente em corpo aberto e troncoconico e fundo convexo. Duas asas triangulares sub-horizontais e opostas. Superfície interna: Hue 5 YR 6/6 Orange, com acabamento brunido. Superfície externa: Hue 5 YR 7/4 Dull Orange, com extensas marcas de fogo. Altura: 6,3 cm. Ø bordo: 14 cm. Ø fundo: 10,6 cm. Espessura da parede: 0,3 cm. Referência (Grupo de fabrico/Forma/Variante): III / VII / A.

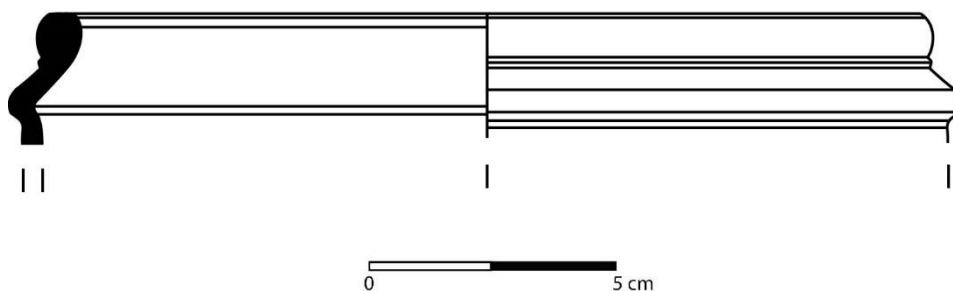


PF00.Q4/5[1194]-048



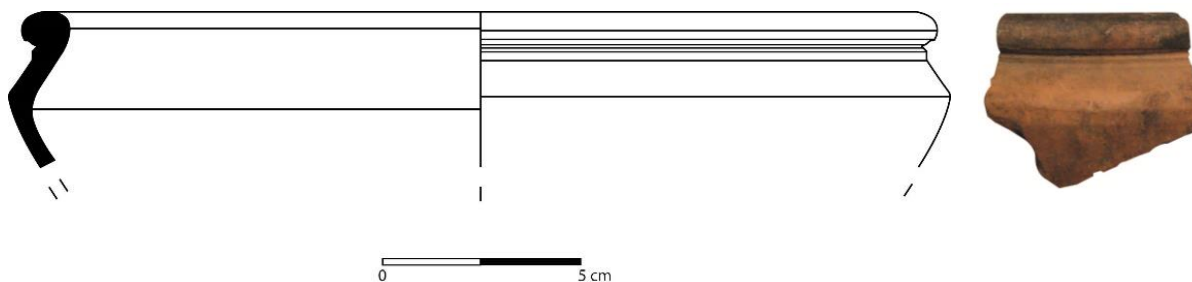
Descrição: Tacho, variante B. Fragmento de bordo invertido, espessado, de secção trapezoidal, com uma canelura horizontal concêntrica de igual secção e arranque de parede tendencialmente troncocónica. Superfície interna: Hue 5 YR 7/4 Dull Orange. Superfície externa: Hue 5 YR 7/6 Orange. Ø bordo: 20 cm. Espessura da parede: 0,3 cm. Referência (Grupo de fabrico/Forma/Variante): III / VII / B.

PF00.Q4/5[1194]-049



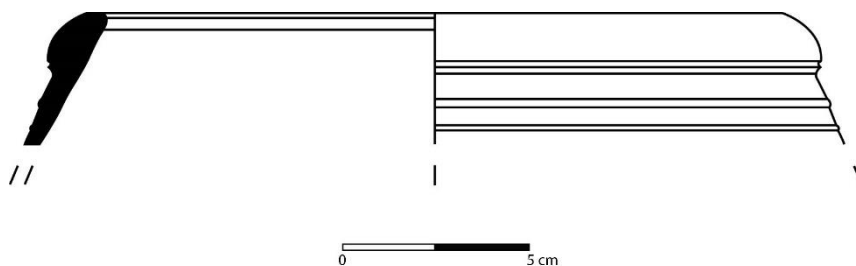
Descrição: Tacho, variante *C*. Fragmento de bordo invertido, de secção semi-circular, com carena bem destacada e arranque de parede tendencialmente troncocónica. Superfície interna: Hue 5 YR 5/8 Bright Brown. Superfície externa: Hue 5 YR 6/4 Dull Orange. Ø bordo: 18 cm. Espessura da parede: 0,4 cm. Referência (Grupo de fabrico/Forma/Variante): III / VII / C.

PF00.Q4/5[1194]-006



Descrição: Tacho, variante *D*. Fragmento de bordo exvertido, de secção semi-circular, com canelura horizontal concêntrica de secção triangular e carena destacada. Arranque de parede tendencialmente troncocónica. Superfície interna: Hue 5 YR 7/8 Orange. Superfície externa: Hue 5 YR 6/3 Dull Orange. Ø bordo: 22 cm. Espessura da parede: 0,3 cm a 0,5 cm. Referência (Grupo de fabrico/Forma/Variante): I / VII / D.

PF00.Q4/5[1194]-050

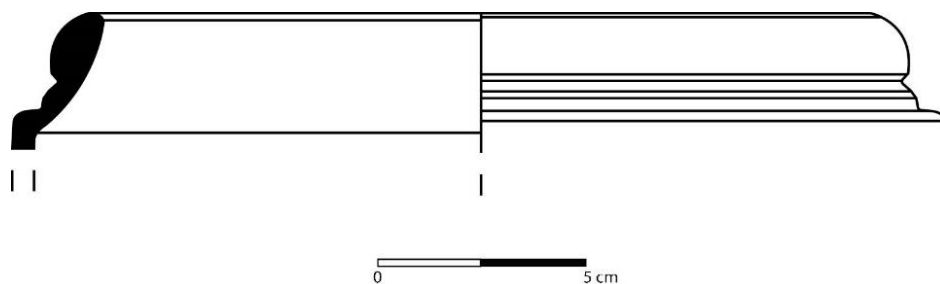


Descrição: Tacho, variante *E*. Fragmento de bordo invertido, espessado, de secção semi-circular, com uma canelura e uma linha incisa concêntricas. Superfície interna: Hue 5 YR 6/6 Orange. Superfície externa: Hue 5 YR 7/4 Dull Orange. Ø bordo: 18 cm. Espessura da parede: 0,4 cm. Referência (Grupo de fabrico/Forma/Variante): III / VII / E.

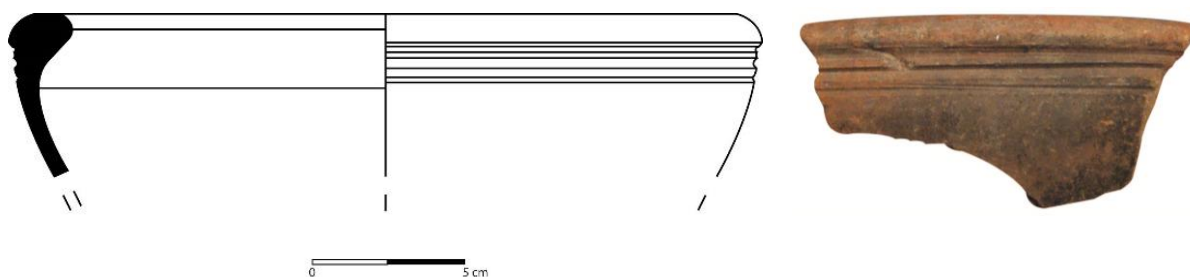
PF00.Q4/5[1194]-051



Descrição: Tacho, variante *F*. Fragmento de bordo invertido, espessado, ligeiramente biselado, de secção trapezoidal, com uma canelura e uma linha incisa concêntricas. Superfície interna: Hue 5 YR 6/6 Orange. Superfície externa: Hue 5 YR 6/3 Dull Orange. Ø bordo: 20 cm. Espessura da parede: 0,3 cm. Referência (Grupo de fabrico/Forma/Variante): III / VII / F.



Descrição: Tacho, variante *G*. Fragmento de bordo invertido, espessado, de secção semi-circular e com carena concêntrica bem destacada. Superfícies interna e externa: Hue 5 YR 7/3 Dull Orange. Ø bordo: 18 cm. Espessura da parede: 0,4 cm. Referência (Grupo de fabrico/Forma/Variante): I / VII / G.



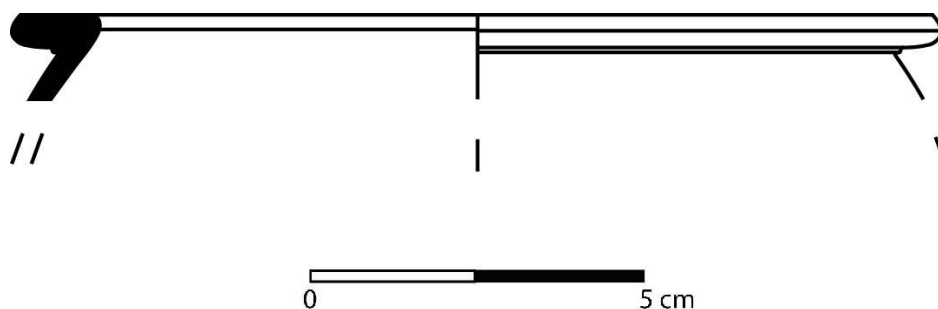
Descrição: Tacho, variante *H*. Fragmento de bordo invertido, boleado, de secção semi-circular, com sucessão de pequenas caneluras horizontais concêntricas e arranque de parede de tendência hemisférica/troncocónica. Superfície interna: Hue 5 YR 5/6 Bright Reddish. Superfície externa: Hue 5 YR 5/4 Dull Reddish Brown, com marcas de fogo. Ø bordo: 22 cm. Espessura da parede: 0,3 cm. Referência (Grupo de fabrico/Forma/Variante): III / VII / H.

PF00.Q4/5[1194]-073



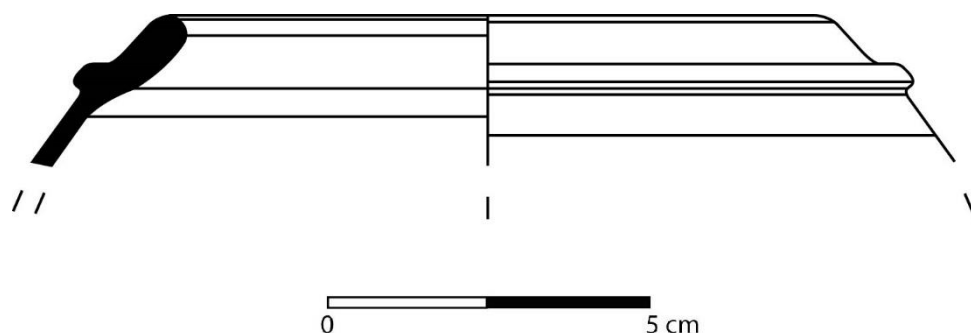
Descrição: Tacho, variante I. Fragmento de bordo exvertido mm aba horizontal, de secção trapezoidal, com sucessão de pequenas caneluras horizontais concêntricas e arranque de parede de tendência hemisférica/troncocónica. Superfície interna: Hue 5 YR 5/6 Bright Reddish. Superfície externa: Hue 5 YR 7/3 Dull Orange. Ø bordo: 22 cm. Espessura da parede: 0,4 cm. Referência (Grupo de fabrico/Forma/Variante): IV / VII / I.

PF00.Q4/5[1194]-085



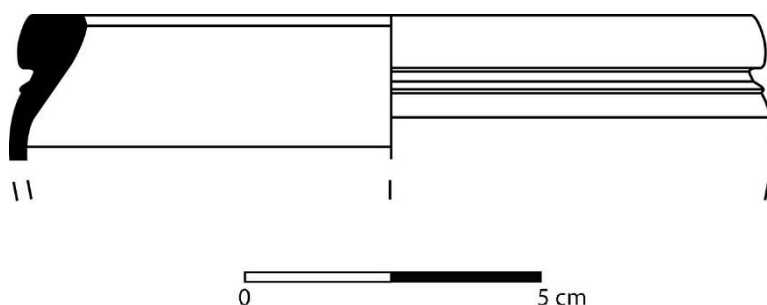
Descrição: Panela, variante A. Fragmento de bordo exvertido em aba horizontal, de secção trapezoidal e arranque de parede de tendência hemisférica/troncocónica. Superfícies interna e externa: Hue 7.5 YR 7/6 Orange. Ø bordo: 14 cm. Espessura da parede: 0,3 cm. Referência (Grupo de fabrico/Forma/Variante): V / VIII / A.

PF00.Q4/5[1194]-059



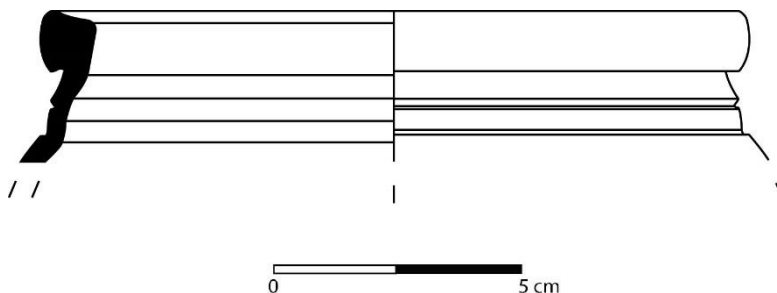
Descrição: Panela, variante *B*. Fragmento de bordo invertido, espessado, de secção semi-circular, canelura concêntrica de secção trapezoidal e arranque de parede de tendência hemisférica/troncocónica. Superfícies interna e externa: Hue 5 YR 7/3 Dull Orange. Ø bordo: 10 cm. Espessura da parede: 0,3 cm. Referência (Grupo de fabrico/Forma/Variante): III / VIII / B.

PF00.Q4/5[1194]-053



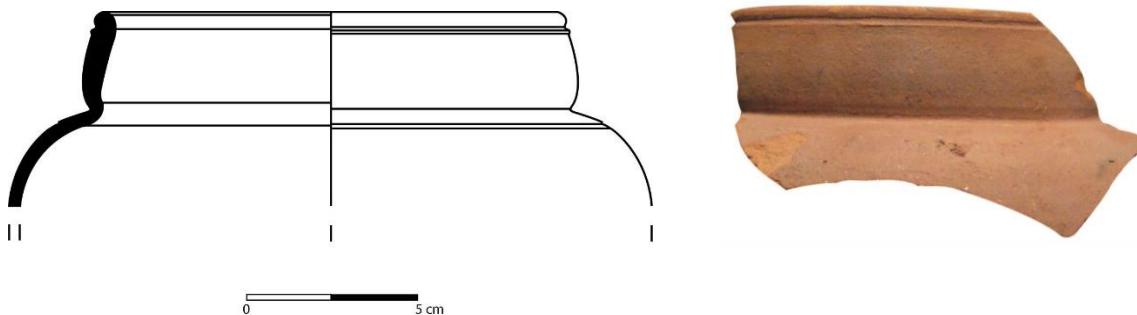
Descrição: Panela, variante *C*. Fragmento de bordo exvertido, de secção trapezoidal, canelura concêntrica de secção semi-circular e arranque de parede de tendência hemisférica/troncocónica. Superfície interna: Hue 5 YR 7/4 Dull Orange. Superfície externa: Hue 5 YR 6/3 Dull Orange. Ø bordo: 12 cm. Espessura da parede: 0,2 cm. Referência (Grupo de fabrico/Forma/Variante): III / VIII / C.

PF00.Q4/5[1194]-012

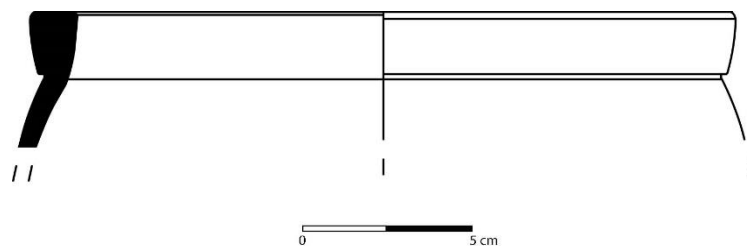


Descrição: Panela, variante *D*. Fragmento de bordo exvertido, de secção trapezoidal, canelura concêntrica de secção semi-circular bem demarcada e arranque de parede de tendência hemisférica/troncocónica. Superfície interna: Hue 5 YR 7/6 Orange. Superfície externa: Hue 5 YR 6/3 Dull Orange. Ø bordo: 14 cm. Espessura da parede: 0,3 cm. Referência (Grupo de fabrico/Forma/Variante): I / VIII / D.

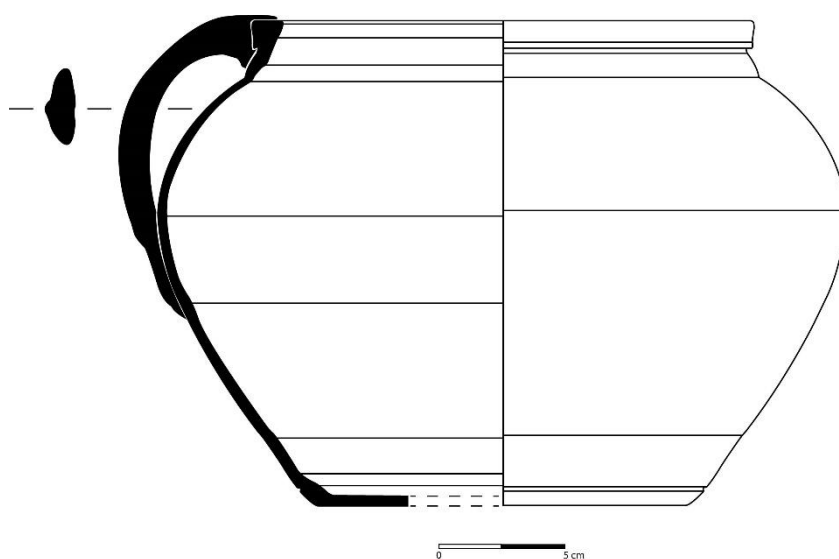
PF00.Q4/5[1194]-055



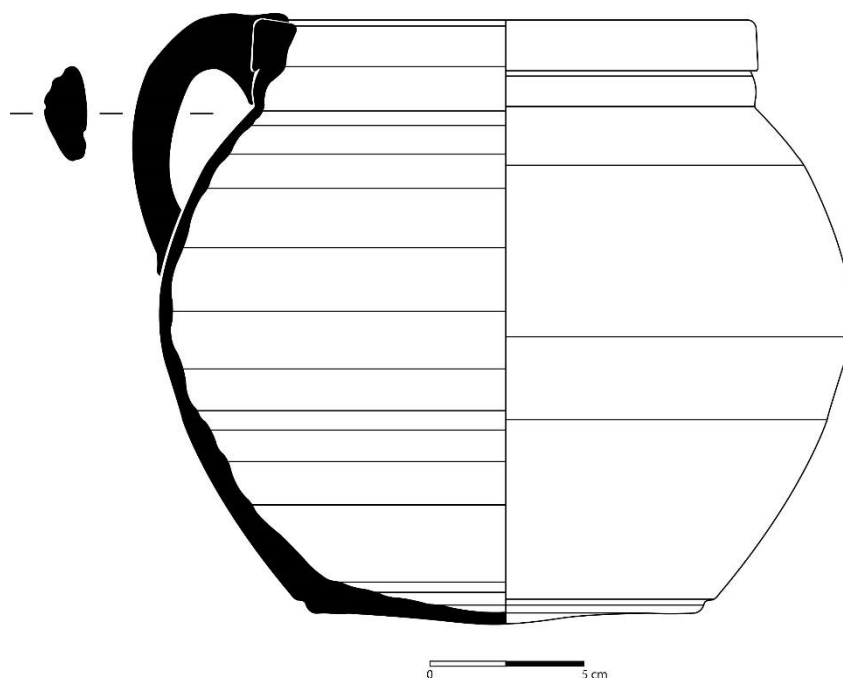
Descrição: Panela, variante *E*. Fragmento de bordo vertical, em aba, de secção semi-circular e arranque de parede de tendência hemisférica/troncocónica. Superfície interna: Hue 5 YR 6/6 Orange. Superfície externa: Hue 5 YR 6/4 Dull Orange. Ø bordo: 16 cm. Espessura da parede: 0,3 cm. Referência (Grupo de fabrico/Forma/Variante): III / VIII / E.



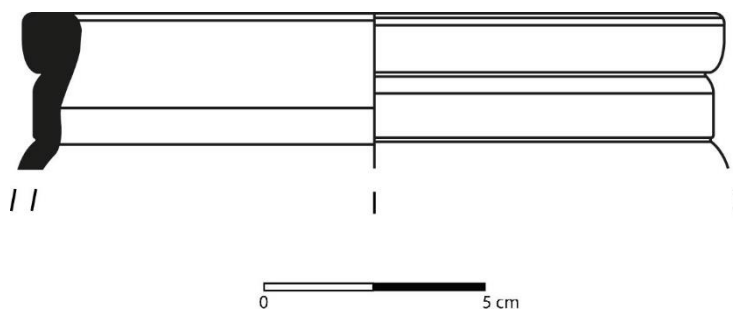
Descrição: Panela, variante *F*. Fragmento de bordo exvertido, de secção trapezoidal e arranque de parede de tendência hemisférica/troncocónica. Superfície interna: Hue 5 YR 7/4 Dull Orange. Superfície externa: Hue 5 YR 7/2 Light Brownish Gray. Ø bordo: 20 cm. Espessura da parede: 0,3 cm. Referência (Grupo de fabrico/Forma/Variante): I / VIII / F.



Descrição: Panela, variante *G*. Perfil completo, de bordo exvertido, de secção trapezoidal, assente em colo baixo, corpo hemisférico, fundo raso e asa ovalada vertical. Superfície interna: Hue 7.5 YR 8/3 Light Yellow Orange. Superfície externa: Hue 5 YR 6/3 Dull Orange. Altura: 20 cm. Ø bordo: 18 cm. Espessura da parede: 0,3 cm a 0,5 cm. Referência (Grupo de fabrico/Forma/Variante): V / VIII / G.

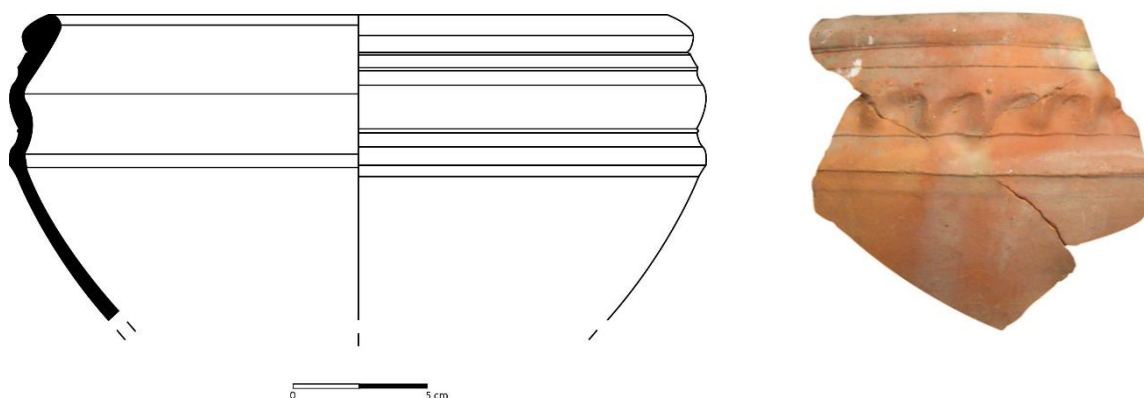


Descrição: Panela, variante *H*. Perfil completo, de bordo exvertido, de secção trapezoidal, ligeiramente em bisel, assente em colo baixo, corpo hemisférico, fundo convexo e asa ovalada vertical. Superfícies interna e externa: Hue 5 YR 6/4 Dull Orange. Altura: 20,3 cm. Ø bordo: 16 cm. Espessura da parede: 0,3 cm a 0,7 cm. Referência (Grupo de fabrico/Forma/Variante): IV / VIII / H.



Descrição: Panela, variante *I*. Fragmento de bordo exvertido, de secção trapezoidal, colo baixo de perfil idêntico e arranque de parede de tendência hemisférica/troncocónica. Superfícies interna e externa: Hue 5 YR 6/6 Orange. Ø bordo: 15 cm. Espessura da parede: 0,3 cm. Referência (Grupo de fabrico/Forma/Variante): III / VIII / I.

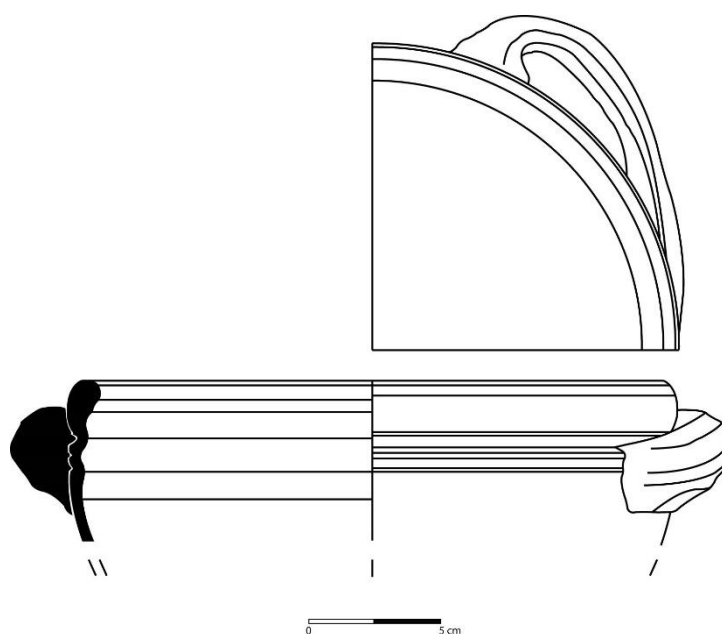
PF00.Q4/5[1194]-057



Descrição: Panela, variante *J*. Fragmento de bordo invertido, ligeiramente espessado, de secção semi-circular e arranque de parede de tendência hemisférica/troncocónica. Superfícies interna e externa: Hue 10 R 6/8 Reddish Orange, com decoração em cordão horizontal digitado, executado do exterior para o interior. Ø bordo: 24 cm. Espessura da parede: 0,5 cm. Referência (Grupo de fabrico/Forma/Variante): III / VIII / J.

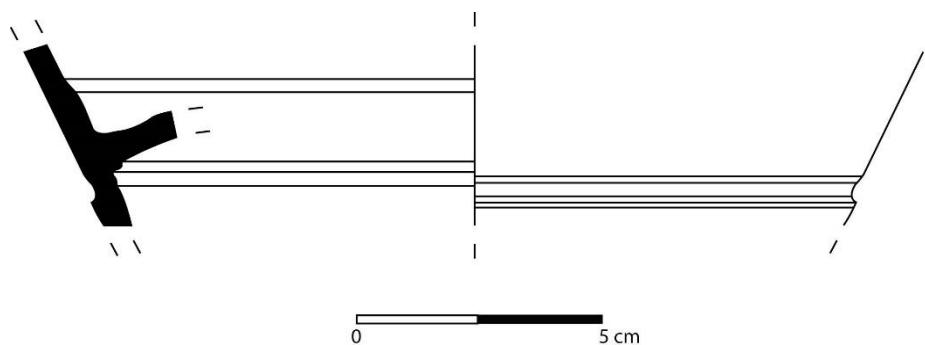
PF00.Q4/5[1194]-062

Descrição: Fogareiro, variante *A*. Fragmento de bordo invertido, espessado, de secção semi-circular, com duas caneluras concêntricas, arranque de parede de tendência troncocónica e duas asas ovaladas horizontais e opostas. Superfícies interna e externa: Hue 5 YR 5/6 Bright Reddish. Ø bordo: 22 cm.



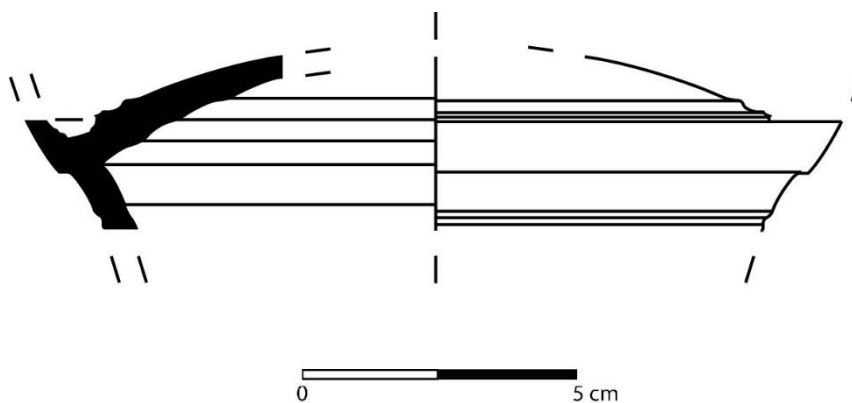
Espessura da parede: 0,4 cm. Referência (Grupo de fabrico/Forma/Variante): III / IX / A.

PF00.Q4/5[1194]-063



Descrição: Fogareiro, variante *B*. Fragmento de parede de perfil aberto e troncocônico, com arranque de “grelha” côncava na superfície interna. Superfícies interna e externa: Hue 5 YR 7/3 Dull Orange. Espessura da parede: 0,4 cm. Referência (Grupo de fabrico/Forma/Variante): III / IX / B.

PF00.Q4/5[1194]-065

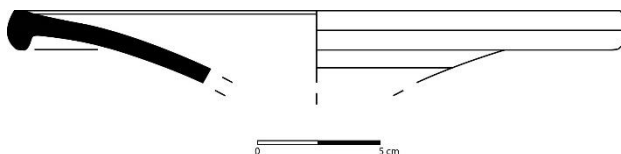


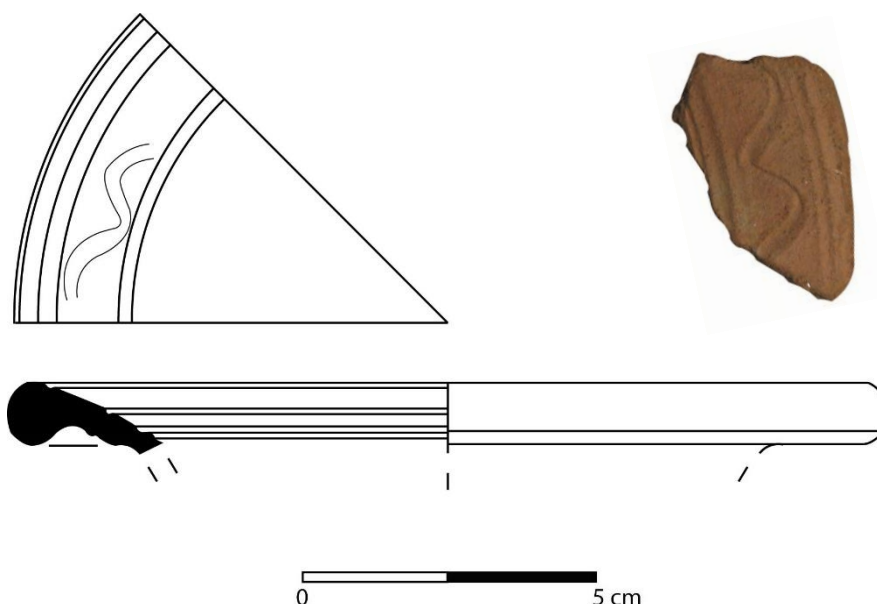
Descrição: Fogareiro, variante *C*. Fragmento de parede de perfil aberto e troncocônico, com carena bem demarcada e arranque de “grelha” côncava na superfície interna. Superfícies interna e externa: Hue 5 YR 7/3 Dull Orange. Espessura da parede: 0,2 cm. Referência (Grupo de fabrico/Forma/Variante): III / IX / C.



Descrição: Fogareiro, variante *D*. Fragmento de fundo raso, fechado e troncocónico, com uma canelura concêntrica de secção semi-circular e janela. Superfícies interna e externa: Hue 5 YR 5/6 Bright Reddish. Ø fundo: 18 cm. Espessura da parede: 0,5 cm. Referência (Grupo de fabrico/Forma/Variante): III / IX / D.

Descrição: Prato/Tampa, variante *A*. Fragmento de bordo, exvertido, em aba ovalada, com arranque de corpo baixo troncocónico. Superfícies interna e externa: Hue 7.5 YR 7/6 Orange, com marcas de fogo. Ø bordo: 26 cm. Espessura da parede: 0,6 cm. Referência (Grupo de fabrico/Forma/Variante): I / X / A.

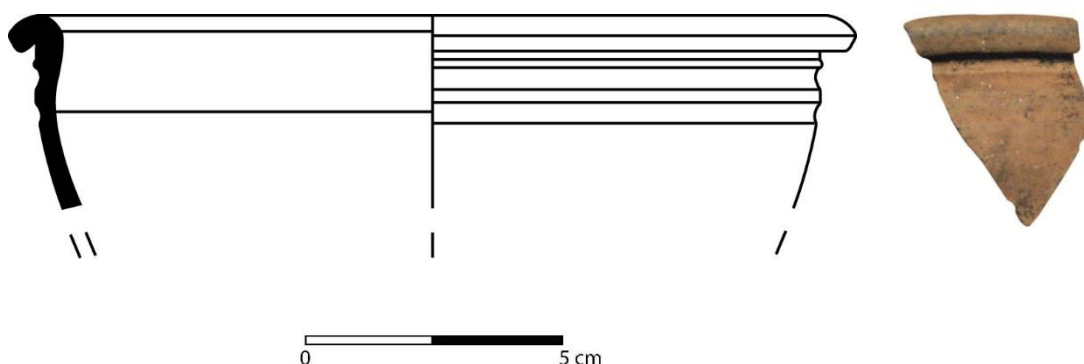




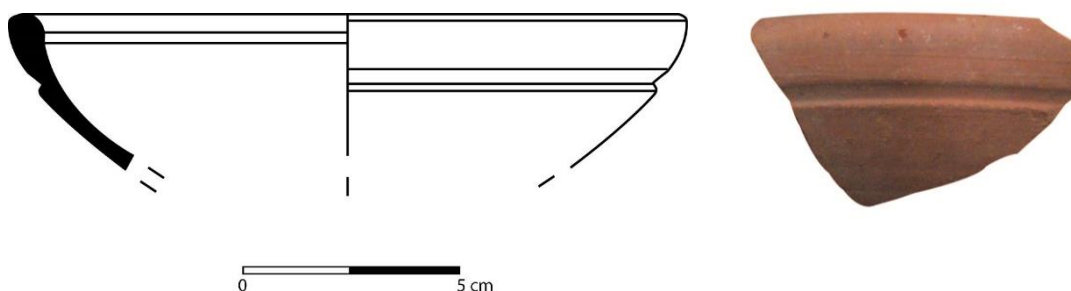
Descrição: Prato/Tampa, variante *B1*. Fragmento de bordo, exvertido, boleado, de secção semi-circular, com arranque de corpo troncocónico. Superfície interna: Hue 5 YR 6/3 Dull Orange, com decoração incisa ondulante na aba do prato/tampa. Superfície externa: Hue 5 YR 6/4 Dull Orange. Ø bordo: 16 cm. Espessura da parede: 0,4 cm. Referência (Grupo de fabrico/Forma/Variante): IV / X / B1.

Descrição: Prato/Tampa, variante *B2*. Fragmento de bordo, exvertido, boleado, de secção semi-circular, com arranque de corpo troncocónico. Superfície interna: Hue 10 R 5/8 Red, com acabamento em brunido. Superfície externa: Hue 5 YR 6/6 Orange. Ø bordo: 26 cm. Espessura da parede: 0,5 cm. Referência (Grupo de fabrico/Forma/Variante): III / X / B1.





Descrição: Tigela, variante A. Fragmento de bordo, exvertido, boleado, de secção semi-circular, com arranque de corpo hemisférico e com caneluras horizontais concêntricas. Superfícies interna e externa: Hue 5 YR 6/3 Dull Orange. Ø bordo: 16 cm. Espessura da parede: 0,3 cm. Referência (Grupo de fabrico/Forma/Variante): IV / XI / A.



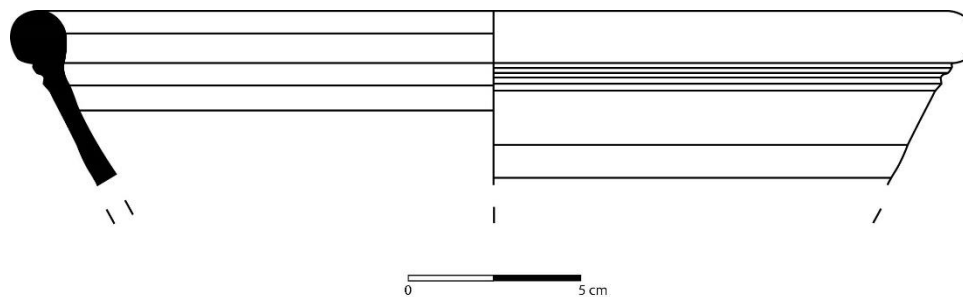
Descrição: Tigela, variante B. Fragmento de bordo, ligeiramente invertido, boleado, de secção semi-circular, com arranque de corpo hemisférico e com uma linha incisa horizontal concêntrica bem demarcada. Superfície interna: Hue 2.5 YR 6/6 Orange. Superfície externa: Hue 5 YR 7/4 Dull Orange. Ø bordo: 16 cm. Espessura da parede: 0,3 cm. Referência (Grupo de fabrico/Forma/Variante): III / XI / C.

PF00.Q4/5[1194]-072



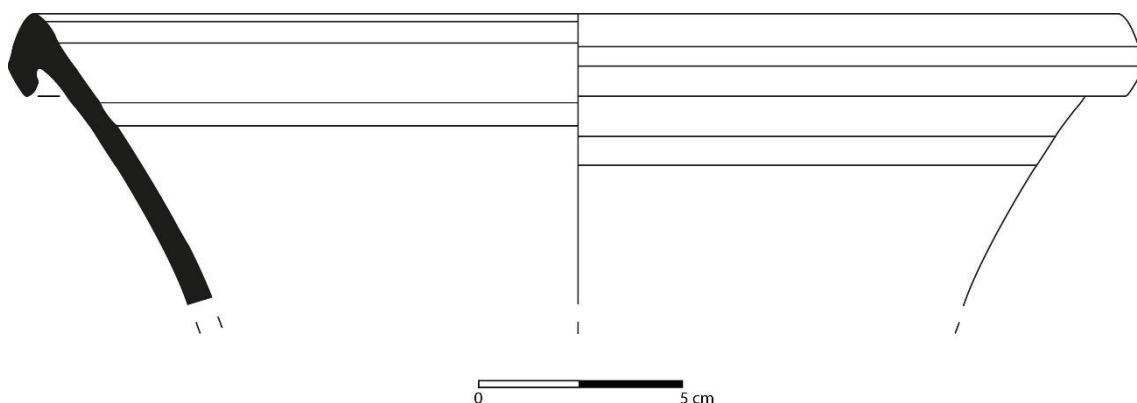
Descrição: Tigela, variante *C*. Fragmento de bordo, exvertido, espessado, de secção semi-circular, com arranque de corpo hemisférico e com uma canelura horizontal concêntrica de secção trapezoidal bem demarcada. Superfície interna: Hue 5 YR 6/6 Orange. Superfície externa: Hue 5 YR 5/6 Bright Reddish. Ø bordo: 18 cm. Espessura da parede: 0,3 cm. Referência (Grupo de fabrico/Forma/Variante): IV / XI / C.

PF00.Q4/5[1194]-046



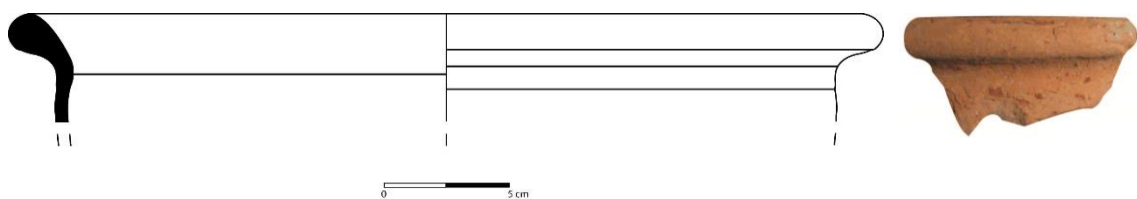
Descrição: Tigela, variante *D*. Fragmento de bordo, exvertido, boleado, de secção semi-circular, com arranque de corpo hemisférico. Superfície interna: Hue 5 YR 6/6 Orange. Superfície externa: Hue 2.5 YR 6/8 Orange. Ø bordo: 28 cm. Espessura da parede: 0,5 cm. Referência (Grupo de fabrico/Forma/Variante): III / XI / D.

PF00.Q4/5[1194]-060

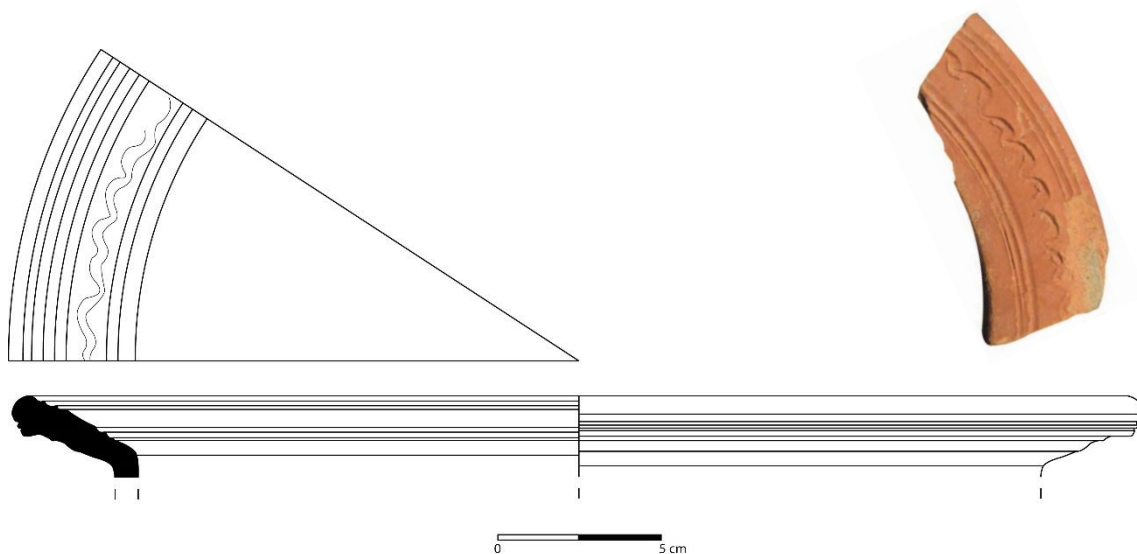


Descrição: Bacia, variante A. Fragmento de bordo, exvertido, biselado, de secção triangular, com arranque de corpo troncocónico. Superfície interna: Hue 5 YR 6/6 Orange, com acabamento bruido. Superfície externa: Hue 5 YR 6/6 Orange. Ø bordo: 44 cm. Espessura da parede: 1 cm. Referência (Grupo de fabrico/Forma/Variante): III / XII / A.

PF00.Q4/5[1194]-016

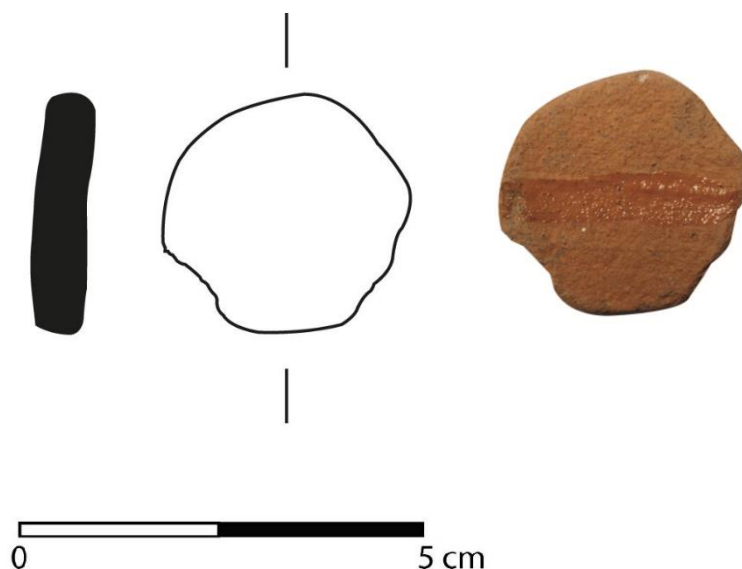


Descrição: Bacia, variante B. Fragmento de bordo, exvertido, boleado, de secção semi-circular, com arranque de corpo troncocónico. Superfícies interna e externa: Hue 7.5 YR 8/6 Orange. Ø bordo: 34 cm. Espessura da parede: 0,3 cm. Referência (Grupo de fabrico/Forma/Variante): I / XII / B.



Descrição: Bacia, variante C. Fragmento de bordo, exvertido, em aba sub-horizontal, de secção semi-circular, com arranque de corpo troncocónico. Superfície: Hue 5 YR 6/6 Orange, com dois pares de caneluras horizontais concêntricas de secção triangular na aba do bordo, contendo, entre si, linhas incisadas ondulantes. Superfície externa: Hue 5 YR 6/6 Orange Ø bordo: 31 cm. Espessura da parede: 0,8 cm. Referência (Grupo de fabrico/Forma/Variante): III / XII / C.

Descrição: Peça de jogo. Fracção de parede, de perfil circular. Superfície interna: Hue 5 YR 7/6 Orange. Superfície externa: Hue 5 YR 7/8 Orange. Dimensões: 2,1 cm x 2,5 cm. Espessura da parede: 0,2 cm. Referência (Grupo de fabrico/Forma): I / XIII.



APÊNDICE G

Segundo Momento

G.II. – Cerâmica Regional Portuguesa:

Prado e Alto Alentejo

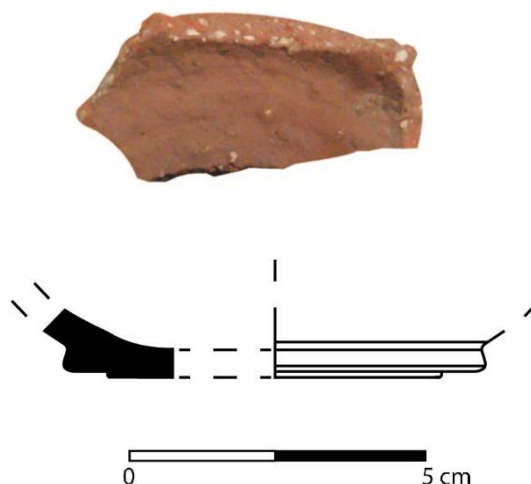
PF00.Q4/5[1194]-0201

Descrição: Forma indeterminada. Fracção de parede, de corpo de tendência hemisférica. Superfícies interna e externa: Hue 5 YR 1.7/1 Black. Espessura da parede: 0,4 cm. Referência (Grupo de fabrico): VII.

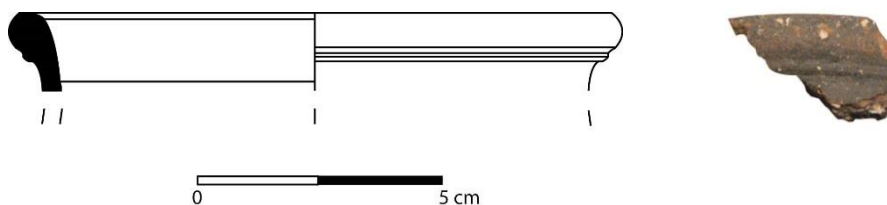


PF00.Q4/5[1194]-0202

Descrição: Púcaro. Fragmento de fundo raso, delimitado por uma carena bem destacada. Superfícies interna e externa: Hue 5 YR 7/4 Dull Orange. Ø fundo: 7,5 cm. Espessura da parede: 0,5 cm. Referência (Grupo de fabrico/Forma): VIII / I.



PF00.Q4/5[1194]-0203



Descrição: Púcaro. Fragmento de bordo exvertido, boleado, de secção semi-circular, com uma canelura horizontal concêntrica e arranque de parede de tendência hemisférica. Superfícies interna e externa: Hue 5 YR 1.7/1 Black. Ø bordo: 12 cm. Espessura da parede: 0,4 cm. Referência (Grupo de fabrico/Forma): VIII / I.

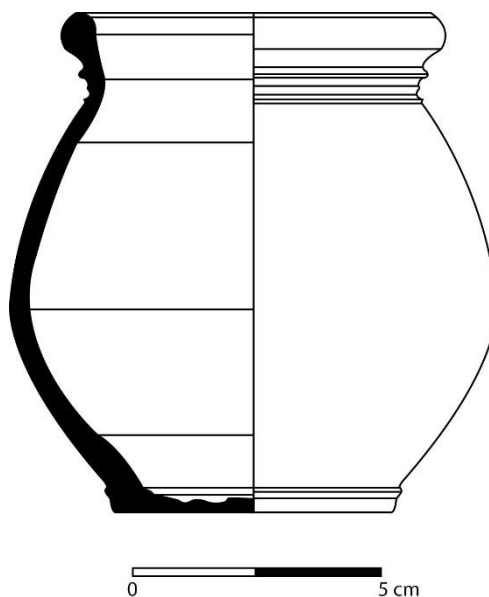
APÊNDICE G

Segundo Momento

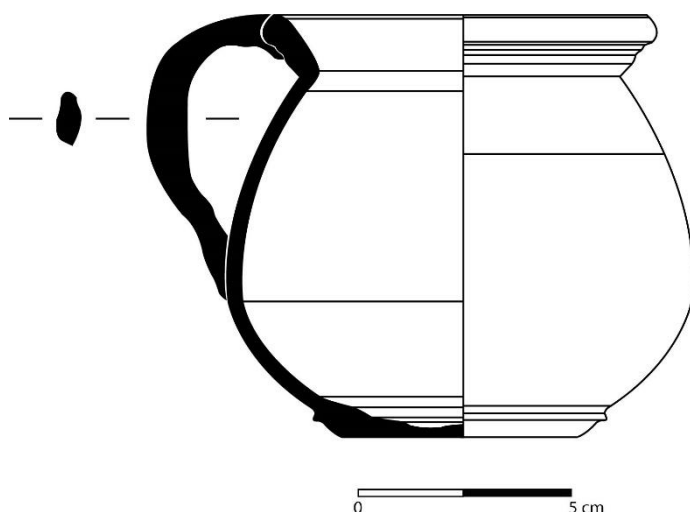
G.III. – A Cerâmica Fina

PF00.Q4/5[1194]-0143

Descrição: Pote, variante A. Perfil completo. Bordo exvertido, boleado, de secção semi-circular, com colo alto e estreito, decorado com caneluras concêntricas de secção idêntica ao lábio, assente em corpo hemisférico e fundo raso. Superfície interna: Hue 5 YR 7/3 Dull Orange Superfície externa: Hue 10 R 6/8 Reddish Orange. Altura: 10 cm. Ø bordo: 7,5 cm. Ø fundo: 5,6 cm. Espessura da parede: 0,3 cm a 0,4 cm. Referência (Grupo de fabrico/Forma/Variante): III / I / A.



PF00.Q4/5[1194]-0146



Descrição: Pote, variante B. Perfil completo. Bordo exvertido e sub-horizontal, espessado, de secção semi-circular, com colo baixo, decorado com caneluras concêntricas de secção idêntica ao lábio, assente em corpo hemisférico e fundo raso. Uma asa ovalada vertical. Superfícies interna e externa: Hue 10 R 6/8 Reddish Orange, com acabamento em aguada avermelhada. Altura: 10,3 cm. Ø bordo: 9 cm. Ø fundo: 5,2 cm. Espessura da parede: 0,3 cm. Referência (Grupo de fabrico/Forma/Variante): III / I / B.

PF00.Q4/5[1194]-0103

Descrição: Pote, variante *C*.

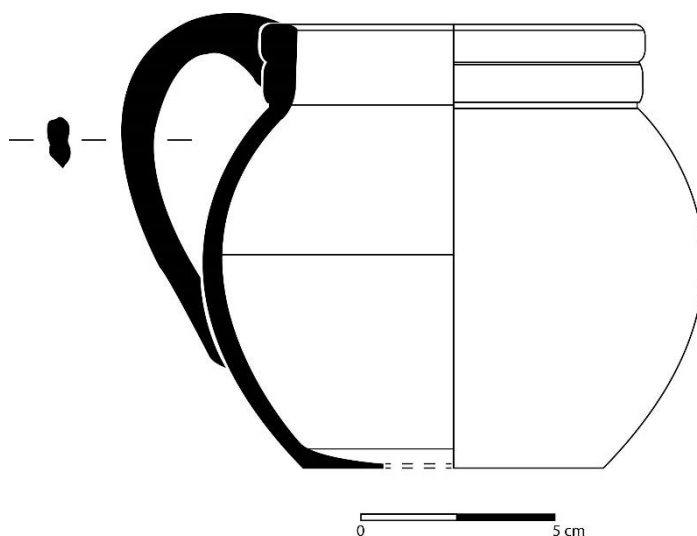
Perfil completo. Bordo vertical, espessado, de secção trapezoidal, com colo alto, decorado com linha incisa horizontal concêntrica, assente em corpo hemisférico e fundo raso. Uma asa ovalada vertical.

Superfícies interna e externa:

Hue 5 YR 6/6 Orange, com

acabamento em aguada avermelhada. Altura: 11,3 cm. Ø bordo: 9,8 cm. Ø fundo: 8 cm.

Espessura da parede: 0,3 cm a 0,4 cm. Referência (Grupo de fabrico/Forma/Variante): III / I / C.



PF00.Q4/5[1194]-0177

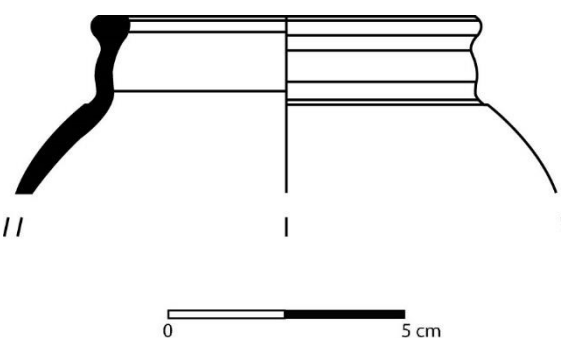
Descrição: Pote, variante *D*. Fragmento de

bordo vertical, ligeiramente exvertido e boleado, assente em colo alto de tendência hemisférica, bem como a morfologia da parede. Superfícies interna e externa:

Hue 5 YR 6/6 Orange, com acabamento em

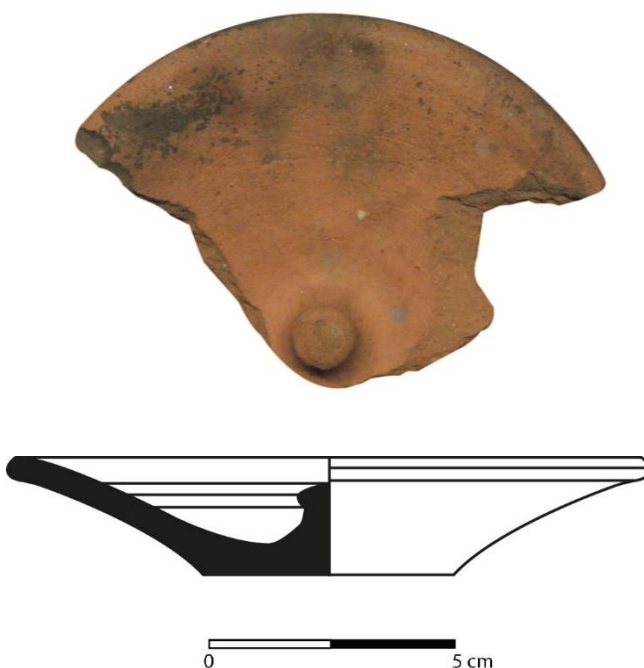
aguada avermelhada. Ø bordo: 8 cm.

Espessura da parede: 0,3 cm. Referência (Grupo de fabrico/Forma/Variante): V / I / C.

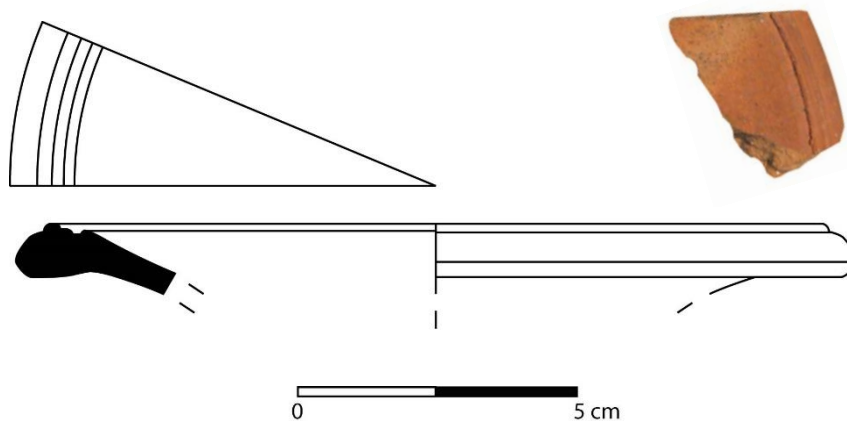


PF00.Q4/5[1194]-0173

Descrição: Testo, variante A1. Perfil completo. Bordo exvertido e ligeiramente em aba, espessado, de secção semi-circular, forma aberta e troncocónica e de fundo raso. Asa/pega em botão. Superfícies interna e externa: Hue 5 YR 7/3 Dull Orange. Altura: 2,5 cm. Ø bordo: 13 cm. Ø fundo: 5 cm. Espessura da parede: 0,4 cm. Referência (Grupo de fabrico/Forma/Variante): V / II / A1.



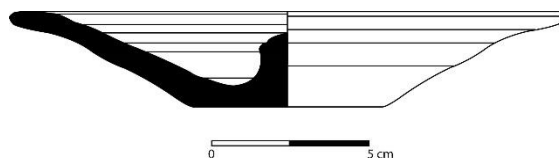
PF00.Q4/5[1194]-0142



Descrição: Testo, variante A2. Fragmento de bordo exvertido e ligeiramente em aba, espessado, de secção semi-circular e com canelura e linha incisa horizontais concêntricas na face interna. Superfícies interna e externa: Hue 10 R 6/8 Reddish Orange. Ø bordo: 14 cm. Espessura da parede: 0,4 cm. Referência (Grupo de fabrico/Forma/Variante): III / II / A2.

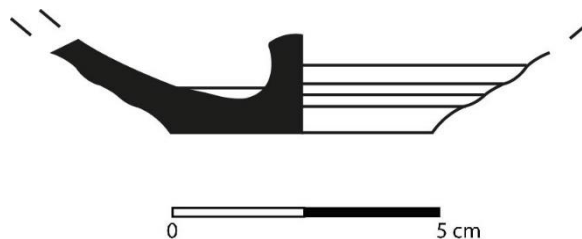
PF00.Q4/5[1194]-0096

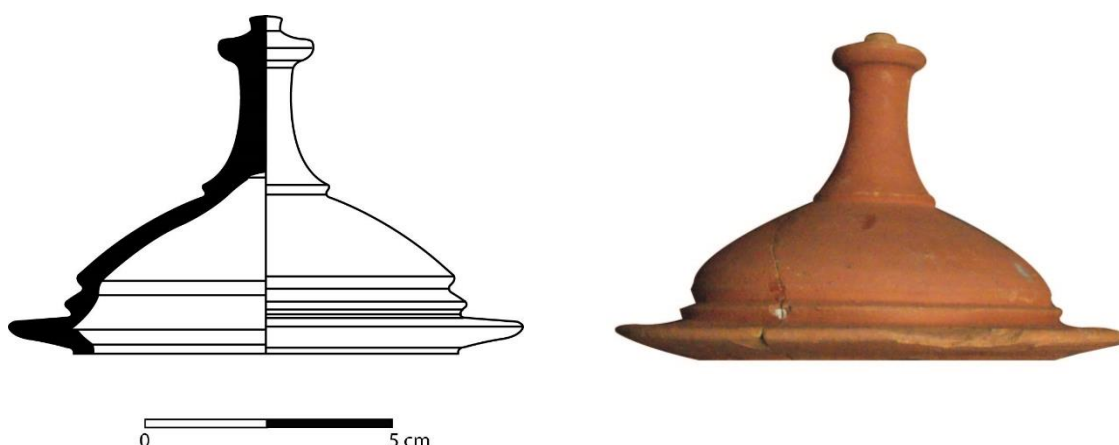
Descrição: Testo, variante *B*. Perfil completo. Bordo exvertido em aba horizontal espessada, de secção semi-circular, forma aberta e troncocónica e de fundo raso. Asa/pega em botão. Superfícies interna e externa: Hue 5 YR 6/8 Orange. Altura: 3 cm. Ø bordo: 16,5 cm. Ø fundo: 6 cm. Espessura da parede: 0,4 cm a 0,6 cm. Referência (Grupo de fabrico/Forma/Variante): I / II / B.



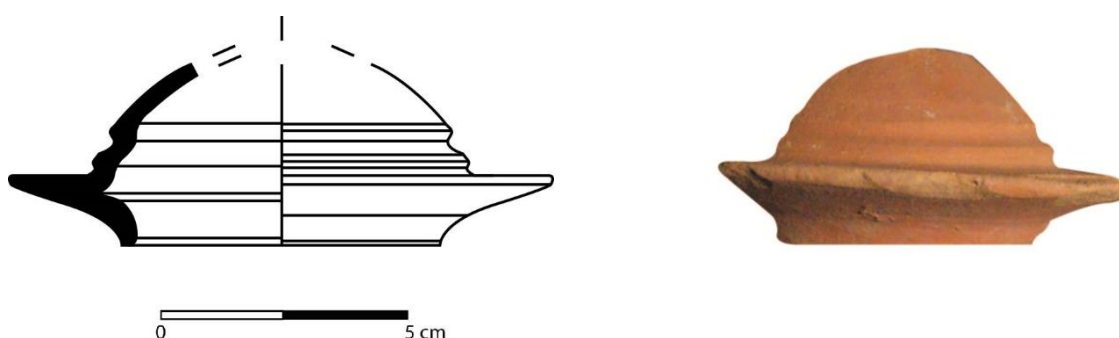
PF00.Q4/5[1194]-0174

Descrição: Testo, variante *C*. Fragmento de fundo, raso, com arranque de parede de morfologia troncocónica e asa/pega em botão destacada. Superfícies interna e externa: Hue 7.5 YR 8/3 Light Yellow Orange. Ø fundo: 5 cm. Espessura da parede: 0,4 cm a 0,5 cm. Referência (Grupo de fabrico/Forma/Variante): V / II / C.

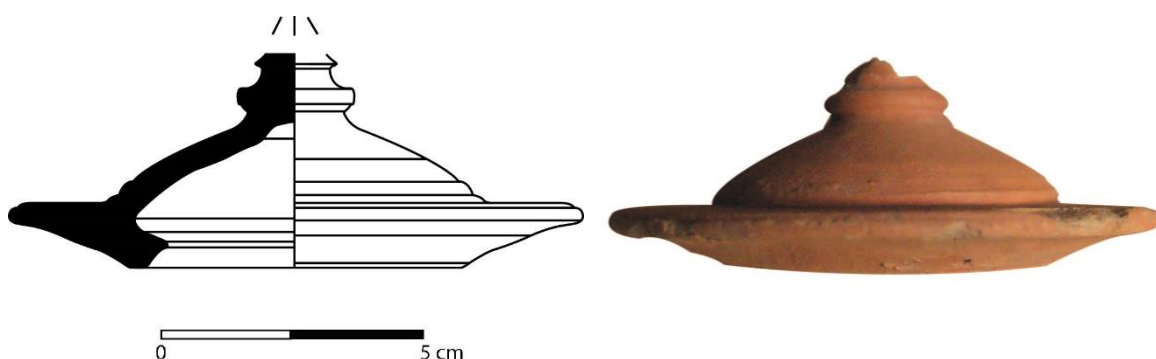




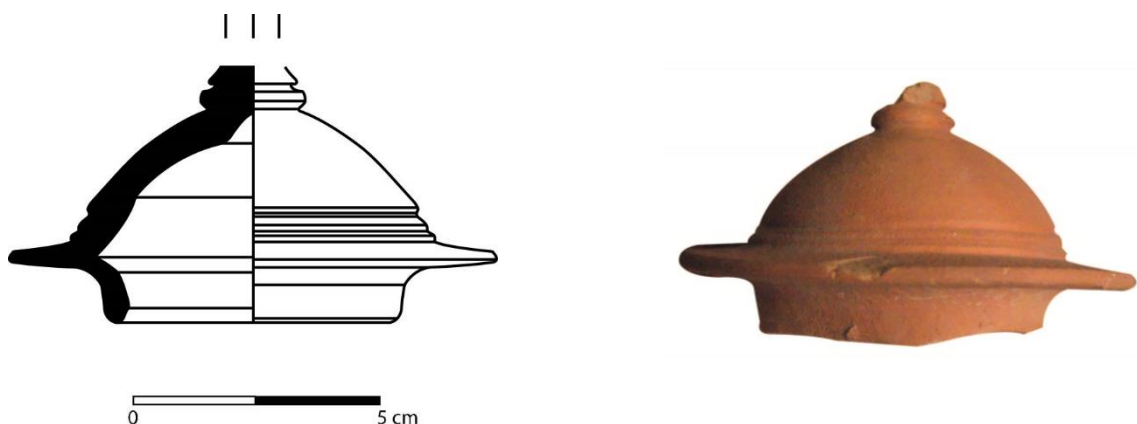
Descrição: Tampa, variante A. Perfil completo, de corpo campaniforme, encimado por asa/pega alta e estreita, assente em corpo decorado com três caneluras horizontais concêntricas de secção semi-circular destacadas. Fundo, estribado, sob uma aba horizontal bem destacada. Superfícies interna e externa: Hue 10 R 6/8 Reddish Orange, com acabamento em aguada. Altura: 6,8 cm. Ø fundo: 7,7 cm. Espessura da parede: 0,2 cm a 0,3 cm. Referência (Grupo de fabrico/Forma/Variante): III / III / A.



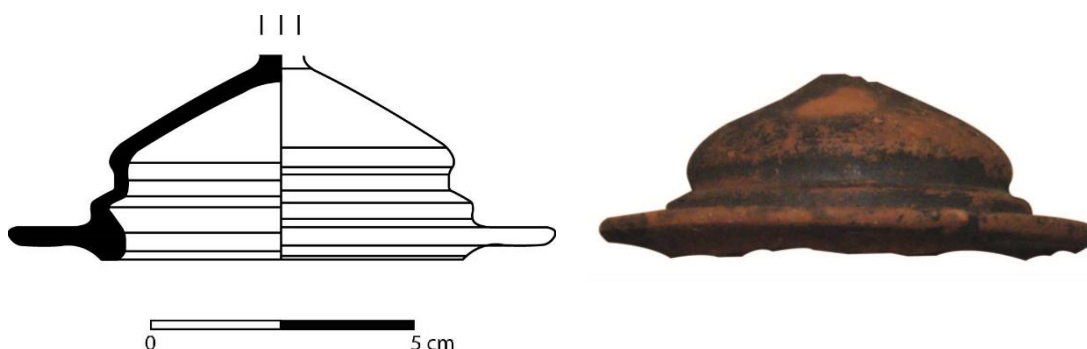
Descrição: Tampa, variante B. Fragmento de fundo, estribado, alto, sob uma aba horizontal concêntrica de secção semi-circular e arranque de parede de tendência campaniforme decorada com duas caneluras horizontais concêntricas. Superfície interna: Hue 5 YR 6/8 Orange. Superfície externa: Hue 10 R 6/8 Reddish Orange, com acabamento em aguada. Ø fundo: 4,8 cm. Espessura da parede: 0,3 cm. Referência (Grupo de fabrico/Forma/Variante): III / III / B.



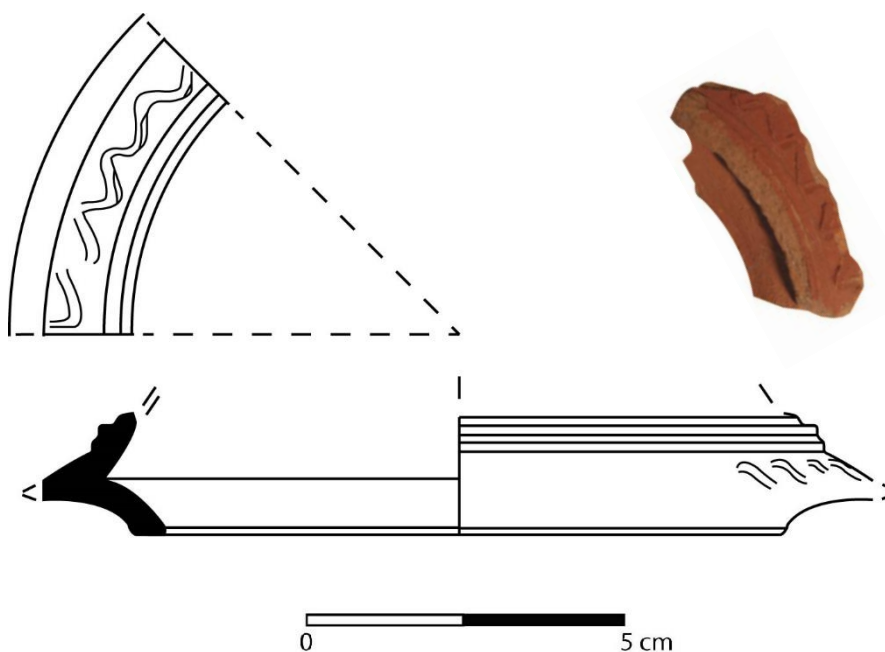
Descrição: Tampa, variante C. Fragmento de fundo, estribado, baixo, sob uma aba horizontal concêntrica, bem destacada, de secção semi-circular e arranque de parede de tendência campaniforme decorada com uma canelura horizontal concêntrica de secção trapezoidal. Superfícies interna e externa: Hue 10 R 6/8 Reddish Orange, com acabamento em aguada. Ø fundo: 6,5 cm. Espessura da parede: 0,3 cm. Referência (Grupo de fabrico/Forma/Variante): III / III / C.



Descrição: Tampa, variante D. Fragmento de fundo, estribado, alto, sob uma aba horizontal concêntrica, bem destacada, de secção semi-circular e arranque de parede de tendência campaniforme decorada com uma linha incisa e uma canelura de orientação idêntica junto ao arranca da asa/pega. Superfícies interna e externa: Hue 10 R 6/8 Reddish Orange, com acabamento em aguada. Ø fundo: 5,6 cm. Espessura da parede: 0,3 cm. Referência (Grupo de fabrico/Forma/Variante): III / III / D.



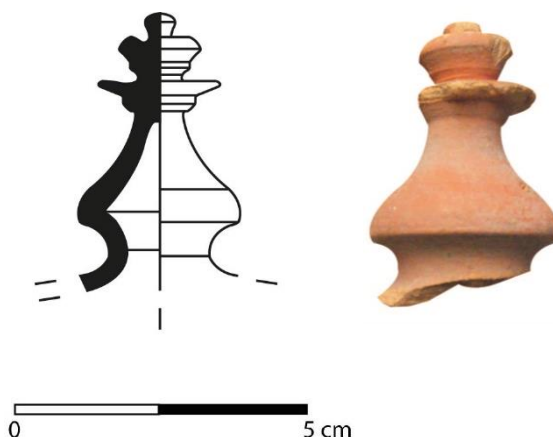
Descrição: Tampa, variante E. Fragmento de fundo, estribado, baixo, sob uma aba horizontal concêntrica, bem destacada, de secção semi-circular e arranque de parede de tendência campaniforme/troncocónica, com carena bem destacada. Superfícies interna e externa: Hue 10 R 6/8 Reddish Orange, com acabamento em aguada e marcas de fogo. Ø fundo: 6,8 cm. Espessura da parede: 0,3 cm. Referência (Grupo de fabrico/Forma/Variante): III / III / E.



Descrição: Tampa, variante F. Fragmento de fundo, estribado, baixo, sob uma aba horizontal concêntrica, bem destacada, de secção triangular, decorada com motivos ondulantes incisos e arranque de parede de tendência campaniforme/troncocónica. Superfícies interna e externa: Hue 10 R 6/8 Reddish Orange, com acabamento em aguada. Ø fundo: 10 cm. Espessura da parede: 0,4 cm. Referência (Grupo de fabrico/Forma/Variante): III / III / F.

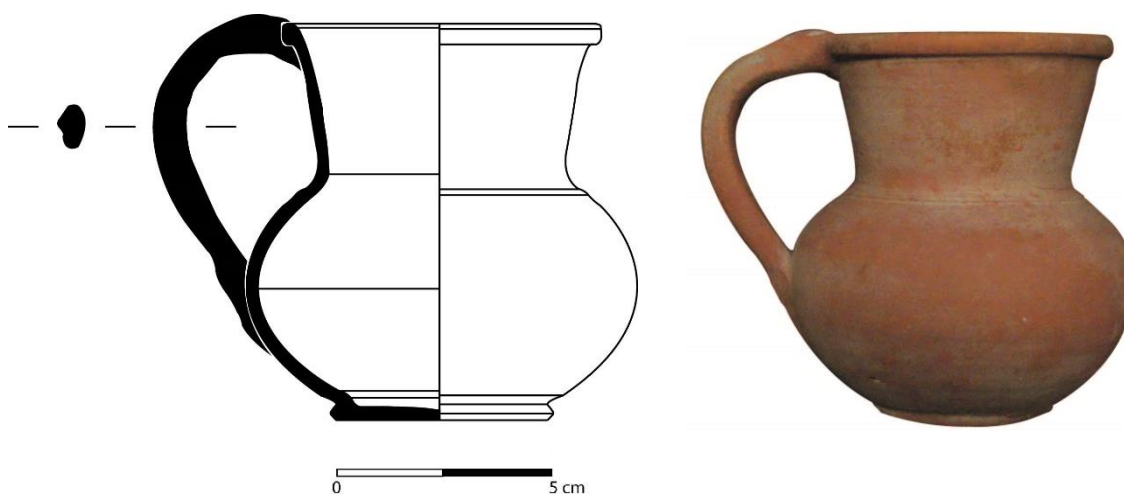
PF00.Q4/5[1194]-0140

Descrição: Tampa, variante *G*. Fragmento de asa/pega em botão alta, decorada com duas caneluras concêntricas em aba de secção semicircular, bem como o colo alto e bem destacado. Arranque de parede de tendência campaniforme. Superfície interna: Hue 5 YR 6/8 Orange. Superfície externa: Hue 10 R



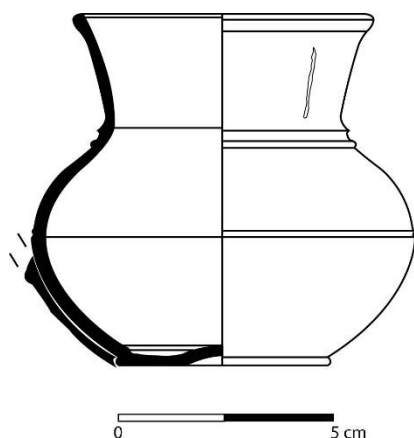
6/8 Reddish Orange, com acabamento em aguada. Espessura da parede: 0,2 cm a 0,3 cm. Referência (Grupo de fabrico/Forma/Variante): III / III / G.

PF00.Q4/5[1194]-0151



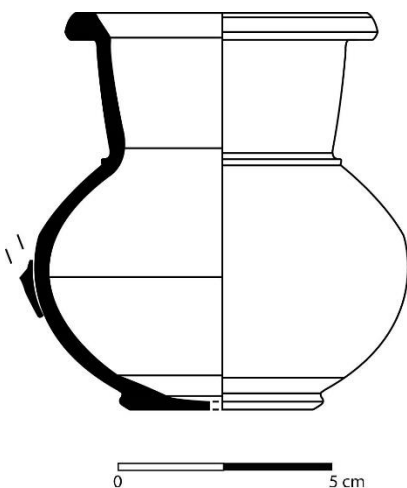
Descrição: Púcaro, variante *A1*. Perfil completo. Bordo exvertido, de secção semicircular assente em colo alto e estreito, decorado com uma discreta canelura concêntrica de secção idêntica ao lábio, sobre corpo hemisférico e fundo raso. Uma asa ovalada vertical. Superfícies interna e externa: Hue 7.5 YR 7/4 Dull Orange, com acabamento em aguada avermelhada. Altura: 9,4 cm. Ø bordo: 7,4 cm. Ø fundo: 4,7 cm. Espessura da parede: 0,3 cm. Referência (Grupo de fabrico/Forma/Variante): IV / IV / A1.

PF00.Q4/5[1194]-0124

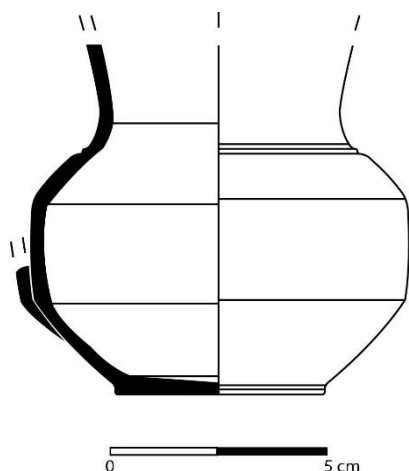


Descrição: Púcaro, variante A2. Perfil completo. Bordo exvertido, de secção semi-circular assente em colo alto e estreito, decorado com uma linha incisa vertical e uma canelura concêntrica de secção trapezoidal, sobre corpo hemisférico e fundo ligeiramente côncavo. Arranque de uma asa ovalada vertical. Superfície interna: Hue 5 YR 6/8 Orange. Superfície externa: Hue 10 R 6/8 Reddish Orange, com acabamento em aguada avermelhada. Altura: 8,3 cm. Ø bordo: 6,5 cm. Ø fundo: 4,6 cm. Espessura da parede: 0,3 cm. Referência (Grupo de fabrico/Forma/Variante): III / IV / A2.

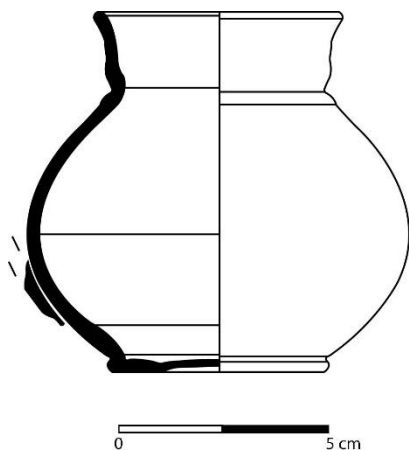
PF00.Q4/5[1194]-0094



Descrição: Púcaro, variante A3. Perfil completo. Bordo exvertido, de secção trapezoidal assente em colo alto e estreito, decorado com uma canelura concêntrica de secção idêntica à do lábio, sobre corpo hemisférico e fundo raso. Arranque de uma asa ovalada vertical. Superfícies interna e externa: Hue 7.5 Y 8/6 Light Gray. Altura: 9,5 cm. Ø bordo: 7 cm. Ø fundo: 4,7 cm. Espessura da parede: 0,2 cm. Referência (Grupo de fabrico/Forma/Variante): I / IV / A3.

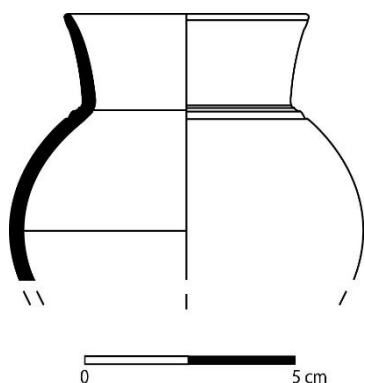


Descrição: Púcaro, variante *B*. Fragmento de fundo, raso, com arranque de parede e corpo trapezoidal sob colo alto, estreito e com uma canelura horizontal concêntrica de secção igualmente retilínea. Arranque de asa ovalada vertical. Superfície interna: Hue 5 YR 6/8 Orange. Superfície externa: Hue 10 R 6/8 Reddish Orange. Ø fundo: 4,8 cm. Espessura da parede: 0,3 cm. Referência (Grupo de fabrico/Forma/Variante): III / IV / B.



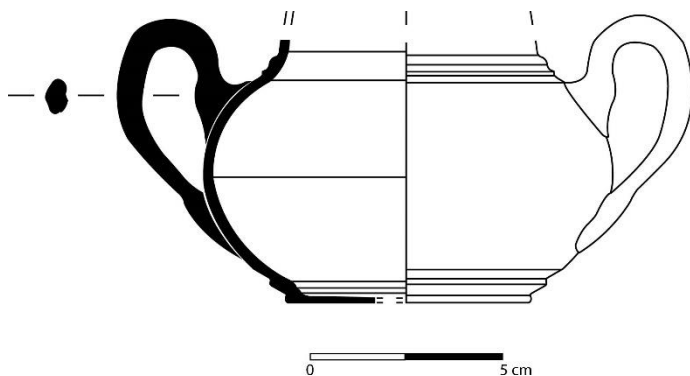
Descrição: Púcaro, variante *C*. Perfil completo. Bordo ligeiramente exvertido, de secção semi-circular assente em colo baixo, sobre corpo hemisférico e fundo ligeiramente côncavo. Arranque de uma asa ovalada vertical. Superfícies interna e externa: Hue 2.5 YR 6/6 Orange, com acabamento em aguada. Altura: 8,8 cm. Ø bordo: 5,8 cm. Ø fundo: 4,8 cm. Espessura da parede: 0,3 cm a 0,4 cm. Referência (Grupo de fabrico/Forma/Variante): II / IV / C.

PF00.Q4/5[1194]-0116

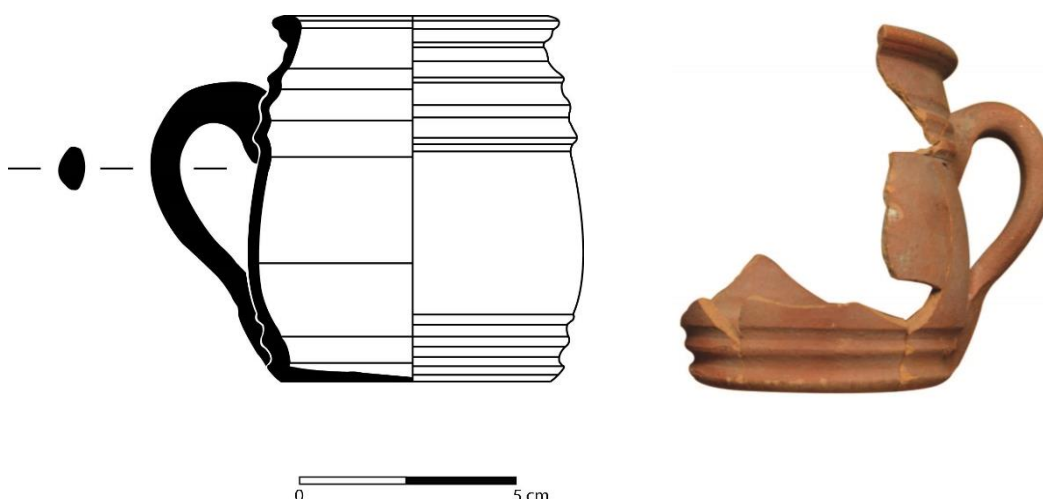


Descrição: Púcaro, variante *D*. Fragmento de bordo vertical, ligeiramente exvertido, de secção semi-circular, assente em colo baixo decorado com uma canelura horizontal concêntrica de secção trapezoidal e em corpo. Superfície interna: Hue 5 YR 6/3 Dull Orange. Superfície externa: Hue 5 YR 7/4 Dull Orange, com acabamento em aguada. Ø bordo: 5,5 cm.. Espessura da parede: 0,3 cm. Referência (Grupo de fabrico/Forma/Variante): II / IV / D.

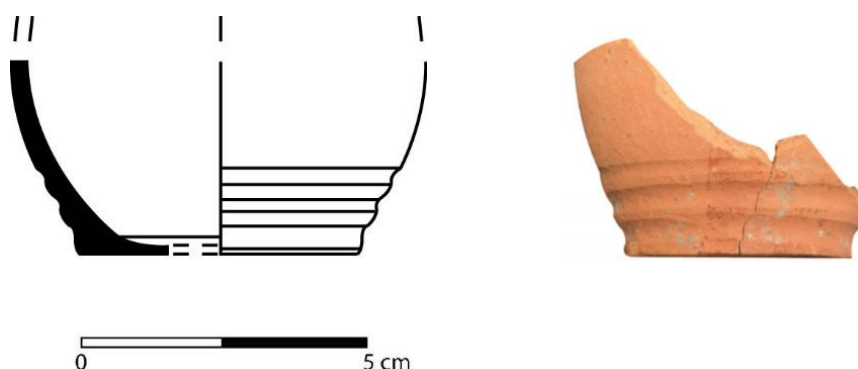
PF00.Q4/5[1194]-0170



Descrição: Púcaro, variante *E*. Fragmento de fundo raso, delimitado por uma carena horizontal concêntrica sob corpo hemisférico com arranque de colo. Duas asas ovaladas verticais, opostas. Superfície interna: Hue 5 YR 6/6 Orange. Superfície externa: Hue 5 YR 7/4 Dull Orange, com acabamento em aguada. Ø fundo: 6,1 cm.. Espessura da parede: 0,2 cm a 0,3 cm. Referência (Grupo de fabrico/Forma/Variante): IV / IV / E.

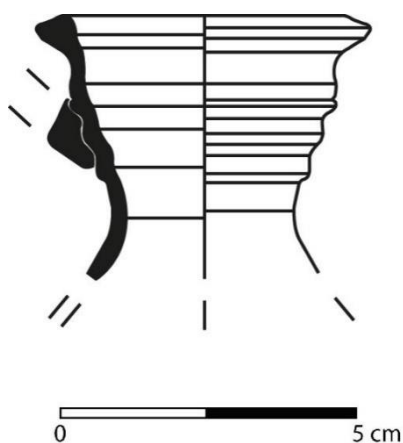


Descrição: Caneca, variante A. Perfil completo. Bordo exvertido, ligeiramente boleado, de secção semi-circular assente em corpo de perfil convexo, decorado por sucessões de caneluras horizontais concêntricas de secção triangular. Asa ovalada vertical. Superfícies interna e externa: Hue 10 R 6/8 Reddish Orange, com acabamento em aguada. Altura: 8,7 cm. Ø bordo: 7 cm. Ø fundo: 6,1 cm. Espessura da parede: 0,2 cm a 0,4 cm. Referência (Grupo de fabrico/Forma/Variante): III / V / A.



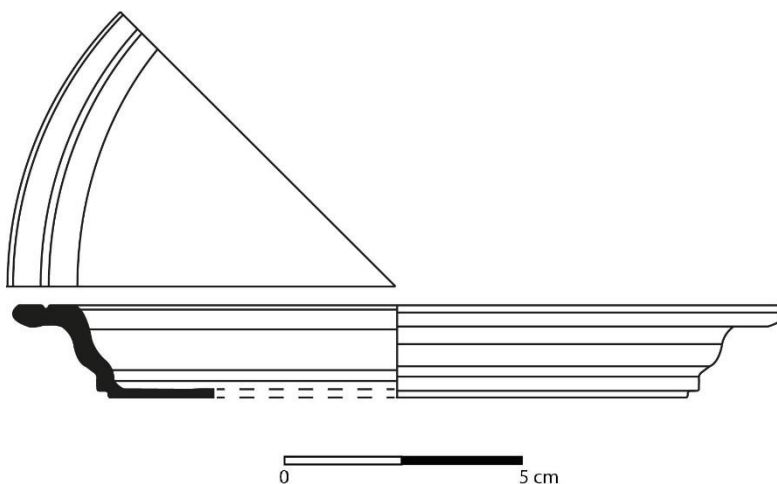
Descrição: Caneca, variante B. Fundo raso, ladeado por sucessão de caneluras horizontais concêntricas de secção semi-circular, sob corpo de tendência hemisférica. Superfície interna: Hue 5 YR 6/6 Orange. Superfície externa: Hue 10 R 6/8 Reddish Orange, com acabamento em aguada. Ø fundo: 5 cm. Espessura da parede: 0,3 cm. Referência (Grupo de fabrico/Forma/Variante): III / V / A.

PF00.Q4/5[1194]-0105



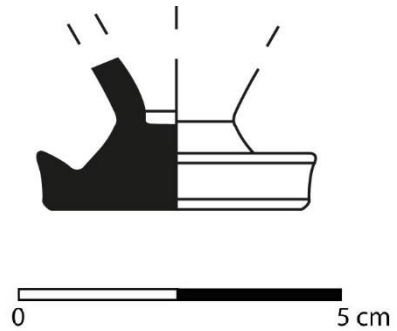
Descrição: Garrafa, variante A. Fragmento de bordo exvertido, de secção triangular sobre corpo alto e troncocónico, decorado com sucessão de caneluras horizontais concêntricas de secção semi-circular. Arranque de asa ovalada vertical. Superfícies interna e externa: Hue 5 YR 6/8 Orange, com acabamento em aguada. Ø bordo: 5 cm. Espessura da parede: 0,2 cm. Referência (Grupo de fabrico/Forma/Variante): I / VI / A.

PF00.Q4/5[1194]-0149



Descrição: Prato, variante A. Perfil completo. Bordo exvertido, em aba horizontal, de secção semi-circular, decorado com uma linha incisa concêntrica, sobre corpo troncocónico e fundo raso ladeado por uma carena horizontal concêntrica. Superfícies interna e externa: Hue 10 R 6/8 Reddish Orange, com acabamento brunido. Altura: 2 cm. Ø bordo: 18 cm. Ø fundo: 12 cm. Espessura da parede: 0,2 cm. Referência (Grupo de fabrico/Forma/Variante): III / VII / A.

Descrição: Candelabro (?), variante A. Fundo raso, em aba vertical de secção triangular, sobre corpo alto e de tendência troncocónica. Superfícies interna e externa: Hue 5 YR 6/6 Orange. Ø fundo: 4 cm. Espessura da parede: 0,3 cm. Referência (Grupo de fabrico/Forma/Variante): I / VII / A.



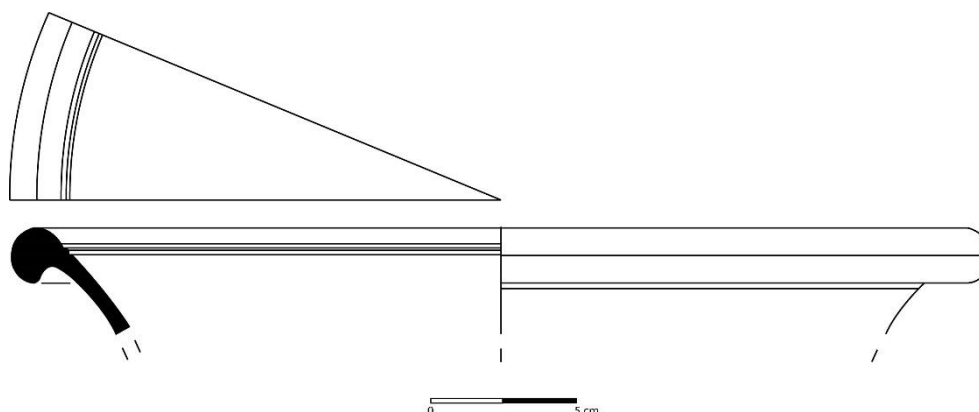
APÊNDICE G

Segundo Momento

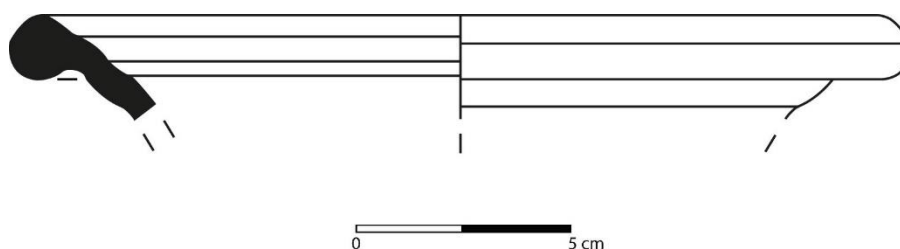
G.IV. – A Cerâmica Comum Vidrada



Descrição: Almotolia, variante A. Perfil completo. Bordo exvertido, ligeiramente espessado, modelado, de secção semi-circular assente em corpo alto e estreito decorado com sucessão de caneluras horizontais concêntricas. Corpo hemisférico sobre fundo raso. Asa ovalada vertical. Superfícies interna e externa: vidrado de chumbo verde/verde claro, com destaque para a aguada branca sob o vidrado. Altura: 13,5 cm. Ø bordo: 3,5 cm. Ø fundo: 4 cm. Espessura da parede: 0,4 cm a 0,5 cm. Referência (Grupo de vidrado/Forma/Variante): V6 / I / A.



Descrição: Bacia, variante *A*. Fragmento de bordo exvertido, boleado ligeiramente espessado, de secção semi-circular assente em corpo troncocónico e decorado com uma canelura concêntrica. Superfícies interna: vidrado de chumbo verde-escuro. Superfície externa: vidrado de chumbo castanho melado. Ø bordo: 32 cm. Espessura da parede: 0,5 cm a 0,7 cm. Referência (Grupo de vidrado/Forma/Variante): V8 / II / *A*.



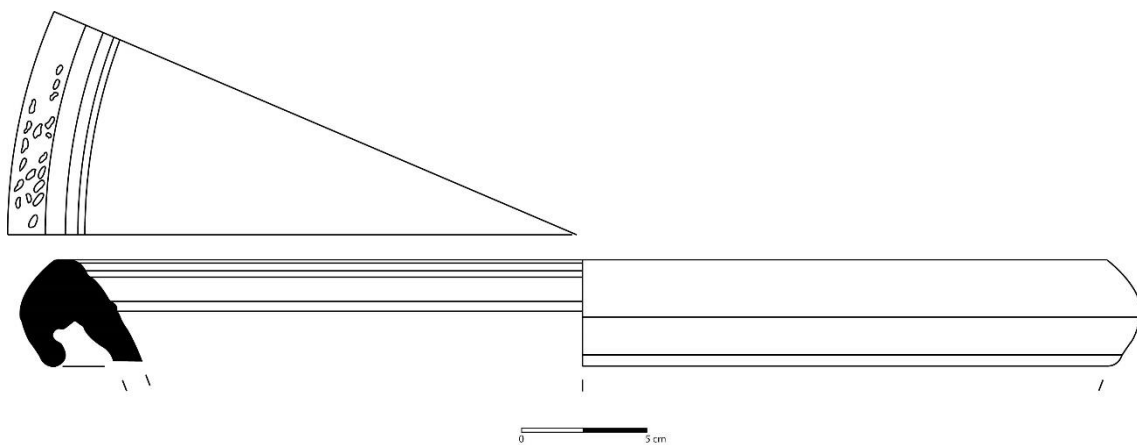
Descrição: Bacia, variante *B*. Fragmento de bordo exvertido, de secção semi-circular assente em corpo troncocónico. Superfícies interna: vidrado de chumbo verde. Superfície externa: vidrado de chumbo castanho melado. Ø bordo: 20 cm. Espessura da parede: 0,6 cm a 0,8 cm. Referência (Grupo de vidrado/Forma/Variante): V8 / II / *B*.

PF00.Q4/5[1194]-0219



Descrição: Bacia, variante *C*. Perfil completo. Bordo exvertido, boleado e ligeiramente em bisel, de secção semi-circular assente em corpo troncocónico alto, decorado com sucessão de caneluras horizontais concêntricas sob fundo raso. Superfície interna: vidrado de chumbo verde. Superfície externa: sem revestimento vidrado, Hue 7.5 Y 8/3 Pale Yellow. Altura: 10,5 cm. Ø bordo: 42 cm. Ø fundo: 32 cm. Espessura da parede: 0,7 cm a 0,9 cm. Referência (Grupo de vidrado/Forma/Variante): V5 / II / C.

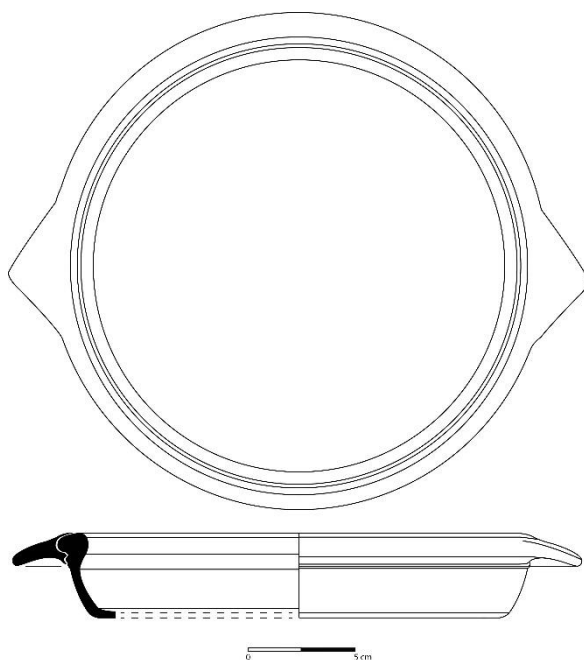
PF00.Q4/5[1194]-0224



Descrição: Bacia, variante *D*. Fragmento de bordo exvertido, em bisel, pendente, de secção triangular, com negativo/"cordão" concêntrico de assentamento sobre corpo troncocónico. Superfície interna: vidrado de chumbo verde com "reflexo metálico". Superfície externa: sem revestimento vidrado, Hue 7.5 Y 8/3 Pale Yellow. Ø bordo: 44 cm. Espessura da parede: 1,3 cm. Referência (Grupo de vidrado/Forma/Variante): V7 / II / D.

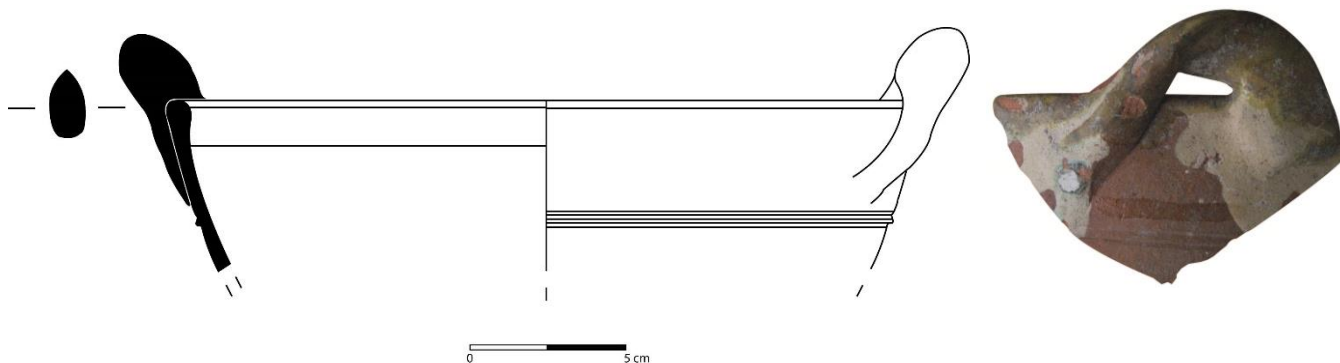
PF00.Q4/5[1194]-0227

Descrição: Caçoila, variante A. Perfil completo. Bordo ligeiramente invertido, boleado e espessado, de secção semi-circular assente em corpo troncocónico baixo, e fundo raso. Duas asas triangulares sub-horizontais opostas. Superfície interna: vidrado de chumbo castanho melado. Superfície externa: parcialmente revestido a vidrado de chumbo verde-escuro, Hue 7.5 Y 8/3 Pale Yellow e marca de fogo. Altura: 4,5 cm. Ø bordo: 23 cm. Ø fundo: 22 cm.

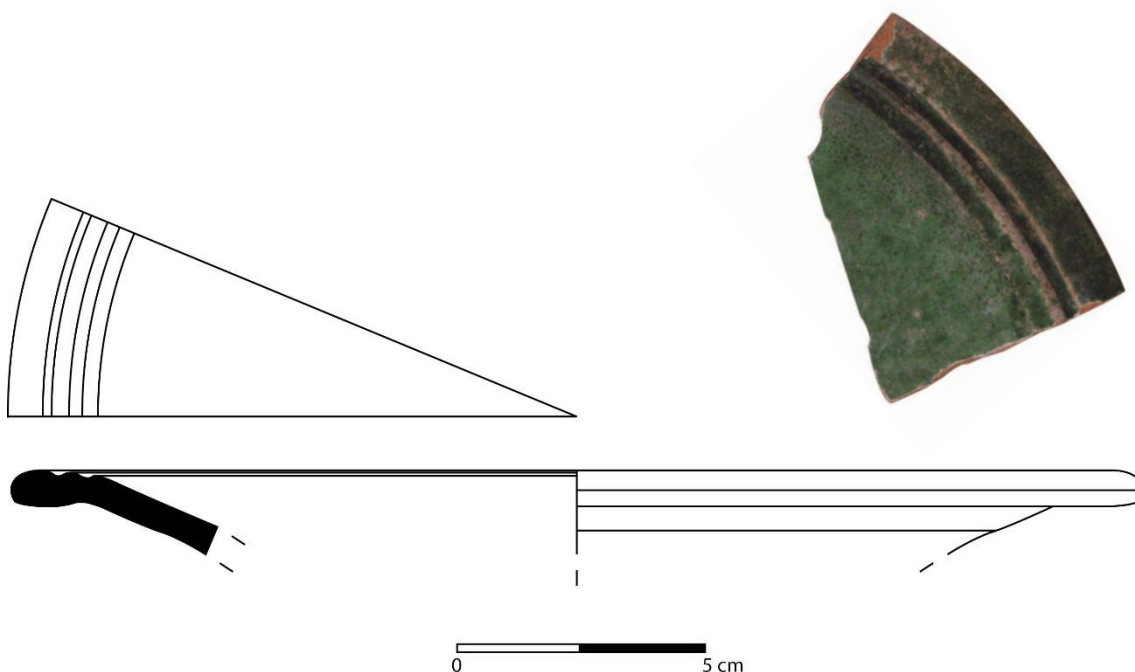


Espessura da parede: 0,4 cm a 0,6 cm. Referência (Grupo de vidrado/Forma/Variante): V8 / III / A.

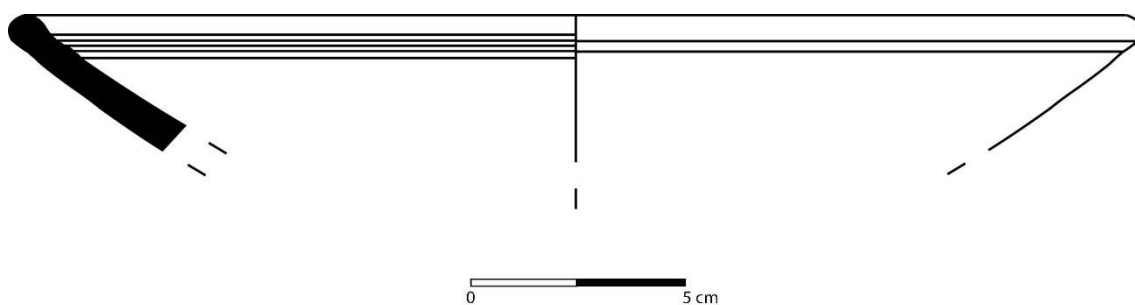
PF00.Q4/5[1194]-0213



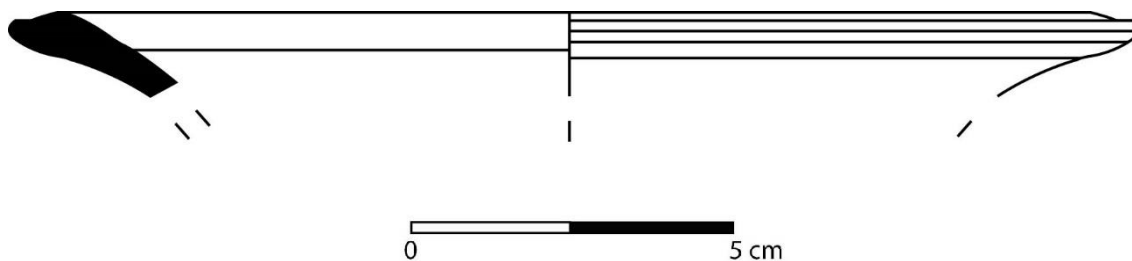
Descrição: Caçoila, variante B. Fragmento de bordo vertical, ligeiramente invertido, de secção semi-circular, assente em corpo de tendência troncocónica decorado por sucessão de caneluras concêntricas de secção triangular. Duas asas torcidas, horizontais e opostas. Superfície interna: vidrado de chumbo amarelo. Superfície externa: parcialmente revestido a vidrado de chumbo verde-escuro, Hue 5 YR 6/6 Orange, com vestígios de aguada sob vidrado. Ø bordo: 23 cm. Ø fundo: 24 cm. Espessura da parede: 0,6 cm. Referência (Grupo de vidrado/Forma/Variante): V8 / III / B.



Descrição: Prato, variante A. Fragmento de bordo exvertido, em aba horizontal ligeiramente espessada, de secção semi-circular, e decorada com duas caneluras concêntricas de secção trapezoidal, assente em corpo de tendência troncocónica. Superfícies interna e externa: vidrado de chumbo verde-escuro. Ø bordo: 22 cm. Espessura da parede: 0,6 cm. Referência (Grupo de vidrado/Forma/Variante): V5 / IV / A.

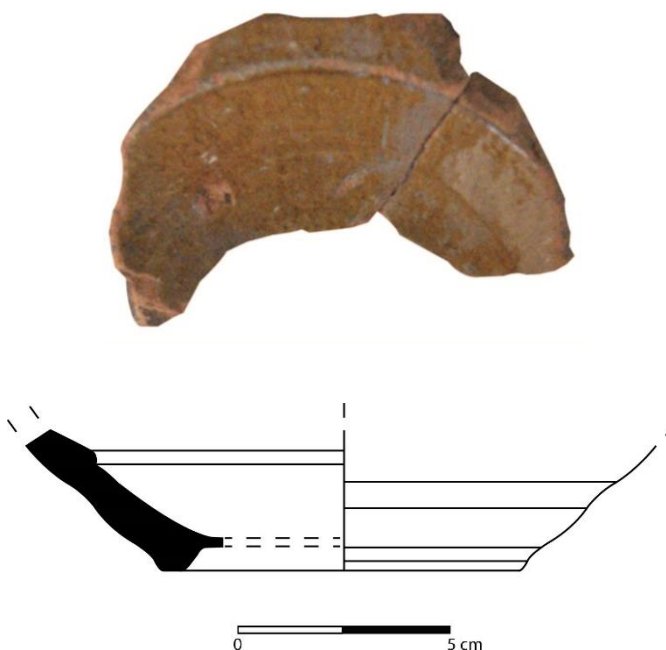


Descrição: Prato, variante B. Fragmento de bordo ligeiramente invertido, de secção semi-circular, assente em corpo de tendência troncocónica. Superfícies interna e externa: vidrado de chumbo verde com “reflexos metálicos”. Ø bordo: 26 cm. Espessura da parede: 0,6 cm a 0,7 cm. Referência (Grupo de vidrado/Forma/Variante): V7 / IV / B.

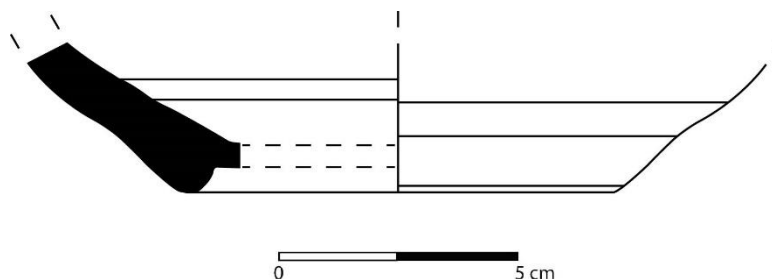


Descrição: Prato, variante C. Fragmento de bordo exvertido, em aba, de secção semi-circular, assente em corpo de tendência troncocónica. Superfícies interna e externa: vidrado de chumbo verde com “reflexos metálicos”. Ø bordo: 16 cm. Espessura da parede: 0,4 cm a 0,5 cm. Referência (Grupo de vidrado/Forma/Variante): V7 / IV / C.

Descrição: Prato, variante D. Fragmento de fundo anelar, de tendência de onfalo, sob corpo de tendência troncocónica com carena destacada no interior da peça. Superfície interna: vidrado de chumbo castanho melado. Superfície externa: Hue 5 YR 6/8. Ø fundo: 8 cm. Espessura da parede: 0,5 cm a 0,8 cm. Referência (Grupo de vidrado/Forma/Variante): V3 / IV / D.

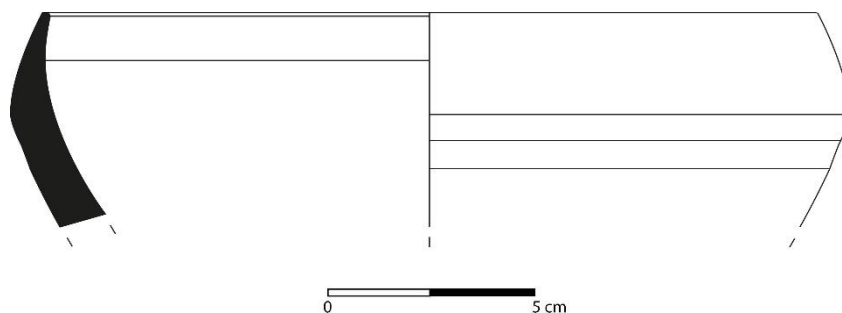


PF00.Q4/5[1194]-0215

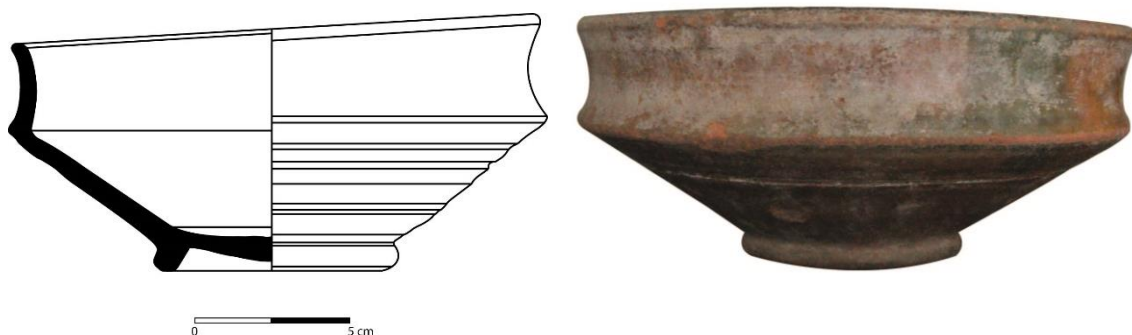


Descrição: Prato, variante *E*. Fragmento de fundo anelar sob corpo de tendência troncocônica. Superfície interna: vidrado de chumbo verde-escuro. Superfície externa: Hue 7.5 YR 7/4 Dull Orange. Ø fundo: 9 cm. Espessura da parede: 0,8 cm. Referência (Grupo de vidrado/Forma/Variante): V5 / IV / E.

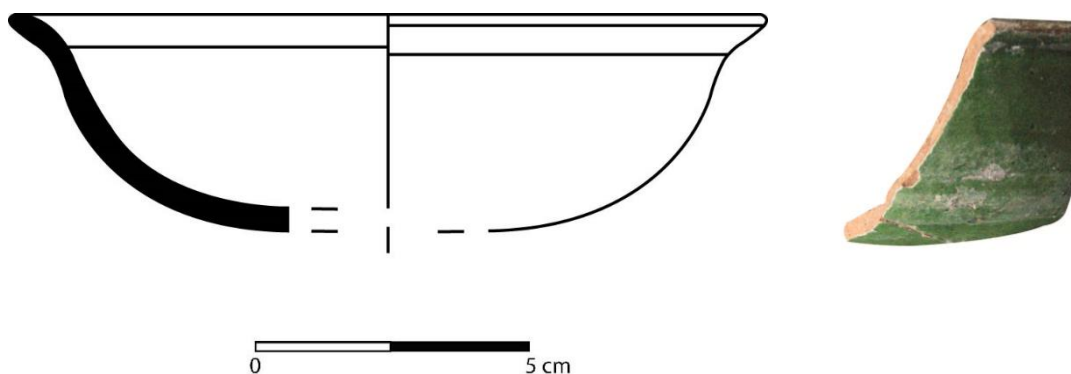
PF00.Q4/5[1194]-0206



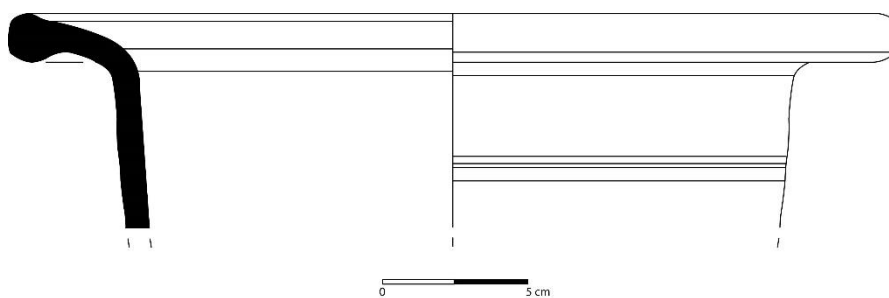
Descrição: Tigela, variante *A*. Fragmento de bordo invertido, de secção semi-circular, com arranque de parede de tendência hemisférica. Superfícies interna e externa: vidrado castanho melado/amarelo. Ø bordo: 15 cm. Espessura da parede: 0,7 cm a 1,3 cm. Referência (Grupo de vidrado/Forma/Variante): V3 / V / A.



Descrição: Tigela, variante *B*. Perfil completo, de bordo vertical, ligeiramente exvertido e de secção semi-circular, assente em colo alto e de perfil côncavo e com carena bem destacada. Corpo de tendência troncocónica sobre fundo anelar. Superfícies interna e externa: vidrado castanho melado/amarelo, ocasionalmente verde-escuro. Altura: 7,4 cm a 8,3 cm. Ø bordo: 17,5 cm. Ø fundo: 7 cm. Espessura da parede: 0,5 cm a 0,7 cm. Referência (Grupo de vidrado/Forma/Variante): V3 / V / B.



Descrição: Tigela, variante *C*. Fragmento de bordo exvertido, de secção semi-circular, com arranque de parede de tendência hemisférica. Superfície interna: vidrado de chumbo amarelo. Superfície externa: vidrado verde. Ø bordo: 14 cm. Espessura da parede: 0,3 cm a 0,5 cm. Referência (Grupo de vidrado/Forma/Variante): V8 / V / C.

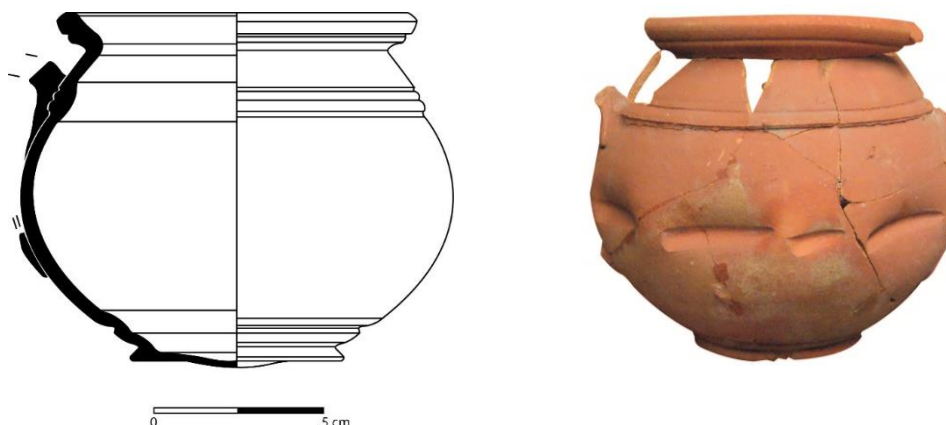


Descrição: Bispote, variante A. Fragmento de bordo exvertido, em aba sub-horizontal, de secção trapezoidal, com arranque de parede de tendência vertical. Superfície interna: vidrado de chumbo castanho melado. Superfície externa: vidrado verde. Ø bordo: 30 cm. Espessura da parede: 0,8 cm a 0,9 cm. Referência (Grupo de vidrado/Forma/Variante): V8 / VI / A.

APÊNDICE G

Segundo Momento

G.V. – A Cerâmica Modelada



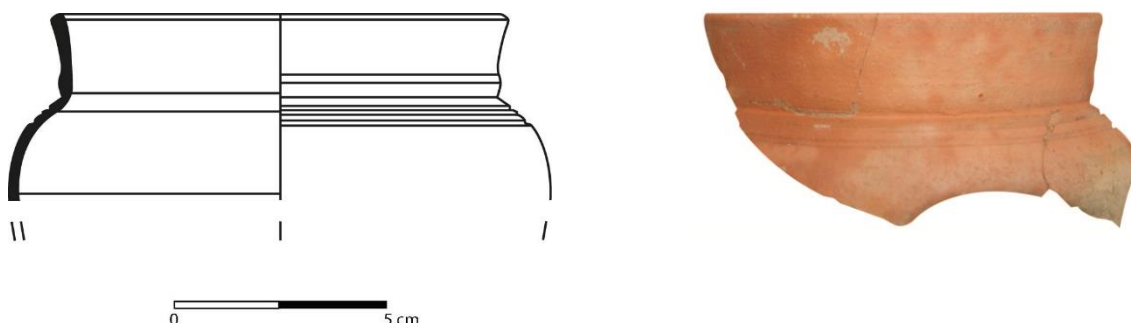
Descrição: Pote, variante A. Perfil completo. Bordo exvertido, boleado, de secção semi-circular, sob corpo hemisférico decorado por uma sucessão de caneluras horizontais concêntricas e depressões alongadas, executadas do exterior para o interior da peça, por instrumento rombo. Fundo convexo e arranque de duas asas ovaladas verticais, opostas. Superfícies interna e externa: Hue 10 R 6/8 Reddish Orange, com acabamento em aguada. Altura: 10,5 cm. Ø bordo: 10 cm. Ø fundo: 6 cm. Espessura da parede: 0,2 cm a 0,3 cm.. Referência (Grupo de fabrico/Forma/Variante): I / I / A.

Descrição: Pote, variante B. Fragmento de fundo concavo sob colo troncocónico e corpo de tendência hemisférica. Decorado com sucessões de caneluras horizontais e concêntricas, de secção semi-circular, contendo



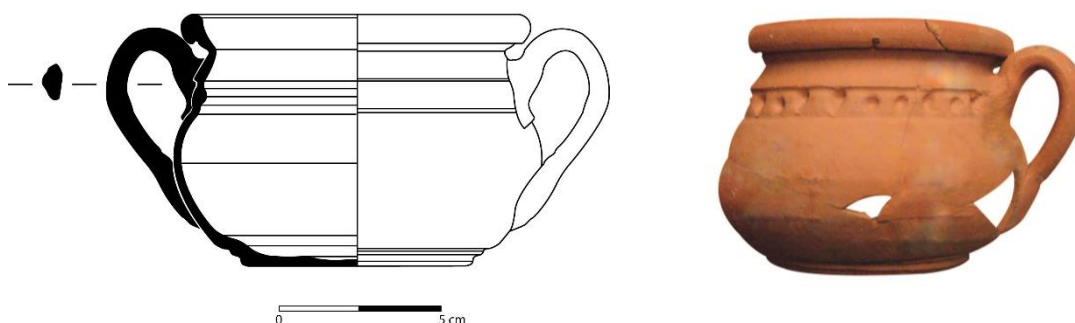
decoreção ovoide incisa, executada do exterior para o interior do objecto. Arranque de uma asa ovalada vertical. Superfície interna: Hue 5 YR 7/4 Dull Orange. Superfície externa: Hue 10 R 6/8 Reddish Orange, com acabamento em aguada. Ø fundo: 5,5 cm. Espessura da parede: 0,3 cm a 0,4 cm.. Referência (Grupo de fabrico/Forma/Variante): III / I / B.

PF00.Q4/5[1194]-0191

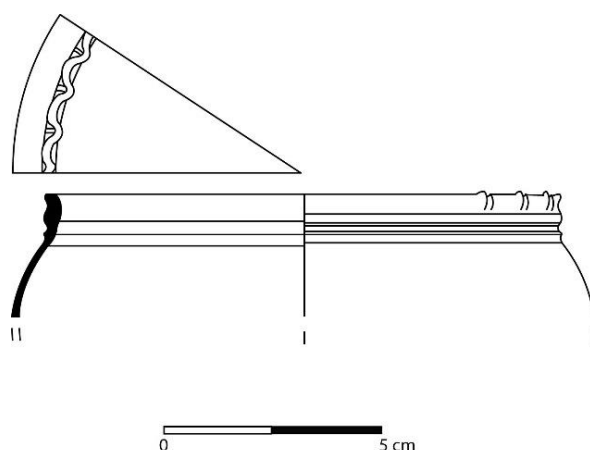


Descrição: Pote, variante C. Fragmento de bordo vertical, ligeiramente exvertido e espessado, ladeado por sucessão de caneluras horizontais concêntricas. Corpo tendencialmente hemisférico. Superfície interna: Hue 7.5 YR 8/3 Light Yellow Orange. Superfície externa: Hue 5 YR 7/3 Dull Orange, com acabamento em aguada. Ø bordo: 10,6 cm. Espessura da parede: 0,2 cm a 0,3 cm. Referência (Grupo de fabrico/Forma/Variante): IV / I / C.

PF00.Q4/5[1194]-0178

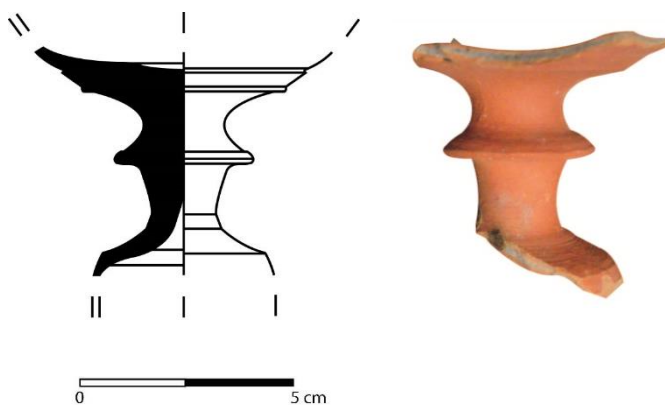


Descrição: Taça, variante A. Perfil completo. Bordo exvertido, boleado, de secção semi-circular, sob corpo hemisférico com decoração ovoide incisa executada do exterior para o interior. Fundo raso e duas asas ovaladas verticais, opostas. Superfícies interna e externa: Hue 5 YR 6/6 Orange, com acabamento em aguada. Altura: 8 cm. Ø bordo: 10 cm. Ø fundo: 6,8 cm. Espessura da parede: 0,2 cm a 0,3 cm.. Referência (Grupo de fabrico/Forma/Variante): I / II / A.



Descrição: Taça, variante *B*. Fragmento de bordo vertical, ligeiramente exvertido e espessado, ladeado por um cordão ondulado e modelado. Corpo tendencialmente hemisférico. Superfícies interna e externa: Hue 5 YR 6/6 Orange, com acabamento em aguada. Ø bordo: 12 cm. Espessura da parede: 0,2 cm. Referência (Grupo de fabrico/Forma/Variante): I / II / B.

Descrição: Taça. Variante *C*. Fragmento de “pé” alto, estreito e vertical, em que o arranque da base registou-se de tendência ligeiramente hemisférica e bem destacada, encimada por um colo estreito decorado por uma acentuada canelura e arranque de



copa de igual tendência globular. Superfícies interna e externa: Hue 10 R 6/8 Reddish Orange, com acabamento em aguada. Espessura da parede: 0,2 cm a 0,3 cm. Referência (Grupo de fabrico/Forma/Variante): III / II / C.

APÊNDICE G

Segundo Momento

G.VI. – A Cerâmica Pintada

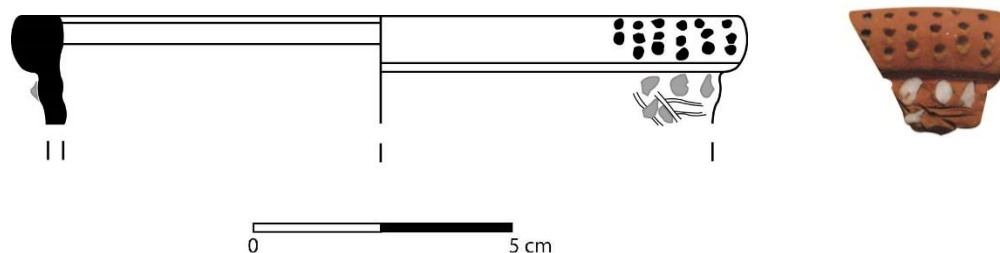
Descrição: Queimador, variante A. Fragmento de fundo, raso, sob corpo troncocónico e arranque de colo hemisférico. Presença de “janela” que se encontra implantada abaixo da zona de estrangulamento da peça. Encimando o objecto, uma grelha rudimentar com vestígios de combustão. Destaca-se pela decoração composta por linhas brancas verticais em toda a superfície exterior. Superfícies interna e externa: Hue 5 YR 7/4 Dull Orange, com acabamento em aguada. Ø fundo: 4,5 cm. Espessura da parede: 0,2 cm a 0,5 cm. Referência (Grupo de fabrico/Forma/Variante): IV / I / A.



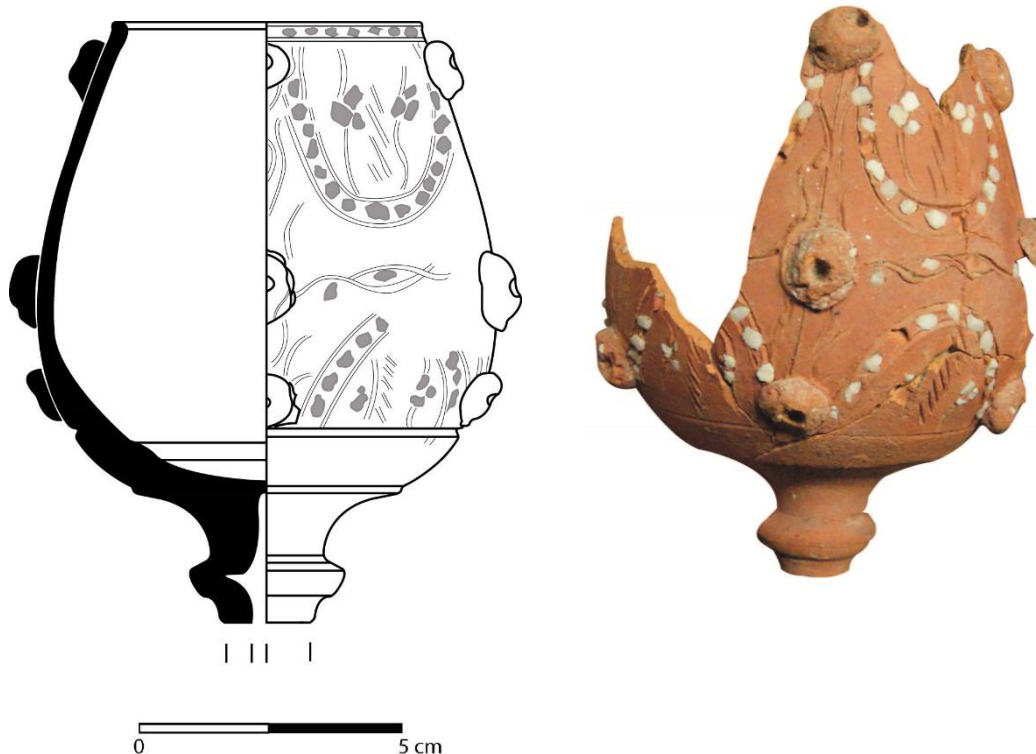
APÊNDICE G

Segundo Momento

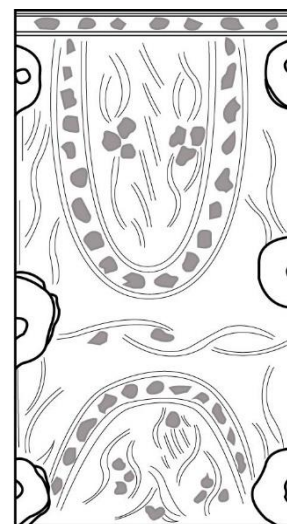
G.VII. – A Cerâmica “Pedrada”



Descrição: Pote, variante A. Fragmento de bordo exvertido, de secção trapezoidal, contendo decoração composta por três bandas horizontais de incisões ovoides, seguindo-se uma com três elementos pétreos (calcário ou quartzo) e, posteriormente, duas linhas incisadas sugerido o início de uma prancha de elementos idênticos já no colo vertical da peça. Superfície interna: Hue 5 YR 6/6 Orange. Superfície externa: Hue 5 YR 6/8 Orange. Ø bordo: 14 cm. Espessura da parede: 0,3 cm. Referência (Grupo de fabrico/Forma/Variante): III / I / A.



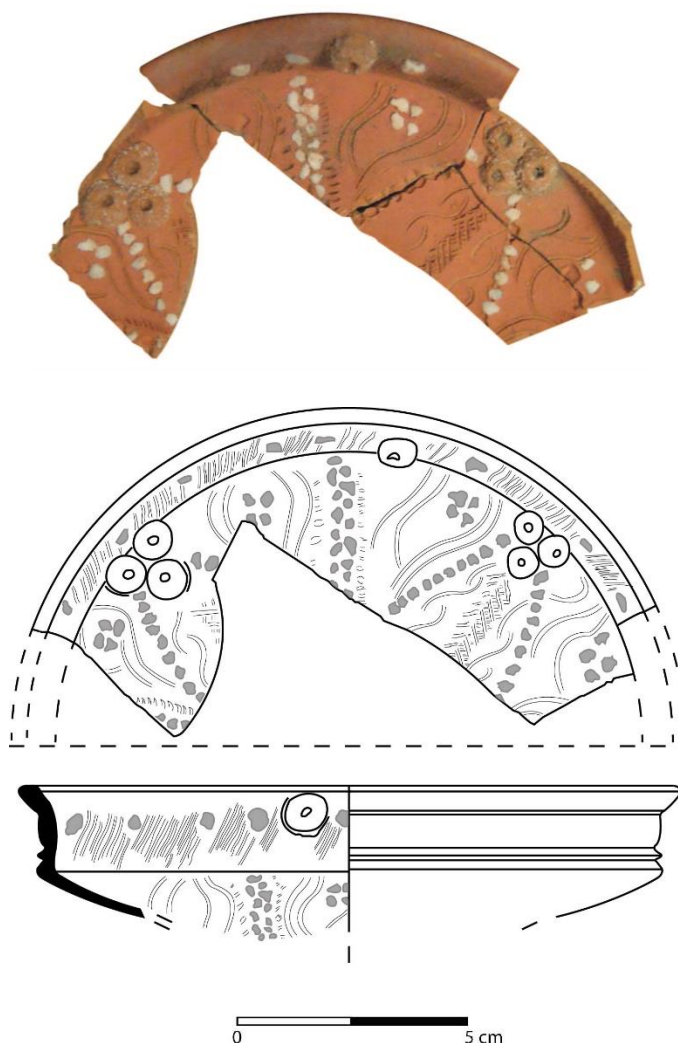
Descrição: Copo, variante A. Fragmento de bordo invertido, de secção semi-circular contendo decoração composta por uma banda horizontal de elementos, sob a qual se desenvolve o corpo hemisférico com três bandas verticais, cada uma formada por três pequenos apliques globulares com punção mesial. Apresenta igualmente duas cartelas constituídas por duas linhas incisadas preenchidas por elementos pétreos de igual média dimensão fechando, no seu interior, motivos incisados serpenteantes e grupos de incrustações. Temáticas serpenteantes atribuindo, no geral, um aspecto naturalista e temática de inspiração “marítima”. Pé alto e estreito,



0 5 cm

com uma canelura concêntrica destacada de secção trapezoidal. Superfície interna: Hue 5 YR 6/6 Orange. Superfície externa: Hue 5 YR 6/8 Orange. Ø bordo: 6 cm. Espessura da parede: 0,2 cm a 0,3 cm. Referência (Grupo de fabrico/Forma/Variante): III / II / A.

Descrição: Prato, variante A. Fragmento de bordo vertical, ligeiramente espessado e exvertido, assente em corpo aberto e troncocónico. A aba exhibe grupos de motivos incisos horizontais, agrupados de oito a doze linhas, intercalados com elementos de natureza pétreia de média dimensão. Presença de aplique globular com incisão ao centro. No fundo da peça, estão presentes motivos incisos reticulados e serpenteantes, interrompidos por bandas elaboradas por uma ou duas fiadas de elementos calcários/quartzitos e dois grupos de três pequenos apliques globulares. Superfícies interna e externa: Hue 5 YR 6/8 Orange. Ø bordo: 14 cm. Espessura da parede: 0,3 cm a 0,6 cm. Referência (Grupo de fabrico/Forma/Variante): III / III / A



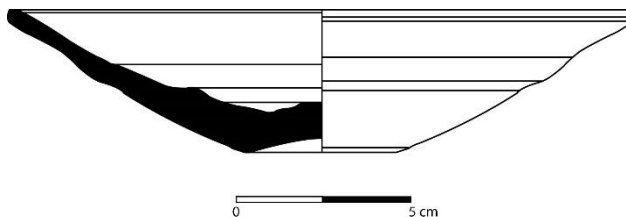
APÊNDICE G

Segundo Momento

G.VIII. – A Cerâmica Esmaltada

PF00.Q4/5[1194]-0232

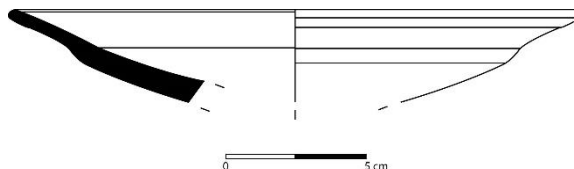
Descrição: Prato, variante A. Perfil completo. Forma aberta, de bordo exvertido, espessado, de secção semi-circular sobre corpo de tendência



truncocónica e fundo em onfalo. Superfícies interna e externa: revestimento estanífero. Altura: 4,1 cm. Ø bordo: 18 cm. Ø fundo: 4,5 cm. Espessura da parede: 0,3 cm a 1,3 cm. Referência (Grupo de fabrico/Forma/Variante): IX / I / A.

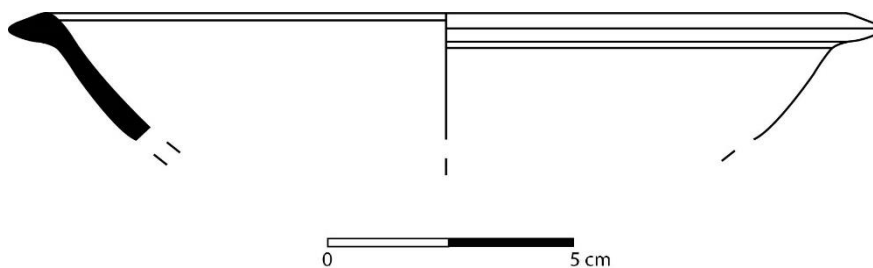
PF00.Q4/5[1194]-0236

Descrição: Prato, variante B. Fragmento de bordo exvertido, espessado, de secção semi-circular assente em corpo aberto e truncocónico. Superfície interna: revestimento estanífero, com duas linhas concêntricas a azul, no bordo e próximo do fundo. Superfície externa: revestimento estanífero. Ø bordo: 22 cm. Espessura da parede: 0,4 cm a 0,7 cm.



Referência (Grupo de fabrico/Forma/Variante): IX / I / B.

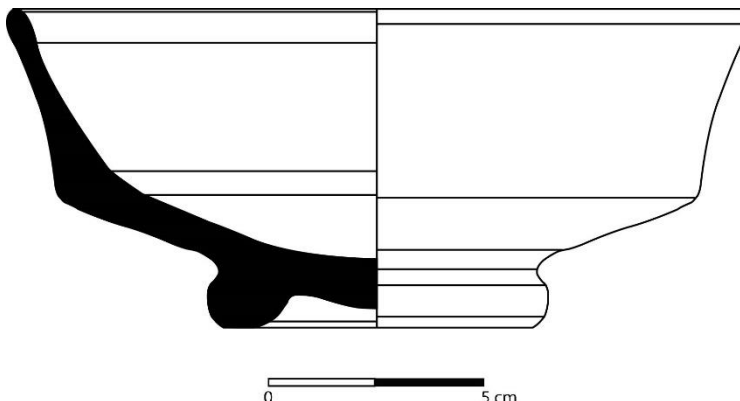
PF00.Q4/5[1194]-0261



Descrição: Prato, variante C. Fragmento de bordo exvertido, em aba espessada, de secção triangular assente em corpo aberto e hemisférico. Superfícies interna e externa: revestimento estanífero. Ø bordo: 16 cm. Espessura da parede: 0,4 cm. Referência (Grupo de fabrico/Forma/Variante): XI / I / C.

PF00.Q4/5[1194]-0248

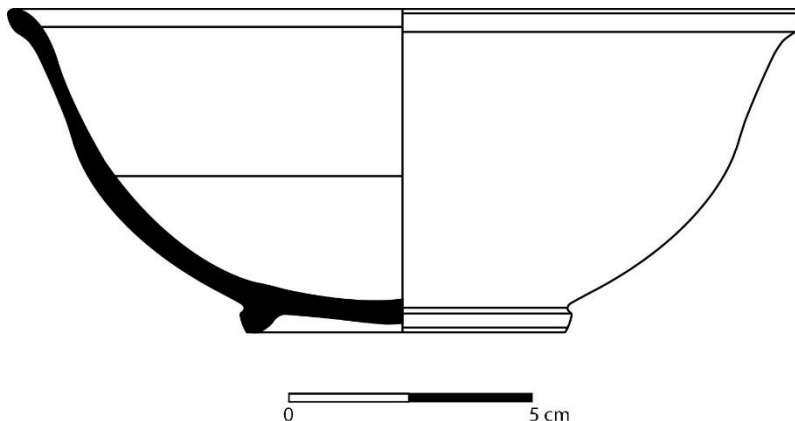
Descrição: Tigela, variante A. Perfil completo. Forma aberta, de bordo exvertido, ligeiramente espessado assente em corpo troncocónico de carena bem destacada e fundo anelar. Superfícies interna e



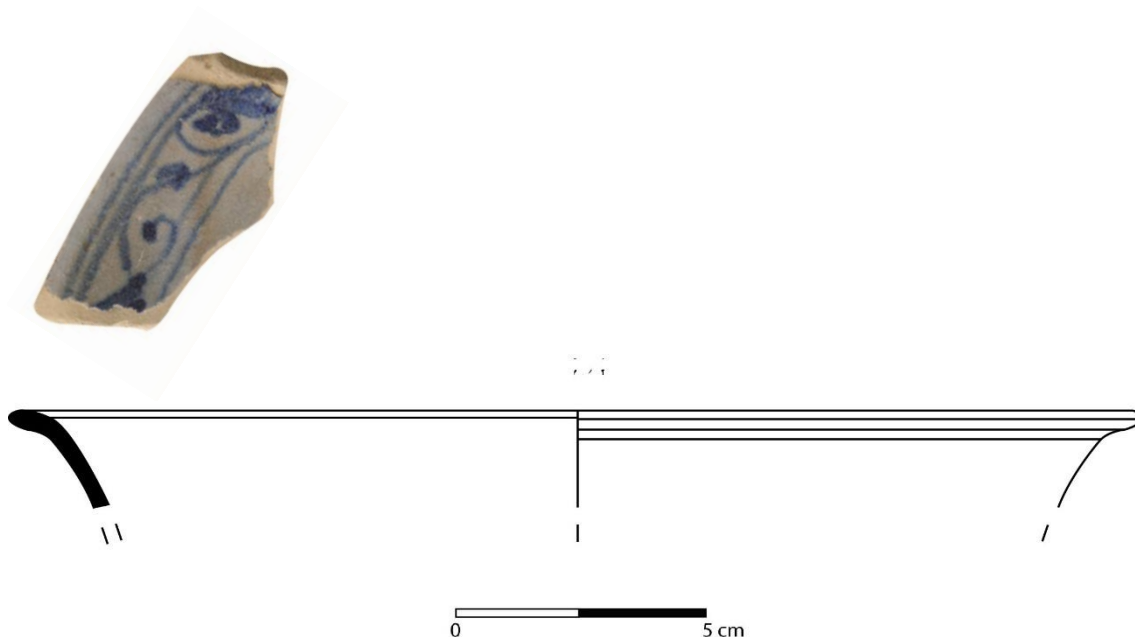
externa: revestimento estanífero. Altura: 7,5 cm. Ø bordo: 18 cm. Ø fundo: 7,2 cm. Espessura da parede: 0,3 cm a 0,8 cm. Referência (Grupo de fabrico/Forma/Variante): IX / II / A.

PF00.Q4/5[1194]-0262

Descrição: Tigela, variante B. Perfil completo. Forma aberta, de bordo exvertido, ligeiramente espessado assente em corpo hemisférico e fundo anelar. Superfícies interna

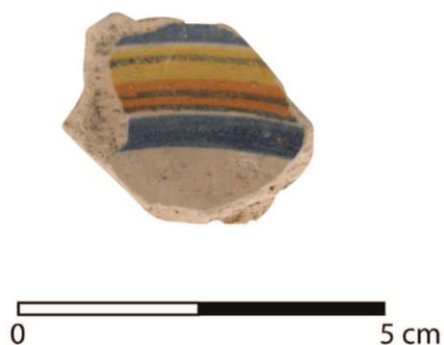


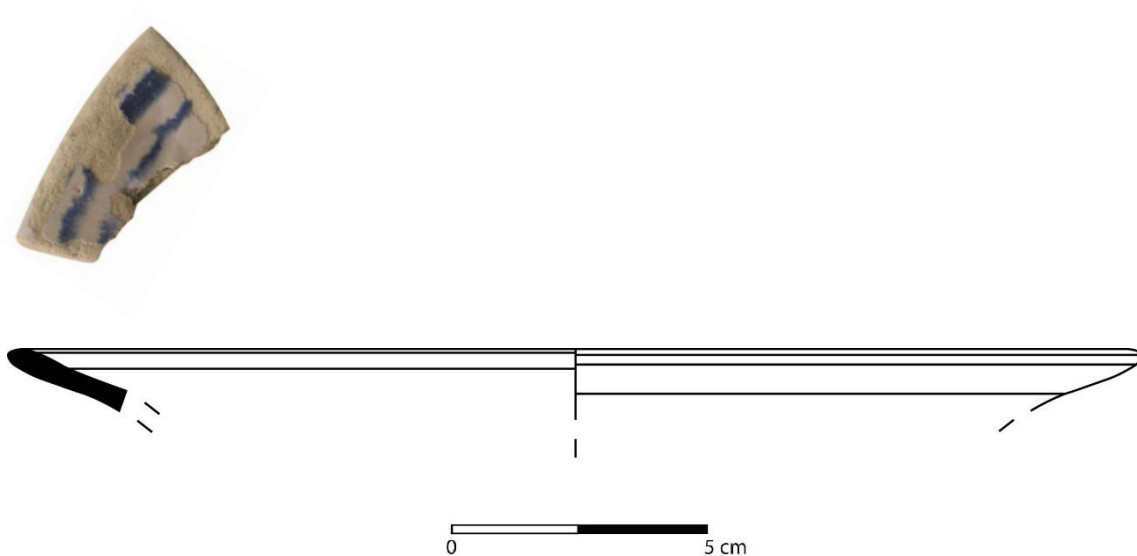
e externa: revestimento estanífero. Altura: 6,5 cm. Ø bordo: 18 cm. Ø fundo: 6,5 cm. Espessura da parede: 0,7 cm. Referência (Grupo de fabrico/Forma/Variante): IX / II / B.



Descrição: Prato, variante *B*. Fragmento de bordo exvertido, em aba, de secção semi-circular assente em corpo aberto e hemisférico. Superfícies interna: revestimento estanífero contendo dois pares de listas concêntricas azuis e entre estas motivos vegetalistas estilizados de igual tom. Superfície externa: revestimento estanífero. Ø bordo: 27 cm. Espessura da parede: 0,3 cm. Referência (Grupo de fabrico/Forma/Variante): XIV / I / B.

Descrição: Forma indeterminada. Fragmento de parede. Superfície interna: revestimento estanífero contendo listas concêntricas a azul, amarelo, laranja e manganês, integrante da temática *spiral arancio*. Superfície externa: revestimento estanífero. Espessura da parede: 0,4 cm. Referência (Grupo de fabrico): XVI.



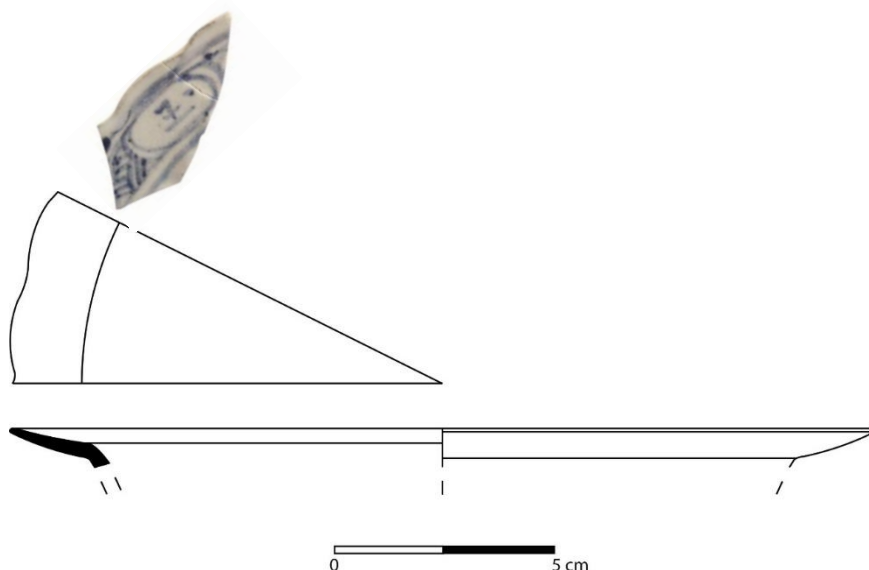


Descrição: Prato. Fragmento de bordo exvertido, em aba, ligeiramente espessado, de secção semi-circular assente em corpo aberto e hemisférico. Superfície interna: revestimento estanífero contendo duas listas concêntricas a azul. Superfície externa: revestimento estanífero. Ø bordo: 22 cm. Espessura da parede: 0,5 cm. Referência (Grupo de fabrico/Forma): XV / I.

APÊNDICE G

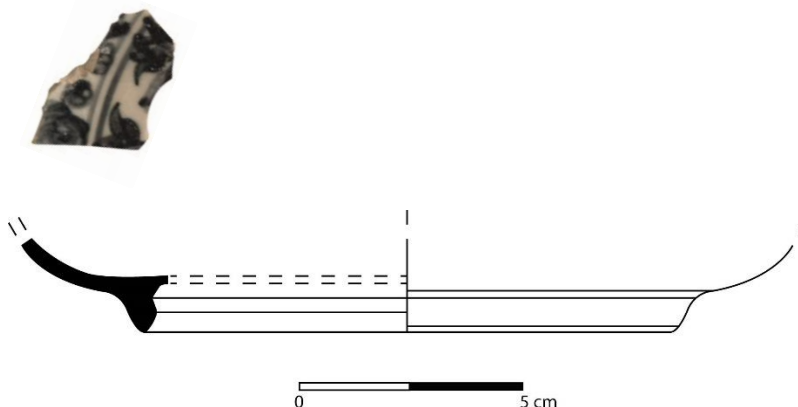
Segundo Momento

G.IX. – A Porcelana Chinesa



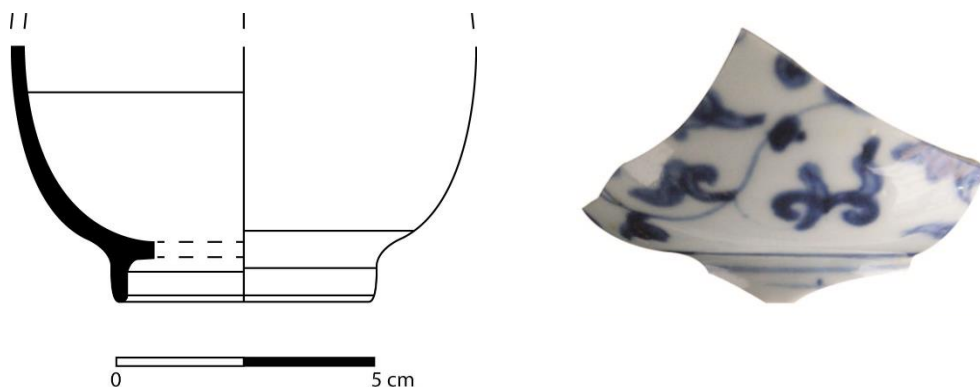
Descrição: Prato, variante A. Fragmento de bordo exvertido e modelado, em aba sub-horizontal, de secção semi-circular assente em corpo aberto e hemisférico. Superfície interna: Revestimento estanífero, com temática decorativa composta por sucessões de linhas, traços geométricos e fitomórficos simples a azul, incluindo um caracter, “Jade” inserido numa cartela. Superfície externa: Revestimento estanífero, com motivos geométricos e fitomórficos simples em azul, inseridos em duas linhas concêntricas. Ø bordo: 12 cm. Espessura da parede: 0,2 cm. Referência (Grupo decorativo/Forma/Variante): P1 / I / A.

Descrição: Prato, variante B. Fragmento de fundo anelar, alto, com arranque de parede hemisférica. Superfícies interna e externa: revestimento estanífero, contendo duas linhas



concêntricas ladeadas por motivos vegetalistas e florais em azul-escuro. Ø fundo: 12 cm. Espessura da parede: 0,3 cm. Referência (Grupo decorativo/Forma/Variante): P4 / I / B.

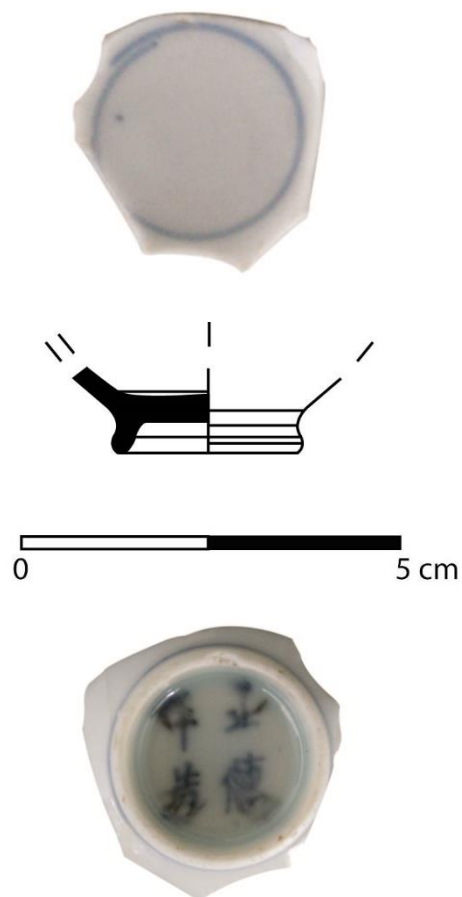
PF00.Q4/5[1194]-0263



Descrição: Tigela, variante A. Fragmento de fundo anelar, alto, com arranque de parede hemisférica. Superfícies interna e externa: revestimento estanífero, contendo motivos vegetalistas e florais em azul. Ø fundo: 5 cm. Espessura da parede: 0,3 cm. Referência (Grupo decorativo/Forma/Variante): P2 / II / A.

PF00.Q4/5[1194]-0266

Descrição: Tigela, variante B. Fragmento de fundo anelar, baixo, com arranque de parede hemisférica. Superfície interna: revestimento estanífero, com uma linha azul concêntrica. Superfície externa: revestimento estanífero, contendo caracteres/marca. Ø fundo: 2,5 cm. Espessura da parede: 0,1 cm. Referência (Grupo decorativo/Forma/Variante): P3 / II / B.



APÊNDICE G
Segundo Momento

G.X. – Stoneware



Descrição: Garrafa (?). Fragmento de parede de corpo hemisférico. Superfície interna: revestimento em vidrado de sal, Hue 7.5 Y 7/1 Light Gray. Superfície externa: revestimento em vidrado de sal, Hue 7.5 Y 7/1 Light Gray, com decoração de Folha de Palma em relevo. Espessura da parede: 0,4cm. Referência (Grupo decorativo/Forma): XIX / I.

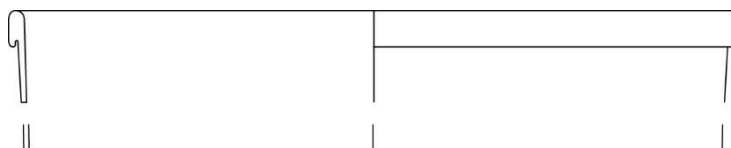


Descrição: Garrafa (?). Fragmento de parede de corpo hemisférico. Superfície interna: revestimento em vidrado de sal, Hue 7.5 Y 7/1 Light Gray. Superfície externa: revestimento em vidrado de sal, Hue 7.5 Y 7/1 Light Gray, com corda/ramagem de vinha (?) em relevo. Espessura da parede: 0,4cm. Referência (Grupo decorativo/Forma): XIX / I.

APÊNDICE G
Segundo Momento

G.XI. – Vidro

PF00.Q4/5[1194]-0270

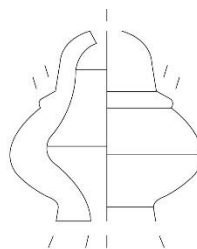


Descrição: Frasco, variante A. Fragmento de bordo vertical, espessado, de secção trapezoidal, assente em colo cilíndrico. Superfície interna e externa: translucido verde. Ø bordo: 10 cm. Espessura da parede: 0,1 cm. Referência (Grupo vítreo/Forma/Variante): Vid.1 / I / A.

PF00.Q4/5[1194]-0269

Descrição: Cálice, variante A.

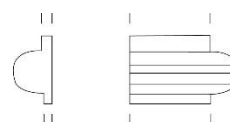
Fragmento de nó/botão, espessado, hemisférico, de secção semi-circular, com arranque da copa. Superfície interna e externa: translucido verde. Espessura da parede: 0,1 cm a 0,3 cm. Referência

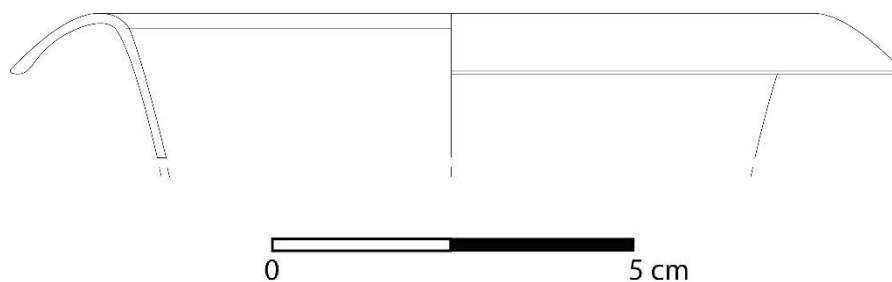


(Grupo vítreo/Forma/Variante): Vid.1 / II / A.

PF00.Q4/5[1194]-0273

Descrição: Cálice, variante B. Fragmento de nó/botão, espessado, cilíndrico, de secção semi-circular, com arranque da copa. Superfície interna e externa: translucido verde. Espessura da parede: 0,1 cm a 0,2 cm. Referência (Grupo vítreo/Forma/Variante): Vid.1 / II / B





S. Cosme e S. Damião, patronos da medicina, em que o primeiro observa a urina de um doente num urinol. Miniatura das *Grandes Heures d'Anne de Bretagne*, de Jean Bourdichon. Início do século XVI (Biblioteca Nacional, Paris) (Sousa, 2013, p.160) (Adaptado).

Descrição: Urinol, variante A. Fragmento de bordo exvertido, em aba pendente e ligeiramente espessado, de secção semi-circular, com arranque de colo alto e estreito. Superfície interna e externa: translucido cinzento. Ø bordo: 10 cm. Espessura da parede: 0,1 cm. Referência (Grupo vítreo/Forma/Variante): Vid.2 / III / A.



Descrição: Peça de artesanato (?). Fragmento de objeto cilíndrico, pequeno e estreito tubo ou vara de secção circular. Superfícies interna e externa: tonalidade azulada/esverdeada, baça. Comprimento: 2,9 cm. Espessura total: 0,6 cm. Espessura da parede: 0,1 cm a 0,2 cm. Referência (Grupo vítreo/Forma/Variante): Vid.5 / IV / A.

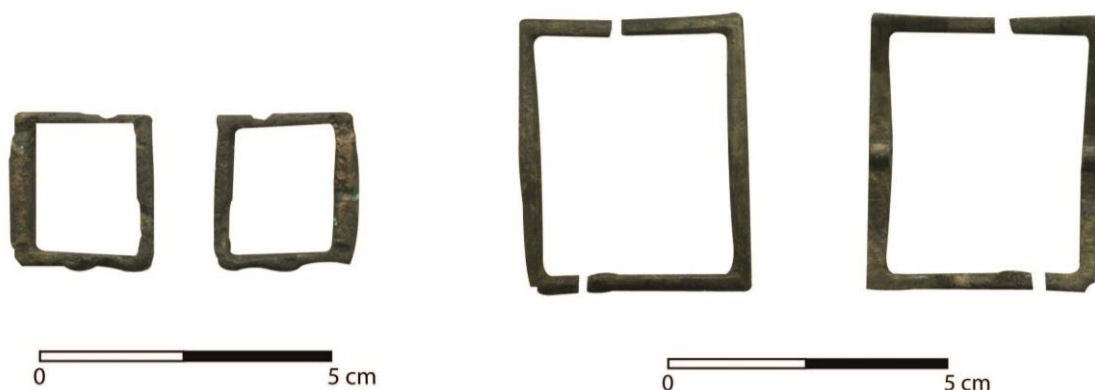
APÊNDICE H

Outros Objectos



Descrição: Botão, em osso/marfim. Objeto cilíndrico, convexo, com rebordo exterior, destacado. Dimensões: Rebordo na face exterior. 1,7 cm de diâmetro e 0,1 cm de espessura, e quatro furos equidistantes.

Descrição: Botão, em osso/marfim. Objeto cilíndrico, convexo, com rebordo exterior, destacado. Dimensões: Rebordo na face exterior. 1,5 cm de diâmetro e 0,1 cm de espessura, e quatro furos equidistantes.



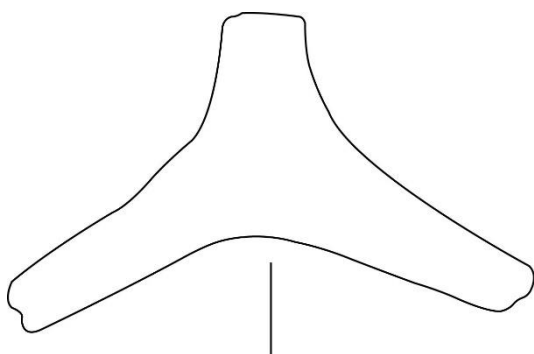
Descrição: Fivela de talabarte (?), em cobre. Morfologia trapezoidal. Comprimento: 2,6 cm. Largura: 2,5. Espessura: 0,1 cm a 0,3 cm.

Descrição: Fivela de sapato (?), em cobre. Morfologia convexa: Comprimento: 4,9 cm. Largura: 3,9 cm. Espessura: 0,2 cm a 0,4 cm.



Descrição: Sola de sapato raso, em couro, de ponta arredondada. Destaque para as perfurações de delimitam a sola onde encaixaria o restante corpo têxtil do calçado. Espessura: 0,3 cm a 0,5 cm.

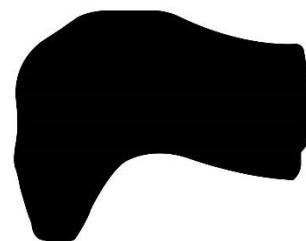
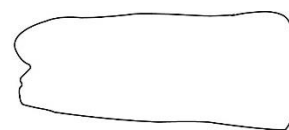
Fumadores, de Joos Van Craesbeeck, c. 1650. (Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa) (Adaptado).



134



Descrição: Trempe, de coloração bege, de três hastes e baixas. Espessura máxima: 2,2 cm. Espessura mínima: 1,2 cm.



Descrição: Trempe, fração de uma hasta alta, de tonalidade cinzenta. Vestígios de vidrado de chumbo verde na zona superior de apoio. Espessura máxima: 3 cm. Espessura mínima: 1,5 cm.

PF00.Q4/5[1194]-0277

Descrição: Cabo cilíndrico, fragmento de composição de tear (?), em osso/marfim, de tonalidade bege. Comprimento: 6,5 cm. Espessura: 2,1 cm a 1,5 cm nas extremidades. Oco, com dois orifícios circulares com 1,2 cm de diâmetro.



PF00.Q4/5[1194]-0278



Descrição: Colher, em liga de cobre. Concha ovalada, convexa e pouco profunda, de 0,1 cm de espessura e 4 cm de largura máxima conservada. Cabo retilíneo, de secção trapezoidal e ligeiramente plano/horizontal, com 7,5 cm de comprimento e 0,3 cm a 0,4 cm de espessura. Extremidade globular e com 0,5 cm de espessura.

APÊNDICE I

Fauna

U.E.	Descrição sumária	Pesagem
1113/1115	<p>Maior diversidade. Fragmentos de osso de suíno, aves e bovívdeo adultos. Presença de marcas de corte.</p> <p>Um fragmento de costela de ovicaprino jovem.</p> <p>Fauna malacológica.</p>	1 238 g
1113	Fragmentos de osso de ovicaprinos e aves adultos. Fragmentos de osso de suíno e bovívdeo com marcas de corte.	476 g
1115	Fragmentos de ossos de bovívdeo com marcas de cortes. Fragmentos de osso de ovicaprino, aves e leporívdeo.	663 g
1167	Fragmentos de osso de ovicaprino e bovívdeo jovens e com marcas de corte.	384 g
1194	Sem registos.	

Tabela 8: Descrição sumária do conjunto faunístico exumado nas distintas U.E.'s do Poço SE, com respectiva pesagem.

APÊNDICE J

Interpretação dos Dados

APÊNDICE J

Interpretação dos Dados

J.I. – Panorâmicas e Iconografias de Lisboa e do Hospital Real de Todos-os-Santos

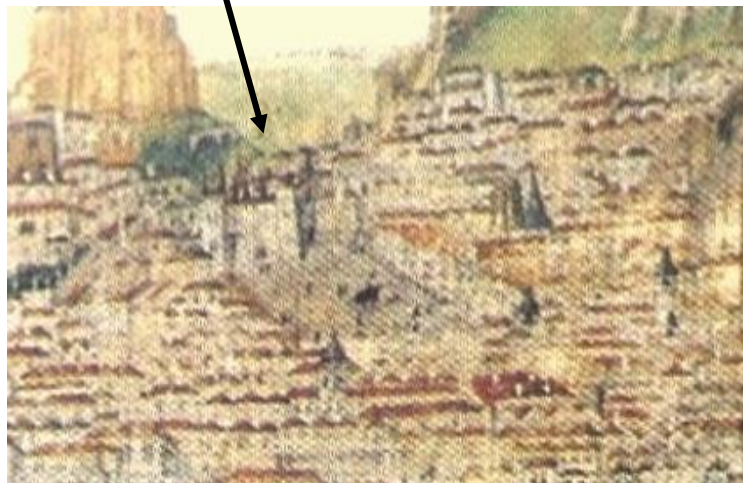
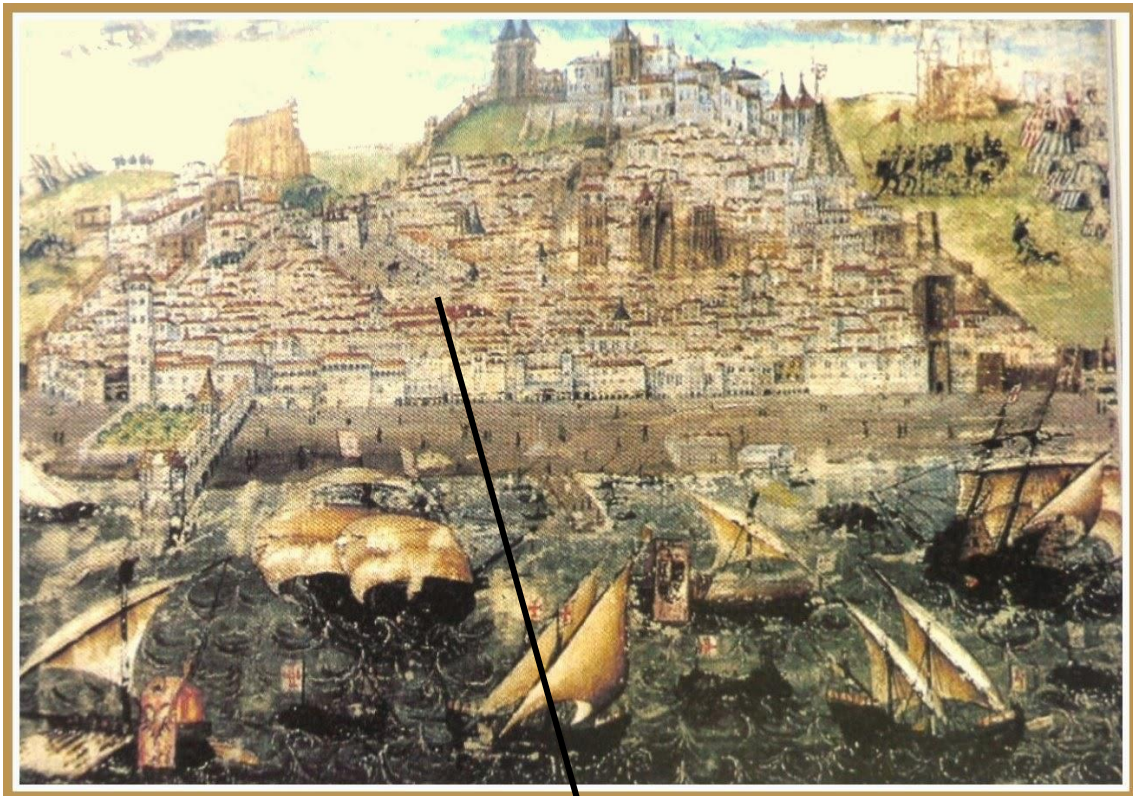


Fig. 36: Vista do Rossio e do Hospital Real de Todos-os-Santos. Pormenor da iluminura da representação de Lisboa, Crónica de D. Afonso Henriques, Duarte Galvão, c. 1520. António de Holanda (Adaptada). Disponível em <http://lisboario200anos.cm-lisboa.pt> (consultado em Setembro de 2015).

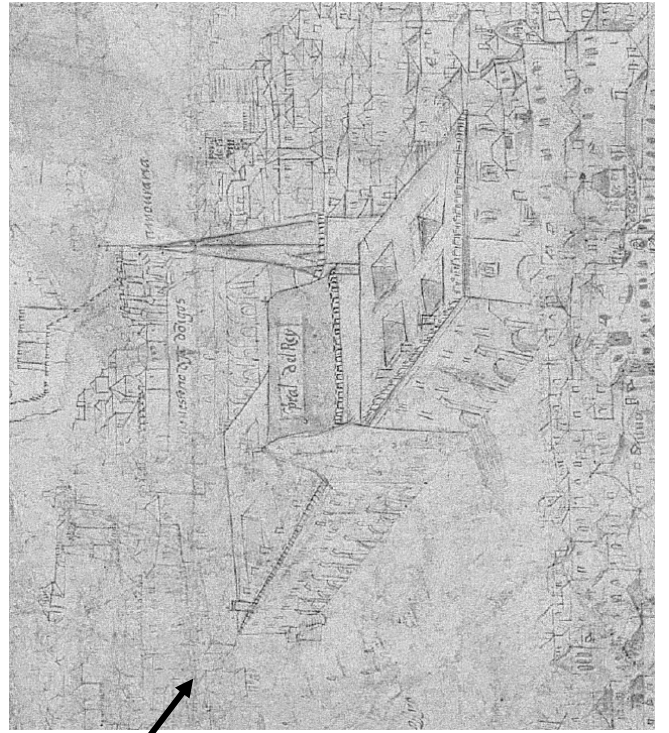
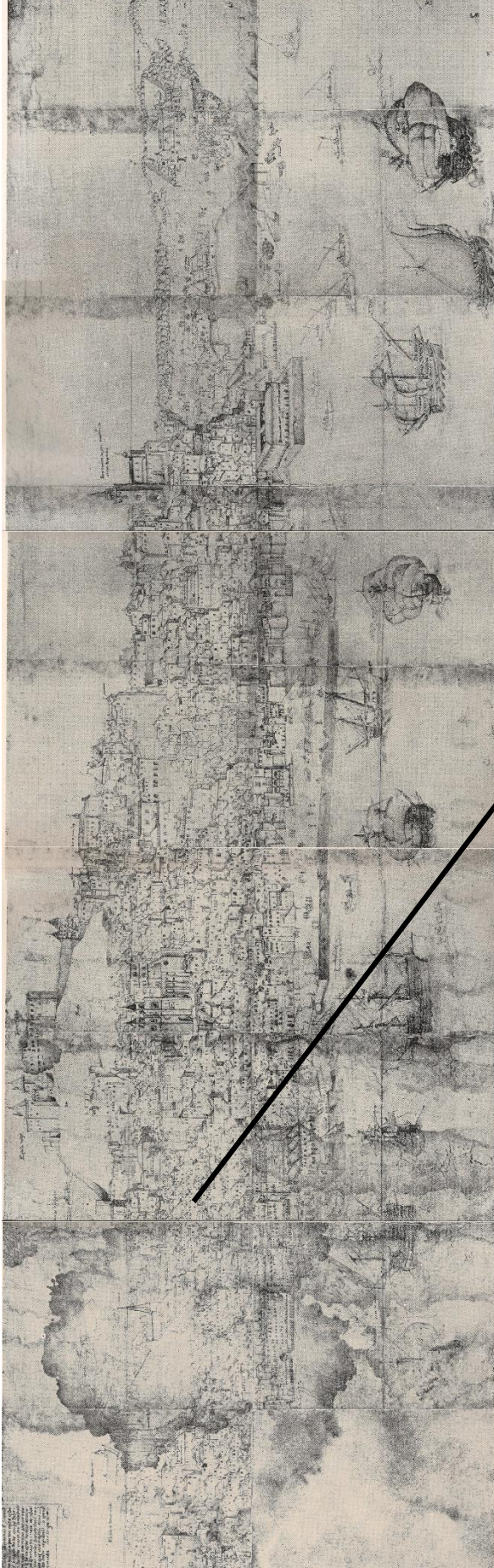


Fig.37: Panorâmica de Lisboa. Anónimo. C. 1570. Biblioteca da Universidade de Leyde (Moita, 1993, p.56) (Adaptado).

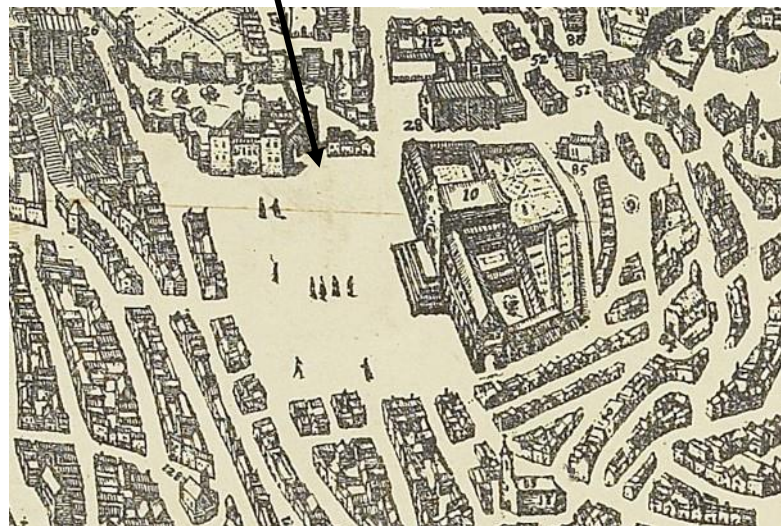
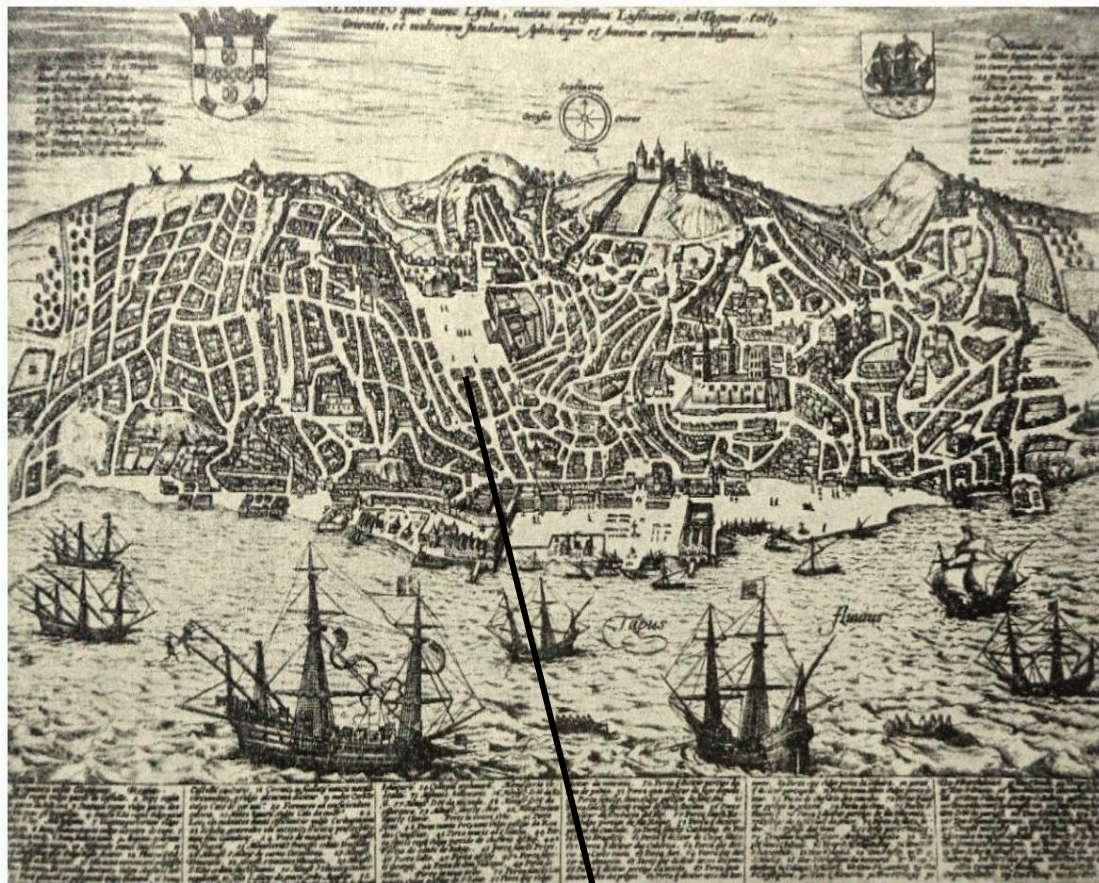


Fig.38: Vista em perspetiva de Lisboa, Geoger Braunio, *Civitates orbis terrarum*, 1597. Lisboa, Museu da Cidade (Moita, 1993, p.56) (Adaptado).

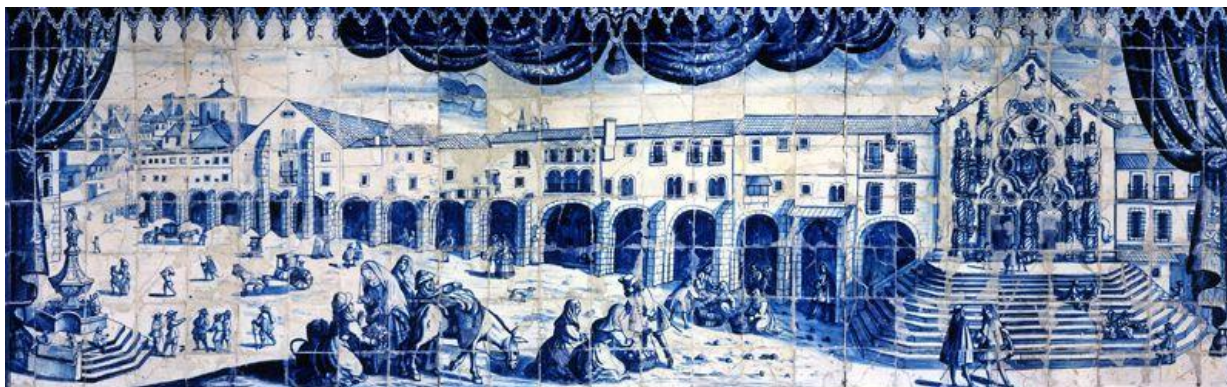


Fig.39: O Rossio e o Hospital Real de Todos-os-Santos. Primeira metade do século XVIII. Painel de Azulejos, reprodução. Lisboa, Museu da Cidade (Moita, 1993, p.56).



Fig.40: Vista do Rossio e do Hospital Real de Todos-os-Santos, com a colina do Castelo de S. Jorge em terceiro plano, pré-terramoto de 1755. Anónimo, de inspiração na obra de Zuzarte, de 1787. (Moita, 1993, p.58).

APÊNDICE J

Interpretação dos Dados

J.II – Segundo Momento

[1194]	Frag.	%	NMI
C.COMUM	2027	60	123
C.FINA	896	26,48	177
C.MODELADA	150	4,43	43
C.PINTADA	2	0,05	2
C.PEDRADA	5	0,14	4
C.VIDRADA	96	2,83	34
PORCELANA	11	0,3	4
STONEWARE	2	0,05	1
VIDRO	34	1	5
C.ESMALTADA	160	4,72	37
TOTAL	3383	100	432

Tabela 9: Distribuição do espólio do segundo momento, U.E. [1194] por categoria cerâmica, fragmento (MNI) e respectiva percentagem e por NMI.

Funcionalidade	[1194] - NMI
Armazenamento	100
Ingestão de Líquidos	170
Confeção de Alimentos	110
Contentor de Fogo	10
Consumo de Alimentos	34
Iluminação	1
Objetos Lúdicos	2
Objetos de Higiene/Sanitários	2
Objetos de Medicina/Hospitalar	1
Artesanato	1
TOTAL	432

Tabela 10: Distribuição dos NMI do segundo momento, U.E. [1194] por grupos funcionais.

Funcionalidade	[1194] - %
Armazenamento	23,20%
Ingestão de Líquidos	39,44%
Confeção de Alimentos	25,55%
Contentor de Fogo	2,32%
Consumo de Alimentos	7,88%
Iluminação	0,23%
Objetos Lúdicos	0,46%
Objetos de Higiene/Sanitários	0,46%
Objetos de Medicina/Hospitalar	0,23%
Artesanato	0,23%
TOTAL	100

Tabela 11: Distribuição dos NMI em percentagens do segundo momento, U.E. [1194] por grupos funcionais

Cerâmica Comum	Bilha	Cantaro	Pote
Armazenamento	6	29	1
Ingestão de Líquidos	Garrafa 6	Almotolia 1	
Confecção de Alimentos	Caçoila 3	Tacho 12	Pancla 38
Contentor de Fogo	Fogareiro 8		Bacia 4
Consumo de Alimentos	Prato/Tampa 7	Tigela 6	
Iluminação			
Objectos Lúdicos	Peça de Jogo 2		
Objectos de Higiene/Sanitários			
Objectos de Medicina/Hospitalares			
Mobiliário			
Artesanato			
TOTAL		123	

Cerâmica Vidrada		
Armazenamento		
Ingestão de Líquidos	Almotolia 1	
Confecção de Alimentos	Bacia 9	Caçoila 2
Contentor de Fogo		
Consumo de Alimentos	Prato 11	Tigela 9
Iluminação		
Objectos Lúdicos		
Objectos de Higiene/Sanitários	Bispete 2	
Objectos de Medicina/Hospitalares		
Mobiliário		
Artesanato		
TOTAL		34

Cerâmica Fina	Pote	Testos	Tampas
Armazenamento	18	25	11
Ingestão de Líquidos	Púcaro 118	Caneça 2	Garrafa 1
Confecção de Alimentos			
Contentor de Fogo			
Consumo de Alimentos	Prato 1		
Iluminação	Candélabro 1		
Objectos Lúdicos			
Objectos de Higiene/Sanitários			
Objectos de Medicina/Hospitalares			
Mobiliário			
Artesanato			
TOTAL	177		

Cerâmica Pintada		
Armazenamento		
Ingestão de Líquidos		
Confecção de Alimentos		
Contentor de Fogo	Fogareiro 2	
Consumo de Alimentos		
Iluminação		
Objectos Lúdicos		
Objectos de Higiene/Sanitários		
Objectos de Medicina/Hospitalares		
Mobiliário		
Artesanato		
TOTAL		2

Cerâmica Pedrada		
Armazenamento		Pote 1
Ingestão de Líquidos		Copo 2
Confecção de Alimentos		Prato 1
Contentor de Fogo		
Consumo de Alimentos		
Iluminação		
Objectos Lúdicos		
Objectos de Higiene/Sanitários		
Objectos de Medicina/Hospitalares		
Mobiliário		
Artesanato		
TOTAL		4

Cerâmica Modelada		
Armazenamento	Pote	8
Ingestão de Líquidos	Taça	35
Confeção de Alimentos		
Contentor de Fogo		
Consumo de Alimentos		
Iluminação		
Objectos Lúdicos		
Objectos de Higiene/Sanitário		
Objectos de Medicina/Hospitais		
Mobiliário		
Artesanato		
TOTAL		43

Cerâmica Esmaltada		
Armazenamento		
Ingestão de Líquidos		
Confeção de Alimentos	Prato	27
Contentor de Fogo		
Consumo de Alimentos		
Iluminação		
Objectos Lúdicos		
Objectos de Higiene/Sanitário		
Objectos de Medicina/Hospitais		
Mobiliário		
Artesanato		
TOTAL		37

Porcelana		
Armazenamento		
Ingestão de Líquidos		
Confeção de Alimentos	Prato	2
Contentor de Fogo		
Consumo de Alimentos		
Iluminação		
Objectos Lúdicos		
Objectos de Higiene/Sanitário		
Objectos de Medicina/Hospitais		
Mobiliário		
Artesanato		
TOTAL		4

Stone ware		
Armazenamento		
Ingestão de Líquidos	Garrafa	1
Confeção de Alimentos		
Contentor de Fogo		
Consumo de Alimentos		
Iluminação		
Objectos Lúdicos		
Objectos de Higiene/Sanitário		
Objectos de Medicina/Hospitais		
Mobiliário		
Artesanato		
TOTAL		1

Vidro		
Armazenamento	Frasco	1
Ingestão de Líquidos	Cálice	2
Confeção de Alimentos		
Contentor de Fogo		
Consumo de Alimentos		
Iluminação		
Objectos Lúdicos		
Objectos de Higiene/Sanitário		
Objectos de Medicina/Hospitais	Urinol	1
Mobiliário		
Artesanato		
TOTAL		5

TOTAL		
Armazenamento		100
Ingestão de Líquidos		170
Confeção de Alimentos		110
Contentor de Fogo		10
Consumo de Alimentos		34
Iluminação		1
Objectos Lúdicos		2
Objectos de Higiene/Sanitários		2
Objectos de Medicina/Hospitalar		1
Mobiliário		0
Artesanato		1
TOTAL		430

APÊNDICE J

Interpretação dos Dados

J.III – Quarto Momento

4º Momento	Frag.	%	NMI
C.COMUM	3903	75,91	377
C.FINA	30	0,6	20
C.VIDRADA	488	9,5	47
FAIANÇA	177	3,45	58
C.MODELADA	2	0,03	1
VIDRO	472	9,2	20
AZULEJOS	65	1,26	7
C.ESMALTADA	1	0,01	1
CREAMWARE	1	0,01	1
PORCELAMA	2	0,03	2
TOTAL	5141	100	534

Tabela 12: Distribuição do espólio do quarto momento por categoria cerâmica, fragmentos (MNI) e respetiva percentagem e por NMI.

[1167]	Frag.	%	NMI	%
C.COMUM	1367	72,35	93	85,5
C.FINA	2	0,1	2	1,8
C.MODELADA	1	0,05	1	0,9
C.VIDRADA	63	3,33	1	0,9
FAIANÇA	2	0,1	1	0,9
VIDRO	455	24,07	11	10
TOTAL	1890	100	111	100

Tabela 13: Distribuição de MNI E NMI, e respetivos valores percentuais, por categoria cerâmica, atendendo o espólio da U.E. [1167].

[1115]	Frag.	%	NMI	%
C.COMUM	1374	86,05	162	71,78
C.FINA	11	0,68	6	2,57
C.MODELADA	1	0,06	1	0,42
C.VIDRADA	60	3,75	6	2,57
FAIANÇA	144	9,03	45	21,39
PORCELANA	1	0,06	1	0,42
VIDRO	6	0,37	2	0,85
TOTASL	1597	100	233	100

Tabela 14: Distribuição de MNI E NMI, e respectivos valores percentuais, por categoria cerâmica, atendendo o espólio da U.E. [1115].

[1113]	Frag.	%	NMI	%
C.COMUM	1032	77,48	100	69,97
C.FINA	4	0,29	4	2,79
C.VIDRADA	291	21,8	33	23,07
PORCELANA	1	0,07	1	0,69
VIDRO	4	0,29	4	2,79
CREAMWARE	1	0,07	1	0,69
AZULEJO	3	0,23	3	-
TOTAL	1336	100	143	100

Tabela 15: Distribuição de MNI E NMI, e respectivos valores percentuais, por categoria cerâmica, atendendo o espólio da U.E. [1113].

[1113/1115]	Frag.	%	NMI	%
C.COMUM	130	50,8	21	41,17
C.FINA	13	5,07	8	15,7
C.VIDRADA	75	29,3	7	13,72
FAIANÇA	31	12,1	13	25,49
VIDRO	7	2,73	2	3,92
AZULEJO	62	-	4	-
TOTAL	318	100	1	100

Tabela 16: Distribuição de MNI E NMI, e respectivos valores percentuais, por categoria cerâmica, atendendo o espólio da U.E. [1113/1115].

Funcionalidade	[1167]	[1115]	[1113]	[1113/1115]	TOTAL
Armazenamento	50	123	58	24	255
Ingestão de Líquidos	50	50	34	4	139
Confeção de Alimentos	3	6	26	6	41
Contentor de Fogo	0	5	0	0	5
Consumo de Alimentos	0	32	1	13	46
Iluminação	3	0	0	0	3
Objetos Lúdicos	0	0	0	0	0
Objetos de Higiene/Sanitários	1	5	23	3	32
Objetos de Medicina/Hospitalar	1	0	0	0	0
Artesanato	0	0	0	0	0
TOTAL	108	221	142	50	521

Tabela 17: Distribuição dos NMI do quarto momento, por U.E. e grupos funcionais.

Distribuição de funcionalidades por U.E. (%)									
U.E.	Armaz.	Ing. Líquidos	Conf. Alimentos	Contentor Fogo	Consumo de al.	Ilum.	Obj. Lud.	Hig./San.	Med./Hosp.
[1167]	19,6	35,97	7,31	0	0	100	0	3,12	100
[1115]	48,25	36,7	14,63	100	69,57	0	0	15,62	0
[1113]	22,74	24,46	63,43	0	2,17	0	0	71,89	0
[1113/1115]	9,41	2,87	14,63	0	28,26	0	0	9,37	0
TOTAL	100	100	100	100	100	100	100	100	100

Tabela 18: Distribuição de grupos funcionais, considerando respectivos NMI, pelas U.E.'s.

Funcionalidade	[1167]	[1115]	[1113]	[1113/1115]
Armazenamento	46,30%	55,40%	40,85%	48,00%
Ingestão de Líquidos	46,30%	22,99%	23,95%	8,00%
Confeção de Alimentos	2,78%	2,70%	18,30%	12,00%
Contentor de Fogo	0	2,25%	0%	0
Consumo de Alimentos	0	14,41%	0,70%	26,00%
Iluminação	2,78%	0	0%	0
Objetos Lúdicos	0	0	0%	0
Objetos de Higiene/Sanitários	0,92%	2,25%	16,20%	6,00%
Objetos de Medicina/Hospitalar	0,92%	0	0%	0
Artesanato	0	0	0%	0
TOTAL	100	100	100	100

Tabela 19: Composição das U.E.'s considerando grupos funcionais e NMI.

Funcionalidade	
Armazenamento	48,91%
Ingestão de Líquidos	26,70%
Confeção de Alimentos	7,90%
Contentor de Fogo	0,95%
Consumo de Alimentos	8,82%
Iluminação	0,57%
Objetos Lúdicos	0,00%
Objetos de Higiene/Sanitários	6,15%
Objetos de Medicina/Hospitalar	0,00%
Artesanato	0%
TOTAL	100,00%

Tabela 20: Repartição percentual dos grupos funcionais do quarto momento, considerando NMI.

Grupos Funcionais	Cerâmica Comum											
	Formas											
Armazenamento	Cantaro			Talha			Potes					
	[1167]	[1115]	[1113]	[1167]	[1115]	[1113]	[1167]	[1115]	[1113]	[1167]	[1115]	[1113]
	6	2	8	4	0	2	36	113	44			12
Ingestão de Líquidos	Garrafa			Púcaro			Bacia					
	[1167]	[1115]	[1113]	[1167]	[1115]	[1113]	[1167]	[1115]	[1113]	[1167]	[1115]	[1113]
	45	36	25	0	0	2						
Confecção de Alimentos	Caçoila			Panela			Bacia					
	[1167]	[1115]	[1113]	[1167]	[1115]	[1113]	[1167]	[1115]	[1113]	[1167]	[1115]	[1113]
	1	5	2	1	0	15	1	1	2	1	1	1
Contentor de Fogo	Fogareiro											
	[1167]	[1115]	[1113]	[1167]	[1115]	[1113]	[1167]	[1115]	[1113]	[1167]	[1115]	[1113]
	0	5	0									
Consumo de Alimentos												
Iluminação												
Objectos Lúdicos												
Objectos de Higiene/Sanitários												
Objectos de Medicina/Hospitalares												
Mobiliário												
Artesanato												
TOTAL												377

Estampa 3: NMI distribuídos por formas, funcionalidades e categorias cerâmicas (cerâmica comum fosca) por U.E.

Cerâmica Fina											
Grupos Funcionais	Formas										
	Testo				Púcaro						
Armazenamento	[1167]	[1115]	[1113]	[1113/1115]	[1167]	[1115]	[1113]	[1113/1115]	[1115]	[1113]	[1113/1115]
	2	6	4	3	0	0	0	5	0		
Ingestão de Líquidos											
Confeção de Alimentos											
Contentor de Fogo											
Consumo de Alimentos											
Iluminação											
Objectos Lúdicos											
Objectos de Higiene/Sanitários											
Objectos de Medicina/Hospitalares											
Mobiliário											
Artesanato											
TOTAL											20

Estampa 4: NMI distribuídos por formas, funcionalidades e categorias cerâmicas (cerâmica fina) por U.E.

Cerâmica Vidrada		Formas									
Grupos Funcionais											
Armazenamento											
Ingestão de Líquidos		Caneca				Jarro					
	[1167]	[1115]	[1113]	[1113/1115]	[1167]	[1115]	[1113]	[1113/1115]			
	0	0	1	0	0	0	1	0			
Confecção de Alimentos		Panela				Bacia					
	[1167]	[1115]	[1113]	[1113/1115]	[1167]	[1115]	[1113]	[1113/1115]			
	0	0	1	2	0	0	6	2			
Contentor de Fogo											
Consumo de Alimentos		Prato									
	[1167]	[1115]	[1113]	[1113/1115]							
	0	2	1	1							
Iluminação											
Objectos Lúdicos											
Objectos de Higiene/Sanitários		Bispote									
	[1167]	[1115]	[1113]	[1113/1115]							
	1	4	23	2							
Objectos de Medicina/Hospitalares											
Mobiliário											
Artesanato											
TOTAL										47	

Estampa 5: NMI distribuídos por formas, funcionalidades e categorias cerâmicas (cerâmica comum vidrada) por U.E.

Grupos Funcionais	Faiança											
	Tampa						Formas					
Armazenamento	[1167]	[1115]	[1113]	[1113/1115]								
	0	2	0	0								
Ingestão de Líquidos	[1167]	[1115]	[1113]	[1113/1115]								
	0	13	0	0								
Confeção de Alimentos												
Contentor de Fogo												
Consumo de Alimentos	[1167]	[1115]	[1113]	[1113/1115]	[1167]	[1115]	[1113]	[1113/1115]	[1167]	[1115]	[1113]	[1113/1115]
	0	7	0	1	0	14	0	10	0	8	0	1
Iluminação												
Objectos Lúdicos												
Objectos de Higiene/Sanitários	[1167]	[1115]	[1113]	[1113/1115]								
	0	1	0	1								
Objectos de Medicina/Hospitalares												
Mobiliário												
Artes anato												
TOTAL												58

Estampa 6: NMI distribuídos por formas, funcionalidades e categorias cerâmicas (faiança portuguesa) por U.E.

Grupos Funcionais		Vidro									
		Frasco					Formas				
Armazenamento	[1167]	[1115]	[1113]	[1113/1115]							
	2	0	0	0							
Ingestão de Líquidos	[1167]	[1115]	[1113]	[1113/1115]	[1167]	[1115]	[1113]	[1113/1115]			
	3	2	0	0	2	0	0	1			
Confecção de Alimentos											
Contentor de Fogo											
Consumo de Alimentos											
Iluminação	Lamparina de Suspensão										
	[1167]	[1115]	[1113]	[1113/1115]							
	3	0	0	0							
Objectos Lúdicos											
Objectos de Higiene/Sanitários											
Objectos de Medicina/Hospitalares	Ventosa										
	[1167]	[1115]	[1113]	[1113/1115]							
	1	0	0	0							
Mobiliário	Vidraça										
	[1167]	[1115]	[1113]	[1113/1115]							
	1	0	4	1							
Artesanato											
TOTAL											20

Estampa 7: NMI distribuídos por formas, funcionalidades e categorias (vidro) por U.E.

Quarto Momento								
Categoria Cerâmica	Forma	NMI	1650	1675	1700	1725	1750	1775
Cerâmica Comum Fosca	Cantaro	19						
	Talha	7						
	Pote	111						
	Garrafa	109						
	Púcaro	2						
	Caçoila	9						
	Panela	16						
	Bacia	5						
	Fogareiro	5						
Cerâmica Fina	Testo	15						
Cerâmica Comum Vidrada	Caneca	1						
	Jarro	1						
	Panela	3						
	Bacia	8						
	Prato	4						
	Bispote	30						
Faiança Portuguesa	Tampa	2						
	Púcaro	13						
	Prato	24						
	Tigela	8						
	Covilhete	9						
	Bacia	2						
Porcelana Chinesa	Prato	1						
Porcelana Japonesa	(Indeterminada)	1						
Creamware	(Indeterminada)	1						
Vidro	Frasco	2						
	Garrafa	6						
	Copo	3						
	Lamparina de suspensão	3						
	Ventosa	1						

Tabela 23: Dispersão em quartéis de NMI de formas do quarto, considerando os paralelos arqueológicos e os seus contextos (desconsiderando os ambientes de produção oleira).

Quarto Momento									
Categoria Cerâmica	Forma	Var.	1650	1675	1700	1725	1750	1775	
Cerâmica Comum Fosca	Cantaro	A							
		B							
	Talha	A							
		A1							
		A2							
		A3							
	Pote	A4							
		B							
		D1							
		D2							
		D3							
		E							
		F							
	Garrafa	G							
		H							
		I							
	Púcaro	A							
		A							
	Caçoila	C							
		D							
Panela	A								
Bacia	A								
Fogareiro	A								
	B								
Cerâmica Fina	Testo	A1							
		A2							
		B							
Cerâmica Comum Vidrada	Caneca	A							
	Jarro	A							
	Panela	A							
	Bacia	A							
		B							
		C							
	Prato	A							
	Bispote	A1							
A2									
A3									
B									
Faiança Portuguesa	Prato	C							
		A							
		B							
	Tigela	A							
		B							
	Covilhe te	A							
		A							
Porcelana Chinesa	Prato	A							
Porcelana Japonesa	(Indet.)	A							
Creamware	(Indet.)	A							
Vidro	Frasco	A							
		A							
	Garrafa	B							
		A							
	Lamparina de suspensão	A							
Ventosa	A								

Tabela 24: Dispersão em quartéis de NMI de formas e variantes do quarto momento, considerando os paralelos arqueológicos e os seus contextos de produção, utilização e descarte

APÊNDICE J

Interpretação dos Dados

J.IV – Plantas e Levantamento

